



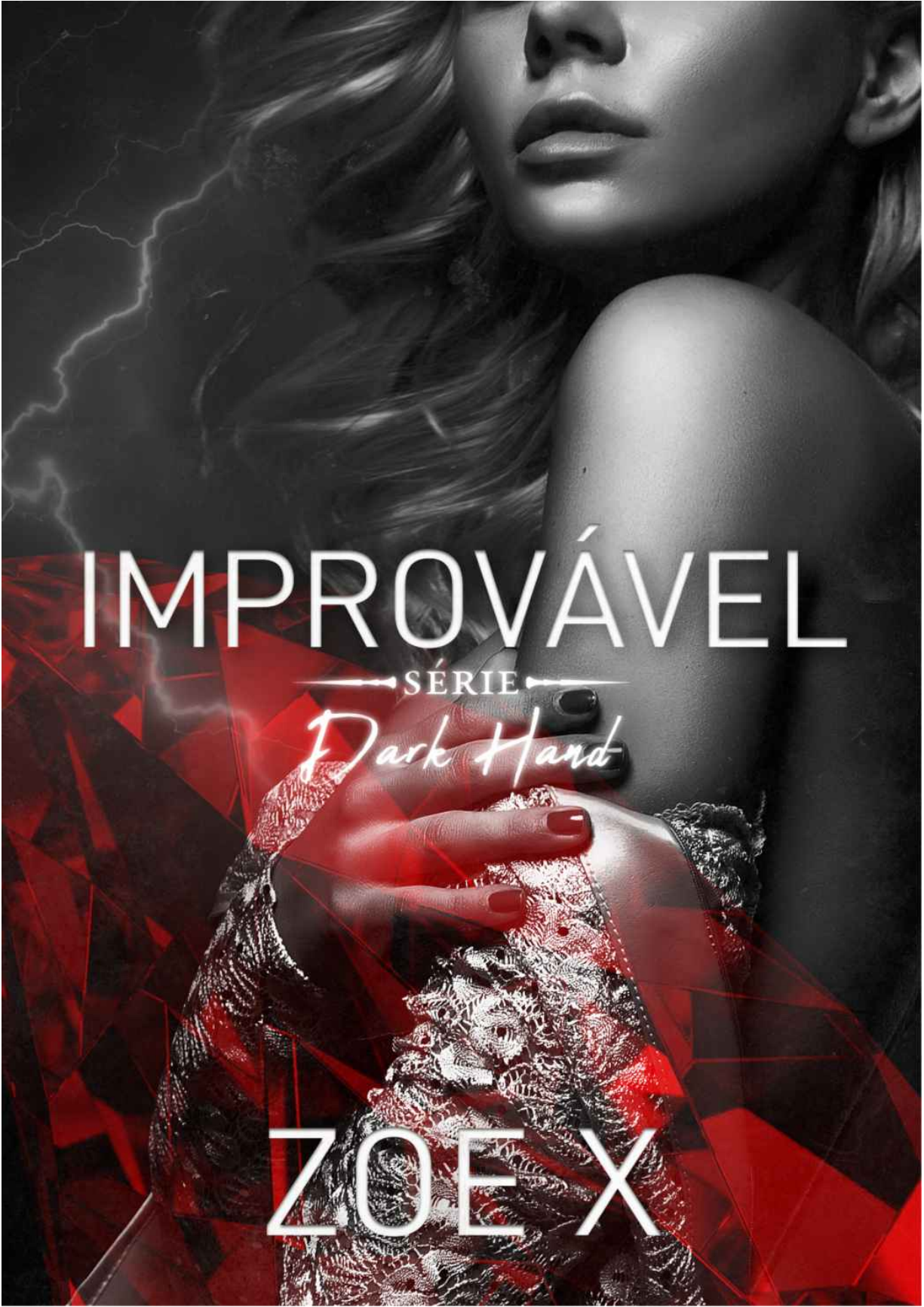
IMPROVÁVEL

SÉRIE

Dark Hand

ZOE X





IMPROVÁVEL

SÉRIE

Dark Hand

ZOE X

IMPROVÁVEL

SÉRIE

Dark Hand

Copyright © 2020 Zoe X

IMPROVÁVEL

1ª Edição

REVISÃO

Bárbara Pinheiro

CAPA

Will Capas

DIAGRAMAÇÃO DIGITAL

AK Diagramação

Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios —

Tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autor.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei Nº . 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

SUMÁRIO

[SUMÁRIO](#)

[SOBRE A AUTORA](#)

[EPÍGRAFE](#)

[DEDICATÓRIA](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[CAPÍTULO 36](#)

[CAPÍTULO 37](#)

[CAPÍTULO 38](#)

[CAPÍTULO 39](#)

[EPÍLOGO](#)

[BÔNUS](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[OUTRAS OBRAS DA AUTORA](#)

SOBRE A AUTORA

Olá, `querid@` leitor@.

Se você ainda não me conhece, vou me apresentar brevemente:

Zoe X (Isso, X como os X-men) é o pseudônimo de uma garota paulistana, que descobriu que sua missão de vida é escrever. Ao ver seu pai debilitado de saúde, se questionou sobre viver a vida como o manual mandava ou do seu jeito. Conclusão: queimou o manual!

Ganhei o prêmio The Wattys 2017 em uma distopia ainda não finalizada, fiquei entre as finalistas do prêmio Sweek com o conto Singular e primeiro lugar no ranking geral da Amazon com “Não Seja Uma Boa Menina”, um outro conto de dark fantasy, e Mar Aberto: A aposta, um romance new adult de uma série chamada +1 clichê.

Sobre a Série Dark Hand que já acumula mais de 20 milhões de leituras online: este é o quarto livro que conta a trama da mais poderosa máfia ítalo-americana.

Agora, falando sobre este livro:

Se você não me acompanha nas redes sociais, com certeza não sabe que este livro não se trata de Elizabeth e

Louis e, sim, sobre Giovanna — muito mais importante que o romance que envolve a personagem, aqui, o que realmente conta é o crescimento dela — sendo parte de uma SÉRIE de CINCO volumes (e alguns muitos spin-offs), em que para entender tudo é necessário a leitura desde o primeiro livro.

Elizabeth, Louis, Natasha e Felippo têm suas partes nesta história, além de alguns outros personagens que pediram para falar.

Foram meses escrevendo este livro, me apaixonando constantemente pela evolução dos personagens, da trama e pelo meu trabalho. Este não foi um livro fácil, na verdade, eu que raramente choro, vi os olhos marejando constantemente e, por isso, deixo o meu primeiro aviso urgente: este livro, assim como todos os outros da série, é um Dark Romance, e apesar de ser pura ficção, eu, como pessoa, não apoio de modo algum nenhuma das atitudes problemáticas que abordo aqui.

Se você está em um relacionamento abusivo/violento ou conhece alguém que esteja, por favor, disque 100 e denuncie!

Deixando você consciente para continuar, do fundo do meu coração, eu espero que você sinta todos os sentimentos que eu tentei passar, que entre na história como um segundo personagem observador e que tenha uma ressaca das bravas.

Como sempre, a playlist está disponível no Spotify! Espero que aproveite a seleção que fiz durante a escrita, e se você achar que merece, se for avaliar o livro, por favor, evite spoilers.

Todo meu amor e respeito por você,
Zoe X.

ME SIGA NAS REDES SOCIAIS!

Spotify: Zoe X Autora

Instagram: @_mynameiszoex

Página do Facebook: Zoe X - Autora

Grupo para leitores no Facebook: Mafiosas da Dark Hand

E-mail: zoex.autora@gmail.com

EPÍGRAFE

“Tenha coragem e seja gentil.”

Cinderela

DEDICATÓRIA

Para minha pessoa, minha melhor amiga, minha outra metade neste mundo.

Que você saiba que nunca, nunquinha, lutará sozinha na vida outra vez.

Amo você, Nana Simons, vulgo Geovana (que eu sempre vou ser preguiçosa e chamar de Jôvana).



PRÓLOGO

Algumas lendas são contadas
Algumas se tornam pó e outras ouro
Mas você vai lembrar de mim,
Lembrar de mim por séculos
CENTURIES, FALL OUT BOY

Nova Iorque era minha cidade dos sonhos.

Perdi a conta de quantas vezes sonhei em estar ali, em quantas vezes sonhei em estar nos braços de alguém que me merecia, de alguém que colocaria fogo no império só por minha causa, mas lá estava ele. Com os braços ao meu redor sob os lençóis de seda cinza chumbo, me acordando, distribuindo beijos molhados em meu pescoço.

Sua boca macia, seu corpo quente, seu toque certo que fazia tudo ao nosso redor incendiar.

— Buenos dias, cariño — disse, ainda sonolenta, me espreguicei, antes de virar para vê-lo.

Seu cabelo bagunçado, seus olhos intensos, seu meio sorriso... tudo nele era tão perfeito que parecia um

sonho. Será que eu estava realmente acordada?

— Bom dia, linda — ele sussurrou, antes de beijar minha testa.

— Isso poderia nunca acabar — falei, fechando os olhos e me aninhando contra ele, escondi o rosto contra seu pescoço, aspirando seu perfume forte.

— Ah, minha linda — ele disse, enquanto, em um único movimento, me ajeitou na cama e ficou sobre mim. — Se depender de mim, quando formos donos de tudo, manhãs como essa serão obrigatórias.

E ele fez como da primeira vez, me beijou, me fodeu e fez amor comigo, me levando ao limite, me fazendo entender que era tudo ou nada e que nossa hora chegaria.

Gozei com o nome dele preso na garganta e, quando achei que finalmente poderia desfrutar um dia todo em sua companhia naquela cidade, ele se foi, saindo da nossa cama para mais um dia de trabalho.

Não poder tê-lo o tempo todo era a única coisa que acabava comigo, mas aquela rotina tinha seus dias contados.

Finalmente, depois de nos custar tanto, em pouco tempo, ela acabaria.

Em breve, eu poderia sair sem precisar estar completamente disfarçada. Muito em breve, eu poderia sair de mãos dadas com meu homem, como marido e mulher, e exibir todo o poder que tínhamos em mãos.

Eu não via a hora.

Voltei a dormir depois de ficar sozinha e acordei, assustada. Alguém mantinha a campainha pressionada, fazendo o som estridente ecoar no apartamento.

Levantei-me num pulo, sem me importar de estar de camisola e corri para a porta.

Olhei pelo olho mágico, me certificando de que seria seguro abrir a porta, e do outro lado vi Salvatore.

Eu o adorava. Sempre era muito gentil comigo, além de ser um aliado fiel.

Abri a porta, apenas o bastante para que ele entrasse, e a fechei logo em seguida.

— Perdoe a intromissão... Achei que avisariam a você que eu viria hoje — ele informou, medindo meu corpo de cima a baixo, me fazendo lembrar que eu não deveria aparecer naqueles trajes na frente de outro homem que não fosse o meu.

— Não... Ele saiu cedo e eu acabei adormecendo — respondi, um pouco intimidada. — Será que você pode

esperar um segundo?

— Claro. Tenho livre acesso ao bar do seu noivo?

— Por favor. — Sorri sobre o ombro, já caminhando em direção ao quarto.

Não dava tempo de me trocar, então, coloquei o roupão de seda que estava sobre a poltrona mais próxima, escovei os dentes, tentei ficar o mais apresentável possível e voltei à sala.

Salvatore estava sentado no sofá, olhando pela janela com um copo de bebida escura na mão.

— Tomei a liberdade de pegar gelo na sua geladeira.

— Sem problemas. — Dei de ombros, me aproximando, e me sentei na poltrona ao lado. — E então, temos alguma novidade?

— Várias... A primeira é que seu pai vai vingar a morte do seu irmão.

Meu coração se partiu mais uma vez ao me lembrar de Juanito. Eu o amava tanto, eu o queria tão bem, e Louis Luppolo, o diabo em forma de gente, o havia mandado para o décimo inferno.

— Como sabe? — perguntei, depois de alguns segundos, me recuperando do gosto ruim que senti na boca ao me lembrar de todos os sacrifícios feitos até ali,

sabendo que meu irmão foi um deles e que eu precisava honrá-lo.

— Tenho meus contatos, mas nós vamos cuidar disso... Vamos cuidar no detalhe, querida Miranda, fique tranquila. Seu noivo já está tratando disso, não sabe? Posso estar arruinando uma surpresa agora mesmo. — Salvatore levou o copo aos lábios e só então eu notei a bengala apoiada no braço do sofá, me lembrando de que ele também havia pagado sua parcela de pecados a Louis e sua mão de ferro na Dark Hand.

Aqueles dias acabariam logo.

— Ele não me disse nada...

— Então se prepare, pois muito em breve, você verá seu querido pai e, junto dele, nós colocaremos fogo no estado, Roma arderá em chamas e nós estaremos no comando. — E, terminando sua bebida em um único gole, Salvatore sorriu para mim, com a promessa de que dias melhores estavam mais próximos do que eu podia imaginar.



CAPÍTULO 1

*Você me tem nas mãos
Nem sabe o tamanho do seu poder
Eu estou a cem pés de distância
Mas eu caio quando estou perto de você
Você me mostra uma porta aberta
Depois fecha ela na minha cara
Eu não aguento mais*

MERCY, SHAWN MENDES

ZOLA ANTES

— Eu não consigo acreditar — Giovanna repetiu, enquanto tentava parar de chorar.

— Já faz mais de uma semana, supera. — Giordana penteava os longos cabelos castanhos e parecia sem paciência enquanto encarava a melhor amiga pelo espelho. — Você está muito melhor sem ele, acredite. Felippo te fez

um favor ao se casar com Natasha, e ela te fez um favor, maior ainda, engravidando dele.

— Eu... — Giovanna ia começar a falar algo, mas foi impedida por um pequeno soluço e se levantou, indo para o banheiro, pronta para chorar mais um pouco.

Eu já não aguentava mais e fiquei desconfortável vendo o olhar de Giordana no espelho em minha direção.

— Eu não tenho mais paciência — ela tentou se justificar. — Odeio Felippo, ele não era homem para ela — a melhor amiga de Giovanna confessou, em voz baixa, o pensamento que compartilhávamos, mas quem eu queria enganar? Quais eram as minhas chances? — Você não quer ver como ela está? Eu preciso terminar de me arrumar. — Giordana pediu, e eu suspirei, me levantando da poltrona em que estava largado, como se houvesse uma tonelada de concreto presa em cada uma das minhas pernas.

Era uma loucura quando aquelas duas decidiam que queriam curtir uma noite fora das regras, mas tudo tinha um preço, a liberdade que achavam ter era compensada com obediência sem fim, vide Giovanna em relação às ordens direta da Família.

— Eu vou, mas tente ser mais compreensiva. Nós sabemos o quanto ela esperava que desse certo e

Giovanna acabou de ver o futuro dela, tudo o que tinha planejado, jogado pela janela.

— Eu sei, eu sei. Vou tentar — Giordana disse, depois de respirar fundo, mas não fiquei ali para analisar as expressões da garota.

Antes que eu me desse conta, já estava com a mão na maçaneta da porta do banheiro, entrando para consolar minha melhor amiga por seu coração partido, no qual eu parecia nunca poder ocupar outro posto.

Giovanna estava apoiada na pia, olhando seu reflexo, parecendo perdida.

— Gio? — perguntei, fechando a porta para que Giordana não ouvisse nossa conversa.

— Eu não consigo superar — ela confessou, secando os cantos dos olhos com um papel, tentando ajeitar a maquiagem borrada.

— Você vai. — Me aproximei e me sentei no vaso tampado, suspirando. — Você vai descer, vai se divertir e mandar embora toda a frustração, depois vai dormir e acordar, pronta para o resto de sua vida. Não é porque não seguiu como o planejado, que tudo tenha acabado.

— Você não entende... — Ela virou para mim, o nariz vermelho, os olhos injetados. — É como se eu tivesse

terminado meu castelo de areia e, faltando só colocar a bandeira na torre mais alta, o mar viesse com força total e destruísse tudo. Você e eu já tivemos essa conversa antes, Lizzie já tentou, Louis tenta sempre e ele está igual a Giordana, completamente sem paciência para o meu lamento. — Ela parecia envergonhada. Virou o corpo, apoiando as costas na pia e ficou encarando o papel em suas mãos, mexendo nele como se fosse algo interessante. — Ninguém entende que meu coração está quebrado.

Giovanna mal sabia que quebrava o meu ao vê-la daquela forma. Ou toda vez que eu a via apaixonada por outro, ou sabendo que eu jamais poderia ousar em um dia ocupar o lugar que eu tanto desejava.

— Eu entendo, pequena. — Coloquei a mão sobre a dela, tendo a atenção de seu olhar novamente, e me levantei. — Eu entendo perfeitamente, mas acredite, vai passar.

E ela não disse mais nada, só se jogou contra mim, me abraçando forte, enquanto derrubava as últimas lágrimas que conseguia.



A equipe de segurança era enorme. Toda vez que as GiGi's se reuniam, era assim.

Trinta homens no perímetro, todos focados nas duas adolescentes mais valiosas da Dark Hand, que teriam sua noite de festa em Nova Iorque, e eu, o soldado afortunado que precisava cuidar delas no limite. Nenhum dos outros tinha tanto contato com elas quanto eu, nem permissão para isso.

E foi ali, na pista de dança, fingindo o meu melhor controle, que vi Giovanna se libertar. Ela tinha direito a fazer o que quisesse, mesmo sendo menor de idade, e com o incentivo da melhor amiga maluca, em menos de duas horas de festa, as duas já trocavam as pernas.

— Ele é um idiota que não me merece! — Giovanna gritou, antes de virar um copo de bebida colorida.

— Ele é um bundão! Seu noivo é muito mais gostoso! — a amiga, tão bêbada quanto, incentivou.

— Isso mesmo! Um brinde aos noivos gostosos! — Giovanna, em sã consciência, jamaisalaria algo como aquilo e eu não consegui disfarçar, rindo.

— Olha lá, Zola está achando graça — Giordana disse para a loira, e eu ergui as sobrancelhas, sabendo que

havia sido pego.

— Ele está chateado — Giovanna constatou, vindo até mim. Dois passos tortos, desequilibrados, perigosos. — Não pode dançar, ou se divertir, ou brincar junto com a gente, não é mesmo? — ela perguntou, parando à minha frente, com dificuldade.

Alguém passou atrás dela, esbarrando na loira bêbada, fazendo sua bebida cair no meu terno.

— Ah, não. — Ela fez bico e eu precisei respirar fundo.

Se algum dia Giovanna descobrisse o quão linda era e como meu corpo reagia a isso, eu estaria fodido.

— Z, vamos beber? — O pedido foi feito junto de mãos vindo sobre o meu pescoço. Giovanna travou os dedos na minha nuca e ficou balançando o corpo conforme a música eletrônica tocava alto.

— Você sabe que estou trabalhando e não posso.

— Sua vida é muito chata — ela resmungou, como criança, e deitou a cabeça para trás.

Não pude evitar prestar atenção no corpo dela. Giovanna era magra, alta, seus seios eram pequenos, mas tinham um formato bonito, dava para ver pelo contorno do vestido prateado que ela usava.

— Nunca pude concordar tanto com você — confessei, em voz alta, e ela voltou o rosto para perto do meu, rindo, completamente alterada.

Giordana puxou a melhor amiga dos meus braços e Giovanna foi, soprando um beijo para mim, antes de começar a dançar de novo com a morena, me deixando assistir às duas.

Elas eram Yin e Yang. Enquanto Giovanna era loira, Giordana era morena. Enquanto uma era calma e inocente, a outra era explosiva e via maldade por todos os lados. Eram tão opostas, que eu não entendia como nunca tinham brigado.

Elas dançaram, beberam mais e, entre luzes piscantes, observando os olhos de Giovanna sempre virem em minha direção, tive certeza de que algo estava errado.

— Z! — ela gritou, quando parou à minha frente de novo, parecendo brava como nunca, as sobrancelhas franzidas, os olhos desfocados.

— O que foi? — perguntei, tentando ajudá-la a se concentrar.

— Eu não estou passando bem. — O tom lento e confuso era engraçadinho, mas entendi o recado, a festa havia acabado.

— Ah, não! — Giordana exclamou, quando me viu chamá-la. — Falta meia hora para acabar, nós mal chegamos — ela reclamou. — Estamos seguras, por favor, me deixe ficar mais! — implorou.

Olhei em volta, ainda segurando Giovanna completamente bêbada pelos braços e, sabendo que a festa era em um hotel cheio de soldados, confirmei com a cabeça.

— Vou deixar um homem no meu lugar e você precisa me prometer que vai parar de beber agora mesmo, e quando tudo acabar, vai direto para o seu quarto. Feito? — perguntei para uma Giordana animada com a possibilidade de mais liberdade.

Meia hora de dança me fizeram ganhar um abraço e um beijo na bochecha vindo da morena.

— Você é o melhor! Meu pai devia dobrar o seu salário para você trabalhar comigo! — Giordana soltou e Giovanna a encarou de um jeito novo para mim.

— Não! Zola é meu segurança. Eu já o divido com a Lizzie, não vou dividir com mais ninguém. Vem. — E me puxando pelo braço, Giovanna com seus passos tortos, quis me guiar para longe.

— Um minuto, pequena — pedi, segurando Gio pela cintura, evitando que ela se desequilibrasse e pedi pelo

rádio para outro homem tomar minha posição.

— Precisa de ajuda? — o soldado perguntou, vendo o estado de Giovanna.

— Não se preocupe. Cuide da outra, ela sim pode colocar fogo na casa. — E, com isso, guiei minha melhor amiga para o elevador, agradecido pelo meu turno estar quase acabando.

Entramos na caixa metálica, Giovanna me soltou e foi ficar com o rosto contra o espelho, enquanto eu apertava o botão do andar de seu quarto.

— Está tão geladinho — ela disse, sorrindo de olhos fechados.

— Acho que passamos da dose hoje, não? — comentei, ficando ao seu lado, com as mãos nos bolsos.

— Só um pouquinho. — Ela fez o sinal de pouquinho com os dedos. — Mas eu acho que consegui — ela sussurrou.

— Conseguiu o quê? — De repente, Giovanna perdeu a força nas pernas e precisei pegá-la no meio da queda.

Ela riu.

— Estou com sono.

— Já vai poder dormir — falei, colocando-a de pé. Giovanna se virou, me abraçou e deitou a cabeça no meu

peito. — Aguento só mais um pouco.

E vendo nosso reflexo no espelho, pela milésima vez na vida, eu desejei ter outra vida. Uma em que ela não fosse o prêmio impossível.

Praticamente arrastei Giovanna para o quarto, abri a porta e entramos.

Sem falar nada, sentei a loira na poltrona na qual eu estava sentado horas antes, tirei o terno, ergui as mangas da camisa e me ajoelhei à sua frente.

— Me dê seu pé. — Era uma rotina nossa.

Giovanna estendeu a perna e eu tirei uma de suas sandálias de salto, analisando as marcas vermelhas que as tiras prateadas deixaram na pele.

— O outro — pedi, e ela obedeceu.

Assim que eu terminei de livrá-la das sandálias, ela pousou os pés no chão e se levantou, sem esperar eu ajudar, o que a fez cair de novo na poltrona, junto a uma crise de riso.

Apoiei as mãos nos braços da poltrona e sorri ao vê-la rindo daquele jeito.

— Eu acho que consegui — ela repetiu.

— O que você conseguiu? — perguntei, sem me mover, tão próximo que podia ver seus cílios curvados nos

olhos cheios de maquiagem.

— Consegui afogar minha tristeza e minhas dúvidas... — Ela parou de rir e pegou minha gravata, brincando com o tecido preto em suas mãos. — Pensei que eu não fosse rir nunca mais.

— Mas está rindo, não? — A última coisa que eu queria era que ela voltasse a chorar. Bêbada daquele jeito, ela só pararia depois de adormecer.

— Estou. — Ela sorriu. — Z — Giovanna me chamou e aproximou o rosto do meu, me encarando com os grandes olhos verdes. — Você me acha bonita?

Suspirei, inalando o cheiro do álcool que a envolvia.

— Eu acho você linda, Giovanna.

— Linda? — Ela parecia se divertir.

— Você é a mulher mais bonita que conheço — admiti, em voz alta, secretamente querendo que ela se lembrasse daquilo.

Ela parou por um segundo, piscou algumas vezes e pareceu espantada.

— Ei! Você é lindo também — ela disse, como se aquela fosse a descoberta do século. — Z, por que nós não podemos nos casar? Se eu puder me casar com você, vou ser muito mais feliz do que com um desconhecido.

Foi minha vez de rir.

— Você está muito bêbada, Giovanna. — Tentei cortar aquele papo.

— Não, não. Você não me vê assim? Por que ninguém me vê assim? Por que eu sou sempre a idiota que ninguém quer de verdade? — E, antes que eu pudesse me controlar, antes que ela continuasse com aquele assunto, antes que ela começasse a chorar, eu a beijei.

Primeiro ela ficou completamente parada, enquanto seus lábios macios tocavam os meus, então, ela abriu a boca, me permitindo seguir. Não acreditei quando ela correspondeu. Devagar, com cuidado, minha língua tocou a dela e minha melhor amiga suspirou antes de me permitir continuar. Aquele podia ser eleito o beijo mais lento da história do universo, mas tinha um gosto sem igual.

Eu sabia que ela nunca havia feito aquilo e fui o mais gentil possível, acariciando sua língua com a minha, enquanto cada pedaço do meu corpo parecia despertar de um sono profundo, me fazendo entrar em um estado de letargia elétrica, ao qual eu nunca havia sentido antes.

Era como se tudo dentro de mim berrasse, mas do lado de fora, o efeito disso fosse completamente o contrário.

Giovanna sugou minha língua, então juntou mais o rosto no meu, imitando o que eu fazia, partindo para sugar meu lábio, mostrando que era uma boa aluna e, que com alguma prática, o encaixe seria perfeito. Sublime.

Foi quando ela se empolgou e me puxou pela gravata para mais perto, que eu entendi o que acontecia.

Eu havia ido além, muito além do que deveria.

Poderia morrer por conta daquele único beijo e, mesmo sabendo que morreria feliz, ela não merecia passar por mais problemas do que já vinha encarando.

Com cuidado, selei a boca na dela, me demorando alguns segundos e a afastei.

Ela se levantou junto comigo, os olhos verdes presos aos meus, como se também não acreditasse no que havia acontecido.

— Giovanna... — O que eu poderia falar?

— Eu... — Então ela ergueu as sobrancelhas e arregalou os olhos, curvou a cabeça e, para finalizar a noite com chave de ouro, vomitou como a garota do exorcista, lavando a nós dois de vômito colorido, antes de capotar de volta à poltrona.

Suspirei, vendo a garota quase desmaiada e completamente suja e desisti de lidar com o que havia

acabado de acontecer. Pela primeira vez, eu estava sozinho com ela naquele estado, e em todos os meus anos de serviço, nunca havia acontecido nada daquilo. Me culpei profundamente, enquanto livrava Giovanna da roupa suja e, com todo cuidado do mundo, limpei seu corpo com uma toalha úmida, antes de colocá-la na cama, tentando ser muito mais puritano do que realmente era, negando que meu pau duro era consequência do beijo inesperado e que a ereção duradoura era por vê-la quase que completamente nua, pela primeira vez.

Eu não podia ter aquele tipo de desejo, nunca, jamais, mas era um maldito amaldiçoado e tinha, e queria, e esperava qualquer migalha que ela pudesse me dar.

Me livrando das roupas sujas, lavei minha camisa e calça na pia do banheiro, tentei secar do melhor jeito com o secador de cabelo, antes de estender as peças no box da banheira e movi a poltrona para perto da cama, me cobrindo com um lençol extra, sabendo que aquela noite seria longa, porque duas questões estavam batalhando dentro da minha cabeça:

E se ela não se lembrasse de nada, ou se lembrasse e eu precisasse me explicar?

Eu não sabia o que era pior naquele minuto, mas na manhã seguinte, eu descobriria e ela não demorou a

chegar.

— Ah, per Dio! — O primeiro foi calmo. — Ah, não, não! Per Dio! Zola! — ela me chamou, tão desesperada, que eu já estava de olhos abertos, antes mesmo de ela me olhar. Giovanna estava de joelhos na cama, o lençol sendo segurado para tapar o corpo, o olhar desesperado, enquanto me olhava. — O que aconteceu aqui?

Minha mente borbulhou. Do que será que ela se lembrava?

— Você, eu? — ela perguntou, desesperada. — Tudo o que eu me lembro é de estar na pista de dança com Giordana. Onde ela está?

E o balde de água fria foi meu despertador.

Ela não se lembrava.

Giovanna nunca saberia que seu primeiro beijo tinha sido comigo.

— Não se preocupe. Tirei suas sandálias, você vomitou como se fosse uma fonte, precisei te limpar e colocar na cama, minhas roupas estão secando no banheiro.

— Você... — ela arregalou os olhos enquanto processava a informação — ... me viu nua?

— Prometo que não vi nada de mais, te mantive coberta o tempo todo e evitei olhar qualquer parte sua — menti. Eu havia me esforçado muito, mas não pude sair impune ao ver sua pele, as cores que a compunham, o conjunto que parecia ter sido pintado por um mestre.

— Eu vou morrer. — Ela se deitou de olhos fechados e eu, completamente arrependido de ter passado a noite ali, me descobri e fui para o banheiro para me trocar.

O fiz o mais rápido que pude, vestindo a calça ainda meio úmida e saí com a camisa aberta, me ajeitando logo, querendo sair de perto de Giovanna.

— Z — ela chamou, quando me viu abrindo a porta. — Obrigada por ter cuidado de mim. Você é o melhor amigo que eu poderia ter.

E, terminando de enfiar a *porra* da faca no meu peito, deixei Giovanna no quarto, passei o posto para o soldado do próximo turno e tentei ir para casa, sem nenhum desvio, precisando urgentemente de um banho e algumas boas horas de sono decente, para poder voltar ao mundo, fingindo que nada do que aconteceu a noite passada era real.

Não era o meu mundo, não me pertencia, e eu precisava parar de querer algo que nunca, jamais, poderia ser meu.



CAPÍTULO 2

*Vista seu vestido e coloquem seus rostos de bonecas
Todos pensam que nós somos perfeitos
Por favor, não deixe eles olharem através das cortinas
Foto, foto, sorria para a foto
Pose com o seu irmão, você não vai ser uma boa
irmã?*

*Todo mundo pensa que nós somos perfeitos
Por favor, não deixe eles olharem através das cortinas*

DOLLHOUSE, MELANIE MARTINEZ

GIOVANNA

— Respira fundo — falei, baixinho, para me consolar.

Minha agenda estava lotada de compromissos e eu não conseguia prestar atenção em nenhum deles como deveria. Na verdade, desde que tudo havia desmoronado, eu vinha fazendo um esforço sobre-humano para aguentar o mundo real, mas dentro do meu apartamento, quando era apenas Coelho e eu, não havia um segundo de paz ou de

conforto. A ideia de continuar a viver com todos os meus planos desfeitos era mais dolorosa do que eu conseguia expressar.

Mesmo assim, eu tentei ser compreensiva quando Louis me levou para jantar e reforçou os motivos do meu noivado ser tão importante. E me esforçava muito, mais do que qualquer um podia ver, para ser a boa menina que fui criada para ser.

— Giovanna, está tudo bem? — A voz de Elizabeth soou alto, me tirando do pequeno transe em que me encontrava dentro do elevador. Abri os olhos e a encarei. Os olhos verdes curiosos, a sobrancelha erguida, a mão no vão da porta para mantê-la aberta.

— Está. — Suspirei e me desencostei da parede. — Só não dormi muito bem, esse final de semana foi estranho — justifiquei, saindo junto dela no último andar da editora.

Nós vínhamos trabalhando muito bem juntas. Lizzie estava fazendo cursos, escrevendo livros e trabalhando incansavelmente para fazer o negócio dar certo e eu a admirava muito por isso. Sabia quão orgulhosa ela era e como ficava chateada quando pensava que não dava conta do que precisava.

— E você? Como vai? — perguntei, sorrindo ao notar que ela usava os saltos que eu dei de presente. — Está

bonita — comentei, com um meio sorriso, quando vi que o restante da roupa também era uma escolha minha.

— Ah, isso? — Lizzie olhou para baixo, analisando a própria vestimenta e sorriu. — Culpa sua. Confesso que é muito bom abrir meu guarda-roupa e não precisar pensar muito para estar bem vestida — ela disse, em tom de alívio. — Mas você não sabe? Achei que estivesse vestida assim por causa do almoço de hoje. — O olhar confuso dela me atingiu.

Não me lembrava de ter anotado nada para o almoço daquela segunda.

— Não... Me vesti como sempre. — E era verdade. O salto, a meia calça, a saia lápis e a camisa branca com babados nas mangas era só mais uma roupa formal para o trabalho. O cabelo preso em um coque volumoso no alto da cabeça junto do laço preto era meu toque pessoal no look. — O que temos hoje?

— Bartek chegou... — Aquele nome me causou um pequeno tremor no ventre. — Está hospedado no apartamento do seu irmão, Louis me avisou hoje de manhã sobre almoçar com vocês. Achei que você sabia.

— Louis não me avisou — respondi, baixinho, pensando sobre aquilo.

— Bom... Se quiser desmarcar, posso inventar que você teve uma bela dor de barriga ou algo do tipo. — Lizzie tentou me fazer rir, mas não deu certo. — Ei, eu vou estar lá. — Ela deu a mão para mim e apertou meus dedos de leve. — Não concordo com isso de se casar sem amor, mas se você concordou, eu só posso dizer que estou aqui para o que precisar.

Elizabeth vinha com seu discurso pesado e cansativo sobre como reprovava o estilo de vida da Família há tempos, mas desde que percebeu o quão abalada eu estava, ela vinha sendo um grande ponto de apoio, e antes que ela continuasse a dizer qualquer coisa, a abracei forte, tentando calar o medo dentro do meu coração e a incerteza de que o casamento com o polonês desconhecido fosse dar certo.



Não convivi com meu noivo por mais de duas horas, desde que fomos apresentados formalmente e aquilo me assustava. Com Felippo era diferente, eu o conhecia por toda a vida, mas Bartek? Eu não sabia nada a respeito dele, a não ser que sua família tinha uma fama cruel que a seguia em qualquer lugar que colocassem o pé.

A Zwi Migdal era menor que a Dark Hand, mas tão forte quanto, era tudo o que me permitiram saber, era tudo o que diziam que eu precisava saber e eu acatei.

— Zola não está com você hoje? — Lizzie perguntou, quando entrei no carro.

— Não. Ele teve a manhã de folga por causa do final de semana. Encontro com ele mais tarde, e você? — perguntei, dando espaço para ela entrar ao meu lado.

— Não o vejo desde sexta — Lizzie disse, olhando para o celular e dando um sorriso ao ler alguma coisa.

— O que foi? — indaguei.

— Seu irmão. — Ela guardou o aparelho no bolso do casaco e olhou pela janela antes de dar um suspiro. — Não entendo como Louis pode me deixar tão louca e me fazer tão feliz. Essa balança parece quebrada.

— É bom, não? Estar apaixonada...

— É. É bom — Lizzie admitiu e olhou para frente. — Mas não é tudo.

— O que poderia ser melhor do que um amor arrebatador? Meu sonho é montar minha família, ser a melhor mãe e a melhor esposa — comentei. — É assim desde que me lembro... — falei, saudosa da infância.

— Você ainda pensa nele, não? — Lizzie perguntou.

— O tempo todo. Não consigo superar, mesmo que tenha corrido dele como o diabo corre da cruz. Não consigo esquecer que Felippo queria que as coisas fossem diferentes e que tentou, mesmo em seu casamento, ou no Natal, e agora Natasha está grávida dele e todos comentam o quão apaixonados eles parecem estar. Como isso pôde acontecer? Como as pessoas passam a se amar da noite para o dia e se esquecem do que viveram antes?

— Você acha que vai conseguir superar? — Lizzie perguntou, colocando a mão sobre a minha e levei alguns segundos para responder.

— Não faço ideia — respondi, encarando o esmalte preto em suas unhas. — Só quero que pare de doer, que pare de ser tão ruim.

— Então, quem sabe, Bartek não seja a chance? Quem sabe ele pode ser um cara incrível e cuidar de você, a ponto de você nem mesmo lembrar que Felippo existiu algum dia?

Suspirei, olhando para fora.

— Eu espero, de verdade, que sim.

E aquele era o meu voto real, desesperado e ressentido, enlouquecido por qualquer chance de sentir borboletas no estômago e não rachaduras sobre o coração.

O restaurante escolhido da vez foi o Babbo. A comida italiana era boa e acreditava que Louis queria mostrar algo das nossas raízes para Bartek, o que não seria má ideia.

Chegamos mais cedo do que os homens e aquilo me causou incômodo.

Como seria aquele encontro? Não deveria ser algo mais íntimo? Mais privado?

Eu não sabia o que fazer ou como agir. O medo de fazer qualquer coisa que pudesse ser julgada errada, que fosse desagradar Bartek, me assustava e enquanto Lizzie comentava sobre seu final de semana, com Louis a levando para ver cavalos, me perdi olhando pela janela, vendo o céu de uma Nova Iorque cinzenta, conforme minhas mãos suavam e meu coração parecia acelerado demais para quem só havia dado dez passos e estava sentada.

Ao meu redor tudo parecia estranhamente lento e, do lado de fora, a chuva começou leve. Gota a gota contra a janela, o barulho parecia alto na minha cabeça, os garçons pelo salão, a conversa alheia do horário de almoço, a voz de Lizzie, sua risada, meu coração. Tudo parecia fazer muito barulho e, aos poucos, o som foi sumindo, minha pulsação foi diminuindo o ritmo ao mesmo tempo que minha boca secava e, de repente, o mundo ficou mudo.

Era sufocante.

— Giovanna, você ouviu alguma coisa que eu disse?

— Lizzie me chamou e eu a encarei, estranhando ouvir meu nome de sua boca. — Está tudo bem mesmo?

— Está... — comentei, baixo, sentindo o suor frio na testa e me limpei com as costas da mão. — Eu só preciso de um momento...

Me levantei para poder ir ao banheiro, mas levou alguns segundos para que sentisse firmeza nas pernas.

Aquilo nunca havia acontecido antes.

— Olha só, brasileira. Aprendendo a chegar no horário? — Ouvi a voz de meu irmão atrás de mim e minha coluna congelou. — Aonde vai, sorella? — A pergunta dessa vez era para mim e, assim que Louis me tocou, senti o corpo relaxar um pouco.

— Eu só ia até o banheiro conferir minha maquiagem. — A resposta saiu tão rapidamente que até estranhei. Olhei para meu irmão mais velho e forcei um sorriso leve. — Mas agora que vocês chegaram, acho que mudei de ideia.

Louis me examinou por um minuto e sorriu de volta.

— Acho que se lembra de Bartek, não? — E, saindo da frente, meu irmão deu licença ao meu noivo.

Vê-lo ali foi como tomar um soco.

O cabelo perfeitamente arrumado, a barba alinhada, o corpo forte bem-vestido e, por último, aqueles olhos.

Olhos azuis da cor do mar.

Olhos nos quais eu poderia me afogar se não tomasse cuidado ao encará-lo.

— Está ainda mais bonita do que da última vez que nos vimos, panna młoda. — Sua voz era firme, baixa, profunda e eu não pude fazer outra coisa que não fosse dar a mão para ele quando me estendeu a sua.

Como da primeira vez, ele se curvou, beijando os nós dos meus dedos com cuidado e, curiosamente, mesmo sendo muito respeitoso, minha pele pareceu queimar contra sua boca.

— Farão o casal perfeito, não? — O comentário de meu irmão me chamou a atenção e, um pouco relutante, consegui desvencilhar o olhar do de Bartek e o encarei ao lado de Elizabeth, parecendo feliz com o que acontecia.

— Tudo pela Família. — Foi o que respondi quando Bartek soltou minha mão.

— É comprometida assim com seu clã? — meu noivo perguntou, tomando novamente minha atenção, vindo para

trás de mim, para ajeitar minha cadeira, enquanto eu me sentava.

— Daria minha vida pela Família — respondi, sem pensar duas vezes.

Foi então que ele se sentou ao meu lado e, com cuidado, como se pedisse permissão antes de tocar minha bochecha, acariciou meu rosto e sorriu.

— Eu sempre admirei mulheres que sabem seu papel. — Seus olhos azuis me engoliram e me senti como uma criança, sem saber como reagir, como responder, como entender o que acontecia ali.

— Giovanna será, sem dúvida alguma, a melhor esposa possível. Sempre foi seu sonho, não é mesmo, sorella? — Louis se intrometeu novamente, e sem tirar os olhos dos de Bartek, confirmei com a cabeça e respondi baixinho:

— A Família sempre escolhe o que é melhor. — E eu realmente acreditava naquilo, ou então, toda a minha existência, todas as minhas decisões e crenças não valeriam de nada, e naquele momento, eu não tinha opção.

Era tudo ou nada, e foi ali, naquele exato momento, encarando os olhos do meu futuro marido, que decidi amá-lo. Não havia outra forma.



CAPÍTULO 3

*Não há nada a dizer agora
Todas as palavras já foram usadas
Você e eu estamos quase no fim
Desaparecendo como uma canção falha
E se eu ouvir com atenção
Eu posso te ouvir à distância
Amor, tudo o que resta de nós
São ecos de amor*

ECHOES OF LOVE, JESSE & JOY

GIOVANNA

Era estranho os “parabéns para você” se transformarem em “parabéns pelo noivado”, mas era aquilo que eu havia recebido desde a última quinta, no meu aniversário de verdade.

Dia onze de julho costumava ser minha data favorita, mas eu não sabia o que seria daquele ano, mesmo que eu

me esforçasse ao máximo para acreditar que Bartek era a pessoa certa para ser meu marido.

Na verdade, aquele tinha sido o dia mais difícil de todos.

Me lembrei do primeiro encontro com Felippo, os toques cuidadosos, os presentes escolhidos a dedo, o cuidado, a compreensão, a delicadeza com a qual ele me tratava, o carinho, o respeito. Como eu poderia querer outra coisa quando provei do melhor antes? Era o pior dilema do mundo e era nele em que estava presa.

— Você está tão linda! É uma pena que eu não possa bater na sua cabeça com um tijolo e fazê-la fugir comigo — Giordana comentou, e quando me virei para vê-la, minha melhor amiga estava sentada sobre a cama que havia no quarto. O vestido verde escuro era longo e simples, mas ela estava divina, como sempre.

Giordana era assim, não precisava de muito e ficava perfeita, sempre.

— Eu não sei se não gostaria de fugir — confessei baixo, e caminhei em direção a ela, me sentando com cuidado para não estragar o vestido.

— Se você não quer isso, sabe que é só dizer. — Os olhos castanhos de minha melhor amiga eram de um tom quente e me acolhiam, enquanto sua mão vinha sobre a

minha. — Posso fingir estar louca, atirar em meio mundo e dizer que foi acidente. Papai sempre carrega uma arma, não seria difícil.

— *Per Dio!* Olha cada besteira que você fala, Giordana! — falei, arrancando um sorriso dela. — Não posso desistir, minha família conta comigo.

— Eu te amo e sei que você acredita nisso com tudo o que é, mas vendo sua situação, fiz meu pai prometer não me casar, nunca — ela disse baixinho, como se fosse algo vergonhoso.

Mulheres solteironas na máfia não eram bem vistas, mas Giordana não ligava e eu tinha certeza de que era porque ela nunca havia se apaixonado.

Sua ambição era conseguir se formar, ser médica oncologista, salvar vidas e transformar pessoas. Giordana nunca gostou de como nosso mundo funcionava, nunca apoiou minha paixão platônica por Felippo, nem a ideia do noivado, mas sempre respeitou meu sonho, mesmo que o achasse pequeno demais.

Talvez, ela pensasse assim por nunca ter tido aquele tipo de sentimento e eu a perdoava por todas as vezes em que perdeu a paciência comigo sobre aquele assunto.

— Eu espero que sua decisão a faça feliz. — Foi tudo o que consegui dizer, mesmo com o peito doendo e a

vontade de chorar crescendo.

— E eu espero que a sua traga tudo o que você sempre desejou, e que isso te baste. — Gio me abraçou forte e eu me segurei, a ponto de ter dor na garganta, para não chorar.

Ficamos ali, em silêncio, por alguns minutos e eu não queria sair daquele abraço nunca mais, mas de repente, a voz de minha mãe ecoou pelo quarto.

— Ah, que momento! Sinto falta de quando tinha amigas decentes dentro desta Família. — O comentário venenoso de minha mãe só serviu para que eu me segurasse ainda mais.

Limpei qualquer indício de lágrima que quisesse surgir e me afastei de Giordana.

— Nós somos para sempre, Fiama. Fique tranquila. — Era um prazer para minha melhor amiga provocar minha mãe. Às vezes eu achava ridícula a competição que sentia existir entre elas, mas a verdade era que mamãe acabava ficando muito sozinha e não confiava em ninguém. Parecia que Frederico e eu éramos tudo no mundo para ela.

Ignorando qualquer coisa que tenha sido dita, mamãe caminhou até mim, pegou minhas mãos e me colocou de pé, medindo cuidadosamente minha aparência de cima a baixo.

— Está perfeita. Não terá uma única pessoa neste salão que não se encante por você hoje, querida. — E, me abraçando forte, senti quando minha mãe respirou fundo e falou baixinho, só para eu ouvir: — Você não será uma decepção como Louis. Não, você será meu motivo de orgulho, filha... E que você seja muito mais feliz do que eu.

A vontade de chorar voltou tão forte que não pude me controlar, me agarrei à minha mãe e fracassei, porque mesmo dando tudo de mim para me segurar, o choro começou sem nenhuma intenção de parar.

Será que ela tinha noção de que eu podia não conseguir? Será que ela conseguia conceber a ideia de que, lá no fundo, eu não queria viver aquele papel?

Só queria voltar no tempo, só queria ter tido a chance de viver o que eu tanto sonhei da forma que planejei. Será que ninguém conseguia notar aquilo?

— O que está acontecendo aqui? Fiamma, o que você falou para ela? — Meu pai entrou no quarto e veio pronto para me tirar dos braços de minha mãe.

— Só disse a verdade, Leonel. Só a verdade. Nossa filha merece ser mais feliz do que eu.

— Que besteira. — Papai me pegou pelo rosto, me obrigando a olhar para ele e começou a falar em italiano: — Você será muito feliz, filha. Não há nada no mundo com

o que eu me preocupe mais do que com a sua felicidade, então, fique calma. Temos muito orgulho do que você está fazendo pela Família e sabemos que você será a melhor esposa possível. — Eu não sabia o que responder, tinha medo de abrir a boca e acabar decepcionando papai.

— Acho que precisamos deixar Giovanna se recompor e ter seu pequeno momento sozinha, não? — Giordana se meteu no último segundo, me salvando, e meu pai concordou com ela.

— Fique bem e se precisar, me chame. Zola vem te pegar daqui a pouco — ele disse, e eu apenas concordei com a cabeça, recebendo um beijo demorado na testa antes de ele sair.

Em um segundo, estavam os três mexendo com o meu emocional, no outro, estavam todos fora do quarto, me deixando sozinha com os fantasmas do receio e do medo sobre os ombros.



— Foi assim que sonhou que seria? — Meu melhor amigo entrou no quarto e perguntou, ao me ver ajeitando a maquiagem.

— De forma alguma. — Foi tudo o que consegui responder, me segurando para não começar a chorar novamente.

Zola deu alguns passos na minha direção e parou com as mãos no encosto da cadeira em que eu estava sentada.

— Você está linda.

— Obrigada — agradei, no automático.

— Mas está chorando muito mais do que o normal.

— Como sabe? — Meu tom era malcriado. — Você mal tem ficado comigo nos últimos tempos.

— Eu conheço você, Giovanna. Está gelada como um morto, o que significa que ficou perto o bastante do ar-condicionado, esperando seu rosto desinchar do choro. Seu nariz está avermelhado e... Quando você chora, fica com cara de criança perdida. Sempre foi assim e, pequena, hoje não era dia de você chorar.

— Eu sei... — Quase comecei a chorar de novo, mas Zola riu e, mais rápido do que eu poderia entender, me colocou de pé e me abraçou, escondendo meu rosto contra seu peito.

— Não, não. Está tudo bem... — E, falando baixinho, como se me contasse um segredo, Zola disse: — Estão

todos lá fora, esperando por você. Ninguém poderia te ignorar hoje, você está perfeita. Seu noivo ficará orgulhoso de ver que sua futura esposa é a mulher mais linda na qual ele já colocou os olhos e todos os convidados vão suspirar quando você surgir. As garotas vão se perguntar por que não são como você e os homens vão se questionar por que não estão no lugar de Bartek. Vocês vão dançar, vão se divertir e esta será uma das melhores noites da sua vida. Você vai se lembrar dela daqui a alguns anos e vai sorrir até as bochechas doerem, eu prometo.

— Mesmo? — falei, com a voz embargada, cansada de chorar, de me sentir triste.

— Mesmo.

— Então, me dê seu dedinho. — E ele obedeceu, me deixando enganchar o dedo no dele. — Não desfaça sua promessa.

— Nunca. — Meu melhor amigo beijou minha testa logo em seguida e arrancou, pela primeira vez naquela noite, um sorriso sincero dos meus lábios.

Zola era bom demais para ser verdade, muito melhor do que qualquer outro.

Saí do quarto com meu melhor amigo ao lado e ele me levou até Louis.

Meu irmão mais velho me aguardava perto da escada, a qual deveríamos descer, e sorriu ao me ver.

— Você está perfeita. — Não era um elogio, era uma constatação. — Estou orgulhoso de você, Giovanna. A Família está muito feliz com tudo o que você vem fazendo por nós.

E eu não consegui dizer nada, apenas peguei na mão dele e permiti que me guiasse para onde deveria, descendo as escadas, direto para o meu noivo.

Meu noivo. Agora seria oficial.

Aquele pensamento foi minha ruína.

A cada passo que eu dava, a cada degrau que descia, era um aperto maior na minha garganta.

Imaginei Lizzie e Louis que, mesmo do jeito explosivo e complicado, pareciam se completar, e o medo de não ter algo parecido com aquilo me doeu. Vi de relance Delfina e Lorenzo, sabendo que talvez eu pudesse ter a chance de ser conquistada como ela foi, e então, quando meus pés tocaram o último degrau, não pude deixar de notar Natasha, grávida, com Felippo abraçado a ela.

Dio santo, por que eu precisava ser torturada bem ali?

Era para ser eu.

Era para eu ser a mulher dele e a mãe de seus filhos, mas o destino tinha outros planos e o maior deles estava ali, parado em um smoking bem cortado, com sua beleza perfeita e aparente determinação incontestável, com meu anel de noivado repousando na caixinha em sua mão direita, parecendo poder ler meus pensamentos com aqueles olhos azuis profundos.

Ali em cima eu tive certeza de que me afogaria.



CAPÍTULO 4

*Todas as pessoas que eu conhecia não são quem
costumavam ser*

E se eu tentasse mudar minha vida mais um dia

Não haveria mais ninguém para salvar

*E eu não posso me transformar em uma pessoa que
eu não quero ser*

SAY AMEN, PANIC! AT THE DISCO

ZOLA

Eu já havia feito muita merda na vida, mas aquela era a pior de todas.

Beijar Giovanna havia sido um erro por tantos motivos, que eu mal sabia enumerar e, para piorar, ela não se lembrava de absolutamente nada e eu era obrigado a carregar aquilo sozinho. Na verdade, eu não sabia se queria que ela soubesse. Já era difícil me sentir idiota por não conseguir superar algo que só eu sabia, imagine se precisasse olhar para a cara dela e receber seu olhar de julgamento?

Ela estava bêbada, eu havia passado do ponto, nunca deveria ter acontecido e eu devia sofrer algum distúrbio mental por não conseguir superar.

Era só a porra de um beijo, eu já havia feito coisas muito piores!

É, seu trouxa. Fez de tudo por aí e não consegue esquecer da princesinha da máfia. Meu subconsciente zombou de mim.

Grande fodido eu era, sem conseguir desviar os olhos da boca de Giovanna, que estava bem à minha frente, mordiscando a tampa de uma caneta, parecendo concentrada demais em algo na tela de seu Ipad.

A boca que eu não conseguia superar.

A boca que aparecia em todo maldito sonho molhado que eu tinha.

Merda!

Aquilo era, com certeza, falta de uma boa foda e era em situações como aquela que meu pequeno problema ficava fora de controle.

— O que foi, vara de cutucar estrela? Perdeu alguma coisa? — Elizabeth perguntou, sem olhar para mim, mexendo na bagunça que era sua mesa.

— Não. — Balancei a cabeça e me levantei do sofá.
— Estou um pouco cansado, mas está tudo certo, hoje é minha noite de folga.

— Hm... Então é hoje que você vai tomar vergonha na cara e convidar Kira para sair? — ela perguntou, parecendo achar o que procurava.

— Kira? Você ainda não superou essa ideia?

— Ela é só um pouco mais nova que você, mas te coloca no chinelo. Você deveria arriscar, eu vejo o jeito que ela te olha.

— Como se fosse me matar?

— Como se fosse te foder e depois matar — Lizzie disse, sorrindo, antes de se sentar na frente do computador.

— Você sabe que ela tem a fama de ser Louis de saia, não?

— Sei. E eu transo com Louis, então posso te indicar Kira por tabela. Garanto que a coisa vai ser boa. — Ela piscou para mim, antes de se espreguiçar e, de repente, antes que eu pudesse responder, o celular de Giovanna tocou.

Minha melhor amiga tirou o fone de ouvido, encarou a tela por um segundo e esperou o terceiro toque para

atender.

Analisei o rosto de Giovanna e não gostei quando seu olhar se estreitou e as sobrancelhas juntaram.

— Ah, pode ser... Você quer me buscar? Ok... Estarei pronta daqui a pouco, posso mandar mensagem nesse número?... Ok. Até daqui a pouco. — E ela desligou, parando de repente, olhando para o chão, antes de falar: — Bartek quer almoçar comigo. Está vindo me buscar.

— Opa, isso é legal, não? — Lizzie perguntou, apoiando os cotovelos em sua mesa, assistindo junto a mim, enquanto Giovanna digitava algo, provavelmente o endereço da editora para Bartek.

— Eu acho que sim... Não sei dizer.

— Achei que vocês tivessem se divertido no final de semana. — Me senti na obrigação de falar algo, mesmo que a pontada de ciúme rasgasse meu peito.

— Ele é legal e muito gentil sempre, mas todas as vezes que eu o vi, nunca ficamos sozinhos.

— Eu posso ir, se você quiser — me ofereci, mas ela negou com a cabeça.

— Ele quer um encontro. Louis disse que posso andar com ele sem me preocupar, então não precisa ir, Z.

— Ok, se ele é legal e quer te conhecer melhor, só vocês dois, qual o problema?

Giovanna finalmente ergueu o olhar, passou do rosto de Elizabeth para o meu e suspirou.

— Eu não sei... Olho nos olhos dele e sinto um negócio estranho, é como ser congelada por dentro, sabe? Ele tem um magnetismo diferente, nunca senti isso antes.

— Bom, seja como for, deixe a localização do seu Iphone disponível o tempo todo e mande mensagens para mim. Se algo estiver dando errado, mande código vermelho. Eu posso te ligar, fingindo estar passando mal e você consegue fugir rapidinho. — A ideia de Elizabeth me fez rir em deboche. — O que foi?

— Você só esqueceu que ele é noivo dela. Giovanna não vai ter para quem ligar depois de casada. — Meu tom não foi amigável e percebi causar uma pequena tensão. Me odiando por isso, olhei para a loira que já ficava de pé e falei, sério: — Vá, tente aproveitar, se algo não for como você espera, se qualquer coisa desconfortável acontecer, vá atrás de Louis logo em seguida. Ele é o único que pode te ajudar agora.

Giovanna fez que sim com a cabeça e suspirou.

— Preciso ir. Vejo vocês depois. — E, soprando um beijo, ela saiu da sala.

— Ok — Lizzie disse, depois de algum tempo. — Ela está esquisita, você está esquisito... Aconteceu alguma coisa que eu não estou sabendo?

— Não. Giovanna está assim porque ainda não superou Felippo seguir em frente tão bem com Natasha.

— Nem me fale disso... Quando essa mulher se lembrar de tudo, eu espero que ela coloque fogo no parquinho.

— O parquinho envolve seu namorado. — Lembrei o fato importante e Lizzie deu de ombros.

— Ele precisa aprender a parar de brincar de Deus, alguma hora. — E eu concordava, mas nunca diria em voz alta. — Ok, posso marcar um jantar? Você, Kira? — ela tentou de novo.

— Esquece. Minha folga começa hoje à noite, Lizzie. Amanhã, Kira que fica com você.

— E eu vou juntar meu casal dos sonhos quando?

— E desde quando você teve essa ideia? — perguntei, um pouco indignado.

— Desde que descobri que você é um cuzão para admitir que gosta de Giovanna e que ela é muito iludida com o mundo em que vive, para enxergar que você é a melhor opção dela.

— Ah, não, de novo? — Fingi estar chateado e ela riu.

— Me poupe, Golden boy. A mim, você não engana.

E deixando Lizzie falando sozinha, dei uma volta no perímetro só para esfriar a cabeça e tirar aquela frase da cabeça, afinal de contas, sendo uma boa opção ou não, eu nunca faria parte da lista.



Deixei Elizabeth em casa, estacionei o carro da Família no quartel, peguei minhas coisas no armário do dormitório e, depois de uma semana intensa, peguei o metrô e segui para casa da minha mãe.

O apartamento que conseguimos comprar no Queens, com o dinheiro que recebemos do seguro do meu pai, foi uma vitória, mas as economias logo acabaram quando o câncer de mama veio pela segunda vez, fazendo com que eu tivesse pesadelos e acordasse no meio da noite como uma criança assustada, com a possibilidade de ver minha mãe morta tão cedo.

Ainda não era a hora.

— Zola, é você? — Ouvi quando a voz enérgica dela soou, assim que entrei pela porta.

— Estou em casa, dona Eliza — respondi, tirando os sapatos e largando a mala ao lado da porta.

— Chegou bem na hora. Vieni a mangiari, ragazzo! — O cheiro da comida fez meu estômago roncar.

Eu não podia reclamar da comida do quartel, mas nada se comparava à mágica que minha mãe fazia no fogão.

— Ciao, mamma — cumprimentei, quando cruzei para a pequena sala dois ambientes e ela largou os pratos na mesa para vir em minha direção.

— Está trabalhando muito, filho. Deveriam deixar você vir para casa mais vezes, sua velha mãe anda muito sozinha. — Ela me abraçou e beijou minhas bochechas, como fazia desde que eu era criança.

— Estou quase juntando o dinheiro que preciso, está tudo indo bem.

— Espero que sim, agora, sente-se com sua mamma e coma direito. Tenho certeza de que aqueles velhos não te alimentam bem. — E como a boa matriarca que era, ela me colocou sentado na ponta da mesa, onde meu pai costumava se sentar, e me serviu.

Fiquei por mais de uma hora ali com ela, prestando atenção em cada um dos detalhes do que ela me contava

sobre a vizinhança, sobre sua visita ao médico na última sexta, sobre como as ruas estavam mais perigosas e as vizinhas mais fofoqueiras.

Uma das coisas que eu faria em breve, assim que pudesse, seria levar minha mãe comigo para qualquer um dos estados da lista segura. Alugaríamos o apartamento, compraríamos uma casinha em algum outro canto, eu pediria baixa da Dark Hand para estudar e, talvez, se a vida fosse boa e eu merecesse, nunca mais precisaria voltar.

Minha mãe teria companhia, eu poderia viver em paz e as coisas seguiriam bem, mas, para isso, eu precisava ir para o trabalho extra, para o que quase ninguém sabia e o que eu, secretamente, adorava.

— Você me odeia por isso? — minha mãe perguntou, antes de se deitar. Eu só saía depois de ela dormir e tomava cuidado para voltar antes de ela acordar.

— Pelo que, mamma? — Não entendi o que ela disse, mas para me fazer entender, ela entrou no meu quarto e se aproximou, tocando a cicatriz do último tiro que eu havia tomado. Já não doía mais.

— Por te colocar nessa vida. — Os olhos que eu havia herdado pareciam cheios de um arrependimento que eu não me permitia comprar.

— Não. — Peguei a mão de minha mãe e beijei seus dedos. — Nem quando me iniciaram, nem quando me deram trabalho. Não te odeio por nada disso, mamma. Sou o homem que sou, porque você é a mãe que é.

— Você é um bom menino, Zola. Eu tenho sorte por ter você. — E, beijando o topo da minha cabeça como se eu tivesse seis anos de idade, ela saiu do quarto, me deixando sozinho com todas as meias verdades que eu tinha na mão.

Ela podia não gostar com o que havia concordado em transformar o filho, ou com a vida que levávamos, mas no fundo, era minha essência falando alto.

O meu dom era fazer com que os outros seguissem o meu jogo, as minhas regras, mesmo que depois me agradecessem por isso, pagassem e acreditassem que eu era apenas um peão.

No tempo certo, fiquei pronto, esperei minha mãe ressonar alto para ter certeza de que seu remédio havia feito efeito e saí de casa, em direção ao The Hell.

Era sexta, meu dia favorito para caçar.

Sempre havia carne nova no inferno e eu me sentia vivo, analisando quem seria divertido convencer a me pagar, onde seria mais proveitoso.

Estacionei o carro na fila enorme, coloquei a máscara preta no rosto e saí. Joguei a chave para o manobrista, segui para dentro do prédio vermelho, sem esperar na fila, e esperei no balcão de entrada.

Beatrice estava ali e abriu um sorriso enorme ao me ver.

— Você fode usando essa máscara? — ela me perguntou, me dando um dos cartões VIP que funcionários da Dark Hand tinham direito.

— Está louca para descobrir, não? — E, flertando com ela, pisquei e dei as costas, indo para o elevador do segundo andar, pronto para começar a brincadeira.

O segundo andar da The Hell era o da luxúria. De todos os andares, aquele era o meu favorito para trabalhar. A decoração era púrpura e logo que a porta do elevador se abriu, senti quando a morena baixinha ao meu lado apalpou meu traseiro e riu.

Respirei fundo, mexi os ombros e, no segundo seguinte, coloquei a mulher contra a parede. Minhas mãos não tocaram seu corpo, mas podia sentir a tensão que havia ali. O cheiro da excitação, da curiosidade e até do medo que ela tinha, me fizeram sorrir. Encarei seu rosto, ela era pequena, bonita. Seus olhos castanhos pareceram surpresos, mas ela estava disposta.

— Não toque se não pode pagar — falei baixo, no tom mais ameaçador que pude e quando ela veio com o rosto para perto do meu, me afastei, rindo ao sair do elevador.

— Achei que não te veria aqui tão cedo, gato — Pandora, a Drag Queen que era hostess do andar, me cumprimentou.

— Preciso trabalhar como todo mortal.

— Ah, que trabalho difícil o seu, não?

— Faço o melhor que posso. — Pisquei para ela e saí de perto, pronto para ir até o bar e escolher de onde viria o dinheiro suado e quase honesto que eu tomaria.

Cumprimentei quem vi no caminho e com o passe VIP peguei a única dose de Mezcal que tomaria naquela noite, meu pequeno segredo para me convencer de que aquilo era só brincadeira, e procurei pela pista de dança, como um caçador, até ver minha presa do elevador vindo em minha direção com o dinheiro na mão.

A mulher chegou até mim, sorrindo, colocando a nota de cem no bolso da minha calça.

— É isso que preciso fazer?

— Qual o seu nome? — perguntei.

— Ruby, e o seu?

Me curvei sobre ela, tomando cuidado de abraçá-la com firmeza pela cintura, querendo que ela sentisse todo o meu corpo contra o seu.

— Por mais quinhentos dólares, você pode gritar o nome que quiser, enquanto te faço gozar. — Ela riu, parecendo gostar da proposta, e confirmando com a cabeça, pegou minha gravata e me puxou para dentro do dark room daquele andar.

O quarto privado tinha pouca luz, a decoração seguia a do salão do lado de fora e a mulher não pareceu notar, porque logo que fechei a porta, Ruby se jogou contra mim e eu a peguei com firmeza. Uma mão em sua nuca, outra em sua bunda e logo minha boca estava sobre a dela.

O beijo tinha gosto de cigarro e Gin. Eu não me importei, não era essa a graça.

Segurando-a com força, obriguei-a a ir para trás e joguei seu corpo leve contra a cama.

— Só temos três regras dentro deste quarto. A primeira, é que não tiro a máscara de jeito nenhum. Se tentar arrancá-la, eu vou embora e você não vai querer isso — falei, me livrando da gravata. — A segunda, é que não há limite. Vou te foder o tanto que quiser e como quiser, por uma hora. Se quiser a segunda, serão mais mil e duzentos dólares, mas eu duvido que você aguento. Inclusive, tudo é

cumulativo. Então, economize, porque você vai voltar a me procurar nas próximas semanas. — Desci a mão pela camisa e comecei a abrir os botões. — E a terceira regra é, você nunca esteve aqui.

Ruby parecia sem fala, mas concordou com a cabeça, ainda deitada na cama.

— Ótimo. Gosto das minhas garotas obedientes. — E, com o desejo reprimido berrando dentro de mim, louco para sucumbir e me tornar o que eu realmente era, caí sobre a garota, que não teve nenhum segundo de paz na minha companhia.



CAPÍTULO 5

Você pode sentir isso

Eu posso sentir isso

Como nós dois estamos acordados e sonhando

Não há outro lugar que nós preferimos estar

Estamos fazendo a nossa própria história

**WRITTEN IN THE STARS, THE GIRL AND THE
DREAMCATCHER.**

GIOVANNA

Assim que coloquei o pé para fora do prédio da editora, vi o carro cinza chumbo cruzar o portão. Meus pés ficaram gelados, mesmo dentro dos sapatos, e minhas pernas pareciam feitas de gelatina, mas não deixei transparecer. Com meu melhor sorriso, esperei até Bartek estacionar bem à minha frente e descer do carro.

A aparência dele era impecável, mesmo que selvagem.

Era o tipo de homem que faria qualquer mulher prender a respiração.

— É um costume seu, estar sempre bonita? — ele perguntou, com o inglês carregado de sotaque. Era tão charmoso quanto quando Elizabeth falava.

O elogio fez minhas bochechas corarem. Por que é que eu estava tão alerta?

Desviei o olhar do dele por apenas um segundo, encarando o chão, conforme lambia o lábio inferior e o prendia com os dentes.

— Acho que é um costume seu também — sussurrei, não sabendo se fazia certo, mas sentindo de novo aquele magnetismo louco que estava lá desde a primeira vez que o vi.

Bartek soltou uma risada baixa e ergui os olhos a tempo de vê-lo se aproximar. Sua mão no meu queixo ergueu meu rosto e seus dedos quentes acariciaram a linha do meu maxilar.

— Espero que o dia de hoje não te decepcione. — O tom de voz dele era baixo, tão envolvente que me imaginei flutuando, seguindo qualquer ordem que ele desse, ainda mais com ele tão próximo, me permitindo ver de perto toda a perfeição de sua face, de seus olhos, além de sentir seu perfume. Era forte, não tão doce, mas tão bom que acabei

suspirando para aspirar mais dele. — Vamos? — ele propôs, depois daquele minuto que pareceu levar uma eternidade, e tudo o que eu pude fazer foi balançar a cabeça, concordando.

Bartek foi um verdadeiro cavalheiro. Abriu a porta do carro para que eu entrasse, me perguntou que tipo de música eu gostava e me pediu para mostrar a ele minha música favorita.

— Não sei se você vai gostar tanto assim... — Fiquei sem graça. — Eu não tenho uma música favorita, tenho fases. Atualmente, eu estou um pouco viciada em músicas de playlists de casamento. Tudo o que for romântico e parecer eterno, sabe? — Ele riu quando eu disse e desviou o olhar para mim, com uma das mãos no volante.

— Já podemos montar a nossa playlist, então. — Ele dizer aquilo com tanta naturalidade me fez relaxar um pouco. — E eu tenho alguns planos para hoje. Acho que já nos encontramos vezes demais, mas nunca como deveríamos... Então, o que acha que um piquenique no Central Park, depois podemos ir ao cinema e você me apresentar seu restaurante favorito na cidade? — Ele parecia tão amável ali dentro, que não pude evitar sorrir.

— Um piquenique, no Central Park? Nunca fiz isso, sempre achei muito perigoso.

— Nada vai nos acontecer, fique tranquila. — O tom sério fez com que eu sentisse algo gelado se espalhando pelo meu corpo. Se fosse materializar a cena, seria como colocar a ponta dos pés no mar, no meio do inverno. Bartek parecia muito seguro. — E já que nunca fez, acho que posso ganhar alguns pontos com minha noiva, não? — E tão relaxado quanto poderia estar, Bartek acariciou meu rosto e pousou a mão na minha coxa sobre o vestido, fazendo minha pele abaixo do tecido onde ele apoiava esquentar como nunca senti antes.



Estávamos no auge do verão, a cidade toda parecia desperta, viva, e reunida para banhos de sol na grama do parque cartão-postal da cidade.

Bartek estacionou, desceu do carro e atravessou pela frente, abrindo a porta do para que eu saísse, me dando a mão de apoio.

Sem que eu esperasse por isso, assim que fiquei em pé, seus dedos se entrelaçaram aos meus, como se fosse algo costumeiro, e fui junto dele em direção ao portamalas.

Logo que ele abriu o compartimento do carro, segurei meu instinto de pequenos gritinhos de comemoração ao ver a cesta de piquenique lá dentro.

Meu noivo havia sido atencioso o bastante para cuidar de tudo para aquele momento e, com toda a certeza, começava a ganhar pontos.

Com a mão junto da minha, com uma naturalidade que fazia meu coração palpitar forte, ele me guiou com cuidado para dentro do parque e, assim que encontramos uma área livre embaixo de uma árvore, Bartek estendeu a toalha xadrez no chão e eu logo fui me sentar perto dele, observando enquanto ele retirava da cesta pacotinhos de um mercado que eu conhecia, me fazendo sorrir.

— Eu não sou bom cozinheiro — ele justificou, também rindo da situação.

— Eu também não — confessei. — E está tudo bem, você até se preocupou de trazer docinhos italianos! — Roubei a caixinha de profiteroles e, sem esperar por ele, coloquei um inteiro na boca.

— Então, minha noiva tem bom apetite? — ele comentou, como se fosse algo muito relevante. — Achei que seria como aquelas garotas que vivem de água e salada, o tempo todo.

— Minha avó paterna sempre disse que eu precisava engordar quando criança. Chegou até a se intrometer e me levar ao médico, escondida, porque sempre comi muito e nunca engordei. Ela achou que eu fosse doente — comentei o fato, limpando as mãos.

— E era? — ele perguntou, colocando a última garrafa térmica para fora da caixa e se ajeitou, apoiando as costas na árvore.

— Não. — Ri da situação. — Só era gulosa mesmo.

— Isso é bom... Temos muita comida e bastante tempo para conversar. — Bartek pareceu ficar sério, me fitando, enquanto eu fingia não ver e encarava o parque em volta. — Soube que você estava quase noiva do conselheiro.

— É... —Suspirei. Por que Bartek tinha que falar dele? Eu não tinha parado para pensar em Felippo desde que ele havia me convidado para o almoço. — Mas a vontade da Família foi outra, e eu nunca desrespeitaria a decisão de meu irmão. Ele sabe o que é melhor para mim — repeti meu novo mantra em voz alta.

— Deve ser uma droga estar esperando por um noivo e, de repente, ser colocada junto de alguém que você não conhece — ele continuou.

— No começo, logo que Felippo e Natasha se casaram, foi muito difícil. Eu convivi com ele por toda a minha vida e, desde os dezesseis, sabia que ele me pediria em casamento. — Olhei para Bartek, com um pouco de vergonha de admitir e desviei o olhar para seu corpo, notando suas bonitas tatuagens. — Achei que seria como um conto de fadas e já tinha tudo planejado, mas não importa mais. Natasha está grávida e eles agora são um casal.

— Você ainda gosta dele, então? — A pergunta foi certa e quando os olhos dele encontraram os meus, não pude desviar o olhar, nem mentir.

— Tenho tentado expulsar o sentimento do meu coração, todo santo dia — confessei, com a voz baixa, cheia de vontade de chorar.

Bartek ficou em silêncio por um tempo e eu tive certeza de que havia feito besteira.

Me encolhi onde estava, me sentando com a postura errada, querendo virar uma bolinha pequena e insignificante, mas meu noivo não me deu tempo.

Ele suspirou e, com cuidado, esticou a mão em direção à minha.

— Não deve ser fácil para você, mas se me der a chance, acredito que posso ser muito melhor do que ele.

Quero ser tudo para você, Giovanna. Assim como estou me esforçando para que você seja para mim. Mój ulubiony ptaszek^[1]. — E antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Bartek pegou minha mão e levou até sua boca, beijando em cima do anel de noivado que havia me dado.

— Farei o meu melhor, eu prometo — disse, virando para ele e puxando sua mão para mim, beijando os nós de seus dedos como ele havia feito comigo, selando nosso pacto.

Nós comemos, rimos e Bartek me contou sobre como era em sua terra. O inverno rigoroso, o verão que te fazia ter saudade da neve. Seu irmão mandão, sua mãe pulso firme e eu finalmente tive a chance de perguntar:

— E não havia alguém antes? Não foi surpreendido como eu?

— Não... Eu desconfiava que meu irmão alguma hora aprontaria algo, então eu nunca me apeguei. Você sabe como homens são... — O sorriso que ele me deu foi diferente e um arrepio percorreu pela minha coluna. — Nunca me apeguei a nenhuma mulher antes.

— Bartek... — falei, um pouco desconfortável, mas confiante de que podia. — Se vamos fazer isso, preciso que me prometa — pedi, apoiando o peso do corpo na mão que estava próxima a ele.

— Prometer o quê?

Encarei o oceano que eram seus olhos e disse:

— Que não vai me trair. Eu prometo me esforçar e ser o melhor possível para você, mas me mataria por dentro saber que meu marido tem seus casos fora de casa. Fui criada para ser a melhor esposa possível, é o meu sonho de infância ter a família perfeita, então, por favor, não me traia. Prometo que se não fizer isso, terá tudo de mim. — Me senti boba ao terminar de dizer aquilo, mas só eu sabia o quanto doía ver minha mãe abalada pelas traições que meu pai cometeu no passado e o quanto me abalou ver Felippo aprontando. Não queria aquilo para minha vida e era melhor jogar limpo com meu futuro marido.

— Ah, passarinho — ele disse, depois de um longo suspiro, e se aproximou, deixando o rosto a um palmo de distância do meu. — Seremos perfeitos um para o outro. Prometo a você. — Ele acariciou meu rosto por longos minutos, sem tirar os olhos dos meus, como se naqueles momentos em silêncio pudéssemos ouvir os pensamentos um do outro.

Talvez, ali, Deus fosse capaz de ouvir minha pequena oração para que Bartek fosse, de fato, o príncipe encantado que eu tanto queria.

Nós terminamos de comer tudo o que ele havia levado e partimos para o cinema. Bartek escolheu um filme de ação, e fez meu coração errar uma batida, quando fingiu se espreguiçar para colocar o braço atrás do meu ombro.

Como boa italiana, eu gostava de contato físico, mas como romântica incurável, eu o adorava quando era cuidadoso e gentil.

O filme terminou, eu o levei para comer hambúrguer, em um barzinho pequeno que Zola havia me levado um dia desses, e quando o encontro terminou, Bartek me levou direto para casa.

— Onde você está hospedado? — perguntei, quando ele estacionou o carro e veio me para abrir minha porta.

— Saí do apartamento do seu irmão. Aluguei um para mim, gosto de privacidade, e ele e sua namorada... — O comentário morreu em uma risada, conforme eu firmava os pés na calçada.

— Eu entendo. Quando não estão brigando, estão destruindo a casa. — Ri junto dele, sem precisar ser mais óbvia.

— É... Bom, eu poderia perguntar se você não vai me convidar para subir, mas acho que preciso deixar você digerir sobre o dia de hoje, não?

— Acho que sim... — Fiquei um pouco sem graça, dando um passo para trás. — Confesso que eu não sabia o que pensar de você, até agora.

— E consegui uma boa impressão? — Bartek, de repente, estava à minha frente, com as mãos na minha cintura, tão dominador, de um segundo para o outro, que eu mal soube de onde aquilo tinha surgido.

— Até agora, tudo indo bem. — Sorri, colocando uma mão em seu peito, mantendo uma pequena distância entre nós.

O cheiro dele, sua presença, seu corpo contra o meu, tudo nele fazia algo dentro de mim queimar.

— Então, acredito que eu mereça um beijo de boa noite, não? — O sorriso divertido dele me pegou de jeito.

— É... — Coloquei ambas as mãos em seu rosto, desviando no último segundo para pousar um beijo em sua bochecha, falei baixo: — Boa noite.

Bartek me soltou visivelmente contrariado, mas seu sorriso se manteve, como se aquilo parecesse mais divertido do que realmente era.

— Boa noite, passarinho — ele disse, me vendo tomar distância, enquanto eu o olhava sobre o ombro.

Tentei gravar aquela imagem na mente, vendo meu futuro marido que parecia um cara legal, indo embora depois de ter um beijo negado.

Seria meu primeiro beijo. Eu não queria que fosse tão simples.

Segui para dentro do prédio, olhando para trás vez ou outra, só para vê-lo lá, ainda parado, como se não acreditasse no que eu havia acabado de fazer.



— Vai, atende... — reclamei com o telefone, na segunda tentativa da noite de falar com Zola.

Duas da manhã e eu já tinha tomado banho, comido, tentado meditar e me alongar. Brinquei com Coelho, a ponto do bulldog inglês estar capotado e roncando na minha cama, mas nada do meu sono chegar.

Parecia que Bartek estava determinado a dominar minhas entranhas, logo no primeiro encontro, e eu não conseguia parar de pensar no último momento juntos, era por isso que estava ligando para o meu melhor amigo, querendo colo e auxílio.

— Alô? — A voz do outro lado parecia meio mole e o barulho de música alta atrás da ligação me fez sentar na cama, antes de falar qualquer coisa.

— Onde você está, Zola? — Meu tom saiu um pouco exigente.

— Está tudo bem? Por que está me ligando? Aconteceu alguma coisa?

— Nada sério, saí com Bartek, queria contar como foi...

— Ele te tratou bem? — Zola parecia atrapalhado.

— Muito... Acho que é um bom homem — confessei, e voltei a me deitar.

— Ah, legal. Pequena, não posso conversar agora. Ligue para Giordana, se precisar, aposto que ela ficará feliz em ver que você está virando a página.

— Mas eu...

— Até depois! — Ele desligou tão rápido, que demorei alguns segundos para processar que não havia mais ninguém na linha.

Chateada, olhei para o Iphone e suspirei.

“Podemos almoçar amanhã?” — mandei a mensagem para Giordana, rezando para ela estar acordada.

“Podemos, preciso comprar um vestido novo para o próximo encontro da Família, vamos juntas?”

“Com certeza.”

“Ok, estou indo dormir, te ligo quando acordar. Lov u, xoxo.”

E até pela minha melhor amiga eu havia sido dispensada.

Me joguei na cama, suspirando, decepcionada por nenhum dos meus melhores amigos estar disponível e me forcei a dormir, querendo que as horas passassem logo, para poder compartilhar a confusão que parecia crescer dentro de mim.



— Ok, vamos repassar direitinho esse encontro — Giordana disse, enquanto estava de calcinha e sutiã, medindo o tom do vestido contra sua pele ao mesmo tempo que encarava o espelho. — Ele te levou para um piquenique, o que poderia ser muito perigoso por causa da exposição, mas ainda assim, ele o fez. — Ela se virou de repente em minha direção. — O que acha deste tom?

O vestido azul royal era lindo.

— Destaca seus olhos, gosto dele. — Assim que teve minha aprovação, ela tratou de começar a vesti-lo. — E, sim. Ele me levou para um piquenique, onde falou sobre meu quase noivado com Felippo e não pareceu incomodado.

— Você deu a entender que estava superado?

— Eu fui sincera em dizer que estava trabalhando nisso. — Me levantei para ajudá-la com o zíper.

— E ele não fez cara feia? Já gosto dele. — Giordana era muito expressiva e eu ri quando vi sua cara.

— Não, pelo contrário, ele disse que nós poderíamos ser tudo um para o outro.

— Parabéns, então, parece que você encontrou o próximo Lorenzo Ferioli — ela comemorou, sem muita emoção, enquanto ajeitava o vestido com as mãos. — Acho que é este o vestido.

— Achei que tivesse gostado do dourado — comentei, apontando a peça no cabide.

— Vou levar também, nunca é uma má ideia ter uma peça reserva, ainda mais se Arianna resolver encher o saco, fuçando meu closet, sem permissão, só para poder descobrir o que tenho guardado lá. Nunca mais vou passar a vergonha daquele verão. Lembra quando ela surgiu com

um vestido igualzinho o meu? Não, nunca mais! — Minha melhor amiga tinha seus motivos para não gostar da filha mais velha dos Piscitelli e eu não podia recriminá-la. Apesar de amar Zanetti, o irmão dela, boa parte das vezes apenas ignorava as maldades de Arianna e tentava não ficar perto para ouvir seus comentários maldosos.

— E qual a chance de ela conseguir fazer isso agora?

— O pai dela tem vindo fechar negócio com meu pai. Nesses dias, fujo para o apartamento de Salvatore, mas meu irmão anda tão inconstante, que nem sempre sei se posso aparecer de surpresa, se é que você me entende. — Giordana trocou o sapato de salto por um da loja e ficou fitando o espelho.

— Entendo. Desde que Elizabeth e Louis se acertaram, eu apareço cada vez menos pela casa do meu irmão. Tenho medo de atrapalhar algo ou pegá-los em momentos indiscretos.

— O que parece não ser muito difícil, já que todo mundo comentou sobre eles transando no banheiro do último leilão. — O comentário foi feito tão naturalmente, que fez minhas bochechas corarem.

— Não gosto de saber dessas coisas. — Me apoiei contra a parede e cruzei os braços.

— Desculpa, senhorita *tenho um noivo lindo e aparentemente legal e em breve vou transar*. — O tom de voz que ela usou me fez revirar os olhos, segurando um sorriso, mordendo as bochechas por dentro.

— Você não sabe.

— Sei. Sei e você também. Então, é bom rezarmos para que Deus atenda ao seu desejo de ter o casamento perfeito com um cara menos podre — Giordana disse, antes de dar um suspiro profundo. — E é isso. — Era a conclusão sobre sua roupa no espelho. — Você não vai levar nada?

— Ganhei um vestido de Matteo.

— Meu irmão podia ser como um dos seus, de vez em quando, eu não ia reclamar — Giordana falou, vindo até mim e virando de costas para que eu a ajudasse novamente com o zíper.

— Não esqueça de que Louis vem no pacote, assim como a teimosia de Matteo e o bom senso a florado demais de Frederico.

— Talvez eu deixe Louis fora da jogada. Seu irmão é um monstro.

Ignorando o comentário dela, segui a conversa sobre a próxima festa e tentei acalmar o coração sobre ter

encontrado um homem ideal para me casar.

Talvez, tudo tivesse acontecido por um propósito, e fosse com Bartek que eu iria encontrar a real felicidade.



CAPÍTULO 6

Sem dor, sem vitória

Seu reinado é história

Porque nós não estamos parando

Até rompermos

Então dê o seu melhor

Faça sua jogada

READY, SET, LET'S GO, SAM TINNESZ.

ZOLA

— É assim que acha que vai defender Giovanna ou Elizabeth? — Kira perguntou, enquanto tentava me dar um mata-leão no chão. Estava sobre ela, de costas, com suas pernas em volta do meu tronco e seus braços em volta do meu pescoço, quase me sufocando.

Era a primeira vez que eu a enfrentava, praticamente obrigado a treinar com alguém, e não gostava do que acontecia.

— Não, porra — reclamei e, mesmo não querendo machucá-la, me liberei dela com uma cotovelada. Na terceira tentativa, consegui que ela perdesse a firmeza do aperto e me libertei de seus braços. — Só não gosto de bater em mulher, sem necessidade — falei, depois de girar no chão, olhando para ela, com o suor escorrendo pela testa, vendo a ruiva que tinha o cabelo preso em uma trança lateral se sentar com os olhos azuis claríssimos, me encarando, surpresa.

— É uma vantagem, já que eu não vejo nenhum problema em bater em homens. — Kira não sorriu. Limpou o suor da testa e abraçou os joelhos sobre o tatame. A roupa de treino dela era escura, pequena e apertada, mostrando os músculos firmes e a pele branca. — Você é muito cavalheiro, Zola... Por acaso, você é gay?

A pergunta não me ofendeu, mas fiz cara de quem não acreditava no que ouvia.

— O quê? Sério mesmo?

— Perguntar não ofende — ela respondeu, pegando a garrafa d'água que estava perto.

— Não. Não sou gay.

— Mas não é como os outros... — O jeito que Kira disse aquilo, me comendo com os olhos, enquanto entornava a garrafa na boca, me intrigou.

— E isso é bom? — Ergui o corpo, esticando o tronco nu, encarando a mulher que ninguém parecia olhar duas vezes, analisando Kira, como evitava fazer desde que a conheci.

Ela era gata, devia ser um furacão do tipo que destruiria um homem, em questão de segundos, mas, pela primeira vez desde que tinha ouvido a teoria louca de Elizabeth de que nós combinávamos, reparei nela como mulher e não como mais um soldado que seguia ordens diretas da organização.

— Depende... Você não é do tipo que pede licença para gozar, certo?

Eu não respondi. Ri dela e me levantei, deixando Kira para trás, sabendo que ela me olhava de modo diferente.

Era a primeira vez em que treinávamos juntos e, indo para o dormitório pegar minhas coisas para o banho, me questionei do porquê não havia feito aquilo antes.



A semana toda, enquanto aguentava com a minha melhor cara blasé, Giovanna contar sobre o encontro com Bartek e todos os presentes que ele vinha lhe mandando,

tentei fingir normalidade quando Kira me perguntava se eu ia treinar com ela. Foi na quinta à tarde, quando ela apareceu na editora com alguns documentos para Elizabeth assinar, que fui pego de surpresa.

— Zola — a ruiva disse, parecendo surpresa, quando quase trombou comigo ao sair da sala onde Lizzie estava.

— Kira, oi. — Tentei não parecer idiota.

— Quase não te vi esta semana... Está cansado de apanhar? — A sombra de um sorriso surgiu em sua boca.

— Não. — Sorri e apoiei o ombro na porta, impedindo a passagem dela, conforme cruzava os braços. — Só tenho trabalhado muito.

— Está batendo nele? Bom saber. Bate mais forte, por favor — Lizzie falou alto, sem olhar em nossa direção, conseguindo tirar um sorriso da ruiva à minha frente.

— Engraçadinha. Eu não pego pesado com Kira, ela tem essa vantagem — respondi, com os olhos nos da ruiva, provocando propositalmente.

— Deveria tentar ir até o limite, no final, seria interessante ver você se surpreender com o quanto eu aguento. — O tom de voz dela foi tão suave e me atingiu tão em cheio, que quando Kira passou por mim, saindo da

sala com o corpo roçando no meu, quase não consegui me segurar no lugar.

Segui a ruiva com a cabeça, não conseguindo tirar os olhos da saia azul que ela vestia e contornava sua bunda.

— Eu tinha que ter feito uma aposta. Estaria rica agora — Lizzie falou, chamando minha atenção, mas eu não respondi. Balancei a cabeça, tentando segurar o sorriso, agradecendo por aquela ser uma noite de trabalho extra.



No meio da pista de dança, depois de ter deixado a garota que me pagou mil e duzentos dólares por um segundo encontro, fui em busca da minha próxima cliente.

Era divertido ver todos os olhares de desejo e fascínio que cruzavam com o meu naquele pequeno canto do inferno.

No final das contas, eu tinha sorte. Era eu quem as escolhia, era eu quem conduzia e ninguém desconfiava. Era assim como filho, como soldado, como amigo e como caçador. Ninguém nunca poderia me chamar de diabo

como ao meu chefe, mas com toda a certeza, eu não iria para o céu.

Andando entre a multidão que dançava, mal podia ouvir meus pensamentos, graças ao som alto, mas soube de imediato que a queria, quando a vi rebolando na pista de dança.

Sozinha, loira de cabelos curtos, usando um vestido curto de renda preta e mangas longas. Ombros à mostra, cintura fina e traseiro definido, era o meu tipo.

Rondei minha presa, ficando surpreso ao encontrar seu rosto com uma máscara igual a minha e ri. Ou ela também era garota de programa, ou só estava daquele jeito por não querer ser reconhecida.

Quem era ela?

Movido pela curiosidade, me aproximei por trás e comecei a dançar junto. Não demorou muito até que ela se encaixasse no meu ritmo e, conforme rebolava, me fazia imaginar como seria divertido estar com ela em um dos quartos escuros.

De repente, para minha completa surpresa, ela virou de frente para mim e me abraçou pelo pescoço.

Aquele tipo de contato só acontecia quando havia interesse mútuo.

Eu a segurei pela cintura, com firmeza, deixando claro que queria mais que uma dança.

Correspondendo, ela sorriu e aproximou a boca do meu ouvido.

— Não vai cobrar, vai? — Eu conhecia aquela voz, mas estava pagando para ver.

Sem esperar alguma reação minha, a garota me pegou pela mão e me arrastou para um dos quartos escuros disponíveis.

Foi rápido, e eu desconfiei que ela tivesse decidido isso desde o nosso último encontro.

Assim que a porta se fechou atrás de nós, ela me colocou contra parede com brutalidade e, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, arrancou minha máscara.

— E eu achei que você era bom nisso. — Ela riu e eu fiquei parado, quieto, esperando para saber qual era o jogo da vez.

Com minha máscara na mão, ela caminhou para a cama e se sentou, cruzando as pernas.

— Caí na sua armadilha — confessei.

— Vocês, homens, são criaturas cheias de ego. É fácil demais entender o padrão. — Ela deu de ombros, como se estivesse entediada.

Andei até ela, com o olhar fixo no seu, e tentei manter minha melhor postura.

— Então está me observando há algum tempo — concluí.

— Estou — ela admitiu. — Não me envolvo com gente que não sei o histórico, e o seu... O seu é uma bela surpresa. — O sorriso que Kira deu fez algo dentro de mim vibrar.

— Então, você quer se envolver comigo? — Me inclinei na direção dela.

— Por qual outro motivo eu deixaria você tocar em mim, como lá fora? — Ela não se encolheu, na verdade, veio mais para perto, o rosto a centímetros do meu.

— E como será? Você quer pagar?

— Quando terminarmos, acho que será você quem vai ficar me devendo — ela respondeu, conforme seus olhos desviavam dos meus para olhar minha boca.

E sem saber se era aquela sua expectativa, peguei Kira pelo pescoço com as duas mãos e avancei em cima dela, colocando seu corpo para baixo na cama, enquanto a beijava, sabendo que aquilo poderia dar uma merda gigantesca, mas disposto a ir até o fim, já que eu havia virado a caça e ela era a caçadora da vez.

Kira mordeu minha boca e eu puxei a cabeça para trás, me livrando de seus dentes. Suas mãos vieram sobre as minhas e ela tentou me tirar de cima dela, mas não deixei. Eu não era o cavalheiro dos treinos enquanto fodia.

Forcei o corpo dela para baixo e ri quando suas mãos tentaram me controlar. Com dificuldade, coloquei suas mãos para cima e a preendi, segurando seus braços acima da cabeça.

— Acha que pode me controlar? — ela perguntou, com a voz baixa, o peito subindo e descendo pelo esforço, seu corpo quente contra o meu.

— Acho que você quis brincar com fogo e vai sair queimada. — Foi tudo o que respondi, antes de beijar seu pescoço e apalpar seu seio sobre o vestido com a mão livre.

Kira não usava sutiã e pude sentir o mamilo intumescido contra o tecido, ficando tão duro quanto podia estar. Massageei seu seio com mais força ao mesmo tempo que descia a língua por seu pescoço e ela puxou o ar entre os dentes.

O barulho me excitou.

Em um movimento rápido, me ajeitei na cama, ficando sentado e puxei Kira para o meu colo, segurando em sua bunda, conforme ela me prendia com suas coxas. As mãos

nos meus ombros eram firmes e a iniciativa de me beijar novamente foi dela.

Com Kira perfeitamente ajeitada sobre mim, puxei o zíper de seu vestido, com pressa, descendo o tecido sem nenhuma gentileza por seu corpo com sua ajuda, pronto para devorá-la, assim que pudesse, e eu o fiz, assim que seus seios ficaram livres, deixando sua boca de gosto suave para trilhar um caminho sem volta por seu queixo, pescoço e colo, fazendo questão de marcar o meio dos seios dela com um belo chupão, antes de avançar para abocanhar o mamilo esquerdo, duro e rosado, destacado na pele branca e macia.

Kira me apertou contra si e entrelaçou os dedos em meu cabelo, forçando meu rosto contra o seu corpo, enquanto o quadril se remexia no volume do meu pau, fazendo os tecidos das roupas serem o pior tipo de prisão possível.

Como se beijasse sua boca, suguei, lambi e brinquei com o seio dela, até que Kira me afastou. Caindo na cama, ela se livrou do restante do vestido, revelando uma calcinha vermelha tão pequena, que mal aguentou quando eu a puxei com mais força, rompendo as laterais, fazendo o tecido cair.

Ela não disse nada, apenas avançou para cima de mim, arrebentando os botões da minha camisa em resposta e, ao mesmo tempo que eu me livrava da peça, a garota que usava uma peruca loira me livrava das calças.

Não demorou muito para estarmos nus, nos beijando, logo depois de eu me livrar dos sapatos, em uma fúria que eu raramente sentia vinda do outro lado.

A porra do fogo que eu vivia sentindo parecia ser muito bem correspondido por Kira.

Puxei-a pela cintura, colocando a garota sentada na cama e me ajoelhei no chão, entre suas pernas.

— Arranca essa droga de peruca — ordenei, enquanto segurava o corpo dela levemente inclinado, me dando acesso livre para beijá-la e marcá-la o corpo todo.

Kira obedeceu e logo o cabelo castanho avermelhado comprido surgiu.

Olhando seus olhos azuis sob a máscara, desci por seu abdômen, passando a língua por seu corpo que cheirava a baunilha e algo que eu não sabia identificar, e logo cheguei ao púbis liso e quente.

Ela não teve vergonha, na verdade, Kira pousou a mão na minha cabeça e me pegou pelos cabelos, com

firmeza, olhando nos meus olhos, conforme me colocava como queria.

— Me chupa, cachorrinho — ela pediu, e eu não esperei uma segunda ordem. Ergui suas coxas sobre os meus ombros e enterrei a cara em sua boceta quente e molhada.

O corpo dela estremeceu por completo quando dei a primeira lambida.

Preenchi minha boca com a sua carne e a suguei de leve, torturando-a de propósito, a abri para mim, com ajuda dos dedos, e comecei os movimentos, indo e voltando com a língua toda, bem devagar, querendo ver a ruiva enlouquecer aos poucos.

Eu era mestre naquilo e fazia Kira se arrepender de me provocar naquele nível.

Senti a puxada mais forte no cabelo, segui a indicação do que ela queria e onde ela queria, focando em chupá-la com vontade, aumentando o ritmo aos poucos, vendo-a abrir cada vez mais as pernas, remexendo o quadril contra o meu rosto, gemendo, enquanto eu metia a língua dentro dela e distribuía a prova do meu trabalho bem feito por sua boceta.

Com os dedos, toquei Kira por fora, ao mesmo tempo que sugava seu clitóris, e parei o dedão bem na entrada de

sua boceta. Ela forçou o corpo, querendo que eu entrasse, mas não obedeci. Fiz alguns movimentos circulares bem na entradinha dela e, no último segundo, sentindo meu dedo escorregadio, avancei para seu cu, intensificando as chupadas, conforme começava a brincar lá.

Foi enfiando meu dedo em Kira e sugando sua bocetinha, que ela gritou, me apertando contra si, se esfregando contra o meu rosto, parecendo não querer que o orgasmo acabasse.

Olhei para cima, vendo a obra de arte que era aquela filha da puta gozando, o corpo todo sofrendo dos espasmos, os olhos fechados, a boca entreaberta, o último gemido mudo, conforme a cabeça se deitava para trás e um sorriso aparecia em seu rosto.

— Cachorrinho obediente — ela disse, me puxando pelos cabelos, com força, me obrigando a ficar em pé. — Agora, é minha vez.

Ela não enrolou, caiu de joelhos à minha frente e avançou com a boca em meu pau, sem esperar nenhuma ordem.

Sua boca era quente e ela sabia o que estava fazendo, começou abocanhando minhas bolas, enquanto acariciava a cabeça do meu pau com a mão fechada em

punho. Minhas pernas fraquejaram por um momento e eu precisei respirar fundo, para me manter no lugar.

— Vai, vadia, me chupa. — Ela sorriu quando me ouviu xingá-la e eu encarei o teto, com medo de gozar só com ela lambendo a extensão do meu pau.

Kira gostava de xingar e ser xingada no sexo, gostava de brutalidade e eu jamais teria imaginado aquilo.

Enrolei a mão nos cabelos dela, assim como ela havia feito comigo, e segurando firme, forcei meu pau contra sua boca, logo que ela o encaixou entre seus lábios.

Ela não reclamou quando a empurrei para trás, apoiando sua cabeça contra a cama, e coloquei as mãos em seu pescoço, antes de foder sua boca com força, sentindo meu pau tocá-la na garganta, enquanto eu a encarava.

Seus olhos não deixaram os meus e ela não usou as mãos, nem quando vi lágrimas surgindo. Kira me chupou com pressão, passou a língua pela cabeça do meu pau, brincando com o meu juízo quando deu atenção especial aquela área, principalmente ao freio e depois roçou os dentes dali até a base, perto das bolas.

— Isso, putinha. Engole tudo — pedi, tentando me segurar ao máximo, enquanto ela, mesmo com o pau quase todo na boca, passava a língua por ele.

Ela fez aquilo mais algumas vezes e eu não aguentei.

Quando o tirei de sua boca, Kira cuspiu nele e me olhou, como se fosse a pessoa mais submissa deste mundo, coisa que eu sabia que não era.

— Como vai foder sua putinha? — ela perguntou, ainda de joelhos, com as mãos sobre as coxas, o colo e os peitos cheios de saliva.

Completamente louco por vê-la daquele jeito, a coloquei de pé e me afastei para poder pegar uma das camisinhas disponíveis no quarto.

— Aonde vai? — ela perguntou, me puxando de volta. — Eu vi seus exames, você sabe dos meus, eu me protejo, não precisamos daquilo.

E sem questionar, pela primeira vez na vida, eu não insisti em usar camisinha.

Queria muito sentir meu pau sendo engolido pela boceta dela, pele contra pele, sem nada para atrapalhar.

— Se é assim que quer brincar. — Voltei para ela, já puxando Kira para o meu colo, encaixando meu pau em sua entrada e me enterrando dentro dela.

Sua boceta escorregou sem nenhuma dificuldade e, assim que entrei até o talo, ela me apertou por completo, conforme gemia contra minha boca.

— Me fode, me fode com força — ela pediu e eu obedeci, porque, no final das contas, eu precisava de uma distração e Kira havia se mostrado, até então, a melhor delas.

Com as mãos fincadas em sua bunda, sentindo seus seios contra meu peito, eu a forcei para cima e para baixo, entrando e saindo dela, conforme seus gemidos e xingos vinham sem parar.

Ela só não me chamou de santo, porque até em outras línguas, ela chegou a falar.

Kira cansou da posição e me deu batidinhas no ombro, para que eu a descesse e eu obedeci.

Assim que ela tocou o chão com os pés, me deu um puxão, me colocando na cama e me surpreendendo, se sentou em cima de mim, ainda sem estar onde deveria, me deu um tapa forte na cara e se curvou para beijar minha boca.

— Vou te ensinar como se faz um homem gozar de verdade. — Eu quis rir.

Era minha missão fazer mulheres ficarem com as pernas bambas. Aquela seria a primeira vez que o jogo se inverteria.

Assisti a Kira segurar meu pau e encaixá-lo nela, forçando o quadril para baixo, devagar, sentindo toda a grossura contra a boceta macia e apertada e, assim que ela sentou até o final, começou a repetir aquilo, cada vez mais rápido, até que eu a curvei para frente, forçando-a deitar contra mim e segurei seu corpo, firme, conforme erguia as pernas e começava a fodê-la, com força.

Kira gritou e eu ri.

— Acho que sou eu que vou te ensinar como é que se tem uma boa foda, cachorra. — E dando um belo tapa em sua bunda, inverti as posições, colocando Kira embaixo de mim. Me enterrei nela tão fundo, enquanto beijava seu ombro e segurava em seu pescoço, que ela não teve tempo de pensar em nada.

— Filho da puta! — ela me xingou, e eu ri, mordiscando sua orelha, sentindo o cheiro de seu cabelo e seu perfume.

— Xinga mais — pedi, travando seu corpo quando vi que ela queria descer uma das mãos para o meio das pernas. — Hoje, você vai gozar só com o meu pau.

Ela tentou lutar, mas depois de quase cinco minutos, Kira estava de quatro, com a cara enfiada na cama, conforme eu segurava suas mãos e a fodia com força. Minhas bolas batiam contra sua boceta, ela parecia tão

apertada daquele jeito, que parecia expulsar meu pau toda vez que eu me encaixava dentro dela até o talo, e não demorou muito para eu ter vontade de gozar.

Sabendo que ela me atacaria, me retirei de dentro dela e larguei suas mãos, só querendo tempo de respirar, antes de ela vir para cima de mim.

Dito e feito, Kira veio me batendo na cara e me beijando, logo em seguida. Eu fiquei de pé, ela também. A peguei com força pela cintura e a coloquei em cima do aparador de madeira e ela me envolveu com suas pernas.

— Pede — falei baixo, descendo a boca por seu pescoço. — Pede para eu gozar dentro de você.

— Caralho — ela pediu, com as mãos contra a minha cintura, me forçando para dentro dela. Eu obedeci, fodendo Kira com tanta força, que o aparador batia contra a parede, conforme os movimentos de vai e vem aconteciam. — Goza dentro de mim, por favor, me marca, me enche de porra, safado — ela pediu, e segurando-a, massacrando a carne macia de seu seio com a boca, quando a boceta de Kira apertou meu pau junto dos espasmos de seu corpo e os gemidos dela, eu não aguentei mais e a obedeci, gozando fundo dentro dela, tão forte, que precisei me segurar na mesa ou ia acabar de joelhos no chão.

Ambos estávamos suados, cansados e respirando com dificuldade, mas eu não conseguia tirar o olhar do dela e reparar em como Kira tentava segurar o riso.

Ela esperou alguns minutos em silêncio, me empurrou e colocou os pés no chão. Se enfiou no vestido, calçou os saltos e veio até mim, para que eu subisse o zíper.

Querendo rir, fiz o que ela queria e a observei, enquanto a garota ajeitava o cabelo, e não acreditei quando ela foi em direção à porta.

Ela ia sair sem dizer nada.

— Kira — chamei, ainda pelado, com os braços cruzados.

— Quer que eu pague? — ela perguntou, ácida, sem olhar para trás, ainda com a mão na maçaneta.

— A primeira foi cortesia da casa, na segunda o pagamento não será em dinheiro. — Ela me olhou sobre o ombro e sorriu.

— Se contar para alguém o que aconteceu aqui, soldadinho, eu te mato. — E logo em seguida abriu a porta, saindo, me fazendo respirar fundo, não acreditando no que havia acabado de acontecer.



CAPÍTULO 7

*É uma loucura quando
O que você mais ama em algo é o dano que isso traz
Pense um pouco nisso
Você pode pensar de novo
Em quando a mão que você quer segurar é uma arma
e
Você não é nada além de pele*

GRAVEYARD, HALSEY.

ELIZABETH

Era engraçado em como passei a vida toda sem entrar em um avião e, de repente, me via dentro de um, quase toda semana.

Era minha primeira vez na Califórnia e graças a uma briga de última hora com Louis, eu tinha me atrasado para o voo e embarquei sozinha, com a supervisão de Henry, até entrar no avião e a de Zola, me esperando com cara de sono, logo que me encontrou no aeroporto.

— Está tudo bem? — ele perguntou, depois de eu roubar um abraço.

— Não sei. — Suspirei. Sinceramente, nunca mais soube responder àquela pergunta com precisão. Eu estava bem? Desde quando não estava? Não sabia.

— Só me diga que não se atrasou por conta de parar no Burger King de novo... Você vive tendo dor de barriga quando come o lanche deles. — Zola conseguiu me arrancar um riso e eu me afastei dele.

— Idiota. Claro que não. A culpa dessa vez foi do seu chefe, Golden Boy.

— Problemas no paraíso? — o soldado me perguntou, me encaminhando para pegar a mala que eu havia despachado.

— Só para variar. — Tentei sorrir, mas não consegui ser verdadeira e cruzei os braços, esperando minha mala surgir. — Louis está reclamando sobre eu não dar atenção a ele, disse que toda vez que vai me procurar, eu estou agarrada ao computador ou não estou em casa quando ele chega e, conseqüentemente, ele viaja, eu viajo e...

— E isso não é uma demonstração de afeto?

— Eu acreditei nisso nos primeiros quinze minutos de briga, até entender que era porque eu ando rejeitando

transar com ele algumas vezes... Eu ando cansada com tanto trabalho e às vezes só quero me enfiar na cama e dormir quietinha. Já sentiu isso? — Zola pareceu tão compreensivo, que me senti sortuda por tê-lo como amigo.

— Claro... Tem dias que você não *tá* no clima, certo?

— Exatamente! Mas acabamos quebrando o pau e saí de casa, com vontade de socar a cara dele, só para variar. Minha mala é a verde — avisei, quando a avistei na esteira e Zola foi buscar.

— Ok, e qual foi a conclusão?

— Joguei na cara dele que ele só me quer para ser a boneca inflável teimosa. Falei que se ele estava achando ruim alguns dias sem sexo, que ele se preparasse para o próximo mês sem nada. — Foi quando Zola caiu no riso.

— E você aguenta?

— Não sei, mas vamos tentar. A prática leva à perfeição. — E eu esperava que alguma hora Louis enxergasse que éramos muito mais do que um casal que transava numa quantidade de vezes que, talvez, não fosse saudável.

Zola me levou para tomar café, depois iríamos para a livraria onde seria feita a leitura de alguns trechos do meu livro, uma sessão de autógrafos, e depois eu estava

liberada para fazer o que quisesse, e aquilo, sim, era um problema.

Eu tinha tanta coisa para fazer, tanta responsabilidade nos ombros, que não sabia por onde começar. Tinha dever do curso de Inglês que eu estava fazendo, um trabalho do curso de Administração, alguns originais da editora para dar uma olhada e meu próximo livro para continuar escrevendo.

Às vezes, eu abria os olhos e ficava na cama olhando para o quarto escuro, enquanto Louis me abraçava, pensando em como seria não ter nenhuma daquelas obrigações.

Era bom ter meu sonho sendo realizado?

Sem dúvida alguma. E eu me sentia culpada e mal agradecida por ficar tão desanimada, mas eu não podia evitar. Aquela sensação era maior do que qualquer vontade de comemorar e tudo ficava pior com o gosto amargo de ser um erro. Eu não merecia nada daquilo, só tinha as coisas sendo como eram por causa do tropeço que dei em Louis e o medo de não dar conta me consumia. Fingir que tudo ia bem e dar o meu melhor, parecia não estar sendo o bastante, ainda mais para o homem que parecia dar conta de tudo à sua volta, na sua obsessão louca por controle.

“Não gostei de como terminamos a conversa.” — Foi a mensagem que recebi dele, antes de começar a sessão de autógrafos.

— Lizzie, você vem? — Kira perguntou, mostrando a fila que se formava para que eu assinasse os livros.

— Já vou, só um segundo — pedi, e respondi a mensagem.

“E eu não gosto de como isso anda. Preciso de você sendo meu apoio, meu parceiro. É ótimo saber que você me acha sexy e me deseja, além do considerável saudável, mas não dá. Estou cansada demais de tentar me encaixar na vida que você montou para mim.” — E, respondendo aquilo, larguei o celular com Zola e segui.

Giovanna distribuía sorrisos para a tela do celular, sentada em uma das cadeiras onde os leitores estavam para me ouvir lendo e, mais uma vez, me peguei pensando na diferença que havia entre ela e o irmão.

Quando tudo acabou, fechei os olhos por um segundo, agradecendo ao universo, Deus, ou qualquer um que fosse responsável pelo meu livro estar indo tão bem, e respirei fundo.

— Ótimo! Quem vai comer comigo? Estou morta de fome e quero saber quantos livros vendemos, como será

amanhã e se podemos aproveitar para marcar algo com aqueles dois escritores de não ficção que moram por aqui. Falaram que trazer um livro deles agora seria bom.

— Sei de quem você está falando. — Kira passou por Zola, vindo em minha direção e eu notei como ele a seguiu com os olhos. — Posso marcar para esta semana, sem dúvida alguma, e você faz sua mágica de dizer como ser escritora é legal e blá-blá-blá. — Minha assistente estava mais parecida do que nunca com Louis. — Depois, apresenta o modelo de contrato novo para eles e deixa comigo. Sobre comer, estou faminta e tem um restaurante perto do hotel que é muito bom.

— Ah, eu vou tentar ver Matteo — Giovanna falou, sem tirar os olhos da tela.

— E é com ele ou com seu noivo que está conversando? — perguntei.

— Bartek — ela me respondeu, no automático.

No fundo, estava feliz de vê-la tão encantada com o homem com o qual passaria o resto da vida, porém, odiava ver quão volúvel Giovanna parecia.

Bastou o cara aparecer com presentes e uma postura superamável, que ela já estava mergulhando de cabeça. Se bem que, eu não era ninguém para julgar, não é?

Respirei fundo e concluí, depois de mordiscar o canto interno da boca:

— Kira, Zola, vocês vêm?

— Eu vou, mas saio mais cedo. Preciso fazer algumas coisas para Louis — Kira disse, já pegando sua bolsa.

— Eu estou na sua cola — Zola respondeu. — Deixamos Giovanna com Matteo, depois seguimos para o restaurante. — Era a ordem do dia e ninguém se atreveu a discordar.



O almoço foi esquisito. Zola e Kira se olhavam de um jeito estranho e não conversavam entre si diretamente. Me incomodou e, assim que minha assistente se levantou, dando ordens diretas de que eu deveria descansar aquela tarde, coloquei Zola contra a parede.

— O que está acontecendo? O que foi que eu perdi?
— O choque no olhar dele me entregou que eu não estava errada.

— Do que você está falando?

— Ah, me poupe. Você e Kira, o que está acontecendo?

— Nada, acho que você está vendo coisa onde não tem. — Foi demais ver Zola fugindo.

— Claro... — Cansada de discutir, louca para ficar sozinha, me inclinei na mesa e falei baixo: — Só vou dizer para você não ser idiota. Kira é ótima, vocês fariam um puta casal e isso é melhor do que você viver à espera de qualquer migalha de Giovanna. Já que ela não o enxerga como deveria, aproveite quem te vê. — E, sem mais, ergui a mão, pedindo a conta.

Assim que encostei a cabeça no apoio da banheira do hotel, respirei fundo e tentei relaxar cada um dos músculos do meu corpo. Doeu. Principalmente a região dos ombros.

Era daquele jeito, desde o dia em que Louis levou um tiro. Desde que a possibilidade de o perder para sempre passou por mim, tão real que eu não soube o que fazer, senão tudo o que pudesse para mantê-lo bem e comigo.

Eu o amava. Sabia disso com cada célula, cada centímetro de pele e queria acreditar com tudo o que eu era, que um dia que fosse, ele pudesse ser capaz de me retribuir o sentimento nem que fosse dez por cento.

Era realmente doloroso ouvir que ele ainda não estava apaixonado.

Todo “ainda não” que saía da boca dele me cortava em pedaços tão doloridos, que se eu já não tivesse vivido o inferno na terra, teria colocado aquela dor acima de todas as outras.

Foi pensando em como nós víamos nossa relação de pontos tão diferentes, que ouvi as batidas na porta. Foram gentis no começo, mas logo passaram a batidas fortes. Me levantei da banheira e mal me enrolei na toalha, molhando o quarto todo até a porta.

— Quem é? — perguntei, estranhando Zola não ter chamado.

— Abra, bambina. — A voz dele fez algo dentro de mim congelar.

No automático, abri uma fresta da porta e o encarei por ali.

— O que está fazendo aqui? — perguntei, com a voz baixa, não querendo começar mais uma briga.

— Abra a porta, me deixe entrar. — A expressão dele não era de quem queria brigar e eu permiti.

Louis entrou, invadindo a porra do quarto com seu cheiro de outono, cabelos penteados para trás, barba bem feita e seu terno preto. Ele fechou a porta e deu dois passos em minha direção. Os olhos castanhos queimando

em mim, enquanto eu segurava a toalha que havia enrolado de qualquer jeito no corpo, tentando cobrir meus seios, pelo menos.

— O que veio fazer aqui? — repeti a pergunta.

— Vim ficar com você e... — Ele respirou fundo e recolheu a mão que vinha na minha direção. — Se não quer foder, vá colocar suas roupas.

— Como é? — Quase não acreditei no que ouvia.

— É isso. — Ele passou as mãos pelos cabelos, suspirou e, por um breve segundo, vi sua língua passear de um canino ao outro. — Estou aqui para você. Se não para transar, para qualquer outra coisa que você queira.

Demorou alguns minutos para eu entender o que ele dizia.

— Uau. — Foi o que consegui colocar para fora. — Quem é você e o que fez com Louis? — Ele riu da minha pergunta.

— Ainda sou eu — ele disse, com firmeza, e então a voz ficou profunda e baixa, como se ele tivesse dificuldade de dizer aquelas coisas —, mas desta vez, fazendo minha parte como seu namorado, tentando ser decente pela primeira vez na minha vida, porque sinto muito mais a sua falta do que posso admitir.

Sorrindo, me joguei contra ele, sentindo que havia ganhado uma das batalhas naquela maldita guerra em que vivia.

Louis segurou meu corpo molhado, escorregando uma mão para o meu traseiro, conforme segurava meu rosto com a outra.

— Eu mandei você colocar uma roupa, caso não queira foder — ele repetiu.

— É, eu ouvi. — E, rindo, juntei a boca com a dele, selando nossos lábios por um segundo. — Mas agora, é o que eu quero. — Sem que ele tivesse chance de fazer qualquer outra coisa, beijei Louis com tudo o que eu era, colocando para fora todos os meus demônios, sabendo que, por mais incerto e confuso fosse, não havia outro lugar no mundo para mim a não ser nos seus braços.

Quando terminamos, eu tinha o quadril dolorido pelo aperto das mãos dele e uma marca gigantesca de sua boca na base do pescoço.

— Precisava disso? — brinquei, enquanto me deitava de frente para ele.

— Precisava. Não havia mais nenhuma marca minha no seu corpo. — Ele acariciou minha bochecha, sem sorrir. — Você fode minha mente, Elizabeth. É a primeira pessoa que tem esse poder e eu não sei lidar com isso.

— Queria que fosse mais fácil — confessei, e desviei os olhos dos dele. — Eu estava pensando sobre o dia em que você ganhou isso. — Passei os dedos por cima da cicatriz em seu ombro. — Em como me senti com a possibilidade de perder você.

— Isso? Não foi nada. — Ele puxou meus dedos para os seus lábios.

— Foi. Pra mim, foi muito. Não quero perder você, Louis. Mesmo com tudo contra, com todas as indicações de que você é o pior filho da puta que já cruzou o meu caminho, mesmo sabendo que nós juntos somos como uma bomba-relógio prestes a explodir e fazer poeira do meu coração, eu amo você e não consigo lutar contra, mesmo tentando muito.

— Nós já sabemos quem atirou em mim, bambina. Em breve, ele vai pagar e você não vai precisar ter medo de mais nada. — Ele puxou meu rosto para o dele, me obrigando a encará-lo. — E eu nunca amei ninguém, você sabe, porém, garanto que se pudesse escolher, seria você.

E mesmo não entendendo o quão masoquista eu precisava ser comigo mesma, para aceitar as migalhas dele, me encolhi contra seu peito, mergulhando em seu cheiro, seu calor, sua presença e toda a escuridão que envolvia Louis e parecia me cegar.



CAPÍTULO 8

*Às vezes eu me sinto tão fria
Como se eu estivesse esperando
Em volta totalmente sozinha
Solidão envelhece tanto
Estou nos achados e perdidos
Sentando na prateleira
Tenho ficado presa por muito tempo
Mas eu ouço Sua voz
Você é com quem eu estou contando*

FOREVER, FIREFLIGHT.

GIOVANNA

— Matteo, per Dio, apre la porta! — reclamei, depois de mais de cinco minutos em pé em frente à porta do apartamento dele.

— Ciao, sorellina — ele disse, surgindo de repente numa fresta. Os olhos claros trazendo a sombra do sorriso em seu rosto. — Por que não me avisou que vinha mais cedo?

— Tentei te ligar várias e várias vezes. Está ocupado?
— perguntei, tentando ver dentro do apartamento pela fresta, mas ele não deixou. — Matteo... — falei, em tom de bronca.

— Sabe que muitas modelos passam por aqui, não?
— Ele riu sem jeito. — Me dê cinco minutos para que essa possa, pelo menos, colocar as roupas.

— Ai, credo — reclamei, fazendo cara de nojo. —
Façamos assim, te espero lá embaixo, na garagem, você desce quando estiver pronto.

— Perfeito. — Ele sorriu do jeito cafajeste que todas pareciam amar. Meu irmão era lindo. — Aqui está a chave, não se atreva a tentar tirar meu carro da garagem sozinha.

— Eu já sei dirigir... E se você demorar mais que dez minutos, vai me encontrar no banco do motorista — falei, já dando as costas a ele, chamando o elevador novamente.

Meu celular não parava de vibrar, graças às notificações que chegavam o tempo todo. Bartek e eu estávamos conversando sobre a diferença das Famílias e ele me fazia rir a todo o momento, quando pedia uma foto minha e me elogiava. Eu começava a gostar dele me chamar de passarinho o tempo todo, era bonitinho e algo nosso. Uma boa forma de iniciar, acreditava eu.

Zola estava esquisito, o que me irritava profundamente, mas não havia um momento oportuno para encontrá-lo sozinho e fazê-lo falar o que estava acontecendo. Já Giordana estava completamente chateada por eu estar viajando tanto, enquanto ela estava estudando até o cérebro não aguentar mais, em um programa avançado de férias.

“Você será a melhor médica do mundo” — respondi para ela, enquanto me sentava no banco do motorista do carro de Matteo, tendo certeza de que ele demoraria demais. **“Se você me prometer tirar um final de semana, podemos vir para cá aproveitar o sol.”**

“Você terá tempo, agora que seu noivo parece tão disposto em te conhecer melhor?”

“Podemos trazê-lo também. Seria demais uma viagem assim, não?”

“Prefiro nós duas, enquanto ainda temos tempo para sermos só isso. Preciso ir, o horário de almoço acabou.” — E, assim que Giordana parou de enviar mensagens, voltei a responder Bartek.

“O que está fazendo agora?” — ele me perguntou.

“Encontrei com Matteo, vou almoçar com ele, porém, pelo atraso, ganhei a chance de dirigir o carro

queridinho” — respondi e logo em seguida mandei uma foto minha segurando o volante.

“Então minha noiva gosta de dirigir?”

“Raramente faço, mas gosto. Prefiro dirigir quando estou com meus pais.”

“Hm... E isso acontece com que frequência?”

“Menos do que eu gostaria... Não tenho ido muito para lá. O Nebraska é muito solitário às vezes.”

“É como me sinto sem você na cidade.” — Assim que a mensagem chegou, meu coração derreteu e na animação, dei soquinhos no volante.

“Volto daqui a dois dias... Você quer fazer alguma coisa?”

“Qualquer coisa com você, passarinho.”

— Posso saber por que te vi socando meu carro? E por que está no banco do motorista? — Matteo me deu um susto enorme ao falar tão próximo ao meu vidro.

— DIO SANTO! Quer me matar, é? — perguntei, procurando o celular que havia caído da minha mão. — Eu vou dirigir. Ninguém mandou demorar tanto, você sabia que eu vinha para a cidade, devia ter me esperado, como um bom irmão.

— Giovanna, vaza desse banco — Matteo disse, abrindo minha porta com a cara de bravo que me assustava quando eu tinha dez anos.

— Acha mesmo que isso ainda funciona? — perguntei, segurando o riso. Achei meu celular e puxei a porta, fechando-a de volta e apertando o botão da ignição. — Entre logo no carona ou, então, eu vou sumir com seu carro pela cidade.

Matteo apertou os olhos, suspirou e abriu um sorriso.

— A caçula mimada é a pior mesmo.

— Não sou a caçula, temos Frederico. — Lembrei-me de meu irmão.

— E ele não dá metade do trabalho que você arranja. Se vai dirigir, coloque o cinto e ajuste os espelhos, agora. — A ordem foi dada antes de ele dar a volta no carro para entrar no passageiro. — Tenho seguro, mas evite problemas, ok?

— Certo, capitão. Aonde vamos almoçar?

— Só quero tomar uma cerveja e comer um bom hambúrguer, ou seja...

— Vamos ao Mark's! — E, feliz da vida, saí com meu irmão para o meu lugar favorito naquela cidade.

O Mark's era uma lanchonete pequena, perto de uma delegacia, e o tempo todo a polícia estava por lá. Na época em que morei na Califórnia, todos os cafés da manhã de domingo eram ali, papai me deixava comendo meus waffles com Frederico e ia negociar com os guardas na mesa ao lado.

Eu sabia que ele estava trabalhando e nunca o importunei, graças a isso, Mark, o dono do lugar, sempre dava sorvete extra para mim e para meu irmão mais novo.

Assim que entrei pela porta, o sino tocou e o cheiro de bacon fez meu estômago roncar.

— Hey, Mark, olha quem apareceu — meu irmão disse, e o homem já de meia-idade que virava a carne na chapa, olhou sobre o ombro.

— Olha só! O anjinho está enorme! — Parecendo feliz por me ver, ele abriu um sorriso. — Por que não se sentam na mesa de sempre? Eu já vou lá.

— Perfeito! — Matteo exclamou, me guiando pela cintura para a mesa do fundo, perto da porta de saída. Era sempre assim, porque, caso desse algum problema, nós sairíamos pelos fundos.

— Mark reformou o lugar — falei, notando o estofado novo e as luminárias modernas sobre as mesas. — Ficou muito bom.

— Ele ganhou uma bonificação, falei que ele precisava investir — Matteo explicou, esticando o braço no encosto do sofá. — E então, vai me contar como andam as coisas na cidade que nunca para? — ele brincou.

— Como se você não soubesse, não é? — Me fiz de rebelde por um breve segundo e me afastei da mesa, quando a garçonete chegou com uma cerveja e um milkshake.

— Mark mandou entregar e disse que já vem. — E, piscando para meu irmão, ela se afastou.

— Eu sei dos negócios, Giovanna. Mas quero saber como está minha irmã caçula. Como você está com o noivado? A festa foi muito boa, uma pena que você não soube ignorar Felippo e Natasha.

— Ah, você também notou? — lamentei, decepcionada comigo mesma. — Já ganhei uma bronca de Louis por isso, de Giordana também. — Encolhi os ombros e me curvei sobre a mesa, mexendo no canudo da minha bebida. — Você não sabe como é, saber que terá tudo e de repente... Nada. Não que eu tenha algo a reclamar de agora. Bartek é ótimo, gentil, atencioso e se esforça muito para que eu me sinta bem ao lado dele, mas...

— Mas você cresceu acreditando que se casaria com Felippo.

— É. — Olhei nos olhos do meu irmão. — E mesmo que eu tente, que eu passe o dia distraída, é só me deitar na cama que a vontade de chorar vem, tudo por saber que nada nunca será como eu planejei.

— Então, você não concorda com as decisões de Louis. — Ele chegou ao ponto principal.

— Louis passou os últimos meses me mimando, como nunca, tentando me convencer que fez o correto, e você sabe que eu confio minha vida a ele, mas...

— As peças não encaixam, certo? — Matteo colocou as mãos sobre a mesa e entrelaçou os dedos nos meus, enquanto eu concordava com a cabeça.

Ouvir aquilo vindo dele fez com que minha máscara se rachasse. Eu estava me esforçando ao máximo, mas tudo ainda doía muito e era cansativo ver o olhar de impaciência no rosto dos outros. Sentia que eu era suportada, que ninguém queria ficar perto do bebê chorão que eu havia me tornado e não queria mais passar essa impressão, não queria mais me sentir tão vulnerável.

— Você sabia? — perguntei ao meu irmão. Era a primeira vez que nós tínhamos um momento a sós, desde toda a confusão.

— Sabia. Louis e Aleksander Schevisbiski são amigos de longa data, Bartek e você fariam um bom elo entre as

Famílias, fora que o negócio deles nunca parou de crescer.

— E com o que eles mexem? — Me atrevi a perguntar o que nunca tive interesse em saber.

Matteo lambeu os lábios e desviou o olhar para sua mão na minha.

— Você não gostaria de saber e eu prefiro não te contar, pelo menos, agora. Você está conhecendo seu noivo, prefiro que ele te introduza nisso, porém, independente do negócio deles, você será sempre a minha prioridade.

— O que isso significa? — Meu irmão voltou a olhar nos meus olhos.

— Significa que não importa o que Louis e a Dark Hand decidirem, se você me disser que não quer mais isso, no dia seguinte, não haverá mais noivado.

— Você faria isso? — A vontade de chorar fez minha garganta doer.

— Faria. Tenho muito orgulho de você, Gio. É a única mulher da nossa família e nunca nos colocou em vergonha, sempre foi um exemplo a ser seguido. Fora que sempre será minha caçula favorita, não conte ao Frederico. — O olhar dele entregava alguma gracinha, mas eu o ignorei.

— Eu amo você, irmão — falei baixinho, com lágrimas nos olhos.

— E eu amo você, caçula. E qualquer coisa que você precisar, conte comigo. — E como se eu ainda tivesse dez anos, ele tocou meu nariz e se afastou.

— O que o anjinho vai querer? O de sempre? Desde quando você não pisa aqui? — Mark apareceu, animado, ao nosso lado.

Limpei o canto dos olhos e sorri para ele.

— Tempo demais.



CAPÍTULO 9

*Eu sou ruim em amar
Mas você não pode me culpar por tentar*

BAD AT LOVE, HALSEY.

ZOLA

Em que merda eu tinha me metido?

Cansado, pronto para ir para casa, estava sentado no pequeno banco do lado de fora da sala de Louis, na empresa, onde eu quase nunca pisava. Kira não me olhava direito na cara, devia achar que eu estava fugindo dela, mas a verdade era que, depois da ameaça de morte, eu não sabia o que aquela mulher queria, ainda mais porque o nosso pós-foda foi ruim. Ela não me chamou mais para treinar e me olhava de um jeito ameaçador, o que dizia que eu não era mais bem-vindo para dividir a cama com ela.

Pelo menos, valeu a foda. E como valeu.

Rindo sozinho, notei o olhar dela na minha direção e fingi ver algo na tela do celular.

E por azar, tinha mesmo. Uma nova mensagem de Giovanna, perguntando quando é que eu poderia aparecer em seu apartamento.

“Muito trabalho, pequena.” — Foi o que me dispus a responder.

Giovanna andava louca com a ideia de precisar gostar de Bartek e achava que eu não percebia. O comportamento de quem havia se apaixonado instantaneamente era falso, tão falso quanto o resto da vida dela, mas eu não podia forçar. Era o que ela tinha na mão e fazia o melhor que podia. Por causa disso, eu achava uma bela benção somente eu ficar preso com a porra do beijo dela na mente.

Ninguém nunca saberia, mas o primeiro beijo dela era meu e não havia nada no mundo que pudesse roubar aquilo de mim.

— Zola? — A porta do escritório se abriu e Louis me chamou. — Entre.

Obedeci ao meu chefe, ficando em pé, sentindo o olhar de Kira queimando em mim e entrei na sala.

O escritório de Louis era amplo, muito claro e organizado. Ele se sentou na cadeira de couro claro atrás de sua mesa e eu me sentei na cadeira em frente à mesa que ele indicou.

— Devo começar te agradecendo por me ajudar com Elizabeth. Sua dica de como reverter a situação foi muito útil.

— Estou aqui para isso, senhor — respondi, me sentindo levemente traída.

Louis sempre me usava para saber sobre Elizabeth, para fazer seu jogo correr certo e eu não tinha outra opção a não ser ajudá-lo.

— Ótimo. Agora vamos aos pontos, seu pagamento foi feito com um bônus, está cuidando de Giovanna e Elizabeth e sabemos o quão problemático isso pode ser às vezes. Continue assim, que a bonificação será eterna. — Ele abriu um pequeno sorriso. — Sobre as novas ordens, eu não quero nenhum homem dos Matteucci junto de Giovanna, quando Giordana vir para a cidade, então, você esteja o tempo todo disponível para elas.

— E se Elizabeth precisar de mim, senhor?

— Nós daremos um jeito, reorganize as coisas, coloque alguém que você confia no lugar.

— Ok — concordei, já pensando em um bom nome.

— E outra coisa... — Louis se curvou sobre a mesa, se apoiando nos cotovelos. — O que minha irmã tem falado do noivo? Como vão as coisas?

— Giovanna parece empenhada em fazer as coisas darem certo e parece que Bartek também. Não convivi com ele o bastante ainda para poder dizer algo mais concreto, mas se houvesse algo de errado, eu saberia.

— Ótimo, Agliardi. — Ele balançou a cabeça. — Está livre para sua folga. Aproveite com sabedoria. — O sorriso que meu chefe me deu fez algo dentro de mim temer.

Louis devia saber o que eu fazia, mas aquilo era problema meu e de mais ninguém.

Saí da sala dele, sem olhar para o lado, seguindo direto para o elevador, enquanto segurava a alça da bolsa contra o peito, quando ao entrar na caixa metálica, encontrei Kira bem atrás de mim.

— Posso ajudar em algo? — perguntei, colocando a mão no sensor para que as portas não se fechassem.

O cabelo dela estava solto em ondas, os olhos claríssimos presos nos meus denunciavam algo que eu não conseguia identificar.

— Pode. Hoje à noite...

— Kira? — A voz de Louis soou alto e nós dois viramos para ver o chefe em pé, parecendo impaciente do outro lado.

— Estou indo — ela disse sobre o ombro, antes de me encarar novamente. — Até mais tarde, Agliardi. — A voz baixa e o olhar incriminador finalmente me deram a resposta que eu precisava.

Kira queria mais, e teria mais.

E talvez, eu devesse ir além também, já que a vida de todo mundo parecia seguir, menos a minha.

Aquela noite, eu já sabia o que esperar e quando cheguei à The Hell, me sentei no bar do segundo andar e esperei, bebendo a vodca com energético, que parecia descer congelando meu peito.

Recusei duas clientes novas e uma antiga. Fechei a cara, tentando espantar qualquer outra mulher ou homem interessado e quando olhei no relógio, não sabendo se ela viria, fiquei irritado.

Foi pedindo meu terceiro copo de bebida, que recebi dois toques no ombro esquerdo.

Já estava pronto para virar e dizer que não, mas para minha felicidade, era Kira. De máscara, como da outra vez, mas sem peruca. Usando um vestido vermelho, curto, tão apertado quanto o outro.

— Esse tem zíper? — perguntei, depois de fazer uma revista demorada com os olhos pelo corpo dela.

— Não — ela respondeu, sem sorrir. — Está pronto?

— Achei que você ia querer beber alguma coisa antes — comentei, virando com meu copo cheio de bebida, erguendo-o na direção dela.

— Não. — Ela balançou a cabeça de um lado para o outro, negando. — Nem você.

E tirando o copo da minha mão, Kira me puxou, fazendo com que eu me levantasse e seguisse junto a ela para um dos quartos de luz verde sobre a porta.

Assim que girei a chave na porta, não dei tempo de ela fugir. Peguei Kira pelos cabelos e a puxei contra a parede, prendendo seu corpo com o meu, mantendo meu rosto bem perto ao dela.

— Você me ignorou — reclamei, puxando seu cabelo sem nenhum cuidado, obrigando Kira a erguer a cabeça, liberando o pescoço perfumado para que eu a beijasse, conforme encaixava minha perna entre suas coxas.

— Você queria flores no dia seguinte? — ela perguntou, ácida. — Não é o meu estilo.

— Mas você voltou — constatei, antes de sugar sua pele e mordiscá-la no caminho da garganta.

— Me mate agora. — Ela riu baixo.

— Eu avisei que teria um pagamento, não? — Minhas mãos foram para sua cintura, segurando Kira com firmeza, antes de subir uma das mãos para acariciar seu seio.

— Eu tenho dinheiro — ela respondeu, rápido demais.

— Não quero seu dinheiro, garota. — Ri, subindo o rosto para a altura do dela, fazendo-a aspirar meu hálito e roçar a boca na minha. — E a brincadeira vai funcionar assim. — Sem avisar, virei o corpo dela violentamente contra a parede e a segurei com a mão em sua nuca, como se ela fosse um cachorro. — Nós vamos foder até você não conseguir mais andar, e quando terminar, você será obrigada a conversar comigo. — Parecendo gostar de como a coisa seguia, Kira espalmou as mãos na parede e empinou a bunda contra o meu pau, já quase completamente duro.

— Eu não converso — ela respondeu, parecendo se divertir.

— E eu não brinco em serviço. Essas são as minhas regras, é pegar — dei um beijo seguido de uma mordida em seu ombro e falei próximo de seu ouvido, tirando a mão do corpo dela e me afastando: — ou largar.

Ela levou alguns segundos para se decidir, mas logo estava sobre mim, me derrubando no chão, com o rosto próximo demais do meu.

— Você terá dez minutos de conversa. — E definindo as bases, ela me beijou, já abrindo os botões da minha roupa.

E era de dez minutos que eu precisava no pós-foda.

Tomando o controle da situação, inverti as posições com Kira e, com o corpo dela embaixo do meu, dei um tapa em sua cara e depois meti o dedão em sua boca, sentindo a textura de sua língua contra minha pele, conforme assistia a surpresa em seus olhos.

— Então, agora cala boca, que eu vou foder você. — Foi o que eu disse antes de romper as alças de seu vestido, liberando os seios que eu tanto havia adorado.

Desci a boca pela pele branca, sugando e beijando em volta do mamilo rosado, provocando-o com a mão livre, antes de sugá-lo forte com a boca.

Kira gemeu e eu tirei o dedo de sua boca, ficando com a mão livre para acariciar seu outro seio, molhando o ponto rijo com sua saliva, provocando a carne macia quando a envolvia com a mão firme, apertando-a para que chegasse quase ao ponto de dor, querendo que Kira gritasse, antes mesmo de eu começar.

As mãos dela passeavam pelos meus ombros e eu me afastei por um breve momento, para poder me livrar da camisa.

A sensação das unhas dela correndo pela minha pele faziam meu corpo queimar.

Kira não tinha vergonha nenhuma do corpo e era aquilo que eu queria, queria-a gozando de novo, toda aberta, na minha boca.

Acabei com a costura fina do vestido dela, conforme o descia pela cintura e encontrei o ouro quando a vi sem calcinha. Segurei as coxas de Kira e as coloquei para cima, metendo a boca em sua boceta molhada, mergulhando a língua dentro dela, louco para sentir seu gosto antes de começar e, vendo seu corpo reagir, me ergui.

— Safada — falei baixo, antes de avançar para beijá-la, compartilhando o gosto que tinha na boca com ela.

Segurei Kira por um segundo pelo queixo, olhando sua boca inchada, seus peitos marcados, o olhar devasso e arranquei sua máscara. Queria vê-la por completo, sem nenhuma merda de escudo. — Senta na minha cara — mandei, antes que ela tivesse tempo de pensar em se esconder.

Me obedecendo o mais rápido que podia, assim que eu deitei, Kira, completamente nua se levantou e veio sobre mim, primeiro me beijando de cabeça para baixo, depois dando um tapa na minha cara, mordeu meu lábio com força e disse:

— Vou gozar na sua boca. — Apoiada nos joelhos, roçou a boceta na minha boca, se sentindo no poder.

Segurei Kira pela bunda, ajeitando-a como eu queria e a provoquei, passando a língua toda por seus lábios internos, provando cada pedaço dela antes de chupar seu grelo e a beijar ali, como se fosse a boca de uma garota inocente.

Lento, intenso e cuidadoso. Foi o que bastou para ela começar a gemer, em cinco minutos daquilo, ela rebolava contra o meu rosto, acelerando o ritmo que minha língua a tocava.

Eu obedeci às vontades do corpo dela, coloquei a língua para fora e a assisti, enquanto ela se esfregava contra mim, apoiando as mãos no meu peito, arranhando o caminho até o meu pescoço e me sufocando logo em seguida.

Não deixei barato, aproveitando toda a excitação molhada dela e enfiando um dedo em seu rabo. Kira não me parou, na verdade, forçou ainda mais o corpo até meu dedo todo estar dentro dela e gemeu alto, me xingando de filho da puta.

Quis rir, com o pau estourando, dolorido de tão duro dentro das calças, chupei a boceta dela, enquanto brincava

com o movimento de vai e vem como dedo nela e não demorou muito até que o seu corpo desse sinais.

Senti sua entrada engolindo minha língua, seu rabo apertar ainda mais meu dedo e, quando dei a última lambida em seu clitóris inchado, Kira perdeu completamente o controle do corpo.

Eu não esperei, aproveitei o momento de fragilidade pós-orgasmo dela e, ali no chão mesmo, coloquei o pau para fora da calça, puxei seu corpo para deitar sobre o meu e nos virei, ficando de ladinho no chão, apoiei uma das mãos por baixo de Kira, para poder segurá-la pelo pescoço, e erguendo sua perna sem muito cuidado, encaixei meu pau na entrada melada dela e entrei numa única estocada.

Ela gritou e tentou me bater, mas eu a enforquei com mais força e meti forte, dando um tapa barulhento em sua coxa.

— Desgraçado — ela me chamou, entre a respiração entrecortada.

— É assim que você queria ser fodida, é, sua putinha? Queria que eu te comesse assim? É bom você estar gostando, porque eu vou foder o seu cu — falei no ouvido dela e, liberando seu pescoço, obriguei Kira a virar o rosto para me beijar.

A boca dela era macia, quando mordi seu lábio inferior ao ouvi-la gemer contra mim, a ruiva não reclamou. Nem quando eu a apertei com força e meti tão forte e rápido contra ela, fazendo barulho com o choque entre os nossos corpos.

Kira aguentava e queria mais, e se era isso que ela queria, eu tinha para dar.

Fiz com que Kira segurasse sua perna no alto e desci a mão livre para tocar seu clitóris. Ela seria obrigada a conversar comigo por mais que dez minutos, porque eu ia acabar com aquela mulher ao ponto de ela não conseguir se manter sobre as pernas sem senti-las tremer.

Com o dedo médio e anelar, circulei de leve seu clitóris e quando o senti escorregadio contra os dedos, fui mais experiente que o melhor DJ daquela merda de balada. Parei de me movimentar dentro de Kira, deixando meu pau inteiro dentro dela, sendo massacrado pela boceta que apertava e soltava, conforme eu a estimulava e tratei de tocá-la com intensidade, sem pausa, ouvindo-a implorar nas outras línguas que falava.

— Vai, vadia, goza de novo *pra* mim — pedi, puxando o corpo dela para cima do meu, deitando de costas no chão, sem parar de tocá-la.

A pressão foi grande e ela não aguentou, como eu já imaginava. O jato que voou da boceta dela expulsou meu pau de dentro e eu ri, sentindo o corpo firme e quente sobre o meu, sofrendo de espasmos tão intensos, que me fizeram orgulhoso.

— Foi isso que você veio buscar? — perguntei, segurando a ruiva pelo pescoço, subindo a mão molhada para sua boca. — Lambe. Sente o gosto do que eu fiz com você — ordenei, e Kira abriu a boca, lambendo meus dedos, como se eu servisse a ela o melhor doce do mundo.

Enquanto o corpo dela se acalmava, comecei a beijar seu pescoço e ombro, querendo que ela não perdesse o ponto, porque a noite só estava começando.

Aos poucos, conforme ela parava de lamber meus dedos, soltei Kira e deixei que ela escorregasse para o lado.

O olhar que ela me deu foi matador e eu ri.

— Já cansou? — perguntei, e sem me responder, ela foi em direção às minhas calças, me livrando do resto das roupas e caindo de boca no meu pau, sem pedir permissão.

Ela era boa. Muito boa.

As mãos trabalhavam nas bolas e na base, enquanto a língua cuidava do resto e, quando eu menos esperei, ela me engoliu quase inteiro.

— Caralho — xinguei, antes de umedecer um dedo na boceta dela e ir alargar o rabo.

Eu não sabia se ela queria dar, mas que eu ia comer, eu ia.

Quando notei que Kira estava pronta para outra, puxei seu quadril para o meu rosto e dei uma bela cuspidinha em seu cu.

— É isso que quer? — Ela me olhou sobre o ombro e sorriu, vindo para cima de mim, beijar minha boca. — Quer foder meu rabo, é, vadio? — Ela bateu na minha cara e eu deixei, segurando sua cintura, conforme seu corpo se ajustava ao meu. Kira deslizou meu pau para dentro dela com tanta facilidade, que eu a puxei e mordi seu ombro. Ela era quente, macia, gostosa *pra caralho*.

— Eu quero — respondi, baixo. — E eu vou.

— Você não vai aguentar cinco minutos dentro de mim. — Ela riu, erguendo o quadril, enquanto levava a mão até lá embaixo, me encaixando onde eu queria.

Kira ergueu o corpo e enquanto me olhava nos olhos, desceu pouco a pouco, me recebendo no rabo apertado,

que vinha massacrando meu pau.

— Porra! — Agarrei a bunda dela com força e esperei que ela continuasse a descer no seu ritmo, mesmo que minha vontade fosse forçá-la.

Ela travou o lábio inferior entre os dentes e quando me engoliu, estava suada, claramente concentrada no que fazia.

— Não achei que fosse tão grosso — ela disse baixo, e eu ri, acariciando seu seio esquerdo, enquanto mexia em seu clitóris com a mão livre. Ela precisava do tempo dela para se adaptar, afinal de contas, eu não trabalhava com sexo à toa.

Kira, aos poucos, foi relaxando, começando a rebolar devagar e gemer baixo, conforme eu tocava seu corpo.

Não quis apressar nada, mesmo precisando de muita concentração para não acabar relaxando quando ela tinha pequenos espasmos e me apertava tão forte, que me fazia sentir o gozo na porta.

Levou quase quinze minutos para ela não fazer nenhuma cara de dor e parecer bem, para eu fazer o que quisesse, e quando eu pude puxar sua cintura, ditando o meu ritmo para as estocadas naquela bunda, Kira se curvou para mim, arranhando meu peito e lambendo meu

pescoço, conforme eu abria suas nádegas e me afundava nela, até o talo.

Os xingos dela aumentaram, a pressão no meu pau também, de repente, ela se afastou de mim e ficou de costas, sentando-se novamente no meu pau, parecendo fazer devagar de propósito.

O cabelo caindo nas costas, o olhar sobre o ombro, a bunda perfeita se abrindo para me engolir até a base. A visão era boa demais para durar pouco e aproveitando aquela cena, dei alguns tapas na bunda dela, xingando Kira de todos os nomes que eu conhecia, até chegar ao meu limite.

Eu ia gozar naquele rabo, mas ela ia gozar comigo.

Ergui o corpo, puxando-a para trás, e fazendo com que ela ficasse com as costas contra o meu peito, ergui minhas coxas entre as dela, não a deixando fechar suas pernas e comecei a me mover num ritmo mais acelerado.

— É, putinha, vou gozar no seu cu, enquanto você implora pra eu não parar.

— Me faz gozar, então, safado. Me faz gozar agora!
— ela pediu, e eu não recusei.

Enfiei três dedos em sua boceta e comecei a meter forte, enquanto ela pedia alto. Quando dei a última

estocada e o corpo dela me engoliu, junto a um tremor pesado, não aguentei. Gozei dentro dela, fundo, inundando seu rabo de porra, enquanto sua boceta apertava meus dedos.

Se eu tinha uma alma gêmea de boa foda, Kira podia ser essa pessoa.

Estava esperando Kira voltar do banheiro, deitado no chão, de olhos fechados, não acreditando que as coisas estavam chegando àquela proporção.

— Ok. — Senti quando o corpo dela veio para o chão junto do meu. — O que você quer, soldadinho? — Abri os olhos para encontrá-la nua, com o cabelo preso em um coque emaranhado no alto da cabeça e a franja completamente estragada. Linda *pra caralho*.

— Você é sempre direta assim nos seus encontros? — perguntei, me apoiando nos cotovelos.

— E desde quando isso é um encontro? — Ela me olhou como se eu fosse louco, com um meio sorriso no rosto e uma das sobrancelhas erguida.

— Não. Isso aqui foi puramente uma boa foda. — Ela concordou com a cabeça e eu me sentei direito, frente a frente com ela. — Mas a próxima vez não será.

— O quê? — Ela riu. — Está querendo mais do que isso?

— Estou te chamando para sair, um encontro de verdade. — falei, sério, vendo que Kira não acreditava no que eu dizia.

— Você só deve estar louco... Sabe da minha fama, não?

— Louis de saias? Eu aguento.

Kira não respondeu, nem se moveu quando toquei sua mão e brinquei com seus dedos, procurando em seu rosto qualquer sinal de dúvida.

— Eu não sei... — ela disse, baixo.

— Não é a resposta que eu quero. Sim ou não? Se for não e me procurar para transar de novo, vou cobrar retroativo. — Arranquei a sombra de um sorriso dela.

— Posso resolver isso depois? — ela disse, depois de um suspiro.

— E eu perder o controle que tenho no pós-foda? Não. Aqui e agora.

— Onde? — ela disse, depois de alguns minutos.

— Tem uma hamburgueria velha no Queens, o melhor lanche da cidade.

— Ok, soldadinho. — Ela pareceu convencida, mas tirou a mão da minha e se levantou, se enfiando no vestido que eu tinha rasgado, o ajeitou como dava no corpo e foi em direção à porta, me fazendo rir ao ver aquela cena. — Me mande o endereço por mensagem. Amanhã, às seis da tarde, não se atrase, porque eu janto cedo.

— Kira — chamei uma última vez, antes de ela girar a maçaneta.

— O quê? — Ela me olhou sobre o ombro.

— Como foi descobrir que não peço licença para gozar?

E revirando os olhos, como se não tivesse saco para mim, mas com um sorriso escondido no rosto, ela saiu, me deixando sozinho, pensando que as coisas finalmente estavam indo para frente.

No dia seguinte, cinco e cinquenta e cinco, eu estava lá, em uma mesa perto da janela com vista para a esquina, um pouco ansioso por estar fazendo aquilo.

Era a primeira vez que eu tinha um encontro, em muito tempo, na verdade, eu não sabia o que podia sair dali, já que Kira sabia da minha dupla jornada e nenhum dos empregos era do tipo que você pode falar abertamente por aí.

— Ok, respira, é uma mulher normal.

— É, acredito que sim. Dois braços, duas pernas, uma cabeça... Acho que sou normal — ela falou, surgindo de trás de mim, já deslizando para o banco à minha frente, com um sorriso raro no rosto.

Kira tinha os cabelos soltos, ondulados até a cintura. Pouca maquiagem na cara e vestia calças jeans de lavagem azul escura, botas, camiseta cinza e jaqueta de couro. Era mais simples do que eu esperava, mesmo assim, nada decepcionante.

Quis rir ao pensar naquilo, percebendo o quão influenciado por Giovanna eu estava. Sempre acreditava que garotas apareceriam vestidas como ela para um encontro e não... Não tão simples.

— Oi... — Kira pareceu um pouco desconfortável e eu inflei o peito.

— Oi! Você realmente veio.

— Vim... — Ela balançou a cabeça de leve. — Você esperava que não?

— Não... Achei que você viria, afinal de contas, é muito melhor continuar a me encontrar sendo de graça, não? — brinquei com ela e ofereci o cardápio. — Eu pediria o lanche da casa, se fosse você, é o melhor.

Kira pareceu achar aquilo divertido e segurou um sorriso ao coçar o nariz com as costas da mão.

— Ok. Vou na sua indicação, Zola.

— Uau. — Fingi estar admirado. — Você sabe meu nome.

— Sei muito mais que isso. — Ela piscou e me entregou o cardápio para colocar junto do outro.

Ergui a mão, fizemos os pedidos e logo a comida chegou.

— É muita comida, não? — ela comentou, olhando para o hambúrguer em seu prato.

— Giovanna consegue comer um e meio desse. Achei que você fosse boa de garfo também.

— Sou boa em outras coisas. — A indireta foi dada olhando nos meus olhos. — Mas vamos tentar. Você pode começar me contando desde quando trabalha na The Hell e por que faz isso...

— Por que eu faço as pessoas me pagarem por sexo? — Coloquei em palavras o que ela pareceu querer esconder. — Não sei, é divertido — menti, mexendo nos temperos da mesa. Eu sabia muito bem o que me levava até a The Hell em toda noite de folga. Meu pequeno vício em sexo era reflexo de toda a tensão que a vida na

organização trazia. — Faço isso há alguns anos, não sei quantos, começou porque minha mãe não quis pedir dinheiro à Família para tratar a segunda vez que o câncer de mama atacou. Eu tinha algumas amigas entre as prostitutas do The Hell e quando percebi, estava aprendendo com elas como funcionava o esquema lá dentro. Foi dinheiro fácil — dei de ombros — e percebi que se continuasse, em algum tempo, teria o bastante para mudar de vida.

— Então, você está juntando dinheiro?

— Não quero ser um soldado para sempre. — Não era segredo, Louis já tinha ideia de que quando Giovanna se casasse, eu iria embora.

— Mas você ainda quer estar na organização? Ou essa busca pela grana é um jeito de dar adeus?

— Existe um jeito de estar realmente fora da máfia? — perguntei, vendo Kira enfiar o lanche na boca e aprovar o gosto.

— Não — ela respondeu, de boca cheia. — Realmente, não existe.

— Portanto, se não posso pular fora, quero ser mais do que o soldado que os outros chamam de babá. — Joguei a real, decidido a não mentir para Kira a partir dali, afinal de contas, éramos do mesmo mundo.

— Louis pagaria sua faculdade, não só pelo apreço ao seu pai que toda a Família tem, mas por você. Eu poderia comentar com ele.

— Não se preocupe, eu já tenho quase todo o dinheiro que preciso, e com a bonificação que ando ganhando para cuidar de Lizzie e de Giovanna, em pouco tempo vou poder pedir afastamento.

— Espero que dê certo — ela comentou, antes de lambar um dos dedos, sem tirar os olhos dos meus. Não teve como evitar a lembrança dela chupando meu pau.

Respirei fundo, querendo afastar a vibe sexual que envolvia aquela mulher e continuei o assunto:

— Mas e você? Tudo o que sei são os boatos.

— O que sabe exatamente?

— É órfã?

— Certo — ela confirmou.

— Esteve no exército?

— Certo de novo.

— Foi treinada por Louis e iniciada como um homem deve ser?

— Mais uma vez, certo.

— Por quê?

— Ajudei Louis muito tempo atrás. Eu já era boa no que faço hoje, mas ao ajudá-lo, ele me fez melhor. O exército... Foi bom para me enturmar com a nação, já que não sou daqui e isso é tudo o que vou te dizer sobre o assunto.

— E você realmente é tão dura quanto dizem? É realmente Louis de saia?

— Mais gostosa, engraçada e com um coração humano no peito, ao contrário dele. — O comentário me fez rir.

— Não posso discordar. — E quando achei que seria difícil, Kira começou a falar sobre as coisas que fazia durante suas folgas, os últimos filmes que assistiu e que gostava de jogar jogos de tiro e o favorito era Battlefield.

Do lado de fora do restaurante, depois de ter brigado com ela para poder pagar a conta, Kira parou na minha frente e colocou as mãos nos bolsos traseiros.

— Acho que é isso... — ela disse, olhando em volta. — Meu carro está ali, mas enfim, foi muito bom, soldadinho...

— Foi? — perguntei, interessado, e parecendo surpreendê-la por fazer aquilo em público, puxei Kira pela cintura, trazendo seu corpo para o meu.

— O que está fazendo? — Ela não tentou fugir e, mesmo que tentasse, já era tarde demais. Eu não respondi, só juntei a boca na dela e beijei Kira, segurando-a com firmeza, enquanto provava da sua língua.

— Quando será o próximo? — perguntei, quando ela afastou o rosto e sorri ao vê-la sorrindo.

— Tem certeza disso, garoto? Minha vida é muito mais complicada do que você poderia sonhar.

— Acho que estou disposto a encarar — respondi, selando a boca na dela.

— Está querendo me assumir, é isso?

— E por que não? — Ela riu.

— Ok. Eu vou me arrepender amargamente disso e pode ser que daqui um tempo você ou eu apareça baleado, mas até lá, acredito que podemos tentar...

E daquela vez quem me beijou foi ela, colocando as mãos na minha nuca e pressionando o corpo contra o meu, fazendo tudo parecer certo pela primeira vez.



CAPÍTULO 10

*Quem vai me dizer que estou fora de alcance
Quando as luzes se acendem e eu ainda estou fodida?*

É verdade

Espero que seja você

*Quem vai me ligar quando eu estou na merda
Quando eu vou longe demais e você está cansado disso?*

É verdade

Espero que seja você

Amor, espero que seja

OUT OF TOUCH, DOVE CAMERON.

GIOVANNA

Se pudesse dar uma nota à minha vida naquele momento, eu daria oito e meio.

Bartek vinha sendo cada vez mais carinhoso e presente. Almoçávamos e jantávamos juntos, quase todos os dias, ele me enviava flores, chocolates e joias o tempo todo, inclusive, os brincos, que eu usava aquela tarde, eram um presente dele e eu queria acreditar que tudo

aquilo estava conseguindo curar os machucados no meu coração.

No fundo, olhando para a vida de Felippo naquele momento, eu esperava que ele fosse feliz. Com um bebê a caminho, que Natasha fosse uma boa mãe, que eles conseguissem seguir juntos, ainda mais depois do acidente e do ódio visível entre os dois no casamento.

Que Deus fosse bom comigo e eu nunca tivesse que passar por todo aquele vexame.

Seria devastador ver meu marido procurar outra no meu casamento, ou então, dançar comigo daquela forma...

Lembrar-me daquilo fez um arrepio pesado correr pela minha coluna e com medo de ser um mau agouro, me levantei do sofá onde estava sentada e me espreguicei.

— Z, vamos tomar café? — perguntei para Zola, que estava na janela, olhando algo do lado de fora.

— Agora? — ele perguntou, sem olhar em minha direção e, intrigada com o que tomava a atenção dele daquele jeito, caminhei até ele, parando atrás de suas costas largas, podendo ver sobre seu ombro, enquanto Kira descia do carro com Elizabeth.

Algo no meu peito doeu de forma mortal.

— É, agora. — Meu tom amargo e magoado atingiu meu melhor amigo, que suspirou e fechou os olhos.

— O que foi? — Zola virou na minha direção, os olhos azuis, que sempre me liam tão bem, estavam semicerrados quando ele se apoiou contra o parapeito da janela e colocou as mãos no bolso.

Desviei o olhar para o chão, encarando meus sapatos Gucci, enquanto minhas bochechas começavam a pegar fogo.

— Eu, eu... — gaguejei, antes de formular a frase, e suspirei, me dando por vencida. — Você não passa mais tempo comigo fora daqui. — Ergui o olhar só um pouquinho para poder ver a reação dele.

Meu melhor amigo suspirou, abriu um sorriso e pareceu relaxar.

— É isso? Tem jogo dos Knicks esta semana. Podemos ir, o que acha?

— Seria demais! Consigo arrumar o vips rapidinho. — O sorriso cúmplice que ele me deu foi demais e eu quase comemorei mais do que deveria.

Foi quando Kira e Lizzie entraram na sala.

— O que estão fazendo? — Elizabeth perguntou, tirando o casaco e colocando sobre a mesa. A expressão

dela não era das melhores.

— Ah, Giovanna e eu estamos vendo de ir ao jogo de basquete, na sexta. Você pode, Kira? — Aquela pergunta me fez congelar no lugar.

Que parte de PASSAR UM TEMPO A DOIS, Zola não estava entendendo?

Eu não queria dividir meu melhor amigo com mais ninguém!

— Como? — Tentei não parecer tão louca quando virei para Zola, o encarando, sem entender.

— Você chama Bartek, eu vou com Kira. Será um bom programa, não?

— Claro... Vai ser demais — respondi, com um gosto amargo na boca.

Parecia que uma mão agarrava minha garganta, enquanto alguém jogava lava pura e fervente dentro da minha boca.

Quis chorar, quis criar cena, mas não pude, principalmente porque Zola passou por mim, beijou minha testa e perguntou para Kira se ela não queria ir buscar café para todos nós, junto com ele.

Eu nunca me senti tão pequena e esquecida na vida, como naquele segundo e, assim que Zola e Kira fecharam

a porta, me deixando sozinha com Lizzie dentro do escritório, me permiti ser fraca.

Caí de imediato no chão sobre os joelhos e, com as mãos na boca para tapar meu soluço, comecei a chorar.

— Giovanna? Está tudo bem? — Elizabeth, no segundo seguinte, estava ao meu lado e eu não pude responder. — Giovanna? — Ela me sacudiu mais uma vez, mas eu não respondi. — Cacete... Vou chamar Zola.

— Não. — Saiu apenas um sussurro da minha boca, quando coloquei a mão sobre ela e a segurei ali, no chão, comigo

— O que aconteceu?

— Ele não liga mais para mim. — Me senti perdida antes de constatar. — Vou perder meu melhor amigo.

— Giovanna... — O tom dela parecia uma advertência. — A vergonha na cara *tá* escondida na sua bolsa? — Lizzie me responder daquele jeito, foi pior do que se eu tivesse levado um tapa.

— C-como? — perguntei, encarando-a, sem entender.

— Zola passou a vida inteira mendigando qualquer migalha sua e aí, quando ele finalmente está saindo dessa, quando parece que encontrou alguém que pode fazê-lo

feliz no meio dessa vida mafiosa de merda, você vai começar a dar show?

— Não fala isso — pedi, magoada, por ouvir aquilo tão brutalmente.

— Não sou um dos seus parentes para passar a mão na sua cabeça, desisti desse teatro quando você deu aquele belo surto por causa do seu *ex-quase*-noivo, lembra? — Fiz que sim com a cabeça. — Pois é, então, levanta desse chão, lava esse rosto e tente ser um pouco, só um pouco, menos egoísta e mimada. Fique feliz por seu amigo estar feliz, apoie o novo relacionamento dele e segure o ciúme.

— Eu não estou com ciúme! — Tentei me defender, enquanto se levantava do chão.

— Aham, e eu sou uma tartaruga ninja. Vai, se ajeita. Você é linda, tem um noivo que parece estar curtindo você, tanto quanto você está o curtindo. A vida de todo mundo está andando, então, tente ser um pouquinho agradecida por isso. Zola e Kira são ótimos, eles são namorados agora, mas você sempre será a melhor amiga dele, não se esqueça disso. Controla seu monstinho interno.

E, fazendo carinho na minha bochecha, depois da bofetada verbal que havia me dado, Lizzie respirou fundo e se afastou.

— Agora, se me permite, vou tirar um *cochilinho* de quinze minutos, antes de encarar o trabalho — ela avisou, se jogando no sofá, me deixando desamparada depois daquela lição de moral que não me consolou em nada.

Na verdade, aquilo só serviu para alimentar a dúvida que sempre havia existido dentro do meu peito, mas que fiz questão de fingir que não existia, afinal de contas, não era certo. Era, na verdade, a maior improbabilidade de todas.



Passei a semana toda dando desculpas para Zola e Kira sobre o jogo de basquete e me esforcei muito, mas muito mesmo, para ficar feliz pelo meu melhor amigo. Kira era inteligente, bonita, engraçada e parecia ser boa pessoa. Não tão boa quanto ele merecia, mas boa. Zola parecia feliz, de verdade, como eu não via há muito tempo. Mas se ser melhor amiga dele significava ficar feliz por ele, eu estava falhando miseravelmente.

Sentia falta de Zola no sofá de casa, comendo comida chinesa, enquanto era forçado a assistir meus filmes de garota. Sentia falta dele conversando comigo sobre todos

os meus medos, sobre como a Família seguia, sobre sua vida.

Sentia falta de ficar deitada no colo dele, ganhando carinho até adormecer.

Até do silêncio eu sentia falta, de encontrar o olhar dele do nada e saber que nossa cumplicidade podia ser sentida a quilômetros de distância.

E logo em seguida, cheia de dor por causa dessa saudade, tudo queimava dentro de mim ao me lembrar das palavras de Elizabeth.

Eu estava mesmo com ciúme, che diavolo!

Aquilo me atormentou tanto, que chorei. Chorei de raiva dele e de mim. De Kira e de Lizzie.

Chorei por ter que dividi-lo, por saber que agora todos sabiam o quão bom Zola era e quererem aquela parte dele que, por tanto tempo, foi só minha.

E foi com aquele sentimento pesado no peito me corroendo que mal vi quando caí no sono conturbado.

Estava no meio do nada, não dava para ver o chão, só a névoa que o cobria. O ambiente era claro e tudo o que havia ali era um espelho, um daqueles ovais, grandes, que eu vi uma vez na casa da minha nonna.

Me aproximei dele e parei, surpresa ao me ver vestida daquele jeito.

Era o meu vestido de noiva dos sonhos, o que havia guardado, desde os doze anos. Era perfeito. A gola, o caimento, o véu.

Era como eu tinha imaginado.

O sorriso que eu vi no meu reflexo era radiante e, de repente, bem ali, vi Felippo surgir. Ele me entregou um buquê de flores brancas, eu o segurei enquanto ele me abraçava por trás, posando comigo, falando coisas no meu ouvido que me faziam gargalhar até chorar. E então, de repente, seu rosto se transformava. O que parecia divertido se tornava cruel e o meu choro de riso se tornava o choro de desespero.

Meu coração se apertou ao ver aquilo. Eu não conseguia parar de chorar e Felippo parecia ter coisas demais para falar. De repente, ele olhou para trás e Natasha, com uma criança no colo, o chamou e ele me largou, indo embora, como se finalmente estivesse tudo bem, mesmo que eu continuasse chorando sem parar.

Bartek apareceu em seguida, secou minhas lágrimas e falou com meu reflexo tanto quanto Felippo. Eu finalmente me levantei do chão junto dele, mesmo que o eu de fora do espelho não pudesse ouvir uma só palavra que

ele dizia, pela feição do meu rosto no reflexo, eu sabia que ela algo bom.

Não demorou para ele me fazer sorrir, mesmo que ele se afastasse, pouco a pouco, e de repente, minha imagem estava refletida novamente.

Olhei para baixo, vendo meu vestido de noiva no meu corpo e, então, ao erguer o rosto, estava na igreja. Não havia nenhum som, mesmo que eu visse as pessoas cochichando, mesmo que eu visse um homem tocando o órgão em um canto e o coral em outro.

Mesmo sem ouvir, eu sabia o que deveria fazer e, assim que tomei coragem para ajeitar a postura e dar o primeiro passo em direção de Bartek no altar, o primeiro e último som ali foi ouvido.

Era um tiro, alto, inconfundível e eu me virei para ver Zola na porta da igreja, caído, sangrando, morto.

Corri em direção a ele, largando as flores, os convidados e meu noivo.

Largando o sonho para trás, para pegar o corpo do meu melhor amigo caído no chão, não acreditando que seus olhos estavam fechados para sempre.

Não conseguindo mensurar a dor de ver aquela cena.

Zola fora da minha vida para sempre.

Quando acordei do pior pesadelo dos últimos meses, ouvindo meu choro, agradecendo por estar no mundo real, não pensei duas vezes ao passar os dedos no telefone e discar para o contato dele.

— Está tudo bem? — O tom alerta estava lá.

— Onde você está? — Não era teatro, minha voz estava péssima por causa do choro.

— Giovanna, o que aconteceu? — Ele parecia preocupado, de verdade.

— Você pode vir aqui? Desculpa se eu estiver atrapalhando, é que... — De repente, a cena mais forte do pesadelo veio na minha cabeça e qualquer palavra que eu pudesse dizer, havia sido engolida pelo soluço que ganhou força junto do choro.

— Estarei aí em cinco minutos. — Foi o que ele disse, antes de desligar, e eu fiquei na cama, abraçada aos joelhos, no escuro, me lembrando de Zola morto, no chão, enquanto eu abraçava seu corpo e manchava meu vestido de noiva dos sonhos com seu sangue.



Interfonar ou tocar a campainha era mera formalidade com Zola.

Como prometido, minutos depois da ligação, o ouvi abrir a porta do apartamento e senti quando Coelho, cansado de tentar me fazer parar de chorar, desceu da cama e foi encontrar com o visitante.

Eu não me movi, nem mesmo quando ele acendeu a luz do quarto ou quando se sentou na cama e me abraçou.

— Pronto, pequena. Estou aqui. — O abraço quentinho e cuidadoso me fez querer chorar ainda mais.

Eu quase nunca me abalava pela vida que eu levava. Aprendi desde cedo como tudo funcionava, mas a possibilidade de perder meu melhor amigo, definitivamente, me assustou como nunca.

Eu havia perdido meus sonhos, havia perdido Felippo, havia perdido o chão por algum tempo, mas não podia e nem aceitava perder Zola.

Voltando a ser o meu melhor amigo de sempre, ele ficou comigo até o choro cessar, até meu peito parar de doer, até os tremores sumirem por completo e eu finalmente erguer a cabeça.

— O que aconteceu? — ele perguntou. — Você não me liga no meio da madrugada chorando desse jeito, já

tem uns seis anos...

— Não quero falar. — Balancei a cabeça, sussurrando aquela frase.

— Bartek fez alguma coisa? — Fiz que não com a cabeça. — Foi algo que sonhou?

— Foi — confessei e o abracei, ficando de joelhos na cama, o surpreendendo.

— Sonhos não são reais. — Zola me ajeitou em seus braços, me mantendo com firmeza contra ele. — Já passou. — Ele acariciou minhas costas. — Quer comer alguma coisa? Ver um filme? Você já vai esquecer o que estava sonhando.

Me afastei dele o bastante para que pudesse ver seu rosto e tentei me recompor.

— Você pode ficar aqui? Pode me fazer dormir? — pedi, me sentindo um peso para o meu melhor amigo.

— Claro que posso, pequena. — Ele sorriu e acariciou meu rosto, antes de se levantar.

Zola se livrou do terno, da gravata e dos sapatos, pegou o controle da tv e, provando mais uma vez ser mil vezes melhor para mim do que eu para ele, colocou Cinderela e se deitou ao meu lado.

Eu não queria ver o filme, já tinha o assistido tantas e tantas vezes, que sabia todas as falas decoradas, mas aproveitei para deitar de costas para ele e, pegando sua mão, fiz Zola me abraçar.

— Z — chamei, baixo —, me desculpe. — E naquela frase tinha muito mais do que ele poderia sonhar.

Era um me desculpe por ser a pior amiga possível, por colocá-lo em risco, por não poder dar metade das coisas que ele me dava.

Era por não poder fazer tão bem quanto Kira vinha fazendo.

Era por ser quem eu era e, ainda sim, saber que Zola me amava, independente do que pudessem falar ou fazer contra ele, contra nós.

— Você não fez nada de errado. É minha melhor amiga, é minha obrigação cuidar de você. — E dizendo aquilo, pousou um beijo na minha cabeça, mal sabendo que tudo o que eu não queria era mais uma relação cheia de obrigações.

Eu estava farta delas.



CAPÍTULO 11

*Porque estou enlouquecendo
Não quero desperdiçar mais um minuto aqui*

WEIGHTLESS, ALL TIME LOW.

ZOLA

— Você não sabe como eu estou feliz por finalmente ver você e Kira juntos — Lizzie disse, assim que entramos no apartamento de Louis. Ela arrancou os saltos e se jogou no sofá da sala.

— Ela disse alguma coisa? — perguntei, tentando ser discreto, enquanto me sentava na poltrona ao lado.

— Não, mas não precisa, você é bem fofinho como namorado, como eu imaginava que seria. — Ela sorriu, parecendo satisfeita. — E Kira tem cara de quem fica toda emocionada por dentro por ter alguém cuidando dela. Eu gosto — Lizzie disse, antes de fechar os olhos. — É bom ser correspondido? — A brasileira perguntou aquilo com um tom pensativo.

— É... É realmente bom. — Cocei a cabeça, meio constrangido por não saber até aonde aquilo tudo ia na mesma frequência para nós. Estar com Kira era bom e eu tentava dar o meu melhor. Ela era a melhor distração da minha realidade e eu faria aquilo durar o máximo que pudesse, mas aquele era eu em um estado de transe causado pela quantidade exagerada de sexo que fazia e com muita, mas muita vontade mesmo de superar o sentimento indevido e vergonhoso que eu carregava dentro do peito, por alguém que sempre seria proibida.

Lizzie ligou a televisão e se encolheu no sofá, depois que Edgar veio perguntar se queríamos comer algo. O mordomo avisou que em breve o chá da tarde seria servido e nos deixou assistindo ao jornal.

— Estou cansada, Golden boy... — ela desabafou baixinho, quando me pegou observando seu rosto com expressão chateada.

— Eu sei, Lizzie.

— Não... É diferente agora. Sinto que não consigo mais lutar e estou tentando ao máximo me manter em movimento, ou, a qualquer hora, a correnteza vai me levar embora. — Ela suspirou e me encarou com os olhos verdes selvagens, que contra a luz daquele pôr do sol que

entrava pelas janelas abertas, faziam dela ainda mais feroz.

Lizzie era um animal preso dentro de uma jaula que não a comportava e eu sabia que, cedo ou tarde, ela sairia daquilo. Viva e engolindo a todos que a trancaram lá, incluindo a mim. Ou morta.

— Você está dando conta de muita coisa de uma só vez. Tire uns dias, tente relaxar...

— Impossível — ela se encolheu no sofá —, mas esquece, só preciso dormir um pouco. — Ela balançou a cabeça, se levantou num pulo e suspirou pesado. — Vou para o quarto, Louis deve chegar daqui a pouco. Se puder, pede para ele me deixar descansar, ok? Talvez, ele escute minha babá especial, ou o chupador número um do saco dele, não sei mais que posto você ocupa, Golden Boy. — Ela sorriu de um jeito forçado, me fazendo entender que ela não queria me preocupar, e subiu as escadas, me deixando sozinho.

Relaxe um pouco na poltrona, encarando o teto aberto, pensando que nem se eu comesse todo mundo da cidade, teria uma casa como aquela, quando a voz de Edgar me chamou.

— Zola, gostaria de tomar chá? — Me levantei de imediato, fazendo que sim com a cabeça.

— Claro, seria ótimo.

— Então me acompanhe, por favor.

O homem idoso voltou a subir as escadas e eu fui atrás dele, pensando em quanto ele sabia sobre o mundo em que vivíamos.

— Achei que Giovanna estaria com vocês. Fiz o bolo de nozes que ela tanto gosta — ele comentou.

— Ah, não. Giovanna está com o noivo. Bartek tem saído bastante com ela, eu mesmo quase não a tenho visto fora do trabalho.

— Deve sentir falta, não? Vivi vendo vocês dois correndo por essas escadas, brincando naquela sala...

— Bom — falei, quando chegamos ao andar de cima —, em breve ela estará casada e eu irei pedir um afastamento. — Já não me via preso para guardar segredos daquilo.

— É mesmo? — Edgar me olhou, surpreso.

— É. Quero levar minha mãe para o interior, quero estudar... — Me sentei no banco onde Edgar indicou.

— O que quer estudar?

— Ainda não sei. Fiz um college aqui, mas quero tentar a universidade. Mesmo sendo tarde, ainda acho que dá tempo.

— Com quantos anos você está? Vinte e cinco?

— Vinte e sete, quase vinte e oito. Fiz em dezembro do ano passado, dia três.

— É, vocês não são mais crianças faz um bom tempo. — Ele sorriu e me serviu do chá quente, colocando três torrões de açúcar, como eu gostava.

— O senhor ainda lembra. — Sorri, feliz pelo cuidado.

— Cuidei de você como cuidei das crianças Luppolo.

— Mas nunca fui um deles.

— Para mim, sempre foram só crianças.

— O senhor trabalhou a vida toda aqui, certo?

— É, antes para o pai, agora para o filho.

— E a sua vida? Esposa, crianças?

— Não os tive — Edgar disse, depois de dar um gole no próprio chá. — Minha vida era essa, eu sabia dos sacrifícios. Tenho minha casa aqui, recebo mais do que posso gastar, visito meus irmãos nas folgas e ajudo meus sobrinhos. Esse foi o meu legado. — Ele deu de ombros.

— E tudo bem, ser refém dessa vida?

— Um homem que começou como eu, não poderia desejar mais do que isso.

E aquela resposta me deu um nó no estômago, que nem o chá quente pôde ajudar a desatar.

Eu sabia que não seria nunca como um Luppolo, mas não queria viver uma vida morna. Não queria ser para sempre só o capacho da Dark Hand, a babá, o soldado obediente.

A vida não podia ser só aquilo e, se Deus permitisse que um dia eu tivesse filhos, eles não podiam seguir pelo mesmo caminho que eu. Ao contrário do que meu pai havia feito, mesmo que aquilo fosse o melhor que tinha para me oferecer, eu daria a chance para que minhas crianças tivessem outro destino.

— Agliardi. — Ouvi quando Louis falou meu nome e olhei sobre o ombro. — Onde está Elizabeth?

— A menina foi descansar — Edgar falou, se levantando antes de mim. — Chamei Zola para um chá, enquanto esperava pelo senhor.

— Fez bem. — Louis caminhou até a mesa, pegou um dos bolinhos do prato e se serviu ali mesmo. — Termine seu chá e venha me encontrar no escritório. — o Don avisou e se afastou, sem me olhar duas vezes.

Respirei fundo, terminei o chá em um único gole e agradei a Edgar pela conversa, se tinha algo que eu não queria, definitivamente, era acabar como ele.

— Estou aqui, Don — avisei, quando bati à porta, colocando o rosto na fresta, vendo Louis abrir seu computador, antes de organizar uma pilha de papéis em cima de sua mesa.

— Entre e feche a porta — ele disse, sem nem mesmo olhar em minha direção. — Como está Elizabeth?

— Acredito que Elizabeth precise de ajuda psicológica. — Fui direto e soltei a frase logo que fechei a porta, conquistando a atenção do Don.

— Fora de cogitação.

— Ou é isso, ou vai perdê-la de vez. Lizzie está esgotada, tentando dar conta de tudo e se atrapalhando.

— É questão de organização da rotina — Louis disse, depois de um suspiro. — Mas se acha que isso vai ajudá-la, vou ver com Kira o que fazer para reduzir a carga de trabalho dela.

— Não é querendo ser insistente, senhor, mas Lizzie precisa mesmo de ajuda profissional.

Louis suspirou, me encarando, como se pensasse se me mandava à merda, e desviou o olhar para os papéis na mesa, me ignorando.

— E quando pensou em me contar sobre você e Kira?
— Minha espinha congelou.

— Achei que minha vida privada não interessaria ao senhor. — Tentei ser respeitoso.

— Dois funcionários, ligados diretamente à minha casa, estão saindo juntos e isso não seria do meu interesse? — Louis deu um meio sorriso, claramente irônico. — Pense melhor, Agliardi. Não quero ninguém se matando ou colocando os meus em risco, por causa de distrações românticas. Você e Kira estão proibidos de foder no horário de trabalho, entendido?

— Sim, senhor. — Engoli a seco as memórias de foder Kira no depósito, no dia anterior.

— Ótimo. E Giovanna?

— Está bem. Bartek tem sido bom para ela.

— E o irmão dele tinha medo. — Louis balançou a cabeça, como se não acreditasse, encostou direito na poltrona e me encarou, passando a língua pelos lábios, antes de ficar alguns segundos brincando com ela entre os caninos. — Como está seu passaporte, Agliardi?

— Em dia, senhor. Por quê?

— Bartek pediu permissão para levar Giovanna para conhecer sua futura casa, ela já queria viajar pela Europa...

— E o senhor quer que eu vá junto — concluí.

— Garoto esperto. — O tom sarcástico do Don era único.

— Só dizer a data, minhas malas estarão prontas.

— Escolha mais dois homens de confiança. Alec tem seus próprios métodos em seu território e não quero ser considerado hostil, porém, se Giovanna voltar com um fio de cabelo a menos, é você quem responderá por isso. Hai capito?

— Si, signore.

— Perfetto. Agora está liberado.

— Antes de ir — juntei a coragem que reuni durante os últimos anos e ali, sob aquela ameaça, sob a pressão de ver Giovanna na nova vida, sem poder fazer nada, as palavras pularam da minha boca —, gostaria de perguntar se há chance de o senhor considerar meu afastamento da Dark Hand, depois que Giovanna se casar.

— Afastamento, Agliardi?

— Gostaria de levar minha mãe para o interior e estudar.

Louis me mediu de cima a baixo, ficando alguns segundos em silêncio e, quando achei que ele me xingaria, ele respirou fundo e fez que sim com a cabeça.

— Vou considerar seu pedido. Conversamos sobre ele depois.

— Grazie, signore. — E notando que Louis não diria mais nada, saí de seu escritório, sentindo o corpo formigar.

Eu havia colocado meu futuro à prova e agora, mais do que nunca, as coisas estavam definidas.

Saindo daquele apartamento, dentro do elevador, me senti sufocado com a ideia de que, provavelmente, depois daquele casamento, eu nunca mais veria Giovanna.

Entrei no carro, coloquei o som no último volume e segui para casa. Não me preocupei de pegar minhas coisas no quartel, não consegui responder a mensagem de Kira, perguntando se eu queria ir até o apartamento dela aquela noite, nem mesmo quis responder Giovanna sobre os ingressos de um novo jogo que ela podia conseguir.

Eu só queria ficar sozinho por algumas horas, sem pensar em trabalho ou futuro, sem ficar me sentindo refém do que eu sentia por minha melhor amiga ou dos desejos do meu corpo por Kira. Era prático não precisar pensar e naquele segundo era o que eu almejava.

Estacionei o carro na primeira vaga livre que encontrei, virei a chave e coloquei a cabeça contra o banco, fechando os olhos enquanto All time low tocava no último volume uma das músicas das antigas.

Involuntariamente, a memória do primeiro show deles que fui com Giovanna invadiu minha mente e eu ri. Eu sempre tentei evitar que aquela merda de sentimento crescesse, mas era impossível. Não tinha como eu me afastar dela, não tinha como impedir que ela fosse tão bonita, gentil, carinhosa e fodesse minha cabeça.

Era impossível não cair de quatro por ela, alguma hora aconteceria.

Eu só era um bom ator quando se tratava fingir que ela era só minha irmãzinha de consideração, quando, na verdade, eu queria poder dar a ela tudo o que sabia que ela precisava, ou queria, como homem e não como amigo.

De repente, bateram no vidro ao meu lado e abri os olhos, alerta, a mão no coldre da arma, pronto para me defender, até ver quem estava ali.

— Olá, irmãozinho. Não sentiu falta do seu irmão bastardo? — Otto estava do lado de fora, o cabelo comprido, a barba por fazer, a aparência desleixada de sempre, no humor desgraçado que ele havia aprendido em algum buraco no sul.

— Por que eu não estou surpreso? — comentei, soltando o cinto de segurança.

— O que, não gostou da surpresa? — ele perguntou, quando me viu abrir a porta do carro. — Você nunca

aparece com boas notícias, Otto — disse, vendo meu irmão sorrir do jeito cafajeste de sempre. Me apoiei contra o carro, olhando ao redor para me certificar de que o movimento em volta de nós era seguro. — O que quer? Se for dinheiro, esquece.

— Não posso ter saudade do meu meio-irmão? — Ele bateu no meu ombro e permaneceu com a mão ali. — Você virou um homem, não? Seu pai — ele cuspiu no chão — deve se orgulhar no túmulo.

— Não começa. — Tirei a mão dele de mim e cruzei os braços. — O que te trouxe aqui, Otto?

— Estou trabalhando para o seu chefe, um extra por fora. Aproveitei que estava na cidade e vim ver como estavam as coisas.

— Estão bem. — Tentei cortá-lo.

— É, percebi. Zola Agliardi ainda é um lambe saco dos Luppolo, assim como o pai dele.

— Seu pai também — corrigi Otto.

— Meu doador de esperma. — O tom dele se tornou hostil.

— Ok. Não tenho tempo para isso. — Me afastei do carro. — Tem algo importante para dizer ou só veio fazer graça?

— Está nervoso, irmãozinho? — Ele riu, instável como sempre.

— Não. Só estou cansado.

— É, o trabalho honesto...— Respirei fundo, enquanto ele me media de cima a baixo. — Eu já estou indo, dê um oi para sua mãe e... Bom trabalho, Zola.

Otto se afastou, dando alguns passos de costas, com o sorriso maldito na cara e então subiu em sua moto, colocou o capacete e, sem olhar para trás, partiu, fazendo o motor roncar mais alto que o necessário.

— Idiota — xinguei, ao vê-lo longe, me corroendo por dentro.

Otto, segundo meu pai, havia sido um erro.

Ele era resultado de uma aventura. Quando ele surgiu, aos doze anos, minha mãe quase matou meu pai, mas depois que as coisas ficaram claras e ela acertou as contas para ver que ele era um acidente de antes do casamento, tudo ficou bem, mesmo com a mãe dele provocando meu pai, sempre que podia, criando meu irmão jogado em qualquer canto, transformando-o na escória da sociedade que era.

Se Otto estava trabalhando para a Dark Hand, algo de muito sujo estava para estourar, e eu já tinha ouvido os

soldados comentando pelos cantos do quartel sobre como as coisas estavam estranhas.

Bom, se tudo fosse ruir, eu não tinha nada a ver com aquilo, e em menos de um ano, teria menos ainda.



CAPÍTULO 12

Me ajude

Oh, por favor, alguém me ajude

Eu não ligo para ninguém, nada

Porque eu estou tão cansada de estar tão sozinha

Sinto falta de toda minha família

LONELY, NOAH CYRUS.

GIOVANNA

“Não acredito que você não vai poder estar junto comigo nesta viagem. Estamos nos vendo muito pouco, Giordana!” — Era para ser uma bronca, mas eu sabia que não podia culpá-la. Os estudos estavam deixando minha melhor amiga completamente louca e a minha vida, no momento atual, me fazia uma menininha carente.

Apoiei as mãos na pia do banheiro do aeroporto e respirei fundo algumas vezes. Meu interior era uma completa bagunça, a qual eu não sabia administrar muito

bem, já que na noite anterior eu estava na banheira, chorando pelo meu ex, me sentindo um peso na vida dos meus amigos, com a sensação sufocante de ser esquecida pesando no peito e o medo gigantesco do que viria a seguir.

Bartek havia me convidado de última hora para aquela viagem e Louis me disse que eu deveria aceitar, então acatei. Zola iria comigo, não tinha por que temer, pelo menos, não na parte racional.

Ergui o olhar para ver meu reflexo no espelho. Normalmente, eu viajaria em moletoms fofinhos e confortáveis, botas ugg para manter os pés quentinhos e sem nada de maquiagem na cara, o que era completamente contrário do que via no meu reflexo ali.

A calça flare e a regata de seda eram de cor vinho. O terninho branco ornava com meus sapatos de salto alto, meu cabelo estava perfeitamente escovado, com cachos nas pontas, enquanto a maquiagem no meu rosto gritava, principalmente o batom vermelho nos lábios que não sorriam.

Se eu relaxasse, por apenas um segundo, todos veriam o quão triste eu estava, e aquilo não era bom.

Respirei fundo, fechei os olhos por alguns segundos e tentei sorrir.

Não deu certo, eu não queria.

Me ajoelhei, ainda segurando na pia e tentei não chorar.

— Tenha coragem e seja gentil — falei, baixinho, a frase marcante do meu filme favorito e depois de um longo suspiro, me levantei.

Limpei o canto dos olhos que ficaram úmidos e tentei de novo. Sorri uma, duas, três vezes.

Treinei que máscara manter durante todo o tempo ali e dei graças a Deus pelo banheiro daquela sala de pré-embarque ser tão vazio. Era o tipo de luxo que voar na primeira classe nos dava.

— Giovanna, vamos? — A voz de Zola na porta do banheiro me deu um estalo.

— Já estou saindo — respondi, recolhendo minhas coisas que tinha espalhado em cima da pia e enfiiei na bolsa, dando uma última conferida no espelho, antes de sair carregando aquele sorriso falso e pesado, vendo meu melhor amigo me olhar com as sobrancelhas erguidas, como se notasse algo de errado.

— O que está acontecendo?

— Nada... — Tentei parecer descontraída. — Não tomei café hoje de manhã, porque estava ansiosa, sabe

como fico quando não como direito.

— Ah, como sei. Vou ver se arranjo algo para você mastigar, antes de subir no avião.

— Ok — agradei ao Zola e fui para perto das poltronas, onde Bartek estava com seus homens. Eram quatro poloneses, todos com tatuagens, todos brutamontes, mas o que mais me assustou foi um homem que tinha o cavanhaque longo, trançado e com joias. Sua cabeça careca tinha a tatuagem de uma teia de aranha e seus dentes eram escuros.

Um arrepio percorreu minha coluna quando ele me encarou com os olhos escuros e fingi não estar olhando para ele. Era desconfortável.

Tentei me animar com a viagem, já que seriam dez dias de calma. Chegaríamos a Paris depois de sete horas de voo e eu adoraria jantar a dois. Bartek era tão esforçado quanto eu naquele relacionamento e, apesar de eu fugir de todas as vezes em que ele me deu indireta sobre beijos e perguntas sobre se ele já havia conquistado meu coração, eu o adorava e forçava minha mente a trabalhar em imagens do nosso futuro, juntos.

Só foi estranho que durante o voo, em vez de ele vir para minha cabine logo que tivemos permissão para andar pelo avião, ele tenha ficado longe o tempo todo e, pela

primeira vez, eu entendi o que Giordana dizia sobre não querer ser um enfeite de decoração.

Eu tinha me arrumado toda daquele jeito por causa dele, mas pensei muito sobre não ser o suficiente.

Emburrada por ficar sozinha, me ajeitei para um cochilo, logo depois de o serviço de bordo, e agradei pelo remédio de enjoos que Lizzie havia me dado fazer efeito, me permitindo dormir por quase todo o voo, fazendo a decepção por ser ignorada doer um pouco menos.



O hotel onde ficaríamos era maravilhoso. Meu apartamento era de frente para o de Zola e dos homens que ele estava comandando. Bartek estava ao lado do meu e achei aquilo muito bom. Era um jeito de termos limites e não haver nenhum problema na curta estadia ali. Três dias em Paris eram pouco para o que eu queria. Outros três dias em Berlim e, depois, finalmente quatro dias na Polônia fechariam a viagem. A ansiedade por ver onde seria meu futuro lar me fez ter ânsia de vômito.

Abri a varanda com o controle remoto, enquanto os soldados carregavam minhas malas e revistavam o quarto,

e encarei a vista que teria por aqueles poucos dias.

— Giovanna? — Zola me chamou, vendo quão distraída eu estava. — Precisa de alguma coisa?

— Não. — Meneei com a cabeça. — Só preciso tomar um banho, voos longos acabam comigo, você sabe.

— Ok... Se precisar de alguma coisa, me ligue, vou estar no quarto em frente.

— Sem problemas. — Dei um meio sorriso sobre o ombro para ele e aguardei o barulho da porta se fechando.

Assim que me vi sozinha, suspirei tão profundamente que quase fiquei tonta.

Como era bom parar de fingir estar feliz o tempo todo!

Bartek me deu sua mão durante o trajeto do aeroporto, pareceu empolgado quando falou dos amigos que iriam nos ver aquela noite e eu tentei demonstrar interesse, mas não sabia se tinha cumprido o papel direito, já que perdi duas ou três frases dele, enquanto estava distraída no carro.

Fui para a varanda sentir o ar fresco daquele começo de agosto e prometi a mim mesma que faria o possível para aquela viagem ser, no mínimo, maravilhosa.

E, cumprindo meu papel, às vinte da noite, quando Bartek bateu à minha porta, sorri, sem precisar me

esforçar, graças a reação dele ao me ver.

— Uau. — Ele me mediu de cima a baixo e apoiou o ombro na porta. — Realmente, uau.

Não consegui segurar o riso e a sensação de satisfação interior por ser notada daquela forma. O vestido tomara que caia branco que eu usava tinha um laço nas costas e era bem marcado na cintura. Mantive a maquiagem que havia feito mais cedo e o batom vermelho continuava nos meus lábios, assim como o mesmo salto que eu havia usado mais cedo.

— Você também não está nada mal — comentei, enquanto sentia as bochechas queimando ao analisar as roupas dele. Bartek usava um terno escuro, muito bem cortado em seu corpo, com as tatuagens das mãos e no pescoço à mostra, o cabelo bem arrumado, assim como sua barba, e os olhos de azul oceano que me engoliam pouco a pouco.

— Acho que nunca vou me acostumar com a sua beleza. — Ele tocou meu rosto e fechei os olhos, aspirando o perfume, o toque, a atenção e o cuidado. — Está pronta?

— Estou — falei, quando ele afastou sua mão. — Só vou pegar minha bolsa.

E, no segundo seguinte, saí do quarto de mãos dadas com Bartek.

Estava tudo certo, até que a porta do quarto de frente ao meu se abriu e Zola apareceu.

— Já estão indo? — ele perguntou para Bartek.

— Já. Não se preocupe, meus homens estão de guarda esta noite. — Ele já ia me virar para continuar até o elevador, mas Zola voltou a falar:

— Não. Não foi o que combinamos. Giovanna ficará o tempo todo com guarda redobrada, era isso ou sem viagem, eu estava lá quando meu chefe disse e você concordou, ou não?

— Qual é, estamos curtindo. Aproveite para curtir também — Bartek disse, depois de alguns segundos analisando a situação. De tão perto, pude notar sua mandíbula sendo forçada e a frieza em seus olhos.

— Eu não estou aqui para curtir, estou para trabalhar. E vou eu mesmo com vocês.

— Por mim, ficando invisível como meus homens, fique à vontade. — Dando de ombros para Zola, ele me olhou sem sorrir, como se achasse aquilo um problema e me guiou pelo corredor, enquanto meu melhor amigo vinha atrás.

O restaurante não ficava longe, e depois de nos deixar em frente ao lugar onde encontraríamos com os

amigos de Bartek, todos os guardas, incluindo Zola, sumiram, realmente ficando invisíveis.

— Seu segurança é sempre assim?

— Assim como? — Não entendi o tom que meu noivo havia usado.

— Abusado. Estamos em terras seguras, não preciso de uma babá em cima de mim com minha noiva, certo? — Ele beijou os nós dos meus dedos, mudando de humor tão rápido, que eu não consegui acompanhar.

— Ele só segue as regras — comentei baixo, sem conseguir tirar os olhos dos dele, enquanto abaixava minha mão.

— Eu não. — E, sorrindo como se fosse divertido, ele abriu a porta para que eu entrasse antes dele e eu o ouvi, mesmo que baixo: — E esta noite, nem você.

Bartek conversou com o hostess em francês e eu me arrependi amargamente por não me interessar antes pela língua conforme olhava em volta. O salão amplo de paredes douradas e lustres bonitos comportava mesas cheias de gente. O ambiente era mais barulhento do que eu esperava, mas quando Bartek me pegou pela mão, seguindo o homem com quem ele conversou na porta, fiquei sem entender quando fomos para o fundo.

Havia uma pequena porta depois da entrada do banheiro e atrás dela uma escada. Nós subimos, enquanto a música alta impedia que eu ouvisse qualquer coisa que Bartek tenha dito quando olhou para mim e, assim que chegamos ao último degrau, vi que aquilo era muito mais uma danceteria do que um restaurante.

Me senti quase nua quando vi os olhares na minha direção, sabendo que eu não estava vestida para uma noite daquelas. No andar de baixo? Ok. Ali? Completamente errada.

Vi algumas garotas rindo e tentei manter a calma, pelo menos por fora.

— Não se preocupe, você é melhor do que qualquer outra mulher neste salão — Bartek disse, perto do meu ouvido, e me deu um beijo na bochecha, antes de me puxar em direção a uma mesa.

Foi esquisito, todos falando em francês, alemão e polonês, enquanto eu fiquei quieta, com as mãos juntas na frente do corpo, esperando Bartek me apresentar.

— Essa é Giovanna Luppolo, minha noiva. — Ele me exibiu, puxando uma cadeira para que eu me sentasse junto da mesa, afastada dos corpos dançantes.

— Noiva? Como isso aconteceu? — alguém falou em italiano, e eu dei graças a Deus por poder conversar com

alguém.

— Amor à primeira vista, meus amigos — Bartek disse, como se fosse uma piada e todos riram, menos eu.

— De onde você é? Luppolo, italiana? — alguém que eu não vi quem era, perguntou.

— Sou italiana, mas moro na América — respondi em italiano também, e foi toda a atenção que recebi.

Algumas mulheres me olhavam de um jeito que só Arianna já havia se atrevido. Os homens me encaravam como se eu fosse um pedaço de carne e eu tenho certeza de que um deles perguntou se podia experimentar antes de Bartek, fazendo meu noivo dar um xingo.

Eu odiei aquele lugar. E a cada segundo que passava, passei a me perguntar o que fazia ali.

Ninguém comia, só fumavam muito e bebiam o tempo todo.

Eu não queria beber, ainda mais por estar faminta.

Bartek pareceu se esquecer de mim em cinco minutos e deu muita atenção à outra garota da mesa, o que fez meu coração começar a rachar novamente, mas não tanto quando eu o vi sendo ele mesmo. O garçom passou com uma bandeja onde havia um pó branco que todos, tirando eu, cheiraram.

Aquilo era droga, era errado!

Olhei para Bartek fazendo aquilo despreocupado. Ele colocou a mão atrás da minha cadeira, me olhando logo depois de esfregar o nariz e sorriu.

— Estamos só nos divertindo, você não quer? Posso pedir uma bebida, ou qualquer outra coisa que você quiser.

— Não. Obrigada. — Meu tom um pouco chocado o fez recuar um pouco.

— Está tudo bem, passarinho? — ele perguntou, acariciando meu rosto.

— Na verdade... — Doeu muito em mim, saber que poderia dar algo de errado pedindo aquilo. — Eu gostaria de ir embora. A viagem me cansou, então, acho que vou dormir mais cedo e amanhã podemos conversar sobre isso.

— Mas já?

— Zola pode me levar, ou um dos seus homens. — Fui rápida, pegando meu celular na bolsa.

— Espere. — Ele segurou meu pulso. — Venha aqui.

Bartek se levantou e me guiou escada abaixo, mas antes de abrir a porta, antes de voltarmos ao salão comum, ele me virou para si, colocando meu corpo contra a parede

e, sem esperar uma permissão, sem fazer daquilo como eu tanto esperei, ele me beijou.

Foi ruim.

Sua boca tinha um gosto amargo, eu não sabia o que fazer com minha língua, ou com a dele invadindo minha boca. Não gostava da maneira como aquilo seguia, da sua mão apertando minha cintura e da outra tentando apalpar meu seio sobre a roupa.

Eu não aguentei, comecei a chorar e o empurrei, fugindo do beijo, das mãos, de qualquer outro contato.

— O que você está fazendo? — perguntei, em um tom esganiçado, sem entender aquilo. Só podia ser a droga.

— Passarinho, você não pode ser tão careta. É como as coisas funcionam aqui na Europa, achei que você soubesse, já que veio para cá diversas vezes... Achei que eu pudesse... — De repente, ele realmente pareceu arrependido. — Droga. Vá para o hotel... Eu vou aproveitar a noite com meus amigos, porque seria muito estranho ir embora agora, mas amanhã nós conversaremos. Me desculpe por te constranger dessa forma.

— Eu... Eu acho melhor mesmo conversarmos amanhã. — Foi tudo o que consegui dizer antes de aproveitar que a porta estava sendo aberta e fugir, já

discando o número de Zola, mal precisando apertar o botão verde, antes de ser surpreendida por ele ainda dentro do restaurante.

Meu melhor amigo me abraçou, vendo meu rosto molhado pelo choro e sua expressão dura foi algo que eu nunca havia visto na vida.

— Ele te machucou? — A pergunta foi feita em italiano, entredentes, e eu só soube balançar a cabeça de um lado para o outro, negando, mentindo, querendo sair dali o mais rápido que podia. Zola parou, olhando para a porta de onde eu tinha saído como se pensasse em ir atrás de Bartek, mas me voltou a olhar com os olhos azuis nos quais eu tanto me sentia acolhida e disse, com firmeza: — Vou levar você embora. — Eu agradei, me abraçando a ele, enquanto íamos para a saída.



Arranquei as joias, preendi o cabelo e limpei a cara. Me liberei dos sapatos e me sentei no chão do quarto, na frente da cama, abraçando meus joelhos, enquanto chorava sem parar, com Zola assistindo a tudo aquilo em pé ao meu lado.

Doía tanto! Como Bartek podia ter acabado com tudo em menos de uma hora? Era só o primeiro dia de viagem e eu não sabia como sobreviveria aos restantes, se eles fossem como aquela noite.

Coloquei para fora tudo o que me machucava em choro, chorei tanto que tudo em mim doía. A cabeça, o estômago, o peito, a garganta. Tudo em mim parecia machucado e me senti pequena, indefesa, insignificante demais para que qualquer um notasse o quão mal eu estava.

Me senti boba por querer um príncipe encantado e quebrar a cara duas vezes; me senti fraca, vendo que seria uma esposa troféu, que não tinha nada a acrescentar, que a promessa que pedi para Bartek fazer provavelmente estava sendo quebrada com uma daquelas mulheres daquele antro podre, naquele minuto.

Me senti completamente suja quando toquei meus lábios, chorando ainda mais, me lembrando do beijo horrível, do gosto esquisito, do toque nada gentil e completamente atrevido.

Aquilo deveria ser proibido.

E me deitando no chão, enroladinha em mim mesma, querendo desaparecer, notei quando Zola se sentou perto da minha cabeça e a apoiou em seu colo. Meu melhor

amigo começou a fazer carinho em mim, embalando meu choro com vários “shhhh”, enquanto eu tentava me acalmar.

— Já faz mais de uma hora que você está chorando assim, pequena. Não quer me contar o que aconteceu?

— N-não — falei baixo e voltei a chorar, me sentindo tão quebrada, tão podre por ter um primeiro beijo daqueles, por saber que meu futuro marido tinha uma outra face e não tomou cuidado algum para me apresentar.

— Giovanna, me conte. O que foi que aconteceu? Se Bartek te machucou, vou enfiar você no primeiro avião e eu mesmo vou lidar com ele. — O tom não foi mais tão amigável e eu não duvidava que Zola pudesse fazer aquilo, foi por isso que me ergui, sem coragem de olhar no rosto do meu melhor amigo e me esforcei para falar.

— Aquele lugar... Bartek me tratou como um nada, bebeu e cheirou... — Solucei e perdi a fala por um segundo. — Quando pedi para vir embora, ele desceu comigo e antes de eu sair, me colocou contra a parede e me beijou, me tocou... — Me abracei, como se pudesse me segurar no lugar e encarei Zola, seus olhos azuis parecendo duas safiras. — Foi o pior primeiro beijo que alguém poderia ter! Meu noivo é um idiota! — Caí no choro logo em seguida, me jogando contra Zola, querendo colo,

querendo que parasse de doer ser decepcionada vez após vez.

— Calma, pequena... Calma... — Zola me segurou por mais meia hora, enquanto eu chorava como uma criança em seu colo, encharcando sua camisa conforme me acalmava, aspirando seu perfume tão familiar. Eu o havia escolhido e, desde então, Zola não usava outro além do Boss.

— Eu não consigo acreditar que levou tanto tempo e foi tão horrível assim — falei baixinho, quando parei de chorar, olhando para Zola, que me encarava de cima. — Queria que não tivesse acontecido.

— Giovanna, pare de chorar por isso. — Zola respirou fundo e me obrigou a sentar. Olhei para ele, sem entender, ficando de frente para o meu melhor amigo sobre o tapete fofinho do chão, confusa com a expressão no rosto de Zola. — Bartek não foi seu primeiro beijo. Eu fui.

Pisquei duas vezes, senti meu peito queimar e tentei absorver o que ele havia acabado de dizer.

— Como?

— Na sua última saída com Giordana. Você bebeu demais e, não sei como, acabamos nos beijando.

— Pare de brincar assim comigo — comentei, esperando-o rir, mas nada aconteceu e eu percebi que não era uma piada.

Dio santo, eu havia mesmo beijado Zola!

Não consegui dizer uma única palavra, por minutos. Mantendo o olhar de Zola que parecia quase arrependido por me contar, não soube o que sentir.

Tinha medo de abrir a boca e estragar tudo, de ele sair magoado comigo e eu acabar perdendo mais uma vez, ficando completamente sozinha ali.

— Zola... Foi ruim? — perguntei, juntando as sobrancelhas, com medo da resposta.

Meu melhor amigo caiu na risada, parecendo confortável ao ouvir aquilo.

— Não. Não foi nada ruim para um primeiro beijo. Só foi esquisito, porque... Logo depois, você vomitou.

Escondi o rosto nas mãos e ri.

Ri de alívio, de felicidade, de algo que eu ainda não sabia dar nome.

— Eu... — balancei a cabeça de um lado para o outro, confusa —

... acho que você precisa me deixar pensar sobre isso.

— É... Mas mantenha a boca fechada, ok? Minha cabeça vai a prêmio, se alguém desconfiar. — E, beijando o topo da minha cabeça, ele se levantou. — Giovanna — ergui o rosto para vê-lo —, isso não muda nada entre nós, certo? Você ainda é minha melhor amiga.

— E você o meu. Sempre. — Ergui o dedinho na direção dele e ele sorriu, entrelaçando seu dedo ao meu.

— Perfeito. Boa noite, qualquer coisa, estou do lado de fora. Bartek só conversa com você, se eu estiver perto, entendido?

Balancei a cabeça positivamente e fiquei parada, enquanto ele ia em direção à porta.

Assim que fiquei sozinha, me deitei no tapete, olhando para o teto com a mão na boca, sem saber se aquilo era bom ou ruim.

Meu primeiro beijo havia sido com meu melhor amigo.

Com alguém que eu amava e que me amava de volta.

Suspirei, pensativa... Se as regras do meu mundo fossem outras, eu não veria problema de deixar todo mundo saber sobre aquilo.



CAPÍTULO 13

*Eu não vou mentir para você
Eu sei que ele não é certo para você
E você pode me dizer se eu estiver enganado
Mas eu vejo isso em seu rosto
Quando você diz que ele é o que você quer
Você está desperdiçando todo seu tempo
Nesta situação errada
E quando quiser que isso pare
Eu sei que posso te tratar melhor
Do que ele pode*

TREAT YOU BETTER, SHAWN MENDES.

ZOLA

— Jhonny, fica de olho. Não quero esse polonês perto de Giovanna, sem que eu esteja presente — falei, assim que entrei no quarto.

— Algum problema? — o soldado que eu havia trazido comigo perguntou.

— Ele arrastou Giovanna para a merda de uma balada cheia de droga... Não é pra deixá-lo falar com ela, entendeu? Me acorda antes.

— E se não der tempo?

— Dê um jeito. — Foi o que disse antes de me enfiar embaixo do chuveiro, pensando no que havia feito.

Agora ela sabia e a reação não foi nada parecida com o que eu imaginei. Puta merda. Eu não sabia se aquilo era ter sorte ou azar, mas quando deitei na cama, a mensagem de boa noite com um coração azul do lado, vinda de Giovanna, me fez querer atravessar as portas e mostrar a ela como realmente tinha sido, mas não fui.

Era assinar meu atestado de morte e acabar com tudo, então a única chance que tive foi me agarrar ao travesseiro e tentar dormir, mesmo que minha mente não quisesse esquecer do rosto dela por nenhum segundo sequer.

Acordei com meu celular tocando e atendi antes de olhar o nome na tela.

— O quê?

— Bartek me chamou para tomar café em seu quarto.
— Era Giovanna do outro lado, parecendo aflita. — O que eu faço?

— Não. No seu quarto, avisando que seu segurança não ficará invisível. Me dê quinze minutos antes de responder.

— Ok... Vou pedir o café.

Ela desligou e eu me levantei num pulo, ficando pronto o mais rápido que podia, atravessando a porta direto para o quarto dela, sem nem bater antes de entrar.

Giovanna estava sentada na cama, com um vestido florido e sapatilhas, o rosto lavado, aparentemente bem recuperado da choradeira da noite passada.

— Como foi sua noite? — quis saber, analisando sua expressão com muito cuidado.

— Boa. Acabei tomando um remédio para dor de cabeça, hoje de manhã acordei antes das seis e tomei um banho demorado. Ajudou.

— Espero que sim... Bartek? — perguntei, não deixando margem para o silêncio.

— Disse que estaria aqui em breve, o café também. Você já comeu algo?

— Não, mas não se preocupe comigo.

— Ok... — Ela parecia desconfortável, mesmo com a sombra de um sorriso no rosto.

— Escute, se eu mandar você nos dar licença, vá para o banheiro e só saia quando eu chamar, certo? — avisei Giovanna, não querendo que ela me visse fazendo, o que o irmão dela instruiu.

Será que ela sonhava que Bartek era tido como garoto problema? Que o tempo antes do casamento na América era para poder acalmar as coisas em sua própria casa?

Eu não acreditava que era com aquele cara que Louis queria que ela se casasse, mas que opção eu tinha?

— Certo, Z. — Ela confirmou com a cabeça, obediente como sempre, e eu sorri, tentando acalmá-la antes da batida na porta.

— Fique aí — pedi, já avançando para a porta, abrindo-a e vendo a cara de decepção de Bartek ao me ver. — Bom dia — falei no meu tom mais duro e ele não respondeu, apenas moveu a cabeça e entrou.

— Giovanna, acredito que te devo desculpas por ontem... — ele começou, e ela olhou do rosto dele para o meu, conforme eu me aproximava de uma das cadeiras da pequena mesa ainda vazia.

— Giovanna vai falar com você depois de usar o banheiro. Primeiro, sua conversa vai ser comigo —

interrompi, puxando a cadeira, indicando onde Bartek deveria se sentar.

— Não respondo a um soldado de merda. — O tom agressivo estava ali.

— Vai descobrir que eu não sou um soldado qualquer. Se eu achar que Giovanna não está segura com você, essa merdinha de noivado vai pelo ralo. — Não olhei para ele e, sim, para minha melhor amiga, que me olhava, sem entender. Ela nunca havia me visto daquela forma e ficou um pouco desconcertada antes de ir para onde eu havia mandado.

— Que seja — Bartek disse, quando viu Giovanna me obedecer, e foi se sentando na cadeira à minha frente.

Foi rápido.

A porta do banheiro foi trancada e eu, no segundo seguinte, peguei a cabeça de Bartek, e com toda a força que tinha, a descí sobre a mesa. O som foi alto, assustador, mas antes que ele pudesse reagir, travei seu pescoço em um mata-leão, forte o bastante para deixá-lo sem ar.

— O negócio é o seguinte, seu merdinha, se tentar drogar Giovanna de novo ou encostar um dedo nela, sem que ela queira, Louis vem em pessoa acabar com você,

mas eu garanto amaciar a carne antes do abate, entendido?

— Sim! — ele cuspiu a palavra o melhor que conseguiu.

— Você vai se desculpar com ela, levá-la para comprar tudo o que ela quiser e ser gentil como ela merece. *Capisce?* Vai ser um noivo exemplar.

— Sim! Não consigo respirar! — o polonês gritou, e eu o soltei.

Ele engoliu a lufada de ar com força, se segurando na mesa e eu não fiquei para ver seu rosto.

Abri a porta, vendo a mulher que serviria o café com a mão no alto, pronta para bater e falei:

— Giovanna, o café está servido. — Saindo logo em seguida, sabendo que o recado estava dado e Bartek consciente de que eu avisaria Louis da merda que ele havia feito.



Bartek continuou levando Giovanna para sair com os amigos esquisitos durante à noite, e quando a turma toda resolveu acompanhá-los para a Alemanha, vi minha melhor

amiga murchar. Seu quarto estava cheio de sacolas de compras, Giovanna tinha tudo do melhor, mas Bartek toda noite voltava para o hotel, deixava minha melhor amiga na porta do quarto com um beijo na testa e fingia ir dormir, quando, na verdade, eu o via partir para a farra de novo e de novo.

Aquilo durou até o último dia em Berlim.

Ela queria um programa de casal, ele queria curtir, não daria certo.

Fiquei com Jhonny na porta do quarto, ouvindo a pequena discussão no corredor e assistindo a tudo pelo olho mágico. Se aquele polonês, filho da puta, tentasse qualquer coisa com ela, eu o mataria ali mesmo, mas ele não fez nada físico. Giovanna entrou chorando no quarto, ele tentou falar com ela mais uma vez, ela o mandou ir embora e aquele foi o final da noite.

— Esse vai ser um casamento complicado — meu parceiro comentou, e eu suspirei, balançando a cabeça ao concordar.

— Vai ser uma merda.

Cansado de ver Giovanna daquele jeito, larguei a arma no quarto e abri a porta.

— Não me espere. Ela com certeza vai chorar à noite toda.

— E você não gosta quando te chamam de babá... — Jhonny disse, em seu tom mais irônico, e eu lhe mostrei o dedo do meio, já indo para a porta, atravessando para o quarto de Giovanna, encontrando-a como eu sabia que iria. Jogada no chão, com a cara enfiada no travesseiro, chorando feito criança.

Era uma merda estar na minha posição, principalmente naquele momento.

Não achando outra alternativa, me liberei dos sapatos e do terno, afrouxei a gravata e fui para o chão, deitando a cabeça no canto que sobrava do travesseiro, sendo atingido em cheio ao ver a expressão de dor de Giovanna. Os olhos fechados com força, com os cílios molhados, a boca aberta para poder respirar, o nariz vermelho... Eu nunca cometeria o pecado de fazer um anjo como ela chorar.

Fiquei observando Giovanna como o espectador ansioso que era, até que resolvi acalmá-la. Como sempre fazia para que ela dormisse, comecei a mexer em seu cabelo, entrelaçando os fios loiros entre os dedos, me distraindo um pouco de seu rosto, acabei não percebendo

que seus olhos estavam abertos há algum tempo. Me senti sendo pego no pulo e parei o que fazia.

— O que foi agora? Vou precisar jogar seu noivo pela janela? — perguntei, em tom de graça, desviando o olhar do dela, enquanto me apoiava em um dos cotovelos.

— Você me acha feia? — O tom dela era magoado.

— Nenhum pouco.

— Me acha burra? — A cara de choro piorou.

— Não. De jeito nenhum.

— Mas eu tenho certeza de que Bartek acha. — Ela se sentou de repente. — Eu... Eu... — Giovanna parecia perdida.

— Ele afirmou isso?

— Não, mas eu posso ver como ele olha para as outras mulheres, e depois de hoje... — ela me abraçou, apoiando a cabeça no meu ombro, voltando a chorar.

— Shhhh... Se acalma. O que aconteceu hoje?

— Bartek disse que eu sou como uma criança, ele me beijou de novo e disse que eu preciso melhorar. Que droga! Nem beijar eu sei!

Primeiro, quis socar a cara do polonês, mas depois quis rir.

— É por isso que vocês brigaram?

— Eu realmente acho que gosto dele, Z. Ele me trata tão bem quando estamos a sós. E depois do que aconteceu aqui, no primeiro dia, ele melhorou muito. Está sempre de mãos dadas comigo, não me deixou sozinha...

— Ela mostrou as sacolas no canto do quarto. — Olhe tudo o que ele me deu! Talvez sou eu quem esteja sendo paranoica ao achar que ele olha para as outras mulheres, depois de ver um pouco da vida que ele levava. É a droga da minha insegurança falando mais alto, eu sei.

E lá estava a parte de Giovanna que ora eu tanto amava, ora eu queria destruir de uma vez. Seu castelo de vidro, sua tendência a acreditar que o erro vinha dela, que homens da máfia tinham direito de fazer o que fosse e, ainda assim, serem amados.

Era como a merda de uma síndrome de Estocolmo incubada, agindo sobre os pensamentos dela o tempo todo.

— Gio...

Ela não me deixou falar, só continuou:

— A briga de hoje foi culpa minha. Me senti tão errada depois de ele me beijar e rir, que não soube reagir a nada. — Ela se afastou, encarando o chão como uma criança envergonhada. — Eu sou tão idiota. Deveria ser

mais como Lizzie, como Arianna, mas não, tenho a mesma experiência e o desempenho nessas coisas que um peixe teria fora d'água!

Algo dentro de mim vibrou e, de repente, anjo e diabo compartilharam meu ombro esquerdo.

“Se ofereça” — o diabo disse. “Você vai se machucar e vai machucá-la também” — o anjo disse. “Vai perder a oportunidade e vai chorar para sempre, idiota” — o diabo insistiu, e antes que a consciência pudesse me fazer desistir daquela ideia louca, eu soltei:

— Se você quiser, eu posso te ensinar. — Ela ergueu o olhar para mim, e seus olhos verdes me engoliram. Giovanna passou a língua pelos lábios duas vezes, então deu de ombros e se sentou direito.

— Como?

— Posso te ensinar o que fazer, como beijar Bartek, e o que não fazer também... Acredite ou não, eu sou bom nisso. — Sorri, tentando desconstrair o clima, torcendo para que ela não me achasse louco por propor aquilo.

— Mas... — ela parou, analisando por um segundo — ... tem certeza?

— Se ninguém souber, nem Giordana, Lizzie ou seus irmãos. — Era bom fazer a lista certa, ou Giovanna poderia

deixar escapar. — Posso te ajudar. — Quis me dar um soco por colocar meus desejos todos escondidos naquela proposta suja oferecida com ar de nobreza.

Eu não era melhor do que Bartek ou Felippo.

— Z, o que eu faria sem você? — Ela me deu abraço forte e eu correspondi, envolvendo o corpo de Giovanna com firmeza, sabendo que se eu não controlasse, não demoraria muito para meu pau dar sinal de vida.

— Tudo por você... — Eu ainda tive a cara de pau de dizer, enquanto o diabo no meu ombro comemorava e o anjo me encarava, completamente decepcionado.

Giovanna se afastou e limpou o rosto com as mãos, parecendo aliviada.

— Ok, e o que eu faço?

— Bom, a primeira coisa que preciso te ensinar é que ninguém beija igual. Pode ser que você vá beijar Bartek e ele tenha o costume de — fiz aspas com os dedos — beijar redondo. — Ela riu.

— E como seria isso?

— É quando as línguas ficam em movimentos mais circulares dentro da boca.

— E isso é bom? — A cara dela era de quem não colocava muita fé no que eu dizia.

— Dependendo, se a pessoa souber o que faz, é — confessei. — Tem gente que beija igual vê na TV, não colocando a língua, só sugando os lábios, tem gente que beija tirando e colocando a língua e esse tipo é um pouco irritante...

— E eu beijo como? — O brilho da curiosidade que passou pelos olhos dela me deixaram sem jeito.

— Você? Eu não lembro direito... — menti. — Fora que você estava bêbada, então acho que não conta muito, certo?

— Bartek comentou algo sobre o beijo das americanas ser diferente das europeias — ela falou baixo, desviando o olhar. — Já ouvi meu irmão falar sobre o modo brasileiro...

— Latinas são quentes. Europeias, na maioria, não tem problema com o uso da língua — confirmei. — Americanas não usam tanto a língua, mas parece ser preguiça. É só eu mudar um pouco a forma, que logo elas entram no meu ritmo — comentei aquilo, sem pensar, e Giovanna juntou as sobrancelhas.

— Você costuma beijar muito? — O súbito interesse dela me fez rir. — Você nunca fala sobre isso e, de repente, eu tenho a bomba de que você está namorando com Kira

para lidar. Sua namorada não vai gostar de saber que você está me ajudando com isso...

— Kira e eu... — Me senti envergonhado, porque, apesar de não sermos realmente namorados, estávamos saindo e até ali, eu achei que conseguiria seguir firme no propósito de esquecer Giovanna. *“É só até ela ir embora, você está ajudando sua amiga”*, o diabo no meu ombro sussurrou. — Não consigo explicar, mas seria um segredo. Nem você nem eu, contaremos sobre isso, e nossa relação não vai mudar, certo?

— Certo... — ela disse, parecendo querer acreditar naquilo mais do que eu.

— Ok, então... — Me ajeitei de frente para ela e coloquei as mãos em seus ombros. — Relaxe.

Giovanna fechou os olhos, moveu os ombros e respirou fundo algumas vezes, antes de me olhar de novo.

— Pronto — ela disse baixo, tão próxima que não consegui fazer nada a não ser ficar olhando para o rosto perfeito à minha frente. Seus olhos verdes eram quentes, o nariz marcado e arrebitado parecia ter sido esculpido, e os lábios cheios e desenhados de Giovanna eram, com toda a certeza, meu algoz na terra.

A tensão entre nós parecia crescer, como aquele momento antes de algo irreversível acontecer, como se o

universo soubesse que ali seria criada a matéria do caos e ninguém saberia lidar com o depois.

Mesmo assim, eu quis arriscar.

Giovanna fitou minha boca quando eu me movi, me aproximando dela, com cuidado, com as mãos subindo até seu rosto conforme a distância se tornava a menor possível e sentindo seu hálito contra meu rosto, sua pele quente contra a minha, parei por um segundo, apreciando o momento.

— Z, e se eu não for boa nisso? — ela perguntou, tão baixo, que quase não a entendi.

— Impossível — respondi, antes de saber que não havia mais volta.

Giovanna suspirou. Dei uma última olhada, vendo-a fechar os olhos e a imitei, abrindo a boca junto da dela, com cuidado, e passando a língua gentilmente entre seus lábios, abri passagem até sua língua.

Seu gosto era doce, muito melhor do que eu me lembrava, ainda mais sem o álcool por trás.

Sendo o mais gentil que podia, guiei Giovanna para que fizesse sua parte e fui vencendo sua insegurança. Em poucos minutos, ela entendeu como funcionava e sua

língua dançou junto da minha em um ritmo calmo, terno, quase perfeito.

Suas mãos tocaram meu rosto e eu senti o calor se espalhar lentamente da ponta de seus dedos para minhas bochechas, se alongando de forma preguiçosa para o meu pescoço, peito e resto do corpo. Não aguentei, mantive uma das mãos em seu rosto, mas a abracei com o braço livre, juntando o corpo dela no meu, querendo que o calor se espalhasse ainda mais. Querendo, mais do que tudo, que aquela porra de quarto pegasse fogo logo.

Ela arfou contra minha boca e eu quis rir, mas não a larguei, liberando sua língua e avançando para seu lábio inferior, envolvendo-o com meus dentes, mordiscando de leve, antes de sugá-lo e conseguir um arrepio do corpo que parecia tão entregue ao meu naquele momento.

Giovanna me surpreendeu quando voltou a boca à minha e, sem esperar por convite, a invadiu com sua língua, parecendo ávida por mais, ditando o mesmo ritmo que há pouco a havia feito rir.

Tentei me manter no limite, com todas as minhas forças, mas era muito mais difícil do que qualquer outra coisa que eu já tinha feito. O cheiro dela, seu gosto, seu corpo pulsando contra o meu. O calor, o beijo, a vontade. Tudo aquilo contribuiu e, quando dei por mim, estava duro

feito pedra, louco para ir além e não me segurei. Mantendo Giovanna com um abraço em sua cintura, eu a movi e a ajeitei para descer o corpo para o chão. Apoiei sua cabeça no travesseiro sem largá-la, fiquei sobre ela e o que havia começado calmo, sereno, se transformou na porra de uma tempestade.

Sua respiração ficou mais intensa, assim como a minha. Ela envolveu meus ombros com as mãos, me mantendo perto, gostando do que acontecia. Eu não a impedi, nem mesmo quando ela quis me imitar e mordiscou meu lábio inferior.

O limite estava sendo quebrado. O mundo acabaria pegando fogo e eu não estava nem aí. Segurei sua cintura, o mais gentilmente que podia, e segui o beijo no ritmo em que ela me impôs, mas de repente, meu telefone começou a tocar e eu abri os olhos.

Foi como ser puxado de volta à realidade, de uma forma tão bruta e dolorida, que fiquei atordoado. Giovanna tirou as mãos de mim e as afastou, como se fosse pega cometendo um crime. Eu afastei o rosto do dela, vendo sua boca inchada, seus olhos arregalados, cheios de dúvida e surpresa, e parei ali por alguns segundos, tentando entender o que havia acabado de acontecer.

Eu era um tremendo filho da puta por, pela segunda vez em toda a vida, não ter sido racional junto dela.

Num pulo, levantei e calcei os sapatos, já atendendo a ligação de Louis.

Giovanna não se moveu, nem mesmo quando eu peguei o terno antes de sair.

Falei com Louis, tentando prestar atenção nas ordens dadas, mas não conseguindo deixar de pensar em como seria encarar Giovanna depois daquilo.

Se Bartek achava seu beijo ruim, ele era um idiota completo. Giovanna era perfeita e eu era um imbecil por ter provado algo que nunca seria meu.



CAPÍTULO 14

*Toda a juventude no mundo não vai te impedir de
envelhecer*

*E toda a verdade em uma menina
é muito preciosa para ser roubada dela*

**FALL IN LINE, CHRISTINA AGUILERA FEAT. DEMI
LOVATO.**

GIOVANNA

— Chegamos, passarinho. — Bartek me acordou, tocando minha mão. Abri os olhos, vendo seu rosto virado para a janela, e não consegui achar a fala.

Eu estava muito, mas muito feliz mesmo por sairmos da Alemanha. Era definitivo, eu odiava os amigos do meu noivo e esperava que as visitas, quando acontecessem, fossem curtas e espaçadas. Mas, conseguindo acabar com qualquer resquício do meu mau humor restante, depois do pedido de desculpas de Bartek aquela manhã, assim que vi o céu azul quase sem nuvens e o esplendor verde que se

estendia pelas montanhas em volta do castelo de pedras escuras, meu coração quase bateu fora do peito.

Era realmente um castelo no meio do nada. Era o meu futuro lar e parecia ser perfeito.

O carro terminou a subida íngreme e parou em frente à entrada, fazendo os pelos da minha nuca se arrepiarem ao ouvir o som metálico das correntes sendo forçadas para que se abrisse o grande portão de ferro.

Notando a surpresa no meu rosto, Bartek pegou minha mão, beijou a ponta dos meus dedos e disse, baixo:

— Bem-vinda ao lar. — E com as promessas que havia me feito aquela manhã, de que nosso futuro juntos seria maravilhoso e que eu seria sua prioridade dali para frente, eu realmente quis acreditar que nós teríamos uma vida nova, até porque, perdoá-lo não foi difícil, já que na noite anterior quem havia feito algo errado, tinha sido eu.

O beijo que dei em Zola insistia em permanecer na minha mente. Meus lábios formigavam só de lembrar como havia sido bom, tão diferente de todas as vezes que tentei me encaixar em Bartek. Não houve pressão, não houve medo, era só o meu melhor amigo tentando me ajudar e causando dentro de mim um turbilhão tão grande de sentimentos, que, para poder colocar tudo em ordem, acabei ficando a madrugada toda parada feito uma estátua,

encarando o teto do quarto de hotel, me convencendo de que aquilo não ia e não podia ser nada de mais.

Sorrindo para Bartek, realmente animada, deixei Zola no esquecimento, mesmo completamente ciente de que ele estava no carro atrás do nosso e tentei ser o mais gentil possível com meu futuro marido, quando o carro avançou para dentro da propriedade que, muito em breve, eu chamaria de lar.

Ainda estava sem fala quando o carro estacionou no gramado e abriram a porta para mim. Aceitei a mão cheia de tatuagens do soldado, reparando nele por apenas um segundo, antes de olhar em volta, sentindo o vento gelado bater contra o rosto, enquanto cheiro de terra molhada preencheu meus pulmões.

— O que achou? — Bartek me puxou pela cintura, olhando para cima, e eu acompanhei seu olhar, prestando atenção nas pedras manchadas pelo tempo, nas torres altas, nas passarelas que eu pensei que só veria em filmes.

— Eu não consigo acreditar que seja real — comentei baixinho.

— E é, o castelo foi construído há uns quinhentos anos ou mais, ninguém sabe exatamente. Meus antepassados mataram os nobres que viviam aqui e dominaram as terras em volta.

— Seus antepassados? — perguntei, me dando conta de que eu não tinha ideia da minha linhagem tão profundamente quanto ele.

— É, temos sangue viking — meu noivo falou, orgulhoso.

— Mas Bartek é tão primitivo quanto eu acredito que nossos ancestrais foram. — De repente, Aleksander, o irmão mais velho, surgiu das sombras. Os cabelos compridos soltos, o ar selvagem, os olhos semicerrados, analisando tudo ao redor. Eu me lembrava muito pouco dele, mas se Louis confiava nele, quem era eu para desconfiar? — Giovanna, é bom receber você aqui. Seu irmão não vai gostar se eu te contar as coisas que ele aprontava, mas você pode fazer o favor de contar alguns podres que de Louis, bem no meio de algum jantar importante. — O sorriso dele me deixou relaxada.

— Meu irmão me mataria, e mataria você logo em seguida, por fazê-lo passar vergonha, mesmo à distância. — Sorri, sabendo que Alec era quem, talvez, conhecesse Louis mais a fundo do que qualquer um, mesmo tendo convivido com ele por apenas um ano.

— Se um de nós aparecer morto por aí, pelo menos, saberão a quem acusar, não? — Ele riu e foi então que entendi que ser chamado de leão da montanha não era por

acaso. Sua risada era forte como um rugido. — E você, caçula? Deu muito trabalho para sua noiva? — Alec pareceu se lembrar de Bartek.

— Não. Estamos muito bem, não é mesmo? — A tensão entre os dois começou leve, mas graças ao aperto de Bartek em minha cintura, notei que havia algo errado.

— Ah, claro! Bartek é o melhor para mim, sempre — comentei, com os olhos em seu rosto, mantendo o sorriso nos lábios, com medo de ter feito algo pouco convincente.

Eu não queria que ele tivesse problemas por minha causa, já bastava a confusão que ouvi acontecer entre ele e Zola. Era perturbador observar a troca de olhares do meu noivo com meu melhor amigo. Era como assistir a dois lutadores se encarando, minutos antes de poderem se atracar com socos e chutes.

— Acho bom mesmo. Agora, se me permite, vou roubar seu noivo por alguns minutos. Os empregados vão levar suas coisas lá para cima e você e os homens do seu irmão ficarão na ala oeste. Assim que terminarmos, Bartek volta para fazer um tour por aí, certo? — E como se fosse o melhor irmão do mundo, ele passou por mim, abraçando Bartek pelos ombros e os dois se afastaram.

Observei-os por alguns minutos, esquentando as mãos no bolso do casaco, com um gosto estranho na boca.

Havia tanto que eu queria perguntar, tanto que eu queria poder comemorar por ver aquele lugar, mas tudo o que sentia dentro de mim era uma culpa gigantesca. Parecia que eu precisava me esforçar demais para caber naquilo que Bartek queria, no que todos esperavam de mim. Parecia doer mais do que eu esperava, precisar me conter por medo de ver decepção nos olhos do meu futuro marido.

Eu odiava aquilo, mas não podia fugir.

Afinal de contas, a Família sabia o que era melhor.

— Está animada? Finalmente você vai viver em um castelo, princesa. — Ouvi Zola dizer ao passar por mim e desviei o olhar para o seu rosto, me arrependendo logo em seguida, fitando o chão. Como olhá-lo, sem me lembrar da noite passada?

— É... É como um sonho. — Foi o que pude responder, antes de seguir com os outros para dentro do castelo, para longe do vento frio que parecia congelar meus pés na sombra.



Apesar de me sentir um pouco enclausurada, inclusive, por conta da decoração masculina, escura e meio

sombria, eu adorei conhecer mais do castelo. Havia uma piscina natural no subsolo, aquecida por pedras quentes, na qual Bartek insistiu para que eu tomasse banho mais tarde com ele, também perdi a conta de quantos quartos e salas nós vimos. O único problema ali era a quantidade de escadas e que nem todo o castelo possuía energia elétrica, só alguns quartos, poucas salas e a cozinha. Todos os banheiros eram iluminados por lamparinas e a água do banho era fervida nas lareiras dos quartos.

— E por que não colocaram a fiação por todos os cômodos?

— Boa pergunta. Se eu fosse o irmão mais velho, já teria ajeitado isso. — Bartek deu de ombros e continuou me levando pelos corredores, como se fosse algo normal. — Não ande por aí sozinha, sempre que precisar de algo, é só usar o sistema de comunicação interna dos quartos, ou então me chame, já que boa parte das cozinheiras não fala uma palavra de outra língua que não seja polonês.

— Certo. — Anotei aquele fato mentalmente. Assim que voltasse para casa, precisaria começar um curso.

— E, Giovanna... — Bartek parou, de repente, quando estávamos quase na porta do meu quarto.

— Sim? — Parei abruptamente quando ele, de repente, me prensou contra a parede. Os olhos azuis me

dominando, enquanto sua mão acariciava minha bochecha. Meu noivo deu um meio sorriso e suspirou.

— Não gosto do seu segurança.

— De qual deles? — perguntei, me fazendo de desentendida.

— Zola — ele disse o nome do meu melhor amigo com nojo.

— Ele cuida de mim há muito tempo... É praticamente da família — justifiquei o maior contato.

— Hm... Mesmo assim, quando estivermos a sós, gostaria que ele não estivesse junto, pode ser? Me sinto mal em tocar você com ele por perto... — O carinho no meu rosto desceu pela minha mandíbula.

Respirei fundo, estufando o peito, sentindo a pressão do corpo dele contra o meu, causando algo estranho no ventre. Tanta proximidade fazia ser difícil respirar. Ele era tão bonito, tão perfeito! Seu cheiro era delicioso, seu toque era quente e a boca perto da minha me fez pensar em colocar em prática o que havia aprendido. Era a minha chance de agradar meu noivo, de ser interessante para Bartek, e foi por isso que não o afastei quando, lentamente, seu rosto se curvou em direção ao meu, tão gentilmente que mal pude acreditar que aquilo acontecia.

Aquele deveria ter sido meu primeiro beijo com ele.

Os lábios dele tocaram os meus e, com muita gentileza, se abriram. Eu o imitei, dando passagem para sua língua, recebendo-a com cuidado, sentindo algo dentro de mim tremer conforme acertava o ritmo daquela dança, mesmo morrendo de medo de errar.

Aos poucos, me senti acertando, principalmente quando as mãos dele vieram para minha cintura e me seguraram com firmeza, parecendo incentivar o modo como a coisa acontecia. Coloquei as mãos apoiadas em seu rosto, sentindo sua barba contra os dedos, gostando de como tudo parecia certo.

Zola e seu beijo da noite anterior foram muito úteis para aquele momento.

Eu devia ser uma ótima aluna.

Querendo rir daquele pensamento, congelei completamente no lugar, quando ouvi o som de uma porta bater e, assim que abri os olhos e me afastei do rosto de Bartek, vi meu melhor amigo surgir no corredor.

Meu noivo suspirou quando o viu sobre o ombro.

— Eu... Volto depois. Descanse, passarinho, talvez mais tarde nós possamos praticar mais... — Ele se

aproximou do meu ouvido e disse bem baixo: — Está acertando no beijo.

E, me deixando sem graça, sem saber para onde olhar ou o que fazer, Bartek me soltou e saiu.

Zola suspirou pesado e limpou a garganta, me obrigando a erguer o rosto para encará-lo.

— Estamos bem?

— Uhum. — Concordei com a cabeça, juntando o resto de coragem que tinha para poder fugir para o meu quarto, pronta para me jogar na cama e esconder o rosto no travesseiro, sem saber como reagir ao beijo que parecia bom, mas que não chegava nem aos pés do que eu havia dado em Zola.



CAPÍTULO 15

Garotinhas, ouçam com atenção

Porque ninguém me disse

Mas vocês merecem saber

Que neste mundo

Você não está em dívida

Você não deve a eles

O seu corpo e a sua alma

**FALL IN LINE, CHRISTINA AGUILERA FEAT. DEMI
LOVATO.**

GIOVANNA

— Eu não acredito que ainda faltam duas semanas para que eu possa ver você — Giordana disse, do outro lado da linha.

Eu estava sentada com Coelho no colo, em frente à janela do meu apartamento, vendo a cidade, naquela tarde abafada de verão.

— Nem me fale, queria que você pudesse ter ido na viagem comigo — desabafei. Era tão difícil contar tudo naquele momento para ela. Eu não podia falar sobre Zola, nem nada de ruim sobre as atitudes de Bartek ou, do jeito que eu conhecia Giordana, ela o julgaria mal para o resto da vida. Não. Eu não podia fazer isso. — Mas foi tudo bem, trouxe alguns presentes, Bartek me levou para jantares, compras e eu conheci minha futura casa. O castelo é imenso, Gio. — Tentei parecer mais animada do que realmente estava. — Não vejo a hora de você poder conhecer!

— Eu aposto que sim. Estou feliz por você, meu bem. — Era genuíno seu sentimento.

— É, eu também. — Tentei manter o mesmo tom de empolgação anterior. — Mas me fale sobre o curso de verão, está valendo a pena?

— Sinceramente? Às vezes eu acho que vou surtar, mas estou indo bem. Se continuar como estou, com as notas lá em cima, provavelmente seja chamada para ser assistente de algum professor no próximo ano.

— Isso seria demais! — comemorei, coçando as dobrinhas do bulldog gordo em meu colo. — Só espero que você tenha um tempo livre, antes de essa loucura acontecer. Sinto sua falta.

— Eu também, e prometo que darei um jeito. — Ela suspirou. — Você acredita que isso está acontecendo?

— O que, exatamente?

— Seu noivado. Eu sei que nunca fui fã de Felippo, mas, pelo menos, se casando com ele, você não iria para longe.

Suspirei profundamente e pensei antes de responder.

— É... Eu ainda não me acostumei com essa ideia. Nunca pensei que Louis fosse me mandar para longe. — Aquele era um pensamento que eu tentava evitar constantemente. — Acha que meu irmão me odeia?

— Nunca. Mas acho que ele confia muito nos poloneses, não? Também não sou a maior fã do seu irmão, você bem sabe. Acho Louis um monstro. — Revirei os olhos ao ouvir aquela frase pela milésima vez na vida. — Mas ele te ama e jamais te colocaria nas mãos de alguém que não soubesse ser bom para você.

— É... É nisso que ando confiando cegamente nos últimos tempos — confessei.

— Então, siga o seu coração, como sempre seguiu.

— Sendo corajosa e gentil — completei o que ela dizia e sorri, morta de saudade da minha melhor amiga.

Eu não fazia ideia de como seria deixar de vê-la com tanta frequência e depois de encerrar o telefonema, por precisar me aprontar para um almoço com meu noivo, fiquei mais tempo embaixo da água quente para que o medo da minha história fosse de Cinderela à Rapunzel. Não queria ser presa em uma torre, queria um amor que curasse, que preenchesse. Queria me sentir completa, perfeita, inteira, e se Bartek era o escolhido, eu seria para ele o que fosse preciso.

Uma hora depois, eu estava pronta, conferindo os últimos detalhes no espelho do elevador, alisei o vestido rodado de alças, o cabelo perfeitamente escovado e maquiagem cuidadosamente feita. Não havia dúvidas sobre minha aparência naquele minuto, eu sabia que estava no meu melhor para ver meu noivo, e foi com esse espírito que fui recebida por um homem que nunca vi antes.

— Bartek está? — perguntei, incerta.

— Ele pediu para esperá-lo na sala. — O soldado indicou o lugar com a mão e eu segui.

O apartamento que Bartek tinha alugado era em um bom ponto da cidade e eu nunca havia pisado ali, por isso, a decepção por não ser recebida por ele ficou estampada no meu rosto. Mesmo impressionada com a decoração,

com o piso de mármore escuro e o lustre cheio de cristais, me senti solitária ouvindo o som dos meus saltos contra o chão. Reparei que a mesa de jantar estava posta para dois e em vez de me sentar, fui olhar cada um dos quadros da sala, querendo fazer o tempo passar mais rápido para que a sensação de ser colocada de lado passasse logo.

— Passarinho, te fiz esperar muito? — A voz profunda e forte dele me fez olhar para o lado, procurando seu rosto.

— Só um pouquinho. — Tentei minimizar o caos, afinal de contas, aquilo não era um problema de verdade.

— Que bom... — Ele se aproximou, vestindo roupas informais, completamente brancas, me senti esquisita por ter me arrumado tanto. — Está bonita — ele disse, com um meio sorriso no rosto e me envolveu pela cintura.

Eu não estava preparada. Não daquela vez, e não consegui disfarçar.

— O que foi? — Bartek questionou, em um tom não tão doce quanto antes, ao ver meu modo desajeitado, segurando a bolsa de mão na frente do corpo, me encolhendo.

— É, eu... Não sei. — Ri de nervoso e abaixei a cabeça, ajeitando o cabelo atrás da orelha.

— Escute aqui. — O tom de voz não mudou e um arrepio esquisito percorreu meu corpo quando ele colocou as mãos no meu pescoço. Bartek travou o joelho entre minhas pernas e me manteve ali, imóvel, por um longo minuto.

Seus olhos azuis estavam me afogando, meu peito descia e subia rápido, a respiração parecia difícil, assim como a boca ficando seca e as mãos suando frio, me fizeram tocar o alerta mental.

A Família tem sempre razão. A Família sempre sabe o que é melhor.

— Quando nos casarmos, quero você sempre perfeita para mim, certo? — ele continuou falando, dessa vez com o tom de voz doce novamente. — Também quero que me obedeça sempre, desde agora. É comum que mulheres na minha família sejam fiéis aos seus homens e já que você espera fidelidade da minha parte, preciso que demonstre que posso ser completamente seu, Giovanna.

— Farei isso — falei, quando percebi que ele queria uma resposta, mesmo que minha voz tenha saído falhada.

Vi um sorriso real, aberto, aparecer em seu rosto.

— É assim que seguiremos juntos. — Ele beijou meu rosto. — Está gelada, o que foi? — Ele soltou meu pescoço

e acariciou minha bochecha, fazendo com que eu pudesse relaxar.

— Eu tive um pouco de medo... Achei que tivesse feito algo errado. — Ri de nervoso.

— Ah, bobinha. Minha noiva bobinha. — Ele riu, me obrigando a encará-lo. — Você é minha menininha inocente, mas não se preocupe, eu vou cuidar de você direitinho. — E mantendo o sorriso em seu rosto, ele acabou com a distância entre nós, beijando-me como fizera da última vez, fazendo borboletas no meu estômago se agitarem.

Gentilmente, Bartek se afastou e me pegou pela mão, me levando até a mesa, puxando a cadeira para que eu me sentasse antes de ir para o seu lugar. Imediatamente, um homem surgiu do nada e começou a colocar sobre a mesa pratos e mais pratos. Eram três tipos de carnes, com acompanhamentos diversos, e, de forma muito atenciosa, Bartek me serviu uma vez de cada prato. Não eram porções pequenas, o que me fez vacilar no começo do terceiro prato.

— Há algo errado? — ele perguntou.

— Não, o cordeiro está ótimo. Eu acho que comi demais... Não sei se aguento. — Afastei o prato e o vi rir.

— Achei que você tinha um apetite melhor. Será que você não pode se esforçar um pouco? — Ele esticou o braço na direção do meu prato e o empurrou de novo em minha direção. — Por mim? Até porque você está muito magra... Não seria bom ganhar algum corpo?

— Claro...

O comentário sobre o meu corpo me fez ficar em silêncio por alguns minutos e eu o respondi de boca cheia. O que tinha de errado com meu corpo? Eu nunca tinha recebido nenhuma crítica sobre ele, na verdade, mamãe sempre elogiou minhas pernas longas e braços magros, então nunca havia visto problema.

Será que meu noivo não me achava atraente, por ser magra demais?

Não perguntei, tive medo da resposta. Foi por isso que, mesmo sentindo o estômago doer, não rejeitei nenhuma das sobremesas, até porque, ele veio me dar algumas colheradas direto na boca.

— É tão bom passar esse tempo com você, muito melhor que na viagem — ele comentou, assim que tiraram nossos pratos. — Eu precisava compensar você, de alguma forma, por ter sido um imbecil, é um péssimo hábito que pretendo eliminar.

— Nós já conversamos sobre isso, não há mais nenhum problema, até porque os últimos dias da viagem valeram a pena.

— Você acha? — Ele sorriu, parecendo feliz por saber minha opinião.

— Acho. Foi muito gentil da sua parte me mostrar o castelo, as terras em volta e ficar comigo por todo o tempo disponível.

— É, foi pouco, não? Mas Alec precisava me atualizar de muita coisa... Quando voltarmos, como marido e mulher, as coisas vão ser melhores.

— Eu sei que sim — confirmei com a cabeça e parei os olhos sobre o relógio no fundo da sala —, mas pelo horário... Preciso ir. Fiquei de ver alguns detalhes para o próximo evento da Família com minha mãe.

— Sem problemas. Um dos meus homens vai te levar. — Ele se levantou, vindo até mim.

— Obrigada... — falei, já me colocando de pé, conforme ele puxava minha cadeira.

— Giovanna, antes de você ir, será que podemos nos ver todos os dias? Jantar ou almoçar juntos direito, não esporadicamente, como vínhamos fazendo antes. Vou

acabar trabalhando mais daqui e quero aproveitar cada segundo que posso com você.

Tê-lo me pedindo aquilo com os olhos nos meus me fez derreter. Minhas pernas pareciam gelatinas, meu coração batia forte e dentro de mim, algo gritava: “Está acontecendo! Está acontecendo!”

— É claro que sim. Posso ajustar minha agenda para o que for melhor para você. — Ele me puxou pela mão para a saída e me parou em frente à porta.

— Sendo assim... — De novo, Bartek se curvou na minha direção, juntou nossas bocas com tanta naturalidade, que mal acreditei ser possível. O ar quase me faltou e houve uma pausa cheia de vontades que eu mal sabia que existiam dentro de mim, antes dele realmente se afastar e eu precisar abrir os olhos. — Até mais.

— Até... — Completamente abalada pela presença dele, me virei em direção à porta aberta, seguindo para o elevador, sem olhar para trás, com um sorriso dolorido no rosto.

Estava acontecendo! Meu conto de fadas estava pronto para se tornar real!



Pelas duas semanas seguintes, Bartek me enviou todo o tipo de comida que podia existir e me levou para jantar nos melhores restaurantes da cidade. Das primeiras vezes em que ele fez o pedido, eu entendi como cuidado, mas no nosso último encontro, quando eu não aguentava mais comer e ainda não tinha chegado à metade do prato, vi algo mudar em seu olhar.

— Por que não come mais? — O tom era chateado.
— Não gostou da comida?

— Não é isso. — Limpei a boca com o guardanapo de pano, respirando com dificuldade, por causa do estômago cheio. — Não cabe mais comida em mim. — Tentei fazer graça da situação, mas ele só se frustrou ainda mais.

— Não acredito nisso. Você comeu bem por todos esses dias, tenho certeza de que não gostou daqui. Se quiser, podemos ir embora ou posso pedir outro prato.

— Não, não, não! — Ergui as duas mãos, querendo que ele parasse. — Per Dio, se eu colocar mais uma colherada que seja para dentro, vou explodir.

— Gosto quando você come bem — ele insistiu. — Você não pode se esforçar por mim, só um pouco? — Ele sorriu de forma doce de novo e estendeu a mão para tocar

meu rosto sobre a mesa. — Adoro ver você fazendo o que eu peço.

Respirei fundo e encarei o prato. Depois de três entradas que eu comi, quase que sozinha, aquela carne assada não parecia tão difícil assim de encarar.

— Peça uma água, então, por favor. Preciso respirar um pouco, antes de caber mais alguma coisa aqui. — Ele riu da cena, me vendo colocar as mãos sobre o estômago alto.

— Você precisa se alimentar melhor, está começando a ganhar corpo, finalmente.

Lembrando-me de todos os pequenos comentários de Bartek sobre meu corpo naquelas semanas, sabendo que nenhum deles tinha a intenção de me machucar, enfiei mais uma garfada na boca, mastigando lentamente a comida, querendo engolir o medo de ser imperfeita para ele. O que custava? Era só comer mais um pouquinho e ele ficaria feliz comigo.

Foi por querê-lo satisfeito, que limpei o prato. Foi por querer agradá-lo, que passei mal. Mas era minha obrigação fazer de tudo para que nós déssemos certo, mesmo que doesse um pouco, como colocar mais comida do que eu aguentava para dentro, ou que me fizesse sentir o coração pesado, como evitar Zola.

E só notei que talvez eu o estivesse ignorando por não querer que o pensamento fosse direto para nosso beijo ou para que, agora que eu sabia como fazer, a vontade de beijá-lo de novo não aparecesse, quando ele me deixou na porta do meu apartamento.

— Precisa de mim? — Ele me olhou pelo espelho retrovisor. Os olhos azuis mais claros que os de Bartek denunciavam que Zola estava incomodado. Eu o conhecia como a palma da minha mão.

— Não... — Balancei a cabeça de um lado para o outro.

— Ótimo. Vou buscar sua mãe no aeroporto daqui a pouco, então. Se precisar, tem dois soldados na garagem, certo?

— Ok. Não precisa estacionar, posso descer aqui.

— Giovanna, não! — Ele tentou me impedir, mas era tarde demais, eu já havia aberto a porta.

Corri sobre os saltos até estar segura, do lado de dentro dos portões do prédio, e subi sozinha no elevador, querendo me deitar com Coelho e dormir o quanto pudesse, até a dor de estômago passar, até minha mãe chegar e me ajudar a me aprontar para o compromisso daquela noite.

— Acorde, filha — minha mãe me acordou, acariciando meu rosto, falando tão baixinho e de um jeito tão delicado, que me lembrei, com um sorriso no rosto, enquanto me espreguiçava, de como era morar sob o mesmo teto que ela. Podiam dizer o que quisessem de mamãe, mas ela era a melhor do mundo para mim.

Dando alguns beijinhos na minha testa, ela se afastou e eu me aninhei com a cabeça em seu colo.

— Chegou há muito tempo? — perguntei, com a voz arranhando a garganta, por estar em silêncio há tanto tempo.

— Não, não. Seu pai ficou no apartamento de Louis e Zola me trouxe direto para cá.

— Que bom — comentei, de olhos fechados, pensando se dormia mais um pouco. — Temos tempo?

— Não muito...

— Hmm... — murmurei. — Então vou me levantar. Será que você pode me fazer um leite quente? Meu estômago não está muito bem — reclamei da indigestão. Eu tinha exagerado com gosto naquele almoço.

— Fique tranquila, mas se levante logo. — Mamma deu outro beijo na minha testa, acariciou meus cabelos e me deixou na cama.

Encarei a janela do quarto, vendo a tarde cair na cidade, e suspirei, buscando coragem para me aprontar.



— Giovanna, tem certeza de que esse vestido está na numeração certa? — O tom nervoso de minha mãe estava lá, enquanto eu estava de pé em frente ao espelho, com ela atrás de mim, fazendo força para fechar o zíper do vestido que Matteo havia me dado.

— Tenho, é o mesmo de sempre — comentei, chateada, querendo segurar o choro ao ver como meus peitos pareciam maiores e meu rosto também. Usei vestidos confortáveis por todos os dias, desde que havia voltado da viagem, e não notei o quanto as comilanças com Bartek tinham me custado.

— Segure a respiração — mamma ordenou e eu obedeci, ouvindo com alívio meu vestido fechando. — O que está acontecendo?

— Eu... Acho que estou inchada pelo meu período. — Tentei achar uma desculpa que pudesse disfarçar o real motivo, o qual eu tinha total noção de ser o culpado pelo meu ganho de peso.

— Só pode ser... Nunca vi você mudar de números assim.

— Eu sei. Vou me cuidar nas próximas semanas, eu prometo — comentei, olhando o vestido dourado mais apertado do que deveria, marcando meus quadris e ventre, como nunca.

— Até sua bunda está maior! Giovanna, não queira perder esse corpo agora, você está prestes a se casar e...
— Ignorei o que mamãe falava por doer demais.

Minha aparência era tudo o que eu tinha e naquele minuto, pela primeira vez na vida, olhei no espelho e me senti completamente horrível.

Segurei o choro por todo o tempo em que demoramos para terminar a produção e quando vi Zola, desviei o olhar do dele, porque não queria falar ou dar a entender que precisava dele. Eu precisava, muito.

Só não queria admitir em voz alta e correr o risco de dar motivos para que Bartek ficasse bravo comigo. Estávamos tão bem, que seria burrice da minha parte estragar tudo, mesmo que chegando à festa, eu tenha sentido cada um dos olhares queimando na minha direção. Mesmo que cada uma das mulheres tenha revistado meu corpo de forma nada discreta. Mesmo que no meio da roda com as mulheres da família, eu tenha levado a pior com

Arianna, em um vestido cheio de fendas, me medindo de cima a baixo, rindo de forma maldosa.

— Aconteceu alguma coisa, Arianna? — minha melhor amiga perguntou.

Giordana nunca deixaria barato.

— Não comigo. — A garota de cabelos avermelhados mexeu no gelo em seu copo com a unha do dedo indicador. — Mas Giovanna está um pouco fora de forma, não?

— E? Isso é problema seu? — O tom de Giordana era tão protetor que, mesmo querendo me sentar e chorar pelo comentário feito em voz alta na frente de todos, vindo de uma das pessoas mais venenosas que eu conhecia, me senti protegida.

— Não... — Ela não desfez o sorriso, me encarando de um jeito tão perverso, que não tive motivos para continuar ali.

No segundo seguinte que ela se afastou, olhei em volta, vendo cada uma das pessoas com as quais eu me importava entretidas em seu mundo e fugi para o banheiro, enfiando o dedo na goela, assim que me vi sozinha.

Tentei vomitar, mas não consegui. Tossi muito, chorei e me joguei no chão, cobrindo o rosto com as mãos, envergonhada em um nível que nunca me vi antes.

Tudo parecia errado. Tudo.

E naquele momento, eu só sabia chorar



CAPÍTULO 16

*Quando você esteve aqui não conseguia te olhar nos
olhos*

Você é como um anjo. Sua pele me faz chorar.

Você flutua como uma pena em um mundo tão belo

Eu queria ser especial

*Você é especial pra caralho, mas eu sou uma
aberração*

CREEP, RADIOHEAD.

ZOLA

Bizarro era pouco para definir como as coisas estavam. Na verdade, pela primeira vez, em tantos anos de trabalho, eu tive medo. Não de morrer ou de alguma merda estourar, mas, sim, de perder Giovanna. Fazia três semanas que havíamos voltado da viagem pela Europa. Também fazia três semanas que ela mal falava comigo, ou olhava na minha cara.

O arrependimento bateu à minha porta cedo demais e pensei um bilhão de vezes em pedir para ela esquecer o que tinha acontecido. Cheguei a digitar algumas mensagens tarde da noite, mas desisti de enviar no segundo seguinte, lembrando que provavelmente alguém veria aquilo e a coisa seria muito pior do que já era.

— Como vai com Kira? — Lizzie perguntou, quando entramos na cafeteria naquela manhã. Os cabelos dela já estavam na altura dos ombros, a falta de maquiagem denunciava que as noites de insônia persistiam, marcando o redor dos seus olhos, mas apesar da expressão cansada, Lizzie estava melhor do que antes.

— Ela está trabalhando em algo particular para Louis, então, não temos nos falado muito, mas acredito que está tudo bem, por quê? O chefe comentou algo?

— Não, Louis parece ok com isso. Pelo menos, não comentou nada, além de que se eu vir vocês dois fodendo, é para avisá-lo. — Eu ri de como ela disse aquilo e me enfiei atrás dela na fila.

Fizemos os pedidos e nos sentamos logo em seguida, aguardando chamarem nossos nomes no balcão.

— E você avisaria?

— Não. Eu comemoraria, e provavelmente te subornaria com isso depois. — Ela sorriu, mexendo

compulsivamente no porta-guardanapos da mesa. Dando um suspiro mais profundo, ela olhou em volta e perguntou despretensiosamente: — Sabe algo de Giovanna? Ela mal tem cruzado comigo desde que voltou de viagem. Não a vi nem quando apareceu esses dias, no apartamento.

— Giovanna está concentrada no noivo... — Tentei ser o mais neutro possível na resposta.

— Sério mesmo? A viagem foi ok? Bartek é sempre tão polido e perfeito... É estranho. Convivo com Louis, sei como é quando alguém quer convencer. — Ri daquela constatação. Mal sabia Lizzie que antes da viagem, Louis havia me chamado para contar a real face do caçula Schevisbiski.

Bartek estava fazendo confusão nos lugares errados, era festeiro demais, esbanjador e cruel. Aleksander estava com problemas pelo irmão não ter respeito nenhum pela mercadoria deles e foder alguns negócios importantes.

Estar na América não significava só a conquista de uma boa noiva, era o tempo que Alec precisava para livrar a barra do irmão.

— Digamos que você não está tão errada assim, mas esquece, é tudo o que vou te contar.

— Porra, Golden boy... — Lizzie reclamou, rolando os olhos, enquanto chamavam nossos nomes.

Fiquei com Elizabeth por toda a manhã e, à tarde, assim que entrei na garagem do prédio de Louis para deixar Lizzie em segurança, meu telefone vibrou.

— Agliardi — respondi à chamada.

— É a menina Luppolo. Ela não saiu, não abre a porta... Ninguém entrou lá hoje, mas se ela não responder, a ordem é invadir.

— Espere — pedi um segundo na linha, e olhei para Lizzie, que parecia preocupada. — Você falou com Giovanna hoje? — Ela moveu a cabeça de um lado para o outro em negativo e eu suspirei, não querendo alarmá-la. — Eu já estou indo. Não façam nada até eu chegar. — Assim que larguei o celular, Lizzie abriu a boca.

— O que está acontecendo?

— Giovanna está se isolando. Vou passar lá e ver o que posso fazer...

— O negócio de ver Felippo bem, deve estar acabando com ela, não? — Ouvir Lizzie dizer aquilo foi como receber um soco no estômago.

— É... Mas ela vai superar — respondi, sem olhar para trás, sabendo que Elizabeth era esperta o bastante para pegar aquela mentira.

Assim que coloquei o carro na garagem e encontrei com os homens que estavam cuidando de Giovanna aquele dia, expliquei que subiria e que se precisasse, ligaria pedindo reforço. Caso contrário, ninguém precisava se preocupar. Os soldados pareciam tranquilos com as instruções, afinal de contas, eu sabia que, como todo o resto, eles achavam Giovanna uma garotinha mimada.

Peguei a chave reserva que tinha do apartamento dela no meu chaveiro, enquanto estava no elevador e, por educação, toquei a campainha, antes de destrancar a porta.

— Giovanna? — chamei por ela quando abri a porta, ouvindo a música alta, enquanto Coelho latia desesperado em cima do sofá, procurando uma boa posição para descer sem se espatifar no chão.

— Cachorrinho sem vergonha. — Fui até o bulldog, ainda chamando por ela, e o tirei de cima do sofá.

Coelho me acompanhou, animado, pelo apartamento. Pausei o som que vinha do sistema bluetooth da casa e segui para dentro do quarto, ouvindo o barulho do chuveiro, toquei na porta e chamei:

— Giovanna? Está aí? — Ela não respondeu e, por um pequeno segundo, meu coração pareceu bater na garganta.

Tentei abrir a porta, mas estava trancada e, sem pensar duas vezes, me afastei para abri-la no chute.

Aconteceu rápido demais. Em um segundo a porta estava abrindo, no outro, ela estava gritando, assustada. Nua, sentada no chão do box, ela tentou se cobrir com as mãos e eu demorei quase um minuto para me recompor.

— Sai daqui! — ela gritou.

— Você tem dois minutos para sair deste banheiro — avisei, já dando as costas e dando privacidade a ela.

De volta à sala, fui até a pequena cozinha e abri a geladeira, pegando a garrafa d'água, tentando acalmar o sentimento ruim que quase me engasgou. Por um momento, eu tive certeza de que a encontraria desacordada, ou pior, e aquilo doeu. Doeu mais do que tomar um tiro, mais do que ter os dedos ou os dentes quebrados. Mais do que qualquer outra dor física que eu já tinha sentido.

— Fica calmo — falei para mim, baixo, depois de beber o copo d'água e apoiar os cotovelos no balcão, apoiando minha cabeça nas mãos.

— Eu não precisava que você viesse. — Ouvi a voz de Giovanna vindo da porta e ergui a cabeça para encará-la.

Os cabelos molhados, o corpo coberto por uma camiseta gigante, o rosto inchado, prova de que ela devia ter passado o dia todo chorando.

— Que merda aconteceu com você hoje? — perguntei, um pouco indignado, não acreditando que ela, que sempre era doce e gentil, mesmo quando o mundo parecia desabar, estava sendo tão grossa.

Aquela não era a Giovanna que eu conhecia.

— O que você espera de mim? Veio aqui me cobrar também?

— Como? — Me ergui por completo e fui para perto dela, sem entender o que ela dizia.

— Como se você não soubesse... — O olhar dela tinha uma raiva intensa e eu não entendi de onde aquilo vinha, foi por isso que, sabendo que aquela não era minha menina, ignorei qualquer agressividade vinda dela e avancei para abraçá-la.

Giovanna não reagiu no primeiro momento, mas não deu dois minutos e estava me abraçando com força, enquanto chorava.

— Estou cansada, Z. Muito cansada e magoada, e com fome! — Ela chorou ainda mais.

Onde é que eu estava que não percebi o que estava acontecendo?

— Calma... Calma, pequena. — Ninei seu corpo e beijei sua cabeça, até que ela parasse de chorar. — Vamos resolver uma coisa por vez. Que tal você se sentar ali, eu vou preparar algo para você. Já comeu hoje? — perguntei, e ela negou com a cabeça. — Então, ok. Primeiro, você se acalma e come, depois a gente conversa, certo?

E voltando a ser quem eu conhecia, Giovanna aceitou, quando a guiei para um dos bancos do balcão e assumi sua cozinha.

Em silêncio, ergui as mangas da camisa e revistei a geladeira para descobrir o que eu faria.

Normalmente, Giovanna vivia de comida congelada e delivery, mas sua casa sempre era bem abastecida pela empregada que vinha dia sim, dia não. Sem pressa alguma, peguei alguns legumes congelados e me virei com um pacote de macarrão que encontrei. Gio me observou o tempo todo, os olhos injetados, os braços ao redor do corpo, ela parecia com medo.

Quando, finalmente, coloquei o prato à sua frente, ela parecia outra pessoa.

A Giovanna que eu conhecia, teria colocado tudo para dentro, sem vacilar. Já aquela versão dela, arranhou a

porcelana com o garfo, encarando a comida como se visse um inimigo, e muito devagar, espetou um macarrão sozinho e levou até a boca, mastigando com cuidado, como se fosse perigoso.

Levou uma eternidade para que ela terminasse de comer, e quando pousou os talheres no prato, chorou de novo. Um choro silencioso, que ela tentou calar com as costas das mãos, desviando o olhar do meu, enquanto seu peito sacudia, graças a um soluço.

— Venha, vamos lá para dentro, assim você me conta o que está acontecendo.

Ela não se opôs quando peguei sua mão e a levei em direção ao quarto.

Sentei-me no banco que havia perto da janela, e aproveitei para ver como a luz do sol se comportava no quarto que tinha as luzes apagadas. Segui cada um dos feixes de luz com o olhar e então parei no que estava sobre o rosto de Giovanna, que havia se largado no tapete bem próxima a mim, com os joelhos erguidos, parecendo não se importar que toda sua bunda estivesse de fora, incluindo a calcinha verde água.

Eu sorri para mim mesmo e desviei o olhar de novo para o lado de fora.

— O que foi? — ela perguntou baixo.

— Você pode me contar o que aconteceu ou podemos ficar aqui, quietos, até você ficar bem de novo.

— Você não entenderia... — ela reclamou, abraçando as pernas e apoiando a cabeça nos joelhos.

— Se você tentar me explicar, quem sabe eu... — Ela me interrompeu.

— Você me acha feia? Acha que estou gorda? Acha que eu sou idiota? E imatura? Porque, inexperiente, eu tenho certeza de que sou. — As perguntas saíram rápido demais e eu precisei ponderar por um segundo.

Em todos os anos ao lado dela, a única coisa que eu sabia não perturbar Giovanna era sua aparência.

— Que tipo de perguntas são essas? — Fiz cara de quem não acreditava no que ouvia e escorreguei para o chão, junto dela.

Giovanna suspirou, escondeu o rosto nas mãos e então se ergueu. Respirou fundo, enquanto encarava o teto, se sentou encostando as solas dos pés uma na outra e juntou as mãos sobre o colo.

— Todos eles pensam que eu sou só a garota bobinha, eu sei — ela falou, mais para si do que para mim.

— Eles quem? — Tentei, mas ela continuou a me ignorar.

— Eu sou só uma peça, não é? Eu preciso acreditar que vai ficar tudo bem, mas ninguém pode me garantir. — Vi uma lágrima escorrer pelo canto de seu rosto e me aproximei, colocando a mão em seu queixo, obrigando-a a me olhar.

— Você precisa me dizer o que está acontecendo, senão, não vou poder ajudar. — Tão próximo dela, podia ver o tom verde claro de seus olhos e todas as nuances de sua íris. Os cílios compridos, o nariz arrebitado, a boca tão cheia e desenhada que carregava uma marquinha no meio do lábio inferior. Engoli a vontade de beijá-la, com dificuldade.

Como uma garota linda como Giovanna, podia ter dúvidas como aquelas?

— Você me acha bonita, Z? — ela perguntou baixo, a voz meio rouca fazia carinho no meu ouvido.

— Acho você linda, Giovanna — respondi, no mesmo tom.

— Tem certeza? — Ela parecia desconfiada. — Não mudaria nada em mim?

— Nunca. — Os olhos dela pareciam sedentos em minha resposta, procurando qualquer indício de mentira.

— Não me sinto pronta para ser esposa de alguém, Z — ela admitiu. — Estou assustada. — Suspirando, ela se curvou na minha direção e tocou a testa na minha, fechando os olhos logo em seguida. — Tenho medo de não ser boa esposa, tenho medo de ser uma péssima amante... Você viu, eu nem sabia beijar direito. — O tom depreciativo era péssimo.

— Ninguém nasce sabendo, pequena.

— Mas Bartek parecia esperar que eu soubesse dessas coisas. — Ela parecia ferida. — Ele tem muita experiência e eu não sei nem andar em linha reta, depois de um beijo na boca.

— Com o tempo, você vai entender, e essa sua insegurança com seu corpo, vai passar. Bartek é um idiota, se não tiver tesão em você... — E lá estava o demônio no meu ombro de novo, atijando para que eu fosse além do combinado. — Mas se te beijar ajudou a entender como funcionava, eu posso te ajudar com o resto...

Ela abriu os olhos e me encarou, sem se mover, era sufocante ter Giovanna me fitando daquele jeito.

— Como? — A pergunta de um bilhão de dólares.

— Posso ensinar você a ter controle sobre o seu corpo, ensinar o que fazer, o que não fazer... É bem fácil,

na verdade... — menti, sabendo que condenaria a nós dois.

— Promete?

— Prometo. — Entendi o que ela queria. — Mas ninguém pode saber, ou então, você sabe o que pode acontecer comigo.

Giovanna balançou a cabeça, confirmando.

O sol ainda brilhava do lado de fora e enquanto ele ainda banhava o quarto de Giovanna, nós nos encaramos em silêncio sobre o tapete felpudo que cobria todo o chão do quarto.

Minha mente ignorou completamente todos os avisos de prudência que soavam dentro da minha cabeça e, antes que eu me desse conta, antes que pudesse me afastar e perceber a merda que estava fazendo, puxei o rosto de Giovanna para o meu, completamente sedento, louco para poder beijá-la novamente.

Como se eu fosse feito de metal e sua boca fosse o ímã, movi a mão para nuca dela e juntei nossas bocas, tentando ser o mais cuidadoso possível. Queria que ela tivesse opção, que dissesse para eu parar, que se afastasse, mas não foi isso que aconteceu. Me surpreendendo, o corpo dela se ergueu. Giovanna ficou

sobre os joelhos e correspondeu ao beijo com mais intensidade do que eu esperava.

Porra — xinguei mentalmente.

Meu corpo era tão filho da puta, tão traíra, que bastou ter a língua dela em contato com a minha, que tudo em mim acordou e fiquei completamente consciente de que ela estava vestindo só o camiseta e a calcinha. O fato fez meu pau acordar.

Grande desgraçado tarado eu era.

Me ergui nos joelhos também, mantendo a mão em sua nuca, enquanto a beijava, e descii uma das mãos para seu quadril, apertando o corpo dela contra o meu com firmeza, conforme mexia a cabeça, movendo Giovanna na minha nova dança, a qual eu não sabia muito bem o ritmo, mas conhecia bem demais a coreografia.

Sem me conter, coloquei as mãos dela nos meus ombros e, passando as mãos por seus braços e ombros, contornando seu corpo de mão cheia, descii por sua bunda e a apalpei com vigor, trazendo seu quadril contra o meu, explodindo dentro das calças, quando ela arfou pela surpresa contra minha boca.

Não deixei que ela se afastasse por nenhum segundo, suguei seu lábio inferior e voltei a beijá-la,

conforme apalpava seu traseiro, guiando seu corpo para se deitar no tapete.

Ela não fugiu, nem se retraiu, na verdade, se abraçou ao meu corpo e me puxou para cima dela.

Apoiei o peso nos cotovelos e me ajeitei entre suas pernas, tomando cuidado para não pressionar o quadril contra o dela. Não. Seria diferente. Giovanna era como uma rosa desabrochando e se eu a forçasse, estragaria tudo.

Com muito cuidado, diminuí o ritmo do beijo e permiti que ela sugasse meu lábio inferior, antes de afastar o rosto do dela, abri os olhos para vê-la. Os olhos fechados, a boca entreaberta, a respiração começando a ficar descompassada. Os cabelos jogados pelo tapete, a pele sem nenhum pinga de maquiagem e, logo em seguida, os olhos abertos, me engolindo no verde intenso, fazendo algo dentro de mim derreter por completo.

Ela sorriu, e foi nessa hora que toda minha sanidade foi embora. Travei seu corpo embaixo do meu, colocando suas pernas entre as minhas e movi minhas mãos para sua nuca, entrelaçando os dedos em seu cabelo, dando uma base para sua cabeça, descí a boca para a dela, prendendo seu lábio inferior entre meus dentes, ainda com

o olhar preso ao de Giovanna, soltei sua boca devagar e parti para outro lugar.

Segurando seus cabelos, impedindo que ela se movesse, rocei meus lábios por sua bochecha e mordisquei a ponta de sua orelha. Depois, com a língua dura, tracei todo o contorno dela e me senti recompensado quando ouvi o pequeno gemido vindo da minha melhor amiga.

Ri baixo, resvalando o nariz por sua têmpora, seguindo para baixo conforme distribuía beijos demorados pelo caminho. Encaixei o rosto na curva de seu pescoço e rocei os dentes na pele alva, arrancando um suspiro dela, que me fez parar por um segundo para tomar o controle.

Aspirei seu cheiro, fechando as mãos com força, consequentemente puxando os cabelos presos em meus dedos, forçando Giovanna a erguer a cabeça, expondo a garganta para mim.

Não pensei muito, beijando e mordiscando a pele, passeando pacientemente com a língua por seu colo, ameaçando a descer até onde a gola da camiseta permitia. Seu corpo vibrou embaixo do meu e não pensei duas vezes.

Ela poderia não ser minha mulher, poderia nunca se apaixonar por mim. Com certeza não seria eu a tirar a

virgindade dela, mas seria eu a dar o seu primeiro orgasmo, e, por Deus, eu poderia morrer por me atrever tanto, mas pelo menos morreria feliz.

Escorreguei uma das mãos por seu corpo, mapeando-o com a mão livre, parando sobre seu seio por cima da blusa, usei a ponta dos dedos para acariciá-la e senti o despontar do mamilo contra o tecido. Ela sugou o ar entre os dentes, mas não disse nada e eu continuei, subindo o rosto de volta ao dela, observando os olhos fechados e os dentes marcando o lábio inferior, conforme eu massageava seu seio de forma lenta e intensa, provocando a carne, morto de vontade de arrancar suas roupas e fazer o serviço completo.

Engoli a seco a vontade e larguei seu seio, vendo os olhos dela se abrindo ao fazer isso.

Giovanna colocou as mãos no meu rosto e me puxou, beijando minha boca, ronronando como uma gata, conforme eu me ajeitava, erguendo um pouco o corpo para dar espaço para movimentar minha mão entre nós.

Desci por suas coxas, apertando-a com uma brutalidade contida que era novidade para mim e segui com a mão para cima, por baixo da camiseta, sentindo o tecido da calcinha ser a última barreira. Não falei nada, não queria que ela desistisse, nem queria acordar, se aquilo

não fosse realidade, por isso, com cuidado, passei os dedos sobre o tecido, de um quadril a outro e, sem nenhuma reação negativa vindo dela, afastei-o, tocando na pele lisa e macia que se escondia ali atrás.

Quase gozei só por tocá-la. Nem no meu melhor sonho aquilo teria acontecido.

Dedilhei Giovanna, querendo explorar tudo e desenhá-la na mente. Minha boca encheu d'água quando escorreguei o dedo por seus lábios, com facilidade, graças a sua umidade. A carne dela era macia, quente, e sua entrada pulsava. Brinquei com os dedos ao redor, mas Giovanna não se moveu. Ela confiava em mim, quando nem eu confiava, e esse foi o único motivo para que eu me segurasse. Tocando-a bem ali, percebi que seria uma tentação maior do que a que eu poderia aguentar e voltei os dedos um pouco para cima, encontrando seu ponto inchado, pronto para que eu fizesse os sinos soarem alto.

O primeiro toque com as pontas do dedo médio e anelar foi gentil e cuidadoso. Ela arfou contra a minha boca, mas eu não a deixei fugir. Brinquei com sua língua e fiz o primeiro movimento circular. Giovanna apertou meus ombros, gemendo baixo, conforme eu continuava.

Sem aguentar, ela afastou o rosto do meu, cravando as unhas sobre a minha camisa e falou:

— Dio santo!

E, nos minutos seguintes, tudo o que se podia ouvir naquele quarto eram seus gemidos crescentes e a respiração se descontrolando.

Assisti a cada uma das expressões dela, me senti flutuar conforme a tocava, como se todas as mulheres com quem eu havia passado a noite tivessem sido parte do meu treino para tocá-la daquela forma.

Giovanna era o instrumento raro, ao qual eu passei a vida procurando.

Toquei outros, fiz boa música, mas nenhuma delas comparada à que eu ouvia vindo dela.

Aos poucos, aumentei a velocidade do meu movimento, segurando sua nuca com firmeza, trazendo sua boca para perto da minha, sendo o espectador mais sortudo do mundo.

— Zola! — ela disse, com a respiração falhando, na tentativa de segurar seus gemidos.

Seus olhos estavam em mim e pareciam descrentes de que aquilo acontecia, mas não havia como fugir. Seríamos reféns daquela realidade para sempre e eu não estava nenhum pouco incomodado. Não com aquilo.

Não dei tempo de ela fugir, não quis dar nenhuma opção. Desci a boca por seu pescoço e toquei seu clitóris com maior velocidade, examinando seu corpo, sentindo seu calor, vendo a flor desabrochar como deveria ser.

Giovanna não gritou, não tentou me afastar, só me segurou com força contra ela e gemeu gostoso no meu ouvido, conforme seu corpo todo sofria dos espasmos do primeiro orgasmo. Ouvir aquilo me colocou em transe, a sensação era de plenitude, de uma soberania sem fim e quando voltei a mim, não acreditei que aquilo pudesse acontecer.

Eu tinha gozado sem nem mesmo precisar colocar a mão no pau.

Esperei que seu corpo se acalmasse, antes de afastar a mão de onde eu estava, louco para descer a boca e, assim que ela me soltou, notei como minha respiração também estava acelerada.

Meu pau parecia amortecido e eu tive certeza de que aquilo, fosse o que fosse, podia me foder muito, mas era a melhor experiência de toda minha vida. Melhor do que qualquer foda maluca que eu tivesse tido por aí.

Limpei minha mão na camiseta dela, porque não sabia se podia ser tão sujo quanto queria e subi a mão até

o seu rosto, acariciando a bochecha de Giovanna, enquanto ela abria os olhos.

— O que é que fizemos? — ela perguntou, com a voz rouca, como se tivesse acabado de ser atropelada por um trem e eu ri.

— É só uma aula, não se preocupe. — Beijando sua testa, a mantive ali, até ter certeza de que era seguro me levantar.

Assim que pude, fui até o banheiro, acertei a bagunça na minha cueca e, depois de me xingar algumas vezes, enquanto me olhava no espelho, respirei fundo e saí, encarando Giovanna, que parecia envergonhada.

— O que fizemos?

— Tecnicamente? Eu te ensinei o que é um orgasmo.

— Mas eu continuo...

— Sim, relaxe. Você continua virgem — falei, batendo a porta do banheiro que precisaria ser consertada, indo em direção à cama para me sentar ao lado dela.

— Mas... E agora?

— E agora? Se, por acaso, Bartek não souber te fazer sentir isso ou parte disso, só beijando você, ele é um bosta.
— Não estava no inferno? Era minha vez de abraçar o capeta.

— Mas eu só fiquei parada... E se eu tiver que fazer algo? — O olhar dela era fixo no chão. As bochechas vermelhas, a pergunta subentendida... Eu sorri.

— Ninguém nunca vai saber da minha boca, espero que nem da sua ou, então, teremos que planejar meu velório. E... Se você precisar, podemos tentar uma outra aula.

— Ok... — Ela não teve coragem de olhar para mim, e eu suspirei, não podia deixar aquele clima esquisito entre nós, não mais.

— E então? Eu *tô* com fome. Quer pedir uma pizza?
— Fiquei de pé e me espreguiceei.

— Achei que hoje era sua noite de folga. — Ela ergueu o rosto, confusa. — Não vai sair com a Kira?

— Posso desmarcar. Minha melhor amiga precisa de mim, e faz mais de três semanas que eu não assisto à Cinderela, sabe como é, *né*? — Sorri e Giovanna sorriu de volta.

— Isso é um crime. — O tom irônico dela nivelou as bases.

— Então, vamos corrigir. — Puxei a loira pela mão e a abracei, beijando sua cabeça, antes de deixá-la seguir para a cozinha.

Eu já estava fodido mesmo, o que eram mais dois centímetros de merda na minha cova?



CAPÍTULO 17

*E parece que ontem foi há um ano
Mas eu não quero deixar ninguém saber
Porque todo mundo quer algo de mim agora
E eu não quero decepcioná-los*
EVERYTHING I WANTED, BILLIE EILISH.

GIOVANNA

“Tem certeza de que você está bem mesmo?” — a mensagem de Giordana apareceu na tela do meu celular, mas a bloqueei antes que qualquer outra pessoa pudesse ver.

Estava sentada, almoçando no apartamento de Louis, comemorando o aniversário do meu irmão mais velho, dando graças a Deus por ele ter me impedido de fazer qualquer coisa para ele.

Eu não daria conta. Minha mente estava tão cheia e meu corpo tão cansado, que eu teria falhado, e eu não

precisava de mais uma situação de grande porte para me sentir falha.

Outras pessoas estavam à mesa. Lizzie; Luca e Salvatore Matteucci; Lorenzo e Delfina Ferioli; e Marchiori Gabiatti, me fazendo estranhar o fato de ele aparecer sem o irmão.

Os Gabiatti eram os mais frios e distantes. Por não haver mulheres na família, tudo o que eu conhecia deles era superficial e sempre que um deles me olhava com suas faces de gelo, um arrepio muito, mas muito ruim, corria por minha espinha.

Henry e Zola estavam mais afastados, em pé, conversando sobre algo que eu não conseguia ouvir, mas, vez ou outra, meu olhar cruzava com o do meu melhor amigo e meu coração acelerava.

Como é que eu nunca havia enxergado Zola daquela maneira?

Lembrar-me dele me tocando, me deixava completamente em transe e flashes surgiram em minha mente: vi sua boca descendo pelo meu pescoço, a firmeza das suas mãos no meu corpo, o cuidado ao me tocar onde ninguém nunca tinha chegado perto e a dedicação de me trazer tantas sensações novas.

Nunca me esqueceria de como senti meu corpo esquentar, de como a corrente elétrica de onde Zola havia tocado se espalhou por cada pedacinho meu. Achei que pudesse entrar em combustão antes de entender o que acontecia e nunca imaginei que me sentir queimar daquela forma fosse tão bom. Se fosse para morrer queimada, que fosse aquele tipo de fogo que me consumisse.

Sentindo o corpo esquentando, passei a mão pelo pescoço e bebi do copo d'água à minha frente.

— Não vai comer? — Lizzie perguntou, olhando para o meu rosto com uma expressão esquisita. — Está tudo bem?

— Ah, eu estou um pouco mal do estômago — menti.

A verdade era que minha bolsa tinha um estoque gigantesco de tic-tac's de menta e aquilo era tudo o que eu vinha comendo, quando a fome apertava. Não queria comer ali, ainda mais por ter um jantar marcado com Bartek, sabendo que ele me faria colocar para dentro muito mais do que o necessário.

Odiava vê-lo decepcionado comigo, odiava vê-lo julgando minha magreza, também odiava como via meu corpo ficar, depois de comer tanto. Mas eu estava resolvendo. Depois de uma semana colocando tudo o que

comia para fora, ou não comendo, eu estava quase recuperando meu físico para o que ele sempre fora.

Eu fazia aquilo por amor, por saber que em pouco tempo ele veria que meu corpo não mudaria e desistiria de insistir para que eu comesse tanto.

— Se quiser, tenho remédio na bolsa — Delfina, que estava ao meu lado direito, ofereceu.

— Não se preocupe, vou beber mais um pouco de água, quem sabe melhora? —E esvaziei meu copo.

Era do que eu vivia nos últimos dias, muita água para o estômago não doer tanto de fome e as balinhas de menta.

Elizabeth comprou um bolo para Louis, a cara do meu irmão foi impagável, quando ela obrigou a todos os que estavam na mesa a cantar *parabéns pra você*.

Eu amei o assistir apagar as velas com os olhos nela. Lizzie era o equilíbrio que Louis precisava e depois de dar o abraço mais forte que conseguia nele, beijei sua bochecha e sussurrei:

— Seu presente será entregue em três dias. — Havia encomendado um terno estampado que não tinha chegado ainda.

— Meu presente foi você não fazer festa. — Sabia que ele brincava e dei mais um beijo em sua bochecha, antes de sair pela porta para chamar o elevador, enquanto ele e Lizzie se despediam com um beijo nada discreto. — Ei, precisamos trabalhar. — Atrapalhei aos dois, quando o elevador chegou e ouvi o riso dela.

Ver Liz e Louis felizes me deixava feliz também.



Aquela noite, Bartek me levou para jantar e eu não o decepcionei.

Limpei cada um dos pratos que ele pediu, deixando meu noivo satisfeito ao me ver acatando seu pedido de me alimentar melhor. Meu corpo, antes tenso, parecia relaxar quando via seu olhar de aprovação.

Era horrível quando ele parecia mal-humorado ou decepcionado. Me sentia em dívida, me sentia na obrigação de agradá-lo de todas as formas para que ele pudesse gostar de mim.

Assim que o jantar acabou, enquanto ele pedia a conta, terminei de beber o suco do meu copo, de uma vez só, e pedi licença para ir ao banheiro. Bartek não se

importou e eu andei a passos largos para ter meu momento sozinha.

Me ajoelhei na frente do vaso, aspirei o cheiro de urina que me ajudava a vomitar ainda mais fácil quando eu precisava fazer isso fora de casa e, com os dedos na goela, senti a garganta queimando ao ser arranhada pelo jantar que voltava. Depois de ter muita dor de garganta, aprendi que ingerir líquidos antes ajudava no processo. A comida foi toda para o esgoto, em menos de cinco minutos, e eu precisei me sentar um pouco no vaso para me acalmar.

Toda vez que eu vomitava, acabava chorando e não podia sair daquele jeito do banheiro ou Bartek desconfiaria. Limpei o rosto, me acalmei e saí da cabine. Lavei a boca, mastiguei duas balinhas de menta e ajeitei a maquiagem, conferindo no espelho se havia algo fora do lugar.

Não havia.

Respirei fundo, ensaiando o sorriso que daria ao sair pela porta do banheiro e suspirei profundamente, tentando aliviar o peso que sentia sobre os ombros. Eu não lembrava quando é que aquela sensação ruim havia começado, mas eu daria tudo para me livrar dela.

Ignorando qualquer sombra de tristeza ou demonstração de fraqueza, tomei coragem e voltei ao salão, pronta para ser a noiva perfeita que Bartek esperava, pronta para ser a Giovanna Luppolo que tanto dava orgulho à Dark Hand.

— Está pronta? — Bartek perguntou, seu sotaque forte pesando nas palavras era encantador.

— Estou — confirmei com a cabeça, pegando sua mão para ir em direção à saída.

Em silêncio, esperamos o carro e ele fez questão de abrir a porta do carona para mim. Entrei no carro e coloquei o cinto, enquanto ele dava a volta para entrar do lado do motorista.

Saímos para a rua e Bartek, depois de ligar o som baixinho, parou para me olhar.

— Posso fazer uma pergunta?

— Claro. — Me ajeitei no banco, olhando para ele.

O ar parecia pesado, a presença dele ali dentro era tão esmagadora quanto podia, ainda mais com seus olhos me devorando daquele jeito.

— Você está feliz comigo?

— É óbvio que sim... — Tentei um sorriso. — Por que a dúvida?

— Não sei... — Ele deu de ombros e olhou para frente, vendo que o GPS marcava a chegada à minha casa em menos de dez minutos. — Fiquei sabendo que teve um almoço para Louis hoje, mas você não me convidou como seu par...

— Ah, não sabia que você queria ir, eu...

Ele me interrompeu:

— Você não me perguntou. E eu queria ir, sim. Gosto de passar o maior tempo possível com você, passarinho. — O tom dele parecia decepcionado e aquilo fez meu estômago doer.

— Me perdoe, eu não pensei... Foi tão automático que...

— Que se esqueceu por completo de mim. — E aquele comentário magoado dele me fez calar a boca e encarar minhas mãos no colo.

Como eu pude ser tão esquecida? Como eu pude não reparar que Bartek queria se integrar?

Minha coluna doía na base, tamanha a tensão que senti por ter cometido aquele erro, por ver o quão magoado ele estava. Fiquei daquele jeito, quieta e encolhida, até ele parar o carro na frente do meu prédio.

Ele estacionou e desligou o carro, suspirando, conforme relaxava contra o banco.

— Desculpa se fui grosso... — ele começou, mas dessa vez, eu o interrompi.

— Não... — Ergui o rosto para olhar para ele, enquanto me livrava do cinto de segurança. — Eu errei, mesmo. Eu deveria ter mais consideração por você. — O sorriso que ele me deu trouxe um pequeno alívio. Bartek virou o corpo para mim e tocou meu rosto.

— Você sabe por que é que eu estou aqui, não é? — Tão próximo, podia sentir sua respiração contra o meu rosto. — Estou aqui só por você, Giovanna. Estou aqui só para que nós dois façamos isso dar certo. — Seus olhos me avaliavam e eu confirmei com a cabeça, com medo de dizer alguma besteira. — Você entende isso? — Suas mãos seguraram as laterais do meu rosto e ele selou os lábios nos meus, me surpreendendo.

— Entende que estou aqui só para o nosso bem? Para o seu bem? — Ele me beijou outra vez e mais uma, intercalando as palavras com os lábios nos meus. — Meu passarinho bobinho. Você não sabe como gosto de você, como estou feliz por ver você se esforçando para me agradar. Não imagina como quero você... — Com essa última frase, Bartek me beijou, abrindo meus lábios com os

seus, invadindo minha boca com sua língua, de forma selvagem.

Eu me entreguei, tentando beijá-lo de forma terna, mostrando que eu me importava, que o erro não se repetiria, que eu faria tudo para que nossa história desse certo, mas ele parecia ter outras intenções.

Foi quando ele desceu uma das mãos do meu rosto para pegar minha mão e levar até o meio de suas pernas. O volume de seu membro contra a calça era algo que eu nunca tinha sentido antes. Tentei recolher a mão, não gostando de como aquilo ia, mas ele me segurou lá, me obrigando a senti-lo duro, grosso, estranho.

Eu não sabia o que fazer, a vontade de vomitar apareceu e eu não entendi como podia acontecer já que meu estômago estava vazio. Afastei o rosto do dele e tapei a boca com a mão livre, segurando a ânsia, como dava. Levou alguns segundos, mas foi o bastante para que ele libertasse minha mão daquele lugar e eu me encolhi.

— Não estou passando bem. — Foi o que consegui dizer, antes de abrir a porta do carro, sem coragem de olhar para o rosto dele, e saí correndo para dentro dos portões do prédio, sentindo nojo de mim mesma, não conseguindo tocar minha mão que esteve lá em nada.

Entrei no elevador, andando de um lado para o outro, me sentindo louca, suja, invadida, esquisita e muito, muito confusa.

Como eu tinha esse tipo de sentimento por meu noivo?

Não era bom saber que ele me queria? Não deveria me dar o mesmo calor que deu, quando Zola havia me tocado? A vontade de tocar meu melhor amigo foi avassaladora, mas com Bartek? Eu só queria fechar os olhos e esquecer. Foi por isso que quando entrei em casa, tranquei a porta e me joguei contra ela, escorregando até o chão, abraçando meu corpo com uma das mãos, mantendo a outra erguida, completamente envergonhada, enquanto Coelho vinha me cheirar, de forma desesperada.

Que droga estava acontecendo comigo?



CAPÍTULO 18

*Eles transformam tudo o que você ama em uma
proibição*

Do berço até a melhor parte do show

DARK SIDE OF THE SUN, TOKIO HOTEL.

GIORDANA

— É uma depravação sem tamanho! — o taxista exclamou, com tanto vigor, que tomei até um susto, erguendo o olhar do celular. — Olha só a fila que esse povo faz para entrar nesse antro do Satanás!

Olhei em volta e entendi o que ele queria dizer. Como sempre, a aglomeração de pessoas para entrar na The Hell era gigantesca.

— Em qual número desta rua você vai mesmo? — ele me perguntou, e eu suspirei, sem paciência, guardando o celular no bolso do sobretudo que usava. — Bem embaixo do letreiro vermelho.

Os ombros do homem careca se encolheram. Ele estacionou, em silêncio, em um mau humor que eu não me interessava de onde tinha saído.

— Deu quarenta dólares.

De imediato, tirei uma nota de cinquenta do bolso e estendi para ele.

— Pode ficar com o troco, a propósito, o dinheiro veio do próprio Satanás. Meu pai é o dono. — Vendo a expressão de choque no rosto dele, desci do carro, olhando em volta antes de ir em direção aos seguranças da porta.

— Ei, ei, ei. — Um dos homens que não era da família e, sim, um simples contratado, tentou me barrar.

— Cala boca, é a filha do chefe! — Ouvei alguém dizer e, instantaneamente, o caminho se abriu, sem eu precisar dizer um A.

Adentrei pelas portas vermelhas e vi a recepção lotada.

A placa com os dizeres do Inferno de Dante era bem visível e eu li em voz baixa, encenando todo o drama da frase, com desdém:

— Deixai toda esperança, ó vós que entraís! Que coisa bizarra... — Rolei os olhos e fui direto para o balcão.

Era a terceira vez na vida que eu colocava os pés ali. Pappa sempre me pedia para manter distância. Salvatore dizia que aquele não era lugar para pessoas como eu, mas eu nunca acreditei.

Entrei em uma das filas e esperei minha vez no balcão chegar.

— Olá, querida! Qual o andar que vai querer visitar? — a atendente sorridente perguntou. Chifrinhos de plástico brilhavam na tiara em sua cabeça e a real cor de seus olhos estavam escondidos por lentes amarelas.

— Preciso ver meu irmão — falei em voz alta, e ela me olhou como se eu fosse louca. — Salvatore Matteucci, meu irmão. Preciso falar com ele, agora. — Assim que a garota entendeu, o sorriso se desfez.

— Claro! Um minuto por favor. — Ela se afastou do balcão, indo para o telefone, sem tirar os olhos de mim.

Esperei, encarando minhas unhas sem esmalte algum, pensando já ser hora de visitar a manicure. Os estudos estavam me matando e eu não tinha mais tempo para nada, mas a crise familiar era minha prioridade.

— Senhorita Matteucci? — a atendente me chamou. — O senhor está esperando. Vou te levar até ele. — E indo para frente do balcão, segui a mulher, que foi até uma porta lateral e colocou sua digital no leitor.

Assim que a porta se fechou atrás de nós, levei um susto pelo baque. O som da bagunça da recepção morreu e o barulho dos saltos da recepcionista ecoou, conforme ela desceu as escadas à minha frente. Foi apenas um lance. Logo ela abriu a primeira porta que vi, indicando para que eu entrasse.

— Ele já vem. — E com o olhar curioso, ela me deixou sozinha na sala que eu imaginava ser o escritório.

Era como estar em casa.

Os sofás de couro preto, a lareira decorativa — coisa que papai amava — uma foto em família, alguns quadros medonhos que foram responsáveis pelos meus pesadelos quando criança... É, era bem parecido com estar em casa. Suspirei ao ver uma foto antiga minha no colo de papai e fechei os olhos quando ouvi a explosão italiana vindo pela porta.

— Como você desaparece desse jeito? Tem ideia de como estávamos sem notícias suas? Irresponsável! — Salvatore gritou.

— Se acalme — falei, sem me virar. — Sente-se — pedi, mantendo o tom da voz, tentando ser racional. — Saí do campus muito bem escondida, tanto que estou aqui, inteira. Não sou idiota como você imagina, irmão. — Ouvi o som da respiração de Salvatore debochando e o ignorei.

— Nosso pai está te procurando neste exato momento! Tem ideia de quanto tempo está sendo jogado fora? Quantos homens deslocamos só para você se aventurar, sozinha por aí?

— Mandeí minha localização para ele, assim que virei na rua, provavelmente, daqui a pouco ele vai estar aqui. Papai não é idiota, Salvatore. — Me virei, finalmente, para encarar meu irmão. — E nem eu. O que está acontecendo? Vocês dois estão brigando, você está tenso e esquisito. Papai anda irritado e esquecido. Eu sei que há algo de errado.

— Não são problemas para mulher resolver — meu irmão mais velho debochou e se sentou na poltrona, parecendo um rei, fazendo meu sangue ferver.

— É sério que vai tentar esse papo machista para cima de mim? Daquela porta para fora, eu jamais passaria por cima de você, por respeito ao mundo em que vivemos, mas aqui dentro, se tentar me desmoralizar de novo, só por ser mulher, eu acabo com você — ameacei, e o vi rir.

— Desculpa... Tinha esquecido que você não é como sua amiguinha. — A referência à Giovanna me irritou. — Mesmo que às vezes eu gostaria que fosse. Sabe que o casamento dela será muito bom para os negócios, *né*?

Toda a Família está se beneficiando. Tentei convencer o velho a casar você também, mas ele me enrola toda vez.

— Nem tente — falei, entredentes, e fechei os olhos, respirando fundo, vendo que minha viagem tinha seu objetivo indo pelo ralo. — Irmão... — sussurrei, tentando me controlar. — Eu amo você. Amo você, com minha vida, assim como amo nosso pai.

— E, mesmo assim, quase infartou o velho hoje. — Ignorei a provocação.

— E estou aqui para pedir que você tente. — Sentei-me de frente para ele, com o corpo curvado em sua direção. — Papai não é mais tão novo, sabemos que ele é teimoso como um bode velho e muito grosseiro, sem perceber, mas é ele quem sustenta nossa família e eu não estou falando sobre dinheiro.

— Certo. — Salvatore mal se moveu e eu não gostei.

— O que há com você? — Minha voz saiu mais aguda.

— Nada. Só estou trabalhando muito para compensar o fato de minha irmã fazer o que quer da vida.

— Não diga que não gosta do que faz...

— Gosto, não nego, mas seria mais fácil se você também seguisse a tradição. — E voltando a ser a pessoa

que eu conhecia, Salvatore se curvou, encostando a testa na minha. — Mas eu também te amo e tenho certeza de que você será a melhor médica desta merda de país.

— Isso. — Sorri. — Se orgulhe do meu cérebro, não do anel que eu poderia carregar no dedo. — Dei batidinhas em seu rosto, antes de ele me abraçar forte.

— Já que essa é a única opção...

E ali, mesmo que ele não tenha me dito nada de importante, senti que tinha feito minha parte para manter minha família, pequena e instável, unida.

Mandando-me ir embora para casa, Salvatore desceu para resolver algum problema no andar de baixo e eu subi sozinha, voltando à recepção, permitindo minha curiosidade tomar espaço já que parte do meu problema havia sido resolvido.

Sem que ninguém notasse, me enfiei junto do primeiro aglomerado de gente em frente ao elevador mais próximo e subi.

Todas as oportunidades que tive de ver aquele lugar, ele estava fechado ao público, e para alguém que amava balada como eu e sentia uma falta absurda de dançar com liberdade, assim que o elevador se abriu, para que uma Drag Queen maravilhosa fizesse a apresentação do andar,

entendi porque papai nunca me deixava visitar o local em funcionamento.

Me enfiei entre a multidão, dancei com desconhecidos, curti o que podia no pouco tempo que tinha e, quando achei ser a hora de ir embora, meus olhos pararam na direção de um dos quartos escuros. Eu não era idiota, sabia o que acontecia ali, só não sabia quem encontraria.

De repente, ele me olhou, e mesmo com a máscara, eu sabia quem era.

A mulher à sua frente estendia um bolo de dinheiro e, por um segundo, ele vacilou, antes de aceitar.

Putá que pariu! Não pode ser!

Ele sabia que havia sido pego e veio em minha direção, ignorando as pessoas em volta e a música alta.

— O que você faz aqui? — Ele parecia preocupado.

— Hey, me solta. — Puxei o braço do aperto dele e dei um passo para trás. — O que é que você faz aqui, hein, senhor certinho?

— Giordana... Por favor. — Eu sabia que ele ia pedir segredo, mas aquela era uma coisa que eu não conseguiria guardar.

— Me desculpe, Zola. — Dando as costas para ele, corri na direção do elevador, já pegando o celular e digitando para Giovanna.

“Você não sabe o que eu acabei de descobrir!”



CAPÍTULO 19

Quinze chamadas dentro daqueles olhos de oceano

Seus olhos de oceano

OCEAN EYES, BILLIE EILISH.

GIOVANNA

Dentro do meu apartamento, não consegui pregar os olhos, desde que recebi a mensagem de Giordana. Mesmo depois de ligar para ela e entender a verdade em suas palavras, tudo dentro de mim se negava a acreditar.

Zola, garoto de programa? Céus... Não podia ser.

Deitada no sofá, com o celular no silencioso sobre minha barriga, brinquei com o anel no meu indicador e com minha aliança, tentando processar aquela informação, sabendo que, mais cedo ou mais tarde, eu o confrontaria, já que me sentia traída.

Por que Zola fazia aquilo? Será que estava metido em alguma confusão? Será que precisava de mais dinheiro do

que Louis vinha pagando? Eu tinha certeza de que meu irmão poderia revisar o salário dele... Droga.

Fechei os olhos e tentei dormir, mas não conseguia.

Minha roupa parecia incomodar, ora me dava calor, ora me dava frio, ora a fome fazia meu estômago doer e eu precisava me levantar para beber água ou, então, o ronco de Coelho ficava tão insuportavelmente alto, que não tinha como relaxar.

Às quatro da manhã, me dei por vencida, me levantei e comecei a arrumar a casa que estava uma bagunça.

Logo depois da ligação com Giordana, eu pedi comida.

Muita comida. Tanta, que passei mal de comer, então eu vomitei para aguentar com tudo, e vomitei de novo, quando vi a besteira que havia feito. As caixas de pizzas estavam espalhadas em cima do balcão e eram meu atestado de culpa. Por que saber que Zola transava com outras pessoas por dinheiro estava me abalando tanto? Aquele aperto no peito era ciúme? Não... Não podia ser.

Tentando ignorar aquela porta, tentando justificar que o que eu sentia era só preocupação e sabendo que Zola estaria em seu posto perto das sete, mandei uma mensagem, depois de encarar o telefone por quase vinte minutos.

“Preciso te ver. E, sim, falei com Giordana.”

Apertei o botão de enviar e agarrei o celular contra o peito. Será que ele viria?

Será que depois que eu o confrontasse, o sentimento de traição, o ciúme e a agonia que comiam meu peito iriam embora?

Contando que sim, tomei um banho quente, coloquei meu pijama mais confortável e, assim que desliguei o secador, ouvi a batida na porta do meu quarto.

Respirei fundo e me segurando ao máximo para não ser grosseira, abri a porta do banheiro, que ainda precisava ser consertada, e encarei Zola ali, parado em seu terno, me medindo com seus olhos azuis.

Eu nunca admitiria em voz alta, mas quando eu dormia, sonhava com os olhos azuis que mudavam de dono. Ora pertenciam a Bartek, ora, eu sabia, eram os de Zola.

— Está adiantado — comentei baixo, querendo quebrar o silêncio, quando vi o relógio marcar seis e vinte.

— Você queria me ver. — Ele apoiou suas costas e cabeça no batente na porta e encarou um ponto invisível à sua frente, suspirando, antes de continuar: — E aqui estou eu...

— É. Está... Veio direto do outro trabalho? — As palavras saltaram da minha boca e a certeza de que o que eu sentia era raiva, surgiu.

Raiva por Zola não ter dito nada.

Raiva por não confiar em mim.

Raiva por me fazê-lo dividir com outras, que eu não tinha ideia da quantidade, ou desde quando. Eu odiava dividir.

— Não me julgue. — O tom de voz baixo parecia magoado, mas ele não tinha esse direito.

— Há quanto tempo faz isso, Zola? — perguntei, tomando coragem e avançando para dentro do quarto, vendo-o se virar para me encarar, ficando com minha cama entre nós.

— Há algum tempo — ele admitiu.

— Meses? — chutei, com uma das sobrancelhas erguidas.

— Mais.

— Já tem um ano? — Ergui as duas sobrancelhas, espantada, me sentindo idiota.

— Isso importa? — A expressão de Zola era a de quem sentia um sabor ruim na boca.

— Importa. Importa por você nunca ter me contado, por não ter confiado em mim.

— Ah, claro! — Ele bateu as mãos contra o próprio corpo. — E você ia entender, não é? Faz parte do seu mundo essa realidade, não? — O tom de voz dele se alterou.

Zola estava com raiva também.

— Faz parte do meu mundo você ser meu melhor amigo e não mentir para mim, droga! — Joguei a escova de cabelo que estava na minha mão contra ele, mas errei a mira, acertando a parede ao seu lado. — Você me traiu! Eu poderia ter te ajudado! Por que está fazendo isso? É dinheiro, o problema? Eu posso resolver! — Eu já estava gritando.

— Eu não preciso da porra das suas migalhas, Giovanna! — ele gritou de volta e saiu, indo para a sala.

— Você não se atreva a me deixar falando sozinha! Mentiroso!

— E você não me cobre desse jeito! É minha vida pessoal! — Ele parou em frente ao sofá, se virando para me encarar bem em suas costas.

— Então, eu não sou parte da sua vida “pessoal”? — Forcei o tom, fazendo aspas com os dedos. — Bom saber

que você é só mais uma parte desta merda de vida falsa!

— Não comece! — ele vociferou e tentou me intimidar, mas não me encolhi, erguendo o dedo em sua cara.

— Não comece você! — Estávamos próximos demais, como duas pequenas bombas prestes a explodir. — Mentiroso! Eu podia ter te ajudado!

— E você acha que o seu dinheiro resolveria tudo? Sério, mesmo? — Ele parecia ofendido e eu não entendia o motivo. — Estou cansado de depender disso aqui, Giovanna. Em alguns meses, você vai estar casada, se mudando, e eu vou estar bem longe dessa merda! Eu não nasci na porra do seu berço de ouro e não quero ser um soldado para sempre! — O tom dele me assustou, principalmente quando a realidade caiu no meu colo.

Em breve, Zola não seria mais meu segurança.

Em breve, toda a minha vida em Nova Iorque seria só um sopro, uma lembrança.

Parei no lugar, procurando a fúria que segundos atrás aquecia meu sangue, mas só encontrei tristeza, fria e vazia, enquanto encarava os olhos azuis do meu melhor amigo.

Enquanto era engolida por um tipo diferente de água.

Não era como quando Bartek me encarava. Ainda dava para respirar e não era frio a ponto de me congelar, mas ali, fazia tudo doer graças à verdade. que eu tanto tentava ignorar. ser descoberta daquela forma na minha frente.

— Eu... — tentei, engolindo a saliva com força — ... eu...

— Você o que, Giovanna? Vai contar para Louis? Vai me mandar embora?

— Não. — Prendi a respiração, ajeitei a postura e, respirando fundo, tomando coragem, completei: — Não quero mais que você faça isso. Quanto é que você ganha por noite?

— Não quero sua caridade. — Zola parou, sorrindo do jeito que fazia sempre que ficava nervoso, puxando o canto do lábio esquerdo para cima em um meio sorriso.

— Não é caridade. Você vai trabalhar para mim.

— Como?

— É isso. Vai ser meu professor.

— Giovanna... — ele debochou.

— Eu pago o quanto for, preciso que me ensine as coisas que sabe. Com seu segundo emprego, acho que não tem ninguém melhor para isso. É pegar ou largar. —

Não cedi na minha postura e ele me encarou, em silêncio, por um tempo, esperando eu dizer que era brincadeira.

Eu nunca voltaria atrás do que propunha a ele.

— Está falando sério?

— Está me vendo rir?

— Santo inferno... — ele disse, relaxando um pouco, enquanto soltava o ar dos pulmões. — Ok. — Zola estendeu a mão para mim. — Se isso sair daqui...

— Não vai. Eu prometo, ninguém vai saber. — Peguei em sua mão, segurando com firmeza, mantendo os olhos nos dele, sabendo que, de todas as loucuras da minha vida, aquela era, com toda certeza, a pior de todas.

— Giovanna... — Ele soltou minha mão. — Você não vai me odiar por isso?

Relaxando um pouco a postura, fechei os olhos, aliviada demais para admitir e neguei com a cabeça.

— Eu nunca poderia te odiar, Z.

E aquela era a verdade mais sufocadora e dolorosa que eu poderia dizer.

Nunca, nem que eu vivesse mil vidas, deixaria de amar Zola, não importava quão machucada eu pudesse estar.



— É hoje que vou poder descer e conhecer seu apartamento? — Depois de um ótimo tempo juntos, Bartek me levou até em casa e parou com o carro próximo à garagem do prédio. Um arrepio se espalhou por minha pele quando ele parou com a mão sobre minha coxa. Não era ruim.

— Acho que não tem problema...

— Ótimo. — Assim que entramos na garagem, senti meu coração disparar alucinadamente.

Estaríamos a sós, na minha casa!

Ok, calma, respira! — pensei. — Essa é a chance de mostrar que você não é uma menina bobinha.

E querendo acreditar naquilo, indiquei em qual vaga ele deveria parar.

Os soldados estavam em seus postos e eu apostava que alguns deles me odiavam por passarem o dia e a noite enclausurados na garagem, mas era como funcionava.

— Senhorita, visita a essa hora? — um deles perguntou.

— É, meu noivo. Ele precisa usar o banheiro — inventei a desculpa, pegando na mão de Bartek.

— O Don deu ordens para que nenhum homem de fora da Família subisse.

— Mas nós somos Família. — Bartek puxou minha mão, exibindo o anel de noivado e, ignorando o soldado, perguntou para mim: — Para onde?

Sem dar atenção ao homem que trabalhava para a Família, segui com Bartek até o elevador e, assim que entramos, apertei o botão do meu andar.

— Desculpe por isso — falei, quando vi a sombra de irritação no rosto de Bartek.

— Não foi culpa sua. — Ele suspirou e estendeu a mão na direção do meu rosto. — Adorei ver como me defendeu. — Seus dedos roçaram minha bochecha e desceram, desenhando meu lábio inferior. — Eu realmente queria conhecer sua casa, ficar mais próximo... — E dando um passo em minha direção, Bartek colou o corpo no meu, me prendendo contra a parede do elevador, me encarando tão de perto, que tudo o que pude fazer foi fechar os olhos e esperar pelo beijo. Mas não aconteceu. Assim que os abri, lá estava ele, me engolindo com aquele azul todo.

Fiquei parada, tentando acalmar minha respiração, tentando não fazer nada errado e ficamos daquele jeito, até as portas se abrirem.

Sem dizer nada, ele se afastou, me dando passagem e eu enfiei a mão na bolsa, procurando minhas chaves, um pouco atrapalhada. Quando finalmente consegui abrir a porta, acendi a luz e entrei, largando a bolsa na poltrona mais próxima, já me virando para ver a reação dele.

Bartek olhava em volta, com as mãos no bolso, parecendo gostar do que via.

— Bonito — ele disse, depois de alguns minutos analisando tudo, sucinto. — Gosto daqui.

— Que bom. — Sorri, feliz pela aprovação dele e, me livrando dos saltos, fui em direção à geladeira.

Meu estômago estava doendo, eu precisava beber alguma coisa.

— Aceita um pouco d'água? — perguntei, já pegando as taças e colocando água para mim e para ele.

Bartek continuou em silêncio, se aproximando do balcão da cozinha, me olhando estender a taça em sua direção, ao mesmo tempo que já bebia da minha.

Meu estômago se retorceu ao receber o líquido gelado, mas tentei manter a calma.

— Não estou com sede — ele disse, ao me ver virar a taça.

— Não? Ah... — Dei as costas a ele, por um mísero segundo, só para deixar as taças sobre o balcão, mas assim que senti suas mãos na minha cintura, vi que era tarde demais.

Ele me virou e ergueu, como se eu não pesasse mais que uma pluma. Sentou-me no balcão e se ajeitou entre minhas pernas. Eu ri de nervoso, mesmo que ele parecesse muito sério.

— O que está fazendo?

— Não percebe, Giovanna? — Sua mão direita prendeu minha cintura contra a dele, conforme sua mão vinha para minha nuca. Era um pouco bruto, mas eu gostei. Lembrou-me o que Zola tinha feito outro dia. — Eu quero você.

— Mas nós não... — falei, desfazendo o sorriso, quando ele me interrompeu.

— Existem outras formas disso. Não precisamos transar... — Meu corpo pareceu ferver, de um segundo para o outro, quando sua mão escorregou da minha nuca e começou a puxar a jaqueta que eu vestia.

Aquela noite tinha feito frio e eu estava de calças, muito bem agasalhada.

— Bartek... — pedi, baixo, não sabendo se queria continuar com aquilo.

Tinha medo de falhar, tinha medo de ele me achar uma piranha e desistir de mim.

— Shhhh. Você não quer me agradar? — perguntou, e eu fiz que sim com a cabeça, enquanto ele vinha beijar meu pescoço. — Não quer me deixar feliz?

— Sim...

— Então, feche os olhos e relaxe.

Obedeci e, no segundo seguinte, a boca dele estava contra a minha como nunca havia feito antes. Bartek era bruto, forte e parecia desesperado.

Sugou minha língua, mordeu meu lábio, me apertou e roçou o corpo contra o meu, me causando um estranhamento gigantesco.

Era para eu gostar daquilo, certo? Para eu sentir as mesmas borboletas no estômago que sentia quando era com Zola, não? Então, por que diabos isso não estava acontecendo?

Achei que o erro era meu e tentei relaxar de verdade, tentei entrar no clima.

Em um ritmo completamente diferente do dele, segurei seu rosto e acariciei sua nuca. Queria que ele

fosse um pouco mais delicado, que entendesse o recado do meu toque, que desacelerasse, mas não funcionou. Pelo contrário.

As mãos do meu noivo desceram para minha bunda, me puxando contra ele e foi naquele segundo que eu quis desistir.

Bartek estava duro e roçava bem entre minhas pernas, com intensidade, fazendo com que eu o sentisse por inteiro, causando um arrepio esquisito em mim.

— Bartek... — Tentei pedir para parar entre o beijo, mas ele não me deixou.

— Você é bem gostosinha. Quando eu for foder você, vou até filmar.

— Não! — falei, mas com uma ferocidade fora do comum, Bartek me puxou para ficar com os pés no chão e me manteve no lugar com apenas uma mão, enquanto, com a outra, abria o zíper de sua calça.

O barulho fez meu corpo todo se retrair.

É pelo bem do seu casamento! — minha mente alertou e eu desisti de afastá-lo.

Ele não me machucaria... Não. Ele não faria isso.

— Pega no meu pau, sente como ele *tá* louco para foder você. — Pegando minha mão, ele colocou sobre o

pedaço de carne duro e quente.

Eu quis chorar, mas engoli a vontade, sufocando aquilo na garganta.

Doeu muito, mas não me movi e ele não percebeu.

A mão dele sobre a minha fez movimentos de baixo para cima, primeiro devagar, depois mais rápido e logo ele gemeu contra minha boca, afastando o rosto do meu para escondê-lo em meu pescoço e me morder e chupar bem ali.

Era dolorido, mas eu não conseguia superar a sensação em minha mão.

Úmido, gosmento, latejando, quente. Sobe e desce, sobe e desce.

Eu queria chorar.

Garotas grandes não choram, mulheres da máfia não choram!

Obedeça, seja uma boa amante, uma boa mulher.

Ele disse alguma coisa em polonês e eu não entendi o que era, mas dei graças a Deus quando tirou minha mão de lá.

Achei que o pesadelo tinha acabado e abri os olhos, mas não. Olhando para baixo, Bartek fazia nele mesmo o que usava minha mão, segundos antes para fazer, e eu vi

quando saiu dele o líquido branco e viscoso, direto para minha calça jeans.

Ele gemeu, riu e me mordeu.

Eu respirei fundo e me forcei, como tantas vezes antes, a colocar um sorriso no rosto.

— Você é boa, passarinho, mas em breve vai ficar ainda melhor. — Ele beijou minha bochecha e se afastou, ajeitando as calças. — Pode ir se limpar. Eu preciso ir embora, então... — Eu não esperei uma segunda ordem, me afastei, indo em direção ao quarto, já abrindo a porta, me esquecendo completamente de Coelho.

Meu cachorro saiu correndo, pronto para cheirar o desconhecido e, quando Bartek me encarou, sem entender, meu filho de quatro patas se ajeitou e mijou no tênis dele.

— Caralho! — Ele se afastou de Coelho e eu fiquei com medo de ele chutá-lo.

— Ai, me desculpa! — Corri, mesmo suja, para pegar meu bulldog no colo. — Ele não costuma fazer isso.

— Não sabia que você tinha um cachorro...

— Achei que você soubesse, já te falei dele. — Bartek notou a decepção no meu rosto.

— Falou? Acho que confundi as coisas. Bem, preciso ir. Até mais, passarinho. — Sem me beijar ou abraçar, ele

sacudiu o pé e saiu do meu apartamento, como um foguete, me fazendo amar ainda mais a pequena criatura em meus braços, mesmo que o questionamento interno fosse massacrante.

Por que eu não sentia com Bartek, as mesmas coisas que sentia com Zola?



CAPÍTULO 20

*Eu estou apaixonado por um anjo, Deus me perdoe!
Me tornou um crente com o toque de sua pele
Eu iria para o inferno e voltaria com você
Fique perdida no que descobrimos
Mundos separados, nós éramos iguais
Até que nós atingimos o chão
Talvez eu seja louco, talvez eu seja fraco
Talvez eu esteja cego pelo o que eu vejo
Você queria um soldado mas não era eu
Porque eu nunca poderia te libertar
Então voe por conta própria
É hora de eu deixar você partir
Vá!*

ANGEL, THEORY OF A DEADMAN.

ZOLA

— Qual é o próximo passo, me chamar de namorada?
— Kira perguntou, quando viu aonde eu a levaria aquela noite. Fazia tempo que não nos víamos.

Peguei sua mão, antes de falar com o host, e sorri, satisfeito por vê-la impressionada.

— Achei que seu salário te permitia frequentar lugares assim — alfinetei.

— Permite — ela admitiu —, mas é a primeira vez que me trazem na situação em que estamos.

— E em qual situação estamos? — questionei, medindo Kira com os olhos semicerrados, sabendo que depois de tanto tempo, não podia exigir nada.

— Ainda não sei... — Ela esperou que fôssemos levados a uma mesa e, assim que escolhemos as bebidas e os pratos, Kira colocou os cotovelos sobre a mesa e me analisou, enquanto falava: — O que vai ser? Vamos sair daqui e foder no seu ou no meu carro?

— Achei que poderíamos ir para sua casa ou para qualquer outro lugar... — propus, tocando a perna dela com a minha sob a mesa.

Ela sorriu, mesmo assim, senti que tinha algo errado.

— Veremos. — Ela suspirou e olhou para a direita. — Ah, droga — Kira reclamou.

— O quê? — Olhei sobre o ombro e senti um soco no estômago.

Era Giovanna junto de Bartek. Nenhum dos dois nos viu, mas aquilo arruinou tudo.

— É uma droga não fugir do trabalho, não é? — Kira me perguntou, quando viu minha cara.

— Não é bem isso... O que você acha dele? — Nossas bebidas chegaram juntamente com a entrada.

— Acho que deve ser um saco. O ego dele é gigantesco, ele gosta de confusão... Bartek não é o perfil de marido que eu esperava que Louis arranjasse para Giovanna. Ele joga com a sorte, achando que só pelo respeito à Família, Bartek se comportaria, mas mais cedo ou mais tarde, a natureza dele vai vir à tona e eu espero que Giovanna seja poupada.

— Como assim? — Não consegui deixar de olhar sobre o ombro para observá-los.

— Espero que ele mate prostitutas, não a princesinha da máfia, ou então... Eu realmente não sei o que os irmãos dela seriam capazes de fazer.

— Espero que você esteja certa sobre isso. — Ou eu o colocaria a sete palmos, em um piscar de olhos.

Pensando no que Kira havia falado, não consegui tirar os olhos da mesa onde vi Giovanna comer como nunca na

vida e assisti ao Bartek colocar a mão sobre ela, diversas vezes, mas havia algo errado.

Ela parecia uma marionete, esquisita, distraída, e eu a assisti até que a nossa sobremesa chegou.

Em nossa mesa, só o som dos talheres era ouvido, e eu soube que tinha feito merda quando Kira ficou com a postura ereta, me olhando, com pesar. Ela nunca me olhava daquele jeito. Era humano demais.

— Zola... Não posso fazer isso.

— O quê?

— Eu sempre soube que você era apaixonado por ela e eu nunca me importei com isso, em nenhuma das minhas fodas antes, mas me incomoda, pela primeira vez, e, antes que isso se torne mais constrangedor e eu perca o amor próprio, acho melhor pararmos por aqui. — Ela se levantou antes que eu pudesse falar qualquer coisa.

— Mas, Kira... — tentei.

— Pague a conta, como um bom cavalheiro, ok? É o mínimo que pode fazer, já que jantou com o casal da outra mesa o tempo todo.

Largando-me para trás, como o babaca que eu era, Kira partiu em seu vestido branco, sem que eu tivesse coragem de ir atrás dela.

Não ia durar, mas também não precisava acabar daquele jeito.



Depois de rodar por horas, me achando idiota demais por ter perdido Kira, sem nem ter a chance de me desculpar, me vi parando o carro em frente ao prédio de Giovanna. Era minha folga, eu deveria me manter longe, mas no meu peito queimava uma vontade insana de ir até ela e dizer que nosso acordo estava desfeito.

Faltava muito pouco para juntar o valor que eu precisava, mais algumas semanas na The Hell e eu teria o bastante para ficar longe, por anos. O problema era admitir que, mesmo nas fodas intensas e loucas, ninguém seria como ela. Nenhuma boca seria tão doce, tão macia. Nenhum corpo seria tão interessante. Nenhuma reação seria tão divina.

Divina. Era um bom adjetivo para Giovanna.

Inalcançável também, assim como outros tantos derivados daquilo.

Sem saber por que, em vez de entrar de uma vez, eu interfonei e subi, assim que me liberaram. Seguindo meu

instinto, não parei para pensar no que fazia, até vê-la me esperando, com a porta entreaberta.

Giovanna tinha o cabelo preso no alto da cabeça com mechas soltas no rosto. O olhar injetado, como se tivesse chorado, já vestindo pijama, ela me encarou, como se não entendesse o que eu fazia ali.

— Está tudo bem? — Ela me deu passagem e eu entrei, sem saber o motivo daquela pergunta. — Você nunca interfonou antes. — O tom baixo dela era inseguro.

— Não estou aqui a trabalho...

— Mesmo assim, não é o meu segurança que tem a chave do meu apartamento. É o meu melhor amigo... — Ela deu dois passos na minha direção e parou, as mãos juntas sobre o queixo com os dedos entrelaçados, exibindo o esmalte branco nas unhas compridas. — Z, está tudo bem?

— Me desculpe, Giovanna... — Balancei a cabeça, negando, e ela, antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, começou a chorar.

No começo, foi fraco e a vi levar as mãos até a boca, tentando se conter. Porém, em segundos, Giovanna se acabou de chorar e eu não aguentei, indo até ela para trazer seu corpo contra o meu, apoiando sua cabeça em meu peito, me arrependendo de ir até ali.

— O que está acontecendo? — perguntei, mas ela não respondeu, só me puxou mais para si e continuou chorando.

Aquilo não era normal.

Ela era mais sensível, sempre foi, mas nunca a vi chorar tanto, como nos últimos tempos.

Todo o comportamento dela era suspeito, tudo em Giovanna parecia murcho e triste, desde que Bartek tinha entrado em sua vida e eu não sabia se o problema era perder Felippo ou ter que se adequar a alguém que ela mal conhecia.

E mesmo que achassem que ela fosse fraca ou qualquer coisa comparada a isso, eu assisti, por anos, enquanto Giovanna dava seu melhor para ser o que a Família queria dela. Mesmo que o teatro à sua volta servisse muito bem para mascarar como era o mundo fora daquele pequeno círculo, não houve um minuto em que a ouvi reclamar, ou ser menos gentil e amável. Mesmo com todo mundo à sua volta, incluindo a mim, sendo filho da puta, ajudando a tapar seus olhos. Mesmo que doesse ser a serva que ela era.

Lá estava ela, da porta para fora, com um sorriso no rosto e sempre disposta a seguir as ordens que lhe davam entre beijos e sutis ameaças. Ela sabia que se não seguisse o

manual como deveria, seu mundo todo poderia ruir e sua família ficaria manchada por culpa dela.

Enquanto todos olhavam para ela e enxergavam a garota fraca, eu via muito mais força do que nos homens que partilhei a mesa.

Só era uma pena que tudo o que ela era fosse podado para servir a alguém que não a amava.

— Giovanna, *piccolo angelo* — chamei-a em italiano, puxando seu rosto com cuidado para que ela me olhasse. O rosto avermelhado me encarou de volta. Os olhos verdes úmidos, tristes, implorando algo que eu não sabia se podia dar. A boca entreaberta expirou o ar dos pulmões e se juntou à minha.

Foi natural, como nunca antes.

Era ela quem procurava por mim, era ela quem vinha sedenta e eu não a rejeitei. Segurei seu rosto entre as mãos e mergulhei na loucura em que estávamos enfiados.

Será que ela tinha ideia de que eu não poderia me recuperar daquilo? De que não haveria gosto igual ao da boca dela, nem o cheiro da sua pele ou dos cabelos? Que nada seria tão bom quanto estar com ela daquela forma e que eu estava arruinado pelo resto da vida?

Eu duvidava.

Se um dia ela imaginasse que tinha todo esse poder sobre mim, se soubesse que eu passaria a vida servindo a ela, de bom grado e sem pedir nada em troca, será que Giovanna teria me torturado, como fez tantas vezes antes? Quando me forçou a ouvir sobre seus planos de casamento com outro noivo que não eu, ou quando me fez assistir a seu teatro colossal com Felippo ganhando forma? Eu morri mil vezes antes com um sorriso na cara, mas em nenhuma das vezes, alguma dessas mortes, doeu tanto quanto a que eu morria naquele momento, me dissolvendo nela, me entregando completamente, querendo que fosse mais que um acidente de percurso.

Queria Giovanna para mim, só para mim, e era como ter o coração atingido por um tiro à queima-roupa saber que não teríamos chance.

— Espera — pedi, parando o beijo, com dificuldade. O olhar dela era perdido, não entendendo. — Não dá mais... Giovanna, eu... — E quase, por muito pouco, eu tentei dizer que a amava, mas não consegui.

Era muita maldade.

— O quê?

— Nós fomos estúpidos...

— Por favor, Z. Não diga isso. — O tom dela era desesperado, enquanto suas mãos vinham na direção dos

meus ombros. — Só estou muito cansada de me sentir pequena e errada. Estou cansada de sentir fome o tempo todo, de sentir que não me encaixo, que estou falhando. Eu tenho tanto medo de falhar, Zola! — Giovanna quase gritou, enquanto lágrimas voltavam a escorrer por suas bochechas. — Mas eu não me sinto falhando com você. E eu juro, por todos esses dias, desde a viagem, desde que nós... Você sabe... — Ela tinha medo de dizer em voz alta. — E eu pensei que isso fosse errado, pensei que era algo para nunca mais fazer, mas se é assim, por que é que eu sinto coisas com você, que não sinto quando estou com Bartek? Por que quando ele me beija, tudo o que eu penso é em beijar você? Por que quando ele me toca, eu tenho asco, quero fugir, e quando é com você, eu só quero que continue? Sou só eu que sinto isso? — E ela tinha muito mais para falar, daquele jeito descontrolado que Giovanna tinha, de colocar tudo para fora em uma hemorragia verborrágica sem fim, mas eu não permiti.

Dessa vez fui eu quem a puxou para calar todas as dúvidas dela com meu corpo.

Como eu poderia não a querer? Como poderia não mostrar que todas as coisas que ela sentia comigo eram porque eu era o único que merecia? Como dizer que éramos errados quando, por toda a minha vida, eu a desejei daquela forma?

Sem pensar nas consequências, puxei Giovanna para o meu colo e a carreguei para o quarto. Coelho pareceu não se importar de precisar ir para o chão quando a coloquei sobre a cama.

Ela esticou a mão e acendeu as luzes mais fracas do teto rebaixado, parecia que tinha planejado, eu não contrariei. Com vontade, passei as mãos pelo corpo dela, pernas, coxas e subindo por dentro da camiseta de seda do pijama, mapeando com cuidado até encontrar a pele do seu seio arrepiada, quente, com o mamilo já duro contra meus dedos. Não perdi tempo, com a boca na de Giovanna, apalpei seu seio com firmeza, massageando por alguns minutos antes de provocar o bico com a ponta dos dedos.

Senti-me endurecer quando ela gemeu. A engoli em um beijo mais profundo e quando não resisti mais, desci por seu queixo, tomando seus pequenos gemidos como o som mais perfeito que eu já havia ouvido na vida. Giovanna abraçou meu corpo, puxando minha camiseta para tirá-la pela minha cabeça e eu a ajudei, voltando a mesma posição de antes de ficar com o tronco nu. Cuidei de seu outro seio, como havia feito anteriormente, enquanto minha língua traçava o caminho da base do pescoço ao pé de sua orelha, provocando ao mordiscar o lóbulo, mordiscando a pele macia e cheirosa no caminho de volta.

Suas mãos não ficaram paradas, Giovanna vasculhou cada pedaço de pele meu disponível às suas mãos e me levou ao limite só por roçar as unhas contra minha nuca. Eu nunca havia sentido tamanho prazer com um toque tão simples, mas gemi sem pudor algum contra seu pescoço e vi sua pele se arrepiar. Ela me acolheu melhor entre suas pernas, me prendendo contra seu corpo e, já sabendo estar perdido, fiz pressão do meu quadril contra o dela, conforme pesava o toque sobre seu seio.

Segurei-me quando senti sua mão sobre as minhas e me afastei para encará-la.

Giovanna parecia muito consciente do que acontecia, ainda mais quando guiou minha mão para baixo e ergueu seus braços, dando a entender que era para eu tirar sua blusa.

— Tem certeza? — Nunca, em toda minha vida, eu perguntei algo tão sério.

E com seu rosto angelical completamente ansioso, ela mordiscou o lábio inferior e fez que sim com a cabeça, confirmando minha ruína.

Eu só tinha visto seus seios de relance, sempre tentei ser respeitoso, mas naquele segundo, toda a devassidão que me acompanhava escondida resolveu se revelar.

Provocando-a, tirei suas pernas da minha cintura para poder ter liberdade de movimento e conforme ia erguendo

sua blusa, observava atentamente cada centímetro de pele descoberto, ansioso para vê-la, não escondendo mais a vontade reprimida por anos.

Lentamente o tecido subia, pouco a pouco a pele branca e perfeita ganhava forma. Primeiro as covinhas no quadril que adentravam o shorts, então o umbigo fundinho e redondo, depois, erguendo mais um pouco, vi o desenho das costelas e não aguentei, desenhando cada uma delas com os dedos, fitando o rosto de Giovanna que parecia sedento pelos meus próximos movimentos.

Então, respirando fundo, ergui mais sua blusa, vendo o contorno dos seios começando a aparecer. Notei o esforço que Giovanna fazia para não se cobrir e a admirei ainda mais.

Gradativamente seus seios foram aparecendo, então, de repente, os pontos de um rosa claríssimo apareceram. A visão dos bicos duros nos mamilos pequenos me fez salivar. Foi preciso muito esforço para continuar a tirar sua roupa, antes de colocar minha boca em sua pele, mas logo que me vi livre daquela tarefa, atropelando completamente minha intenção de beijar todo o corpo de Giovanna como ela merecia, caí de boca, como se estivesse faminto, abocanhando seu seio direito com tanta vontade, que ela se assustou.

Giovanna ergueu o peito ao puxar o ar em surpresa e eu ri, delirando de tesão ao beijá-la daquela forma.

Sorvi, mordisquei, brinquei com a língua e suguei com força, conforme ela puxava meu corpo contra o dela. Uma mão sua estava nos meus cabelos, a outra o mais próximo que podia da minha cintura, e ela me puxava contra si, quase nos fundindo, enquanto seus gemidos ganhavam vez entre a respiração desregulada e intensa.

Passeei com a língua entre seus seios e dei a mesma atenção para o esquerdo, causando em Giovanna um tremor forte demais para ser disfarçado.

Meu pau latejou. Como eu a queria! Caralho, eu daria minha vida por ela!

Mesmo assim, me contive e continuei, descendo a boca por seu corpo, beijando cada centímetro dela, provando do gosto da sua pele, enquanto descia seu shorts, vigiado de perto por seu olhar voraz.

Com o rosto sobre seu púbis liso e o shorts no limite dele, cobrindo só o que faltava eu ver, ergui o olhar para o dela e perguntei na voz mais profunda que podia. Eu sabia que ela e Bartek já tinham feito alguma coisa, mas meu ego precisava confirmar.

— Alguém já te beijou aqui? — Ela lambeu os lábios e fez que não com a cabeça

— N-não. — A voz falhada me arrepiou por completo. Ela não se escondia, mas era com esforço, eu podia ver.

— Acho que você nunca terá noção — falei, terminando de livrá-la das últimas peças de roupa. Shorts e calcinha voaram para o chão. — Do quão linda você é.

Um sorriso torto surgiu em seu rosto e eu a analisei, pedaço a pedaço, antes de abraçar suas coxas e afastá-las direito, tendo a visão completa de Giovanna nua.

— Perfeita *pra* caralho — falei baixo, quando finalmente constatei que ela era como eu imaginava. Lisa, branca, com lábios muito rosados e a carne farta, brilhando por já estar pronta.

Com o maior cuidado que já tive na vida, dedilhei Giovanna e a assisti fechar os olhos. Desvendi cada parte dela, seus lábios, seu botão, sua entrada e, com os dedos melados, massageei seu clitóris com delicadeza. Ela, que parecia tensa, relaxou aos poucos. Levou menos de um minuto para que a respiração dela mudasse de novo. Foi questão de segundos até os gemidos recomeçarem, e aproveitando a deixa, eu a lambi.

O gosto dela dominou minha boca, seu cheiro dominou meus sentidos por completo e quanto mais eu a provava, mais queria.

Lambi seus lábios e os mordisquei de leve, brinquei com seu clitóris, beijando-a ali de forma tão intensa que ouvi um palavrão em italiano e não aguentei, querendo rir. Fiz de novo e senti uma de suas mãos na minha cabeça, olhei para cima e tive a visão do céu: Giovanna com uma das mãos sobre o próprio seio, a boca semiaberta, os olhos entreabertos, enquanto me assistia e gemia gostoso.

Putá que pariu.

Agarrei suas pernas com mais força e descii o beijo, mergulhando a pontinha da língua na sua entrada e devorando sua boceta da forma mais bruta que podia. Suguei seu clitóris com vontade e mantendo a língua em movimentos circulares, a assisti perdendo o controle. Pouco a pouco o ventre começou com contrações, os gemidos ficaram mais altos, as coxas começaram a tremer.

Não querendo perder um segundo daquilo, mantive os olhos fixos nela, me roçando contra a cama ao mesmo tempo que a lambia de forma depravada, louco para prová-la da fonte.

E não demorou.

Segundos depois, ela escondeu o rosto no travesseiro e gritou.

Eu queria impedi-la, mas não dava tempo. Estava ocupado

demais bebendo dela, assistindo ao seu corpo sob o meu poder, sob a minha vontade.

Terminei meu trabalho e subi por seu corpo, não dando tempo de Giovanna fugir, arranquei o travesseiro de sua cara e a puxei pela nuca para se sentar.

Foi um choque, seu corpo ainda sofria de espasmos, mas ela não se negou quando juntei a boca na dela e a lambuzei com seu próprio gozo.

Ela conseguia ficar ainda mais perfeita com seu gosto e cheiro espalhado daquela forma.

— Pronto — falei, com a testa contra a dela, notando minha respiração desregulada também. — Agora você sabe o quão viciante é.

Naquela luz, o olhar curioso e admirado dela, junto da bagunça que era seu cabelo e do rosto úmido, eu tive certeza de que meu amor por Giovanna era de outras vidas. E eu devia ter sido muito filho da puta em algum momento para passar por todo aquele sofrimento de não poder tê-la.

— E você? — ela perguntou, me tirando do transe.

— Eu o quê? — Juntei as sobrancelhas, não entendendo.

— Quero que seja bom para você também. — E me surpreendendo, ela me afastou, ficando de joelhos na cama e parando com as mãos sobre o botão da minha calça, Giovanna o desabotoou com o olhar no meu e disse de um jeito tão sexy, que eu poderia morrer bem ali: — Eu quero que me ensine. — Colocou o zíper para baixo, exibindo minha cueca já manchada pelo meu pré-goço, denunciando o quão foda era me segurar perto dela.

Respirei fundo. Não dava para voltar atrás, não tinha como fugir. O olhar dela era o grilhão mais pesado que já havia visto e foi por estar preso a ele que não levantei daquela cama.

Esperei, ansioso, conforme ela enganchava as mãos nas laterais da calça e da cueca, me fitando como se precisasse de permissão para aquilo, e eu a incentivei, colocando as mãos sobre as suas, notando a expressão de Giovanna mudar ao ver meu pau sendo liberado da roupa, completamente duro, brilhando de tanta vontade dela.

Não resisti.

Não era sobre mim aquela noite.

Vendo o estado em que ela se encontrava, sabia que aquela podia ser a melhor experiência da vida dela e trancando Bartek, a Dark Hand e a chance de morrer, do lado de fora daquele quarto, puxei o rosto de Giovanna

para o meu, encarando seus olhos da forma mais séria que podia, e falei:

— Não há mulher mais linda que você, em nenhum lugar do mundo. — E não era só da beleza externa que eu falava.

Ninguém nunca seria tão boa, pura e gentil como ela, foi por isso que entendi a lágrima que rolou por sua bochecha quando eu a beijei. Foi por isso que não a deixei terminar a noite como queria e decidi que seria seu escravo.

Gentilmente, a deitei na cama e descii a boca por seu corpo, beijando Giovanna por todo canto, trazendo seus gemidos de volta ao quarto, enquanto ela me acariciava, apertava e arranhava o corpo.

Descii a boca por sua barriga e, sem aguentar, comecei a me masturbar. Sabendo que não levaria muito tempo até gozar, principalmente com o incentivo da visão dela daquele jeito.

Com a mão livre e com ela já sabendo o que eu queria, foi fácil abrir Giovanna e confirmar o que eu já suspeitava. Ela estava molhada de novo, com o clitóris inchado e o olhar ansioso.

Eu a beijei entre as pernas de novo, mas só para provocá-la, focado apenas no ponto de prazer, querendo

que ela ficasse no limite.

— Z... — Ouvi-a me chamar entre os gemidos e sorri. Ergui a cabeça, olhando Giovanna parecer que sofria com a minha provocação de parar de chupá-la quando ela chegava perto de gozar e perguntei:

— Você confia em mim?

Giovanna entendeu que eu queria tentar outra coisa e fez que sim com a cabeça.

Ergui o tronco e me ajeitei entre suas pernas, vendo a loira ficar tensa quando aproximei o pau da sua boceta pequena e inchada.

— Não vou tirar sua virgindade. — Tentei acalmá-la. — Só quero te provocar... — Prestando atenção no que fazia, esfreguei a cabeça do meu pau no clitóris dela bem devagar, querendo que Giovanna se sentisse segura.

A vontade de escorregar por ela e ser seu primeiro era enorme, mas eu jamais faria isso sem a permissão dela. Talvez, nem com a permissão. Eu sabia o preço de viver no mundo ao qual ela pertencia e jamais a prejudicaria. Porém, isso não significava que não fosse pegar minha parcela.

Aos poucos, o medo de Giovanna foi passando. Me deitei sobre ela, segurando em seus ombros, conforme continuava a roçar meu pau sobre sua boceta, beijando

sua boca até o momento em que os gemidos dela eram tão altos que tudo o que pude fazer foi ficar com o rosto próximo, enquanto me segurava para não gozar só de ouvi-la.

Ergui o corpo, me masturbando, enquanto a estimulava, vendo Giovanna como nunca havia visto antes, notando cada um dos detalhes de seu corpo reagindo ao que eu fazia com ela e, foi fatal. Gozei sobre sua barriga quando o corpo dela todo pareceu sofrer de pequenas explosões invisíveis e minha melhor amiga gritou meu nome pela primeira vez naquela situação.

Eu nunca me esqueceria daquilo.

Nunca.

E se morresse por ser tão atrevido, aquela seria a minha última memória.

Depois de toda aquela loucura, me vesti e esperei que ela fizesse o mesmo. Vendo que Giovanna parecia insegura em como me tratar depois daquilo, suspirei, sentei-me na cama e a puxei. Ela riu até que eu a ajeitasse, fazendo-a deitar abraçada comigo, com as costas contra o meu peito.

Ela se aninhou contra mim, apoiando a cabeça no meu braço, depois de nos cobrir, ela apagou a luz do quarto e nós ficamos em silêncio por um bom tempo.

Havia coisas para serem ditas, decisões para serem tomadas, e mesmo eu tentando adiar ao máximo, senti escoando o tempo pelas minhas veias, principalmente quando, mesmo no escuro, notei que Giovanna me encarava depois de virar, deitando com o rosto na direção do meu.

— Você sabe, não sabe? — perguntei, achando que era óbvio.

— O quê?

— Que eu... — Suspirei profundamente, tomando coragem. — Que eu te amo, Giovanna. Que sempre te amei. Sempre fui um idiota apaixonado, seguindo todo o passo que você dava, engolindo isso toda vez que lembrava que qualquer toque indevido em você poderia ser minha morte.

— Z... — ela tentou, mas continuei:

— Não, é verdade, você sabe. Mesmo assim, depois do que aconteceu aqui, não consigo me arrepender de nada, apesar de saber que não posso mais... — Ergui a mão com cuidado para acariciar seu rosto. — Você irá se casar, irá se mudar e eu vou embora. Não há nada que me prenda aqui depois que você for, então vou seguir sendo o que sempre fui, seu melhor amigo, seu segurança, o

soldado que daria a vida por você, mas é tudo o que posso te oferecer...

Ela ficou em silêncio por um bom tempo e com a voz falhada, como se fizesse esforço para não chorar, ela fungou e disse:

— Eu entendo. Você está certo, mas será que, só por hoje, você pode dormir aqui?

Era o último pedido, não custava, certo?

— Só por hoje... — Eu a abracei como se minha vida dependesse daquilo, querendo gravar como o corpo dela se encaixava ao meu, para poder me agarrar àquela memória quando Giovanna estivesse vivendo sua vida de conto de fadas, bem longe de mim.



CAPÍTULO 21

*Eu estou cansada de me perder dentro desse labirinto
todo dia*

*Suas palavras distorcidas estão entrando em minha
cabeça*

BIRDIE, AVRIL LAVIGNE.

GIOVANNA

Era difícil acreditar que saudade podia doer tanto.

Eu não via Zola há quase dois meses. Desde o começo de setembro, meu melhor amigo parecia ocupado demais com assuntos internos e arranjou dois outros soldados para tomar conta de mim em seu lugar. Se fosse outra época, eu teria tentado conviver bem com eles, mas àquela altura, o máximo que eu sabia eram seus nomes.

Machucava muito ver Zola chegando com Lizzie na editora nos raros dias em que tentei trabalhar, rindo de algo que eu não estava por dentro, alguma piada que eu adoraria saber para rir junto.

Era mais doloroso olhar para ele e perceber o quão idiota eu havia sido por não notar que tudo o que eu queria do meu futuro marido estava bem ao meu lado. Menos a posição, e o berço, e todo o resto que a Família me fez acreditar que era necessário.

Não que eu fosse inocente ao ponto de não entender como dinheiro era importante, mas se me dessem a opção, se eu pudesse escolher, naquele momento, eu largaria tudo para poder ficar com Zola.

Suspirei tão profundamente ao pensar naquilo que meu peito tremeu. Como era possível ser tão boba e cega? Amar Zola era tão fácil, tão natural, e não me machucava, não me forçava a ser diferente.

Era por isso que eu vinha me excluindo, fugindo dos encontros das mulheres da Dark Hand, inventando um resfriado forte ou uma dor de cabeça inexistente. Eu não queria que olhassem meu corpo, como da última vez. Não queria comer na frente de ninguém e não queria ouvir comentários sobre Felippo e Natasha, mesmo que eu os mantivesse em uma caixa fechada dentro da minha mente, desde que soube da gravidez, mesmo que eles estivessem em crise. Era de um mau gosto sem fim saber que as pessoas acreditavam que eu ficaria feliz por Natasha recuperar a memória no meio do caos. Eu não era ruim,

nem seria capaz de desejar algo tão triste a alguém. Mal sabiam que eu rezava por ela, por ele, assim como por mim. Pedindo forças para aguentar, para sentir menos fome, para parar de me olhar no espelho e me achar esquisita, ou me arrepender depois de me sentir satisfeita.

Na verdade, aquela era uma coisa que eu precisava tentar entender.

Eu nunca parecia satisfeita.

O máximo que acontecia era o meu estômago ficar cheio por cinco minutos e, de repente, eu ter mais fome, atacando tudo o que tinha na minha geladeira. Na verdade, em todas as últimas vezes em que me alimentava, depois de quase ficar vinte e quatro horas em jejum, era isso o que acontecia, e eu logo me arrependia, bebia o máximo de água que aguentava e corria para o banheiro, vomitando tudo o que tinha no estômago, até ter certeza de que estava vazio, me convencendo de que aquilo era para o meu bem já que os ossos dos meus quadris estavam voltando a aparecer.

— Giovanna? — Lizzie me puxou para a realidade.

Aquele era um dia atípico, uma vez que, eu não aparecia na editora, há alguns dias.

— Ei. — Virei o rosto para ela, tentando parecer calma e sorri, enquanto brincava com o colar no meu

pescoço.

— Está tudo bem? Você sumiu...

— Não passei bem na última semana, mas está tudo bem, sim. — Virei o corpo na direção dela e me apoiei contra a parede. Mentir já se tornava natural. — E você? Como estão as coisas?

— Você saberia, se tivesse me atendido, alguma vez, esta semana. — Lizzie tirou o casaco e veio para perto de mim. — Terminei mais um livro, uma editora brasileira parece interessada em o levar para lá... Já pensou? Seria legal e eles querem alguns outros títulos. Também tem outros dois autores chegando, aqueles que fechamos na Califórnia, você lembra? Um deles trouxe um suspense fantástico e o outro manda muito bem no drama. Acho que é sucesso na certa, por isso queria ver se a gente consegue marcar com o pessoal do marketing como fazer a campanha desses livros e você podia fazer sua mágica acontecer, já que tem os contatos certos. — Ela parecia tão animada falando sobre o trabalho, que me deu esperança.

Liz parecia tão bem, tão plena naquilo que amava, que meu coração se aqueceu.

— Mas estou falando demais sobre mim, como sempre. — Ela sorriu, parou em frente à sua mesa e cruzou os braços. — E você? Como está, de verdade?

— Sabe quando você não consegue comer, dormir ou tomar banho sem pensar em alguém?

— Sei... — Ela desviou o olhar.

— E quando você menos espera, só da pessoa dar um sinal de vida, seu coração parece que vai sair pela boca? Ou então você se dá conta de que aquela pessoa divide o mundo com você e, de repente, você é a pessoa mais sortuda do mundo por causa disso?

— Sei. — Ela mordeu o lábio inferior com força.

— Então... Esse é o melhor resumo de como estou. — Era tudo verdade, mesmo que faltassem partes, mesmo que não fosse sobre quem deveria ser.

— E isso tudo é por seu querido noivo, sorella? — Louis disse, abrindo a porta e invadindo o escritório. — É bom tomar cuidado até o casamento. Paixão demais pode fazer com que coisas aconteçam e não é o que queremos, certo?

Eu estava fugindo do meu irmão mais velho como o diabo fugia da cruz e tomei um susto com ele entrando ali, do nada. Fiquei de pé num pulo, mas ele e Elizabeth não notaram, ela o olhou sobre o ombro e soltou um palavrão.

— Está velho e fofoqueiro, vê se pode! — ela comentou, depois de se recuperar do susto. — Desde

quando você escuta conversas atrás da porta?

— Desde quando elas me interessam, bambina. — Ele passou por Lizzie, segurou em seu rosto com apenas uma mão e juntou a boca na dela, me fazendo desviar o olhar. — E desde que não vejo minha irmã, há mais de duas semanas. — Louis a largou e veio em minha direção para me abraçar.

Tentei ser firme quando a vontade de chorar veio, porque eu sabia que Louis, o meu irmão, talvez se importasse com o que eu sentia, mas o Don, que eu não tinha ideia de onde começava e terminava dentro dele, nunca quebraria o pacto de casamento, nunca permitiria que eu largasse tudo para ficar com um soldado, nunca deixaria o nome dos Luppolo na lama.

O que era injusto, já que ele havia feito sua troca e mantido Lizzie.

— Senti sua falta, fratello — assumi, vergonhosamente, escondendo o rosto contra o peito de Louis, aspirando seu cheiro, me sentindo levemente mais segura.

Meu irmão não respondeu, mas me apertou mais forte contra si e, para mim, aquilo bastava.

— Como está sua segurança? Estou usando Zola mais do que deveria nos últimos tempos, não? — O tom de

voz baixo me fez olhar para cima, juntando a boca em bico, tentando fingir normalidade.

— Está tudo bem...

— Ótimo. — Louis olhou para o relógio em seu pulso.
— Em breve, Matteo e Frederico estarão aqui.

— Como? — Juntei as sobrancelhas por não ter recebido nenhuma mensagem de Frederico sobre aquilo. Estava com tanta saudade do meu irmão caçula, que poderia morrer.

— As coisas estão... mudando — Louis disse, depois de encontrar a palavra certa. — Nosso pai está vindo também.

— E mamãe? — perguntei, ajeitando a postura. Para que todos estivessem na cidade, algo muito grande estava para acontecer.

— Vem sozinha. Disse que do jeito que as coisas estão, não é para ficarmos todos no mesmo ambiente, e desta vez... Ela tem razão. — Ao ouvir isso, um arrepio intenso percorreu meu corpo.

Se o nível das coisas era esse, com certeza tinha algo errado acontecendo.
Outro bom motivo para sentir falta de Zola, ele pelo menos me alertava quando o perigo estava perto.

Saí da editora direto para minha casa. Sem pausas, sem nenhum passeio, sem nem mesmo obedecer a Bartek, que insistia para que eu fosse jantar com ele. Fui forçada a comer com Lizzie e Louis, sem poder fugir de perto deles para vomitar e estava cansada, com medo do olhar de Louis, analisando como eu comia meu lanche devagar.

Eu ia parar com aquilo, era só ter meu corpo de volta. E pensando em ficar em jejum pelo maior tempo possível, já que meu corpo tinha digerido o almoço, quase caí para trás quando abri a porta do meu apartamento e vi Frederico deitado no sofá com Coelho no colo e Matteo já devorando uma da caixa de pizza que tinha em cima do meu balcão.

— Ei! — falei, em choque, e logo depois, repeti: — Ei!
— animada, por ver meus irmãos.

Sem saber quem abraçar primeiro, me joguei no sofá sobre Frederico e o ouvi rir.

— E eu? — Matteo reclamou, de boca cheia, parecendo chateado.

— Estou há mais tempo sem ver Frederico. — Me afastei do meu irmão caçula para poder falar com ele direito.

— Como você está? Chegou há quanto tempo?

— Faz uma hora. Matteo me forçou a esperá-lo no aeroporto. Ou era isso ou sair cheio de babás. — Meu irmão revirou os olhos e olhou para o outro que acenava para nós.

— Não reclame, podia ser pior. Inclusive, porque, eu vou viajar esta noite com Louis e vocês dois vão dormir fora.

— Como? — perguntei, me sentando direito, não gostando da novidade.

— Delfina está na cidade, Lorenzo não quer deixá-la sozinha e vocês vão para lá.

— Mas e a parte de não ficarmos todos no mesmo lugar, que Louis disse mais cedo?

— Irmãzinha, se existe alguém com maior poder de fogo neste país do que Lorenzo Ferioli, eu desconheço. — Matteo limpou a boca com um guardanapo e o amassou, descontraído, dando de ombros. — Para alguém tentar algo contra vocês lá dentro, só poderia ser louco. Até porque, estou aplaudindo o que ele tem feito. Essa movimentação toda é ideia dele.

— Papai já contou. É a vingança pela mulher e o filho, não? — Frederico disse e eu me senti ainda mais insignificante. Por que é que eu sempre ficava no escuro?

— É, por isso vocês vão ficar com Delfina. Alguém que já perdeu tudo, nunca vacilaria na segurança do que tem hoje, e vocês dois vão se beneficiar disso. — Matteo se espreguiçou, levantando do banco e colocou as mãos na cintura. — Vai, Giovanna. Pegue suas coisas, pense que é uma festa do pijama superdivertida. — O incentivo dele não funcionou como o esperado.

Fiquei irritada, fechei a cara e obedeci, pegando meu pijama, o último potinho de tic-tac e mais algumas trocas de roupa. Podia ser um dia ou mais e eu não queria estar despreparada. Com medo do que aconteceria e nervosa por não ter notícia nenhuma de Zola no meio daquela confusão, segui junto dos meus irmãos até estar na ilha, na mansão que os Ferioli mantinham em Nova Iorque.

Matteo entrou com o carro na propriedade, depois de passarmos pela triagem da segurança, e estacionou na porta da casa.

— Fred, desce. Quero falar com Giovanna a sós, um minuto. — Meu irmão mais novo fez que sim com a cabeça e abriu a porta de trás, saindo dali.

Uma das qualidades de Frederico que eu nunca teria era a de conter a curiosidade, se fosse o contrário, eu o cercaria até descobrir o que estava sendo conversado sem

a minha presença, mas eu sabia que Fred provavelmente me deixaria quieta, até eu ter vontade de falar.

— O que foi? — Ergui as sobrancelhas quando me virei para Matteo e vi sua expressão desconfiada.

— Você não está bem, o que está acontecendo?

— Estou, sim... — menti, mas não o enganei.

— Isso tem a ver com Felippo? Com seu noivado? O que é? — Ele descansou uma das mãos no colo, enquanto a outra ainda estava no volante. — Eu te disse que se quisesse desistir, daria um jeito.

— Não. — Neguei com a cabeça, sabendo o tamanho da confusão que meteria meu irmão e na desonra que a Dark Hand passaria por minha causa. — É só... — e a mentira pulou no meu colo — ... soube que Felippo e Natasha não estão bem e ele não me disse nada... Eu esperava... — Deixei no ar o restante e meu irmão fingiu engolir.

O olhar de Matteo denunciava que não tinha funcionado.

— É só isso mesmo?

— É sim, mas vai passar, prometo. — Respirei fundo, forcei um sorriso e beijei a bochecha do meu irmão. — Por favor, tome cuidado.

— Sempre tomo. — Ele sorriu de canto. — Agora vai, desce e não faça nenhuma besteira.

— Pode deixar. — Confirmei com a cabeça e desci do carro, já pegando o celular que eu sentia vibrar, lendo a mensagem de Bartek me cobrando a presença.

“Sinto muito por não poder ficar com você hoje. Estou seguindo ordens da Família.” Foi o que me deu vontade de responder e, antes de precisar passar por mais nervoso, antes que Giordana me mandasse mensagem, ou então eu caísse na besteira de ligar para Zola, quebrando nosso acordo de manter espaço, desliguei o celular e fui na direção de Delfina, Pietro e Frederico, que me esperavam na porta da casa.



Havia tensão no ar. Pietro estava sonolento e manhoso, e assim que Delfina o entregou para a babá e nos chamou para jantar, entrei em pânico, pior ainda quando vi a mesa que ela mandou colocar. Havia de um tudo, tortas; hambúrgueres; pizzas; lasanha e doces. Tantos doces que eu mal pude entender o que era o quê.

Meus olhos se fixaram na fonte de chocolate no meio da mesa e meu estômago roncou de forma dolorida.

Quis chorar ao ver tanta comida gostosa. Sofri muito, pensando em como comeria. Eu tinha medo, e se comesse normalmente e acordasse inchada? E se engordasse? A balança do meu banheiro era testemunha do meu desespero. A cada copo d'água que eu bebia, subia nela e a cada vez que fazia xixi, conferia quanto peso tinha perdido. Antes de dormir, eu sempre me pesava, ao acordar também. Antes de comer, subia para conferir os números e me repreender, depois que vomitava e acalmava o corpo, voltava a ver o preço da minha punição. Quando comia, comia rápido, a maior quantidade que conseguia, tentando mastigar um pouco melhor para ser mais fácil na hora de colocar para fora. Também bebia muito mais água para tapear a fome; chás diuréticos nos dias em que eu achava que tinha exagerado e bebidas sem açúcar para calar meu estômago faminto. Mas fazia tudo isso sozinha, sem espectadores, ou então com Bartek, que parecia ter prazer de me ver comer daquela forma exagerada.

Balancei a cabeça, triste por ver quão ferrada eu estava.

Como eu poderia fugir?

— Vamos! Sentem-se... — Delfina disse, se sentando em uma ponta da mesa.

E foi então que eu tive a brilhante ideia.

Aproximei-me da mesa, me sentindo idiota por armar um teatro daqueles, segurei a toalha e em vez de me sentar na cadeira, fui direto ao chão.

A toalha veio junto, parte da comida também, tudo sobre mim. Me machuquei quando a fonte de chocolate caiu na minha cabeça, tentei não me mover, sabendo que havia vidro em volta de mim e esperei, enquanto sentia mãos tentando limpar meu rosto.

— Giovanna, você está bem? — A voz calma de Frederico me fez mover a cabeça de forma positiva e abrir os olhos, enquanto alguém me ajudava a ficar em pé.

Senti-me fora do corpo, vendo os funcionários limpando em volta, o rosto de Delfina preocupado e meu irmão me olhando, como se não me reconhecesse.

— Eu... Eu sinto muito — consegui dizer, olhando o estado da minha roupa, o cheiro da comida, o estrago todo que havia causado. — Não trouxe outro pijama — falei baixo.

— Não se preocupe, vá tomar um banho. Vou deixar roupas limpas no seu quarto... Depois desça, ainda vamos

jantar.

— Se eu me sentir bem, desço. — Foi o que falei, ignorando o último chamado de Delfina, e saí, deixando um rastro de sujeira atrás de mim.

Eu tinha me livrado do jantar, mas não da vontade de comer, nem da fome.

Abri a porta do quarto onde eu ficaria hospedada e segui para o banheiro, fechando a porta e encarando o reflexo no espelho, sem acreditar que aquilo era eu.

Meu cabelo estava sujo de chocolate. De loiro, estava completamente marrom. Meu rosto também tinha doce, assim como minhas roupas e, olhando meus dedos, levei-os até a boca.

Fechei os olhos, sentindo o prazer de colocar açúcar para dentro, se espalhando. Foi como se toda a minha língua ganhasse pequenas ondas de choques, tão prazerosas, que não me contentei. Em um segundo, eram apenas as pontas dos dedos na boca, e no outro, eu estava lambendo as mãos, arrancando o excesso de chocolate do rosto, chupando o tecido do pijama e as mechas sujas do meu cabelo. Eu parecia um animal descontrolado. Foi quando meus olhos encontraram meu reflexo no espelho e tive noção de quão ridícula eu parecia, comecei a chorar.

Arranquei a roupa, jogando em um canto longe, entrei no chuveiro.

Escorreguei para o chão, me abraçando, enquanto a água quente levava para longe os resquícios do doce e tentava me lavar da culpa.

Ergui a cabeça, enchendo a boca d'água e engolindo, tentando limpar o gosto, tentando calar o estômago que pedia por mais.

Não podia ter mais, não dava para ter mais, mesmo assim, a vontade de comer era tão alucinante e machucava tanto, que a primeira coisa que vi, coloquei na boca e mastiguei.

O gosto do sabonete era enjoativo, doce demais, a língua rejeitava, mas era o que tinha, o que podia.

E ali, embaixo do chuveiro, eu me forcei a engolir o pequeno pedaço de sabão com o qual eu deveria lavar o corpo, chorando alto, agradecendo o barulho do chuveiro disfarçar meu desespero de chegar ao fundo do poço e não saber como levantar dele.



Dois dias se passaram.

Dois dias que eu fingi estar passando mal e com dor de cabeça.

Dois dias que espantei todo mundo de perto de mim, comi tudo o que me mandaram para o quarto e vomitei logo em seguida.

Dois dias em que senti o corpo tão cansado e tão podre, que poderia ter morrido de inanição, se não tivesse perdido as forças na última noite, desistindo de vomitar o jantar. A culpa tinha me feito chorar como criança, até adormecer no meio das cobertas macias da cama de casal, mas pelo menos o estômago não doía.

— Giovanna, acorde. — Ouvi a voz de Frederico e senti seu toque em meu rosto.

— Que horas são? — perguntei, não abrindo os olhos ainda, querendo dormir mais.

— Cedo, mas você está dormindo há tanto tempo, que estão todos preocupados.

— Que saco... — reclamei. — Está, só estou cansada. — Tirei a mão de Frederico de mim e me levantei.

— Bom, vim avisar que Matteo mandou Zola nos buscar.

— Pelo amor de Deus... — Cobri o rosto com as mãos. Ver Zola era tudo o que eu não precisava. Estava

tão cansada! Só queria poder dormir mais. — Me deixe escovar os dentes e conseguir pensar.

E o tempo de me arrumar foi o tempo que custou para que Zola chegasse.

— Bom dia, crianças — ele disse, parecendo bem-humorado, para mim e para Frederico. — Estão prontos?

— Você vai me deixar em casa, depois vai levar Frederico para ficar com minha mãe — avisei, de mau humor, abrindo sozinha a porta do carro, mas sendo interrompida logo em seguida.

— Eu acho que não... Vocês têm um café da manhã com sua família na casa de Louis, antes de ele e Matteo viajarem.

— Mas Matteo não tinha ido? — perguntei, nervosa, por não terem me dito a verdade.

— Ele ia, mas deu um probleminha no voo e seus irmãos decidiram esperar. Porém, se mudar algo, vocês estão seguros. — E sem esperar por mais novidades como aquela, arrependida demais de ter jantado na noite anterior, já que seria forçada a comer na frente da minha família, ainda mais com mamãe fiscalizando, entrei no carro, batendo a porta com muito mais força do que precisava.



Respire fundo, se acalme — repeti na mente quase duzentas vezes no caminho até a casa de Louis e pareceu funcionar. Aos poucos, o nervoso por ser pega de surpresa foi passando e no lugar dele a ansiedade massacrava meu estômago.

Eu não sabia se doía por medo ou por fome.

Bebi toda a água da minha garrafa no caminho e tentei prestar atenção na vista da janela, mas a todo momento, quando acabava me distraíndo, meu olhar recaía sobre Zola.

O cabelo dele havia sido cortado há pouco tempo, seus olhos estavam atentos ao trânsito e de vez em quando ele passava a língua pelos lábios, me causando uma sensação de formigamento no peito que eu nunca havia sentido.

Era tão desesperador querer parar o mundo e abraçá-lo, chorar em seu colo por precisar do seu amor, seu cuidado. Queria poder compartilhar tudo com ele, sem me esconder atrás de desculpas bobas, queria poder olhá-lo nos olhos e pedir desculpas por não o ter enxergado antes, por ter vivido uma vida inteira com os olhos vendados e, de

repente, me sentir uma marionete cheia de vontades, mas nenhum controle sobre as próprias ações.

Será que ele realmente gostava de mim?

Será que Zola realmente me achava interessante, mesmo com toda a experiência?

Seu trabalho noturno na The Hell devia ter apresentado a ele todo tipo de gente, será que aquilo não o fazia me notar como só mais um trabalho? Só mais uma mulher necessitada?

O formigamento do meu peito começou a se alastrar ao me lembrar de como era vê-lo sem a pose de segurança-soldado-super-homem. Ele era tão lindo, sua boca era tão macia e seu toque era tão bom... Como eu pude ser tão cega?

Suspirei profundamente, fazendo barulho ao soltar o ar e chamei sua atenção.

Os olhos azuis encontraram os meus no reflexo do espelho e não consegui disfarçar.

Se Frederico não estivesse ali, se fôssemos somente nós dois, eu imploraria de joelhos para que ele voltasse à minha vida, para que ele ficasse comigo o tempo todo, mas não podia ser tão egoísta.

Tinha uma família toda dependendo do meu bom desempenho.

Tinha toda uma Família planejando o meu futuro.

Tinha Bartek, e eu abaixei o olhar, fugindo de Zola, me repreendendo mentalmente por ser uma noiva tão horrível quanto vinha sendo. Eu não tinha a vontade que deveria, não tinha o corpo certo, não conseguia me manter interessante e ele fazia tudo. Os melhores presentes, as melhores histórias e o tanto que se esforçava...

Eu era uma droga. Treinei a vida para aquele momento e, quando chegou a hora, estava fantasiando como seria viver ao lado de alguém que era só um soldado...

Apoiei a cabeça no vidro, encarando o céu azul daquele outono bonito, pensando em como eu sentia falta de antes.

Ser criança era muito mais fácil. Crescer doía, muito, mas não tinha outra opção. Era como se eu fosse realmente um passarinho, preso na gaiola logo ao descobrir como era bom voar.



— *Boungiorno*. — Ouvi a voz de papai logo que abri a porta do apartamento de Louis e corri, como quando era

criança, para abraçá-lo. — Como está minha menininha? — ele perguntou em italiano, baixinho, enquanto me erguia do chão.

— Morrendo de saudade — respondi, quando me afastei um pouquinho para poder olhar nos olhos castanhos ainda tão bonitos de meu pai. Sua barba e cabelo grisalhos, as rugas em volta dos olhos, o cheiro de perfume e cigarros... Aquilo era meu lar e só ali notei quão carente daquele amor eu estava.

Meus olhos se encheram d'água ao vê-lo sorrir e pousei a cabeça contra a mão dele em meu rosto, apreciando o carinho, querendo me enfiar no primeiro avião e ir ficar junto dele e mamãe, pelo tempo que fosse necessário para toda a bagunça dentro de mim se acalmar.

— *Hai dimenticato di avere una mamma, Giovanna?* — O tom de minha mãe era o mesmo de sempre e eu sorri, limpando o canto dos olhos, antes de virar para vê-la.

— No, mamma. Mi sei mancato. — Estendi o braço em sua direção e a puxei para um abraço, ficando entre meus pais, escondidinha, querendo parar o tempo.

— Assim é melhor — mamãe disse, sorrindo, esfregando o nariz contra o meu, como fazia desde que eu era pequena. — Como vai? Soube que tem trabalhado demais, é por isso que tem ficado tão doente?

— Não... — Tentei fugir do assunto, mas ela continuou:

— Tenho certeza de que é isso. Seu irmão deveria cuidar melhor de você — a alfinetada em Louis foi feita diretamente a ele, mas meu irmão não se abalou, na verdade, fingiu não ouvir.

— Giovanna é adulta, está prestes a se casar, deve ser isso, não? O nervoso, a ansiedade — meu pai tentou me defender e eu agradeci.

— É isso... — disfarcei e olhei em volta. — Cadê Elizabeth?

— Trabalhando. Pediu para não ser incomodada. — Louis abriu a boca pela primeira vez, enquanto nos analisava. — Mesmo adorando participar das reuniões de família, principalmente as que mamãe aparece. — O sorriso do meu irmão em provocação foi indevido e eu segurei o rosto de mamãe próximo ao meu, evitando o começo de uma discussão.

— Vocês conseguem brigar durante o café? Pelo menos eu posso comer, enquanto assisto — Matteo disse, parecendo entediado.

Eu odiava quando mamãe e Louis começavam com aquela disputa esquisita. Ele parecia ter prazer de

massacrá-la, parecia se divertir ao vê-la gritando e perdendo a razão.

Por muito tempo, eu acreditei que, mesmo com Louis tendo feito o que fez, nossa família poderia seguir em frente, mas naquele ponto, estava quase desistindo de ter fé, ainda mais, por ver no rosto de minha mãe o desprezo pelo filho que lhe causou tanta dor...

— Pelo amor de Deus, eu que sou surdo não aguento vocês! Imagina quem ouve? — Matteo e Louis seguraram o riso ao ouvir meu irmão caçula. — Edgar, podemos ir? — Frederico perguntou ao mordomo. — Zola se junta a nós hoje?

— Não, eu preciso trabalhar... — Meu melhor amigo já ia saindo, quando Louis tirou os olhos do rosto de minha mãe e o encarou.

— Não, você fica.

Meu coração martelou no peito de forma dolorosa. Sem opção, o soldado fez que sim com a cabeça, e agradeceu, se juntando à minha família barulhenta que subia as escadas. Não teve como não o encarar sobre o ombro e ver seus olhos em mim.

Aquilo me deu algum conforto, pelo menos, dava para ver que era difícil para nós dois.

A mesa estava posta de maneira impecável. Havia tanta comida, que precisei colocar as mãos sobre o estômago quando o cheiro me atingiu.

— Senhorita, fiz a calda de morango que você tanto gosta para comer com os waffles — Edgar disse, de forma tão amável, que eu não tive outra opção a não ser lhe sorrir de volta.

— Obrigada — falei, indo em direção à mesa, ficando bem de frente para Zola.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, meu pai começou a montar meu prato, como fazia quando eu era pequena, colocando na minha frente bacon, ovos e torradas com geleia de morango e pasta de amendoim.

Meu sorriso parecia costurado ao rosto e ele não notou isso quando me deu um beijo na testa e foi se sentar do outro lado de mamãe.

A conversa à minha volta parecia descontraída, mas a única coisa na qual eu prestava atenção era meu prato. Segurei o garfo e a faca com firmeza, e ignorando tudo e todos, peguei um pedaço de bacon e levei até a boca.

O sabor me fez fechar os olhos e suspirar. Como era gostoso. Mastiguei muito e engoli devagar, querendo que meu corpo aproveitasse. A primeira garfada era sempre contida, meu maior problema era depois. Fiquei tão

descompensada que, assim que pude, levei as torradas à boca e as comi, em segundos, limpando o restante do prato tão rápido, que Edgar se adiantou para me servir do meu café da manhã favorito da infância.

A calda de morango escorria pelo montinho de waffles e se espalhava ao redor.

Ele tinha caprichado e eu, faminta, não deixei por menos, terminando de comer e passando o dedo no prato, antes de levá-lo à boca, saboreando o último resquício da compota que só ele sabia fazer.

Suspirei, de olhos fechados, terminando de saborear o doce que tinha devorado, sentindo o estômago cheio, sabendo que precisava me livrar logo de tudo aquilo.

Eu só não esperava abrir os olhos e ver que Zola me observava.

O barulho pareceu morrer em volta de nós, enquanto ele parecia curioso sobre o que eu estava fazendo. Era normal eu comer muito, mas não tão rápido. A rapidez era importante, assim não dava tempo de digerir, não dava tempo de engordar.

— Uau — ele disse, enquanto erguia as sobrancelhas, me atingindo em cheio.

Meu estômago doeu.

— Eu... — falei, tentando achar uma desculpa no meio daquele momento constrangedor, mas nem precisei forçar. A vontade de vomitar surgiu sem ao menos precisar forçar e, no segundo seguinte, corri com a mão na boca em direção ao banheiro mais próximo.

Foi por questão de segundos, mas assim que abri a porta, o vômito veio e só tive tempo de me apoiar na pia.

Meu peito doeu graças a força com que a comida voltou pelo meu esôfago.

O gosto na boca era amargo e por não ter colocado nenhuma bebida para dentro, toda minha garganta parecia ferida.

Quando terminei, abri a torneira para a água tentar levar embora pelo ralo toda a sujeira e me ergui, vendo o rosto e a camisa branca que eu vestia, sujos de algum momento que encostei contra a cuba da pia.

Lavei a boca, tentei limpar a camisa, mas não consegui um bom resultado.

— Merda, merda, merda! — xinguei baixo, com o rosto molhado pelas lágrimas.

Era isso toda vez que eu vomitava.

Quando percebi que não conseguiria melhorar o estado da roupa, me recompus e saí do banheiro, vendo

todos os olhos virados na minha direção.

— Giovanna, está tudo bem?

— Está... É só uma virose. — Minha voz saiu fraca.

— Zola, será que você pode descer comigo para que eu pegue uma roupa?

— Ele pode ir sozinho — minha mãe interferiu.

— Eu quero sair daqui um pouco — disse, em um tom autoritário, e não esperei alguém me contradizer, já indo em direção à escada, feliz por ouvir Louis concordar.

Não demorou mais do que cinco segundos para eu ouvir os passos de Zola atrás de mim e me segurei, abraçando o próprio corpo, para não o abraçar dentro do elevador.

Ele se manteve em silêncio e só quando saímos na garagem, para perto do carro onde estavam minhas coisas, é que ele falou algo:

— Seja lá o motivo de você estar fazendo isso, precisa parar. — Eu o ignorei, segurando o choro ao morder o lábio com força, tentando não explodir ali mesmo.

Abri o porta-malas sozinha, abri minha mala de mão e comecei a procurar por outra camisa.

— Giovanna, você me ouviu?

— Eu não fiz nada. Eu juro — me defendi.

— Não dessa vez, mas a forma como você comeu, como anda fraca, mal-humorada... Eu não sou idiota, nem as pessoas à sua volta.

Parei, largando a mala e colocando as mãos no rosto, não querendo desmoronar, não querendo ser ainda mais fraca, mas de nada adiantou. No segundo seguinte, lá estava eu, em prantos.

— Pequena... — Me abraçando forte, me permitindo ficar em seus braços por longos minutos, fui me acalmando.

— Eu estou tão, tão, mas tão perdida. Me desculpe, por favor. Me perdoe — pedi, mas tudo o que ele fez foi me balançar como se eu fosse um bebê.

— Não tem nada para desculpar, só preciso entender o que está acontecendo...

— Eu não sei também... — E era verdade. Eu tinha tantos motivos acumulados, tantas coisas presas, que não sabia por onde começar.

— Shhh... — Ele me segurou pela nuca quando meu corpo tremeu, graças a um suspiro involuntário. — Vamos fazer o seguinte, eu preciso resolver algumas coisas esta noite. A cidade vai estar um caos, mas assim que eu puder, assim que tudo estiver pronto, nós vamos nos sentar e conversar sobre tudo, ok? E eu vou te ajudar com isso,

mas, ei... — Ele colocou as mãos no meu rosto e me obrigou a olhar em seus olhos. Como podia ser tão diferente? O tom dos olhos dele eram tão claros como o céu e não sufocante e gelado como o oceano que Bartek me entregava. — Me prometa que vai parar com isso. Que vai tentar comer direito, que vai se cuidar.

— Eu... Eu vou tentar.

— Promete? — Seu olhar no meu não me permitiu fugir.

— Prometo — falei, já com medo de falhar, antes mesmo de terminar de dizer aquela palavra.

— Se precisar, me ligue. Não importa o que aconteça, você é mais importante que essa merda toda, entendeu? — E beijando minha testa, me dando mais um abraço forte, Zola me liberou para pegar minhas coisas e voltar ao elevador.

— Você não vem? — perguntei, quando o vi parado.

— Não. — Ele moveu a cabeça em negativa. — Preciso trabalhar, pequena. Mas não esqueça... — Zola sacou o celular do bolso e me mostrou. — Se precisar, me ligue.

— Ok... — Não tentei sorrir, não conseguiria. Mas a troca de olhares ali disse tudo o que precisava, inclusive o

obrigada que ficou preso na minha garganta.

Chegando ao apartamento de Louis, entrei no banheiro do andar de baixo e me troquei. Lavei o rosto com calma, me maquiei, prendi o cabelo no alto da cabeça e resolvi ligar meu celular.

Algumas mensagens com ameaça de morte vindas de Giordana pelo meu sumiço começaram a pipocar na tela, assim como três mensagens de Bartek.

“Onde você está? Vou buscá-la para ficar comigo. Seu irmão não vai recusar, será mais seguro.”

“Por que não responde, passarinho?”

“A pior coisa que uma noiva pode fazer é demonstrar falta de interesse ao seu noivo.”

Engoli aquela mensagem com medo e, sem pensar, saí do banheiro, indo em direção à minha família já discando o número de Bartek. Tocou uma, duas, três vezes e parando para prestar atenção, a conversa no andar de cima parou no mesmo minuto que o toque de um celular começou.

Meu coração se comprimiu e o medo apertou minha garganta.

Terminei de subir a escada em um passo de cada vez e vi, assim que cheguei ao topo, Bartek em pé, junto da

minha família, com o celular na mão.

— Olha só, meu passarinho finalmente apareceu. — O olhar dele não era o que eu esperava de alguém furioso. — Venha cá. — Ele estendeu a mão na minha direção e, sem opção, eu fui.

— Bartek me disse que não conseguiu conversar com você esses dias, Giovanna. Algum problema com seu celular? — Louis perguntou, a sobrancelha erguida, me fazendo ficar alerta.

— Não! Eu o desliguei, sabe como eu fico ansiosa quando esse tipo de coisa acontece, e Giordana também piora tudo, então tentei ficar sem ele um pouco e, olha só, que absurdo, me esqueci de ligá-lo novamente! — Mostrei o celular na minha mão. — Inclusive, estava tentando te ligar nesse exato momento para me desculpar... — falei, olhando para Bartek, tentando achar em seus olhos alguma brecha.

— Podemos resolver isso, se você passar o dia comigo hoje, que tal? — Ele acariciou meu rosto e eu sorri, aliviada por aquele carinho. Bartek estava bem, não estava bravo e se estivesse magoado, eu faria de tudo para acertar as coisas.

— É claro, se Louis disser que posso. — Encarei meu irmão, que deu de ombros.

— Estamos em uma pequena disputa de território, mas o foco não é aqui e a cidade está protegida. Leve Giovanna, mas a traga de volta logo, ok? Matteo, Leonel, está na hora, não? — Louis se levantou. — Frederico, mantenha sua mãe longe de Elizabeth, por favor. E, Giovanna — meu irmão me puxou de Bartek e me abraçou —, estou feliz por vê-la fazendo o certo pela nossa família. — Beijando o topo da minha testa, coisa que raramente fazia, se afastou.

Papai se despediu de mim, assim como Matteo, e com os braços de Bartek ao meu redor, descemos para pegar o elevador.

— Sua família é muito gentil. Sua mãe me pediu para cuidar pessoalmente da lista de convidados do nosso casamento. — Ele riu no elevador e eu relaxei.

— Mamma tentará deixar o máximo de gente importante na lista, quer apostar quanto?

— Não é um problema, é? — Ele roçou a barba no meu ombro e eu sorri.

— Acho que não...— respondi, quando ele pegou meu queixo e juntou os lábios nos meus.

Era uma sensação tão diferente, tão intensa, que me consumia por inteiro.

Sáímos do elevador de mãos dadas e fui em direção ao

carro dele. Bartek abriu a porta para que eu entrasse, foi gentil o tempo todo e não pareceu o homem magoado e frustrado das mensagens. Eu relaxei, falando mais do que o normal, tentando entretê-lo para compensar minhas falhas dos últimos dias.

O caminho até o apartamento dele foi rápido e assim que desci do carro com ele me dando a mão, pude ver algo diferente em seu rosto.

— O que foi? Algum problema?

— Você sumiu. Fiquei realmente chateado, passarinho. — Ele acariciou meu rosto com a mão livre e eu sorri.

— Não fiz por mal, eu juro. Não farei mais, garanto que meu celular vai ficar ligado o tempo todo, ok? Eu realmente estava sem cabeça, essa coisa toda de segredos e ser levada de um lado para o outro... — Desviei o olhar do dele e tentei ser mais dramática. — É horrível.

Bartek me abraçou, colocou a testa na minha e suspirou.

— Eu entendo... é só que, vi algo hoje.

— O quê?

— Você perto demais daquele soldado... Zola, não é?

— Eu só estava... — E quando me perdi, não sabendo o que responder, vi a decepção no olhar de Bartek.

— É, eu vi como você estava mal ao abraçá-lo. — O tom frio dele me fez prender a respiração, foi por isso que eu não consegui gritar, nem mesmo quando ele fechou a porta bem em cima da minha mão, com toda a força que tinha.

Minha pressão caiu por conta da dor, eu só sentia o membro quente, latejando.

— Ah, meu bem, me desculpe! — ele disse, quando soltou a porta, liberando minha mão, me segurando. Meu corpo que tremia demais, sem acreditar no que tinha acontecido. — Foi sem querer, juro que não vi sua mão ali.

Eu me encolhi, com lágrimas nos olhos, sem conseguir acreditar naquilo.

Vi toda minha mão inchando, meu anel de noivado enterraria na carne, mas não dava mais para tirá-lo.

— Vem, passarinho. — Ele me manteve em pé, enquanto o choque da situação parecia me paralisar. — Eu vou cuidar de você lá em cima, vou cuidar de você como um homem deve cuidar da sua mulher.

Ele beijou minha cabeça, parecendo realmente preocupado, e me senti culpada por pensar que Bartek poderia ter feito aquilo de propósito.

Eu era a errada, e mesmo me machucando sem querer, ele ainda estava ali para cuidar de mim.



CAPÍTULO 22

*Eu tentei e tentei e tentei um pouco mais
Contei segredos até minha voz ficar rouca
Cansei de conversas vazias
Porque ninguém me ouve mais*
ANYONE, DEMI LOVATO.

GIOVANNA

Havia dores que nunca deveriam ser sentidas.

Nunca.

Aquela era uma delas. A da solidão se esgueirando dentro do meu corpo, tomando forma em cima do meu peito, me abraçando por completo, me tornando um nada. Não havia coisa pior do que estar no meio de pessoas que eu amava e que eu sabia me amar de volta e, ainda assim, me sentir completamente sozinha.

Será que nenhum deles percebia mesmo que tinha algo errado com o fato de eu evitar comer? Com os choros

constantes, com os ataques de raiva que eu tinha por não poder falar sobre tudo o que vinha acontecendo?

Eu precisava ser o que me criaram para ser. Precisava concretizar o meu sonho, mas ele parecia cada vez mais distorcido, cada vez mais distante.

Eu tentava, muito, mas desde a última vez com Bartek, eu não sabia se conseguiria amá-lo. Nos primeiros minutos com minha mão machucada, ele foi cuidadoso e protetor, mas foi só ver que eu estava bem que sua postura mudou, e a fala sobre eu ser desastrada começou, junto dos pequenos comentários sobre meu corpo estar mudando para pior, sobre como a referência dele de mulheres atraentes era contrária ao que ele via em mim.

“O problema não está no seu rosto, você é bonita, mas muito pequena... Você não me aguentaria.” Essa frase me enfiou dentro da lata de lixo emocional e eu estava revirando os restos do que eu costumava ser.

Eu não queria decepcioná-lo. Eu não queria que as coisas dessem errado, mas toda vez que eu via Zola, toda vez que eu me distraía e o pensamento ia para o meu melhor amigo, tudo parecia opaco e sem vida se comparado a estar com ele. E doía, doía muito passar pelo luto de Felippo, sem ninguém realmente entender o que me

machucava. Doía mais ainda não entender como minha família se reestruturaria depois da bomba sobre Natasha.

Ter uma irmã que tomou toda a vida que eu tinha planejado não era bom. Não me trazia um sentimento decente, e eu tentei reprimir aquilo, não querendo guardar ressentimentos dela, quando tudo o que havia acontecido não tinha sido sua culpa.

Louis já tinha me explicado o plano louco do homem que a criara e aquilo só piorou minha visão sobre mim mesma. Como eu podia tentar odiar alguém que passou por todas as coisas horríveis que ela havia passado? Será que um dia eu poderia me perdoar por querer que ela desaparecesse? Ou então por todas as vezes em que invejei a vida dela com o meu príncipe encantado?

Era uma confusão sem tamanho dentro do meu peito e eu não conseguia distinguir o que era o que, dificultando ainda mais o trabalho de ficar bem ou de fingir estar bem.

Foi por isso que, naquela manhã, eu só desisti.

Não tomei banho, não me levantei, não falei com ninguém, mesmo quando todos tentaram.

O primeiro foi meu pai, depois mamãe, então Frederico e Matteo. Louis foi o único que não disse nada, entrou, se sentou ao meu lado e ficou me observando,

enquanto eu fugia de seu olhar de julgamento, encarando a janela.

Depois de dois dias daquele jeito, não havia nada que pudesse me fazer levantar, a não ser o Don. Era a única definição que eu tinha para não odiar Louis também, já que ele entrou no quarto, me colocando de pé na marra.

— Eu sei que está difícil, mas você ainda tem uma vida e um noivo que está aqui para vê-la.

— Não quero — consegui dizer, tendo a voz saindo fraca e falhada, depois de tanto tempo em silêncio.

— Não é uma opção, Giovanna. — Ainda me encarando, ele disse sobre o ombro: — Deem algo para ela comer e um bom banho. Bartek vem jantar conosco hoje e eu não tenho mais desculpas para a ausência de sua noiva.

— Louis. — Fraca, usei o resto das forças para agarrar as roupas do meu irmão. — Por favor, eu não consigo. — Antes que eu percebesse, lágrimas grossas escorreram pelo meu rosto.

— Consegue, sorella. Consegue, sim. Treinamos você sua vida toda para isso, por favor, não nos decepcione. — E acariciando minha bochecha, meu irmão mais velho respirou fundo e se afastou, deixando minha mãe e Frederico comigo no quarto.

E ali, pela primeira vez, eu realmente me senti como uma marionete.

Não falei, mal me movi por conta própria. Só segui o que me era mandado, sem pensar ou tentar algo diferente.

Não havia escapatória. Ninguém entendia, ninguém nunca entenderia e eu só seria vista como a mimada que falhou por não aguentar um coração partido.



Poucas vezes na vida eu tive aquele sentimento.

Todas elas foram depois de ter Bartek entrar na minha vida, a primeira delas foi quando vi seus olhos pela primeira vez. Era como cair de um penhasco, direto no mar gelado e só se dar conta de que não consegue respirar quando já é tarde demais.

Da primeira vez, achei que era consequência de perder Felippo. Depois de alguns meses, entendi que era por nunca me sentir suficiente para ele.

Magoada, não consegui sorrir ao vê-lo já sentado com Louis e meu pai na mesa de jantar, ainda mais quando seu sorriso sumiu ao cruzar o olhar com o meu.

— Ah, princesa. Venha aqui com seu pai — papai me chamou, e eu andei como um robô para perto dele, tendo a cintura abraçada, enquanto ele sorria, parecendo orgulhoso. — Bartek, é melhor que você seja um bom homem. Vai levar meu tesouro mais precioso.

— Vou cuidar muito bem dela. — O olhar do meu noivo era sério sobre o meu rosto. — Giovanna sabe como eu cuido bem do que é meu, não é mesmo, passarinho? — E estendendo a mão para mim, afastou a cadeira ao seu lado para que eu me sentasse. — Como está sua mão? — ele perguntou, pegando meus dedos com cuidado.

— Dói um pouco, mas vai ficar tudo bem.

— Estou vendo... Nem está mais enfaixada.

Confirmei com a cabeça, antes de me tornar invisível de novo.

Os homens conversaram entre si, vez ou outra eu fingia estar a par da conversa, balançando a cabeça na hora certa e olhando nos olhos de Louis e meu pai, mas mais uma vez, ninguém notou nada de errado. Nem quando eu comi de forma exagerada e chorei à mesa.

Bartek passou o jantar todo entretendo minha família. Em pouco tempo, era o melhor amigo de Frederico, elogiou minha mãe tantas vezes, que o ego dela estava arranjando uma cadeira para se sentar junto conosco. Papai parecia

desconfiado, mas nada além do normal, assim como Matteo, que espreitava de longe, mas ainda assim parecia disposto a gostar do meu noivo.

— E está tarde, não? — Louis comentou, olhando diretamente para mim, assim que eu pousei a colher, depois de devorar o segundo prato de sobremesa. — Giovanna, por que não leva seu noivo até a garagem?

— Eu? — perguntei, distraída, e não entendi quando todos riram.

Era tudo tão falso! Mamãe e papai não se falavam desde que a história de Natasha veio à tona. Louis tentava fingir indiferença, mas ficou na cara que estava louco atrás de Elizabeth, mas todos estavam ali, fingindo serem perfeitos para que meu noivo não se decepcionasse com os Luppolo. Para que não pudesse ver nenhum defeito na casca da minha família.

— Eu já a mando de volta... — Bartek disse, se pondo de pé. — Foi um prazer, espero que possamos repetir logo.

— Ah, é uma pena... Vamos embora amanhã cedo — minha mãe se adiantou, um pouco alta pelo vinho. Eu poderia apostar que ela estava flertando com meu noivo, mas não tinha energia nenhuma para me importar.

— É, e Fiama está precisando descansar logo — Louis interrompeu. — Bartek, vocês têm vinte minutos, ok? Não abuse. Não estão casados ainda.

E depois de esperar meu noivo se despedir da minha família, segui com ele para o elevador, descendo para a garagem e, sem entender questionar, caminhei para perto de carro muito maior do que o que ele sempre usava, com os vidros completamente escuros.

— Entre, por favor — ele pediu, e eu fiz que sim com a cabeça, mantendo as mãos próximas ao corpo, com medo pela última vez.

O carro estava frio e assim que Bartek entrou, me arrependi amargamente de ter descido.

— Eu soube o que aconteceu com seu... Não posso nem dizer ex-noivo, já que vocês não chegaram a oficializar, não é mesmo? — Droga, eu não queria ter aquela conversa. Eu não queria chorar, não queria lembrar.

— Não — concordei, a contragosto, evitando olhar para Bartek, enquanto segurava o choro na garganta, limpando o canto dos olhos com a lateral da mão.

— E se está tão triste assim, será que posso supor que não o esqueceu? — O tom foi ficando cada vez mais baixo e a sensação de ser uma fraude me engoliu.

Bartek tinha esse poder, despertava em mim a vontade de agradá-lo o tempo todo, tendo ou não vontade disso.

— Não é isso... — Tentei me defender, mas foi em vão.

— COMO NÃO É ISSO? — ele explodiu, gritando, e eu me encolhi.

— Não... Nós éramos amigos...

— Minha mulher não tem amigos homens. — Seu tom era ameaçador, conforme ele segurou meu queixo, com uma brutalidade sem tamanho, os dedos fincando no meu rosto. — Você não tem amigos homens. — Seus olhos nos meus davam a sensação de ter uma pedra sobre o peito. Era difícil respirar. — Estou cansado de me esforçar e não ter nada em troca, garota. Eu não vou ser corno de um defunto, entendeu?

— Me desculpe, me desculpe. — Me ouvi dizer, enquanto chorava.

— Não minta para mim! — ele gritou de novo, e eu quis me afastar. Bartek não deixou e me segurou perto. — Se eu não começar a ver que você quer o meu perdão, Giovanna, se não ver você empenhada para essa droga dar certo...

— Eu vou, eu juro que vou. — Minha voz estava sumindo pelo medo.

— Há um preço para isso. Quero você amanhã no meu apartamento... Vamos ver até aonde você vai para fazer a coisa certa e agradar o seu futuro marido. — Ele largou meu rosto, me empurrando para trás. — Odeio quando você me obriga a fazer essas coisas. E pare de chorar! A partir de agora, não quero ver uma lágrima sua, ou vou entender que elas são para outro e não aceito dividir nem isso, entendido? Não me force fazer você chorar por minha causa. — E lá estava uma versão dele que eu nunca pensei ver.

Balancei a cabeça, concordando, e olhei pela janela, querendo descer.

— Você só desce depois que me der um beijo de boa noite, e convença-me de que gosta de mim, Giovanna. Ou amanhã... — Ele puxou de novo meu rosto e eu fechei os olhos, fazendo o que ele queria, sentindo sua barba arranhar meu rosto, conforme ele pressionava a boca contra a minha.

De repente, ele abriu a porta e me empurrou para fora. Por sorte, eu não estava de salto, conseguindo me equilibrar no último segundo antes, de ele fechar a porta na minha cara.

Bartek ligou o carro e acelerou, saindo do estacionamento cantando pneu e eu fiquei sem entender nada, com um medo gigantesco.

E se ele não tivesse gostado?

E se eu tivesse estragado tudo?

Se Bartek não me perdoasse, eu estaria arruinando o nome da minha família e seria uma vergonha para o todo sempre.



No dia seguinte, me despedi dos meus pais cedo, convenci meus irmãos de que estava bem o bastante para não fazer parte dos lençóis e voltei para o meu apartamento. Precisava ver Coelho, ajeitar minha vida, resolver meus problemas com meu noivo e tentar minimizar o caos que me cercava.

Quando terminei de me aprontar, encarei o reflexo no espelho, alisando a barra do vestido branco que usava, dei uma última retocada no batom rosa claro e ajeitei o casaquinho que precisei vestir, já que, mesmo eu não me lembrando de Bartek me pegando pelos braços, marcas roxas doloridas surgiram ali.

Ensaiei alguns sorrisos, pensei em mil possibilidades de afastar o choro, caso ele tentasse atravessar todas as barreiras que passei a noite criando dentro do meu coração, e saí de casa, receosa, com medo da minha boa vontade e energia não durarem mais do que dois passos na calçada, onde eu deveria encontrar um dos homens de Bartek, aquele do cavanhaque esquisito que me assustava.

Quando o homem me notou no portão do prédio, não disse nada, só veio para perto e me escoltou até o carro. Meu estômago parecia ter vida própria já que tremia e doía absurdamente, porém, mantive a calma e fingi estar bem durante todo o caminho, não sabendo o que me aguardava, e tudo passou tão rápido por mim, que quando realmente acordei, saindo do automático, estava em frente à porta do apartamento de Bartek, com a mão erguida para tocar a campainha.

Hesitei, por um segundo, fechando os olhos enquanto respirava fundo, tomando toda a coragem que precisava para resolver a confusão da noite passada. Queria ficar bem com Bartek, queria poder conversar e explicar o meu lado, de um jeito calmo e seguro.

Apertei o botão, ouvindo o som soar do lado de dentro da porta, ajeitei o cabelo liso para trás da orelha,

esperando que minha aparência ajudasse pelo menos um pouquinho naquela hora.

A porta se abriu, Bartek estava lá e me encarou, em silêncio, por alguns minutos.

— Oi... — ele disse, num tom profundo.

— Oi. Eu vim — anunciei, com um meio sorriso, não tendo certeza de ele estar feliz por me ver ali, ainda mais quando, sem falar nada, ele me deu passagem.

Será que eu fiz certo?

O cheiro de comida no ar era delicioso e, como sempre, a mesa de jantar estava cheia de pratos bonitos. Suspirei lentamente vendo a quantidade de comida e não notei quando ele se aproximou.

— Algum problema?

— Não... — Fiz com a cabeça, antes de encará-lo. — Nenhum. E você?

— Você está perguntando isso por educação? — Ele se adiantou para tirar meu casaco e não tive como recusar.

— Essas marcas?

— Surgiram ontem...

— Me desculpe — ele disse, parando no lugar com minha peça de roupa na mão. — Eu não sou bom disputando espaço.

— E você nunca precisou disso... — Virei-me para ele, vendo que ele ria em deboche. — É sério. Eu estava muito triste mesmo por causa da morte de Felippo. Nunca menti para você, nem escondi o fato de que não houve uma briga entre nós. Só não nos casamos porque meu irmão não quis assim e eu sempre o respeitei como homem, como conselheiro, como amigo. Assim como respeitei sua esposa. — Falar de Natasha embrulhou meu estômago, por isso, não me aprofundei. — E mesmo tendo oportunidade, mesmo podendo, nunca me relacionei com Felippo, de jeito nenhum. Você sabe, até você ter me beijado, eu nunca havia feito isso. — Pelo menos, não sóbria. Era verdade.

— Eu sei... — Bartek alisou o tecido em suas mãos e sem me olhar, o colocou sobre a cadeira. — Só que, mesmo assim, não sinto você querendo isso tanto quanto eu. Quero a mulher perfeita.

— E eu serei essa mulher. — Fui firme, tentando demonstrar uma força que não tinha.

Bartek ergueu o rosto na minha direção e me fitou em silêncio por alguns minutos.

— Então, venha. Vamos almoçar, enquanto acertamos os pontos. — Puxando a cadeira para que eu pudesse me sentar, ele pareceu disposto a tentar.

— Notei que você está comendo do jeito que deveria, mas seu corpo... Acho que sua avó tinha razão, você tem dificuldade mesmo para pegar peso. — Ele tentou rir.

O comentário me acertou em cheio, era tão estranho me olhar no espelho e não ver aquilo. Me via cada vez mais estranha, ganhando peso e volume em lugares que não tinha antes.

— É mesmo? De onde veio essa cultura? — Tentei entender.

— Mulheres magras demais são fracas para parir filhos fortes. Elas parecem mercadoria. — Um arrepio percorreu minha coluna.

— Desculpa, como assim, mercadoria? — perguntei, largando meu garfo.

— Você não sabe mesmo? Não achei que fosse eu a te contar sobre isso, mas como vai viver sob o meu teto em breve, acho que é bom saber logo. Nós lidamos com tráfico. Humano. — Me senti tonta. — Para ser mais específico, mulheres.

— Acho que não quero mais ouvir sobre isso. — Recolhi as mãos para o colo e tapei a boca, tentando digerir aquela novidade.

Eu imaginava que a Zwi Migdal lidava com algo muito ruim, mas não imaginava aquilo. Era por isso que eu evitava saber qualquer coisa sobre os negócios da Dark Hand. Não tinha estômago, nem cabeça, para conseguir encarar os homens que eu mais amava na vida, sabendo que eles podiam fazer aquele tipo de crueldade com outra pessoa.

— Me desculpe. Pensei que por ser irmã de Louis, você saberia mais desse tipo de coisa. Mais sobre o que as Famílias fazem...

— Mulheres são proibidas nos negócios — comentei, desconfortável.

— Bom, na minha terra, você saberá exatamente o que acontece. Meu irmão e eu não escondemos nada, inclusive, falamos disso o tempo todo. É bom se acostumar.

Fiz que sim com a cabeça e coloquei mais uma garfada de carne macia na boca, mastigando lentamente, querendo tempo antes de precisar falar de novo. O que, para minha sorte, não foi necessário tão cedo. Bartek começou um grande monólogo sobre como estava orgulhoso de me ver comendo, que isso significava que eu não estava doente e talvez meu corpo começasse a se

acostumar com mais calorias em breve e eu ficaria com os quadris mais largos, podendo parir melhor.

Eu só não gostei de ouvi-lo falar de mim como se eu fosse um animal reprodutor. Estava errado, não? Não era para ser daquele jeito, mesmo assim, não o contestei. Era melhor tê-lo empolgado do que bravo ou decepcionado comigo, porém, o meu estômago não tinha a mesma opinião e a combinação de comida e assuntos pesados não deu certo.

— Você me dá um minuto? Preciso ir ao banheiro. — O olhar dele mudou.

— Claro. — Bartek apertou os lábios e largou o guardanapo. — Volte logo, ainda temos a sobremesa.

— Só um minuto. — Peguei minha bolsa e saí a passos rápidos e curtos na direção do lavabo.

Fechei a porta, ainda fingindo estar sã, e assim que o som do exaustor começou, relaxei com as mãos contra a porta. Meus ombros doíam tamanha a tensão e eu não demorei no que queria fazer. Abri a torneira da pia, engoli muita água e me ajoelhei em frente ao vaso, segurando os cabelos enquanto enfiava os dedos na goela. Era para ser rápido, ainda mais com meu estômago tão dolorido, mas não foi, principalmente porque, no segundo seguinte em que encarei o fundo do vaso, a porta atrás de mim se abriu.

— É, estou vendo que não posso mesmo confiar em você. — O Bartek da noite passada estava ali e ele não teve dó de mim.

Meu noivo avançou para dentro do banheiro, enquanto meu cérebro tentava processar alguma boa desculpa para ser pega no ato.

— Eu... me desculpe! — gritei, quando ele me pegou pelos cabelos e me colocou de pé, me segurando em frente ao espelho, obrigando que eu encarasse aquela cena grotesca.

— Acho que as lições com você precisam ser mais duras. — Sem cuidado algum nem parecer pensar antes, Bartek bateu com a minha cabeça contra a pia de mármore.

Doeu muito, mas, ainda assim, tentei me erguer.

— Não, não, não. — Completamente dissimulado, meu noivo prendeu meus braços para trás e usou seu peso contra mim, me imobilizando com o tronco em cima da pia. — Já que você não está entendendo quando eu peço fidelidade e obediência, já que você mente, vou ser obrigado a cortar suas asas, passarinho. — Antes que eu pudesse me recuperar do choque, antes que pudesse dizer qualquer coisa para me defender, Bartek pegou a mão que

havia fechado na porta do carro e, em um movimento grosseiro e desumano, quebrou meu pulso.

O som do estalo ecoou no banheiro junto do meu grito. Eu gritei alto, a dor me fez perder a força nas pernas e escorreguei para o chão, chorando e me abraçando, vendo a mão solta. Como ele podia fazer aquilo?

— Shhh — ele disse, se abaixando à minha frente. Seu olhar me dava medo, me transformava numa covarde sem precedentes. — Se contar para alguém que eu fiz isso, não vai gostar do que farei em seguida. Não quer ser mais uma mercadoria, quer? — Bartek sussurrou, botando a mão na minha boca, me obrigando a ficar quieta. — Agora, levante-se. Porque, como sou muito bondoso, vou te levar até o hospital.

E ele se virou, me deixando sozinha, hiperventilando, enquanto entendia o que havia acabado de acontecer.

Meu noivo era um monstro, um monstro que tinha feito toda a minha família se apaixonar por ele, que tinha dominado tudo à minha volta e não me permitia mais fugir. E o meu pior pesadelo estava se tornando real. De Cinderela com final feliz, seria a princesa presa na torre, com o dragão solto não me permitindo fugir.

O mais triste era que eu não conhecia nenhum conto de fadas em que o dragão se casava com a princesa.



O silêncio dentro do carro só era rompido por soluços incontroláveis que escapavam da minha boca de vez em quando. Com o braço contra o peito, aguentando a dor, calada, com medo de Bartek como nunca senti de nenhum outro homem em toda a minha vida, fiquei aliviada ao ver que ele realmente me levava ao hospital, mas assim que estacionou, antes que eu tivesse a chance de descer, meu noivo me segurou pelo rosto, como na noite passada.

— Não esqueça, passarinho. Você caiu, se machucou e ponto final. Eu sou seu noivo, o que você ama acima de todas as coisas. Seja boazinha e obediente e isso nunca mais vai acontecer, ok? — Ele limpou as lágrimas do meu rosto. — Agora, espere que vou abrir sua porta.

Eu obedeci.

Não queria enfurecê-lo ainda mais.

E foi pensando em como eu deveria agir, em como fui ensinada a vida toda, caso aquilo pudesse acontecer, que procurei a calma no lugar mais profundo do meu ser. Respirei fundo, encarando meu reflexo no vidro, e desci do

carro com o apoio de Bartek, não o afastando quando me abraçou pela cintura para entrar no hospital.

Havia uma pequena fila para o atendimento e eu segurei a dor, travando a mandíbula, esperando minha vez da forma mais paciente que podia, mesmo sentindo a febre começar. Será que era por quebrar o braço? Ou era emocional? Eu não sabia dizer. Porque, no fundo, eu estava preparada para tudo, até mesmo para mentir sobre como havia me machucado, menos para vê-lo ali.

Zola entrou no hospital, em alerta, e quando achou a mim e Bartek, veio em nossa direção, como eu nunca havia visto antes.

— O que aconteceu?

— Como me achou? — perguntei.

— O que aconteceu? — Ele me ignorou e perguntou para Bartek.

— Ela caiu e quebrou o pulso, não está vendo? — O tom que meu noivo usou era duro, como se questionar sua honra fosse uma ofensa imperdoável.

— Giovanna... — Zola olhou para mim, querendo a verdade, e eu quase contei, mas a mão de Bartek na base da minha coluna pesou como uma tonelada.

— Não se meta, Zola. Bartek já disse, eu caí. — E tentando o meu tom mais morto, me virei para ir até o atendimento, ignorando meu melhor amigo do melhor jeito que podia, me sentindo o ser mais terrível do universo, porém, se Bartek não tinha medo de me machucar daquele jeito, imagina o que faria com Zola, se tivesse chance?

Eu não podia arriscar.

Mas assim que entrei na emergência, encarando Zola sobre o ombro na sala de espera, entendi que às vezes, o príncipe encantado nem sempre consegue matar o dragão, e nem todas as princesas têm final feliz.

Eu seria uma delas, e ninguém nunca sonharia, porque ninguém conseguia entender os sinais.



CAPÍTULO 23

Chamando todos os anjos

Eu preciso de você perto do chão

Eu sinto sua falta querida

Você pode me ouvir da sua nuvem?

CALLING ALL ANGELS, LENNY KRAVITZ.

ZOLA

Eu tinha certeza de que as coisas estavam completamente fora do lugar quando meu telefone tocou aquela manhã.

— Agliardi — atendi, com a voz ainda afetada pelo sono.

— Achei que você acordasse cedo todos os dias — Giordana, do outro lado, me provocou.

— Hoje começo mais tarde. — Nós não tínhamos nos falado desde que a vi na The Hell.

— Hm... Por acaso está com raiva de mim, por ter contado seu segredo para Giovanna?

— Não...

— Mesmo? Eu ficaria com raiva.

— Giovanna e eu já conversamos, está tudo certo sobre isso — cortei o assunto. — Mas me conte — sentei-me na cama —, há algo que eu possa fazer por você?

— Prestativo, como sempre. Tem certeza de que não quer trabalhar para mim, depois que Giovanna for embora? Meu pai pode te pagar bem. — Eu ri.

— Vamos logo com isso...

— Ok. — Imaginei a morena revirando os olhos. — Quero saber de Giovanna. Ela mal responde minhas mensagens, recusa quase todas as minhas ligações e quando atende, fala por cinco minutos e, eu a conheço desde que nasci, sei quando está mentindo. — Suspirei, aliviado. Pelo menos, mais alguém, além de mim, enxergava!

— Bom... Eu não tenho trabalhado com Giovanna esses dias. Está tudo bem complicado, deve saber. Mesmo assim, acho que vale você tentar visitá-la.

— Seja um bom amigo e consiga a agenda dela, assim posso aparecer de surpresa e não ser deixada de

canto.

— Verei o que posso fazer.

— Ótimo. Obrigada, Zola. Você realmente podia trabalhar para mim.

— Até mais, Giordana. — Sorrindo, encerrei a ligação e voltei a deitar na cama, esfregando o rosto antes de olhar para o relógio e ver que já passava das nove.

Eu não voltaria a dormir, então era melhor logo começar meu dia, ainda mais porque Louis tinha me chamado para uma reunião durante o almoço.

Às onze e meia da manhã, eu já estava pronto, esperando no sofá da sala de Louis. Era estranho não ter Elizabeth ali como companhia, e Edgar parecia mais idoso do que nunca, mesmo com sua postura sempre elegante.

— Notícias da senhorita Elizabeth?

— Está no Four Seasons e acredito que bem.

— Mulher espirituosa, não? — O sorrisinho que o velho mordomo deu me fez rir.

— É, Lizzie é o que podemos chamar de força da natureza.

— Não discordo. — Ele me deu as costas, subindo as escadas. — O senhor avisou que você almoçaria aqui hoje, espero que goste do que preparei.

— É claro. — Antes que eu pudesse puxar outro assunto com Edgar, a porta se abriu e Louis entrou no apartamento, com o celular em um ouvido e o rosto trancado em uma expressão sombria, ergueu a mão para mim, pedindo para que eu o seguisse e foi em direção ao escritório do primeiro andar.

Obedeci ao meu chefe, vendo-o transtornado na ligação, tentando entender o caos.

— Eu não quero saber. Lorenzo limpou o território, os Lazzarin estão prontos para começar o negócio deles aí e seu pai também tem sua parte de investimento. Não é problema meu, se você está com medo. Se é incapaz para assumir as responsabilidades que ser conselheiro implica, retiro a merda do convite e coloco outra pessoa competente no seu lugar. — Ele falava com Salvatore e a discussão não era boa.

O novo consigliere pareceu tentar argumentar com Louis, mas em breve ele descobriria que não era assim que as coisas funcionavam.

— Escute, faça o que eu estou mandando. Você tem uma semana para organizar tudo. Quero a merda da nova The Hell funcionando, porque Alec está mandando mais garotas do que posso esconder aqui em Nova Iorque. Os Callegari estão dispostos a dobrar a produção e

precisamos balancear as contas, já que parte do lucro foi torrada quando eu os visitei. Faça o seu trabalho, resolva as merdas e não me perturbe com coisas tão idiotas. Não ligo para os seus prazos pessoais, isso não é sobre você. — E desligando, ele largou o Iphone em cima da mesa e se apoiou, suspirando profundamente.

— Algumas horas do dia, eu me arrependo de não resolver as coisas no momento que as vejo saindo da linha — ele disse, em voz alta, mais para si do que para mim. — O que os soldados estão comentando depois dos últimos acontecimentos?

— Estão receosos por Felippo ter morrido como morreu, os russos que restavam no estado estão trancados em uma cela apertada na sede e ninguém parece muito a fim de alimentá-los... Acho que é preciso colocar alguém responsável para fazer isso, ou então as coisas podem vazar e eles vão se matar, antes de o senhor poder ter o que precisa deles.

— Eu não preciso deles. — Louis não olhava para mim e, sim, para a janela. — Bóris foi levado para a fazenda e só Henry e seus homens mais próximos vão até lá. E ele é tudo o que eu preciso. Por que vou perder tempo com soldados fracos e insignificantes, quando tenho o peixe grande na mão?

— O senhor já sabe o que vai fazer com ele?

— Por enquanto? Lei do silêncio. Para me contar tudo o que preciso saber, preciso dele com vontade de conversar. Se pegá-lo agora, com certeza o desgraçado vai levar para o túmulo informações das quais eu preciso. — Louis parou um minuto em silêncio e brincou com a língua entre os caninos. — O que pode me contar sobre Elizabeth hoje?

— Ela não quer saber do senhor, e não acho inteligente tentar algo agora. Eu avisei que Elizabeth estava esgotada e, do jeito que nós a conhecemos, a ofensa foi levada três vezes mais forte do que qualquer outra vez.

— Já fiz coisas piores — ele admitiu.

— Mas não com Lizzie tão cansada. Ela gosta de você, mas não tem tudo o que precisa...

— Não te chamei para conselhos amorosos, Agliardi. De qualquer forma — ele descruzou os braços e me encarou, ficando ereto —, eu escolhi mal as palavras que usei aquele dia.

— Seria bom dizer isso para ela — precisei dizer, mesmo sabendo que seria ignorado.

— E sobre Giovanna?

— Não tenho muito o que falar, mal tenho ficado perto dela nos últimos tempos.

— O que é estranho, já que Bartek me pediu pessoalmente para você ser substituído.

— Como? — Quis rir. — A última vez que eu falei com ele, foi no hospital... E sinceramente, não engoli aquela situação.

— Nas palavras dele, você foi desrespeitoso, agressivo e desagradável, o que me deixa muito feliz, já que não te pago para lambar o noivo de Giovanna e, sim, para deixá-la segura. — A tensão que começou a se instalar nos meus ombros deu uma trégua. — Porém eu concordei. Disse para Bartek que você seria encarregado de outros trabalhos e que, por enquanto, não ficaria perto de Giovanna.

— Como será?

— O Natal será comemorado na casa dos Matteucci, eles querem esfregar um pouco mais o título de consigliere na família. Até lá, quero você grudado neles e se vir qualquer coisa errada, quero ser o primeiro a saber.

— Com certeza, senhor. — E me atrevendo a mais do que poderia, perguntei: — E, só por curiosidade, já conversou com Giovanna sobre o tombo dela? Como eu disse, a história no hospital...

— Já, pressionei minha irmã e ela admitiu que tropeçou nos saltos, enquanto subia as escadas. Bateu a cabeça e caiu sobre a mão, disse que Bartek tentou agarrá-la a tempo, mas não conseguiu.

— E acredita?

— Acredito que minha irmã não mentiria para mim. E enquanto Giovanna não o acusar, não tenho motivos para desconfiar. Só isso?

— Era só...

— Ótimo, porque estou faminto e cheio de coisa para resolver.

E o que eu temia estava se concretizando. Eu tinha certeza de que algo estava errado entre Bartek e Giovanna, mas enquanto ela não abrisse a boca para reclamar, não havia nada que eu pudesse fazer.



CAPÍTULO 24

Um milhão de pensamentos na minha cabeça

Devo deixar meu coração continuar a ouvir?

Porque até agora eu andei na linha.

Nada perdido, mas algo faltando.

Não consigo decidir o que está errado, o que é certo.

Que caminho devo seguir?

IF ONLY, DOVE CAMERON.

GIOVANNA

A cada dia que passava, desde que eu havia descoberto quem Bartek realmente era, ficar de olhos abertos era um tormento e dormir não trazia nenhuma paz. Os pesadelos eram constantes, o braço engessado era um lembrete ao acordar no meio do caos, com o grito preso na garganta. O maior problema era não ter para quem correr.

Lizzie estava ocupada, organizando sua viagem ao Brasil. Giordana estava estudando como nunca, e Zola

daria alguma desculpa como no último mês para não vir me ver.

Aquilo era tortura.

Ele mal me respondia, não me procurava... Será que eu tinha feito algo de errado? Será que ele não queria mais saber de mim?

Foi olhando para a cidade do apartamento de Bartek, que me perguntei se não estava sendo idiota demais por fantasiar algo naquele nível. Por que é que Zola arriscaria o pescoço por minha causa? Eu era um problema, morte certa, no final, ele estava certo em me deixar para trás.

Não era para ser.

— No que está pensando, passarinho? — Bartek me chamou e eu virei de sobressalto, pega no ato.

— Nada de mais — menti.

— Sei que está brava por eu te forçar a parar de vomitar, mas é para o seu bem. Para o nosso bem. — Ele se aproximou, me abraçando, sem cerimônia alguma, colocando uma das mãos sobre o meu rosto. — Inclusive, anotei seu peso. Se quando eu voltar de viagem, estiver abaixo do que marquei, você pagará o preço, combinado? — A ameaça em sua voz era feita num tom tão carinhoso, que me confundia.

— Não se preocupe, eu vou obedecer — respondi baixinho, sendo engolida mais uma vez por seus olhos azuis, que pareciam mais vivos do que nunca, enquanto ele sorria.

— E entende que tudo isso é por você, pelo seu bem, não? — Ele acariciou minha bochecha. — Não quero você caindo pelos cantos, fraca, sem poder me agradar com tudo o que é.

— Vou cuidar para que sempre seja assim, eu prometo. — Ter Bartek tão próximo era tão sufocante quanto antes.

— Eu sei que vai. — O sorriso dele se abriu ainda mais. — Agora, me beije, demonstrando quanta saudade vai sentir de mim.

Não tive tempo para pensar, porque, no segundo seguinte, ele me beijou com tanta intensidade, que não tive opção a não ser corresponder.

Bartek colocou uma das mãos sobre o meu seio e apertou sem cuidado algum. Doeu, mas não reclamei. Não tinha esse direito. Esperei que ele ficasse satisfeito e suspirei quando ele se afastou.

— Agora diga, diga o que eu preciso ouvir.

— Eu vou sentir sua falta — menti do jeito mais convincente que podia.

— E?

— E eu amo você. — a Mentira mais perigosa do século estava saindo da minha boca com um ar de naturalidade fora do comum.

Que boa mentirosa eu vinha me tornando.

— E eu amo você, passarinho. Não voe tão alto enquanto eu estiver fora, posso querer podar suas asas de novo, se souber que não se comportou na minha ausência. — E tocando meu nariz, ele se afastou. — Agora, venha. Vou deixar você em casa, antes de ir para o aeroporto.

Eu obedeci, como fui criada para fazer.

Mesmo com a neve tomando conta da cidade, mostrando que meu coração poderia se tornar tão frio quanto o tempo lá fora, eu tentei desesperadamente ter contato com Zola. Enviei um presente de Natal para ele e outro para sua mãe, recebi uma mensagem de agradecimento distante e, magoada, desisti.

Se eu soubesse que nosso último beijo era realmente o último, teria feito melhor.

Talvez isso o teria feito ficar. Talvez eu não me sentiria tão pequena e sozinha, mesmo na casa dos Matteucci

durante o Natal, com grande parte das pessoas que eu amava e admirava por perto.

Nada parecia ter graça, nada parecia bom o bastante para que eu gastasse mais do que duas ou três palavras. Nem mesmo o olhar preocupado da minha melhor amiga exigiu de mim vontade para ser agradável.

Pela primeira vez na vida, eu não conseguia fingir.

Muito em breve eu estaria longe.

Muito em breve eu mal me lembraria dos rostos deles, nem eles do meu.

Era essa a vida a qual eu estava destinada.

E aquilo se prolongou até a volta de Bartek, até o Ano Novo oferecido, de novo, pelos Matteucci.

Assistir a Bartek se entrosando com as famílias foi assustador.

Ele parecia saber exatamente o que falar, como falar e todos caíam em suas graças.

O comentário era de que ele trouxera um grande carregamento e meu estômago embrulhava, toda santa vez que lembrava com o que meu noivo trabalhava. Pior ainda era perceber que eu estava no meio daquilo, até o pescoço, e o império pelo qual senti orgulho, agora só me fazia lamentar.

— Está bonita — Bartek comentou, assim que ficamos a sós. — E não perdeu peso. — O comentário foi feito de um modo vitorioso.

— Não. Não perdi. — E aquele era mais um tormento. Minha relação com a comida estava cada vez mais problemática e eu vinha descontando todos os meus problemas e a solidão em qualquer coisa que chegasse o mais rápido pelo delivery ao meu apartamento.

— Trouxe um presente, passarinho. De Natal, atrasado. Mas só vou te dar quando estiver pronta para usar... — Ele acariciou meu rosto e, instintivamente eu me afastei, fazendo com que ele estreitasse o olhar.

— Me desculpe. — Tentei pegar sua mão, mas era tarde demais. Bartek parecia outro.

— Depois nós resolvemos isso... — Ele me deu as costas, indo em direção à pequena rodinha de homens poderosos da Família.

— Problemas no paraíso? — Frederico me abraçou pelos ombros e eu pousei a cabeça contra ele.

— Quando é que tudo foi bom e bonito? — perguntei, completamente desanimada.

— Você achava isso há alguns meses, sem muito esforço. — Ele ergueu meu rosto para que pudéssemos ver

melhor um ao outro.

— Isso foi antes.

— Da morte de Felippo ou do seu noivado?

— Não me faça dizer — implorei e ele me respeitou.

Frederico era assim e eu o amava de todo o meu coração por isso. Me abraçando com força, me mantendo quietinha ali, pela primeira vez em semanas, me senti acolhida, já que a sensação de fracasso era gigantesca sobre meus ombros. Eu era uma péssima amiga, já que tinha deixado Giordana de lado e estraguei tudo com Zola. Uma filha ruim, que não conseguia ajudar os pais a contornar a crise. Uma irmã terrível, já que não dava espaço para mais nenhum dos meus irmãos. E uma noiva da pior espécie, já que toda vez que Bartek olhava para mim, eu via a insatisfação em seu rosto.

Estava falhando e não havia nada, nem ninguém para me segurar na queda.

A televisão da sala mostrava a contagem regressiva para a virada do ano. Faltava muito pouco e todos se reuniram com as taças de champanhe para brindar. Bartek surgiu, abraçando minha cintura, e sem opção, fui junto.

— Feliz ano novo! — Ouvi em coro das pessoas ali e as imitei, mas assim que dei o primeiro gole na taça, Louis

colocou a mão sobre o ombro de Bartek e nos admirou antes de começar seu discurso.

— Há muito tempo, minha irmã vem sendo preparada para assumir o cargo que toda mulher sonha, o de esposa. E Giovanna será a melhor delas. Bartek e Giovanna serão o elo da corrente a unir Famílias e tenho certeza de que essa união será muito vantajosa para todos. — A palavra vantajosa me deu vontade de vomitar. — É por isso, que, há pouco, decidi com o noivo a data do casamento. Dia primeiro de abril, Giovanna se tornará Luppolo Schevisbiski e trará ainda mais orgulho para a família. — E as taças foram erguidas, junto dos cumprimentos e felicitações, comemorando minha sentença final.

Quatro meses, era tudo o que eu tinha, antes de ser presa definitivamente na torre.

A sensação dos olhares em minha direção foi sufocante. Achei que não fosse conseguir respirar, achei que não fosse conseguir manter o sorriso que pesava uma tonelada no rosto. Achei que desabaria bem ali, com uma plateia atenta e sedenta por qualquer falha minha, mas, para minha sorte, ouvi a voz do meu irmão.

— Além disso — Louis continuou —, depois de muito analisar, Francesco concedeu a mão de Arianna a Marchiori Gabbiatti.

— O quê? — O grito indignado de Arianna chamou toda a atenção para ela e foi mais fácil respirar depois de parar de sorrir. — Papai! Você me prometeu! — ela gritou mais alto.

— Calada — Francesco respondeu à filha, parecendo decepcionado pela reação dela e derrotado pelo que meu irmão havia acabado de anunciar.

— Eu não vou! — Ela bateu o pé e sacudiu o braço que sua mãe tentava pegar, esparramando bebida por todo lado. — Ninguém me obrigará a casar com esse velho. — O olhar de ódio dela na direção de Marchiori era mortal.

— Arianna. — A voz de Louis a fez focar em seu rosto. — Agradeça ao seu pai por negociar seu casamento no lugar da sua língua. Tenho certeza de que o que seus pais não conseguiram te ensinar, o casamento com Marchiori vai. — O irmão Gabbiatti, que fazia os pelos da minha nuca se arrepiarem toda vez que cruzava o olhar comigo, se adiantou, indo para perto de Louis. — Agora, calada, e venha aqui.

Dando um chega para lá na própria mãe e no irmão, que tentavam conter a confusão, Arianna, com a expressão mais séria que eu já vi na vida, com o peito inflado no vestido sem alças e a veia do pescoço saltada, tamanha

sua raiva, deu dois passos em direção ao meu irmão e parou.

— Ótimo. Marchiori, faça suas vezes. — O noivo dela se aproximou, tirando uma caixinha do bolso, fazendo todos prenderem a respiração, quando tirou o anel de pedra grande e escura e, visivelmente a contragosto de Arianna, pegou a mão dela quase que à força e desceu o anel por seu dedo anelar.

— Olá, noiva — ele disse e, pela primeira vez em toda a minha vida, eu vi um pequeno sorriso surgir no rosto de Marchiori.

Arianna puxou a mão contra o peito, encarando seu noivo, como se pudesse matá-lo bem ali e eles continuaram a se encarar, enquanto meu irmão tentava normalizar tudo.

— E agora, senhoras e senhores, que este ano novo seja memorável em níveis que vocês nem sonham. — Mais um brinde se seguiu.

O olhar que Arianna direcionou a mim, antes de sair da sala, foi estranho. Em todos aqueles anos, eu nunca consegui ser sua amiga, o máximo que tivemos foram tempos de trégua, mas nós nunca fomos realmente próximas, porém, naquele minuto, eu sentia que ninguém mais no mundo me entenderia, além dela.

O problema todo era que, Arianna tinha brincado com as regras do nosso mundo e agora sofria sua punição. Já eu, não tinha feito nada de errado, mas ainda assim, estava pagando por pecados que nunca havia sonhado em cometer.

Pelo menos, até aquele minuto.

— Bartek, vou precisar resolver algumas coisas esta semana, não quer vir junto? — O convite vindo do meu irmão e seu conselheiro foi o melhor e maior presente, e enquanto meu noivo parecia empolgado por se sentir prestigiado dentro da Dark Hand, fugi dele.

Livrando-me de atenção indesejada, corri para o banheiro mais próximo e me tranquei lá, antes de mandar uma mensagem para Lizzie, desejando feliz ano novo. Ela tinha ido passar a virada do ano com sua família e Zola foi junto.

Para ele, eu liguei.

A cada toque, meu coração batia mais forte junto do estômago embrulhando, mas assim que ouvi sua voz, tudo passou.

— Olá, pequena. Feliz ano novo.

— Feliz ano novo, Z — respondi, querendo chorar, de tão feliz que fiquei só de ouvir sua voz. — Como está por

aí?

— Tudo bem... Voltamos depois de amanhã. E você?

— Reunião nos Matteucci, sabe como é. — Me apoiei contra a pia, me achando boba por sorrir daquele jeito só de poder falar com Zola.

— Sei... Alguma novidade?

— Arianna noivou, foi a coisa mais constrangedora do mundo.

— Merecido — ele comentou.

— Não sei se posso concordar...

— Como assim?

— Ela... Nem sempre o casamento é bom.

— Está com algum problema? — Minha vontade foi gritar que sim, mas sabendo de tudo o que tinha em risco, respirei fundo, mordi o lábio inferior com força e engoli a mentira.

— Não... Só estou com saudade. Quando você voltar, vou poder te ver?

— Claro. Assim que eu chegar, te mando mensagem.

— Promete? — Ele respirou fundo.

— Prometo.

E Zola realmente cumpriu.

Dois dias depois, na madrugada, meu celular apitou.

“Estou deixando Lizzie e indo dormir. Estamos bem, espero que esteja também.”

Depois de ler, deixei o celular sobre a cama e me encolhi, quietinha, nos lençóis.

Não era aquela mensagem que eu queria.

Queria sentir que ele estava tão desesperado para me ver quanto eu.

Queria que ele viesse até meu apartamento de novo e que não saísse dali, até que eu colocasse para fora tudo o que queria, tudo o que precisava. Todo aquele sentimento dentro do meu peito parecia que me consumiria, e com o tempo contado correndo contra mim, eu precisava fazê-lo, antes que fosse tarde demais.

Antes que eu o visse pela última vez.

Antes que não tivesse chance de viver, pelo menos um pouco, tudo o que eu queria ao lado do meu melhor amigo.

Me culpar havia virado rotina, mas aquela noite, deixei o sentimento pesado de lado.

Eu havia sido boba por não notar Zola antes. Eu havia sido completamente cega por não o enxergar como realmente era, mas agora eu o via.

Eu sabia. E eu não deixaria aquilo passar.

Meu plano era arriscado, mas se fosse para sofrer, que fosse com motivo.



— Bom dia, raio de sol! — Acordei Lizzie aquela manhã.

— O que é tão urgente? — A brasileira parecia mal, as olheiras em volta dos olhos estavam de volta, como quando a conheci, e o cabelo desgrehado e a cara de sono denunciavam que ela voltou a dormir depois da minha ligação.

— Nada! Só apareci por aqui para dar seu presente de Natal e perguntar como vai. Senti sua falta. — De fato, meu foco não era Elizabeth. — Como foi a viagem? — perguntei, oferecendo a ela a sacola com laço vermelho.

Lizzie esfregou os olhos, espreguiçou-se e sorriu.

— Obrigada. Eu confesso que não comprei nada para ninguém. Com isso de viajar em cima da hora e poder ficar com meus pais, dei um basta em qualquer obrigação, me desculpe. — Ela parecia embaraçada, mas não era um problema.

— Eu não ligo — admiti, sentando-me com as pernas cruzadas sobre sua cama.

— Abra logo.

Ela me obedeceu, vendo o vestido vermelho que achei perfeito.

— Era para você usar no Natal, ia até te dar antes, mas nossas agendas não bateram.

— Uau! É perfeito. Obrigada! — Ela o colocou em frente ao corpo e pareceu gostar de verdade. — Obrigada — repetiu, olhando para mim. — Mesmo. Agora, me conte, como você está? O noivo perfeito vai bem?

— Ótimo! — menti, de forma tão convincente, que quase acreditei. — Nosso casamento foi marcado para dia primeiro de abril.

— Credo! Quem escolheu essa data? Primeiro de abril é dia da mentira.

— Eu nem me lembrava disso... — Parecia um aviso. — Mas é a família quem escolhe, então... Eu que me virei nos trinta para conseguir fazer a cerimônia dos sonhos. Sempre quis me casar no inverno, pelo visto, não vai acontecer. — Dei de ombros e abaixei o tom, completamente desanimada.

— Pelo menos, seu noivo é gente boa, não? Acho que isso é o mais importante, ficar com alguém que você ama e está disposta a lutar. — A frase de Elizabeth era referente a Bartek, mas eu só pensava no loiro com mais de um e oitenta e ombros largos, que dormia no quarto em frente ao dela.

— É... Tem razão. — Soltei um suspiro. — Mas não vamos falar de mim. Como vão seus pais? E aquela sua amiga divertida?

— Isabella? Perfeita. — Ela sorriu, já distraída. — Foi ótimo vê-la. Acho que nas próximas férias dela, vocês vão se conhecer. Tenho um pouco de medo de tê-la aqui, mas acredito que até lá vou ter meu canto e vou poder receber minha família e ela. Ver meus pais... Não foi fácil, nunca é, desde que seu irmão entrou na minha vida. Me despedir deles de novo foi doloroso, vê-los uma vez ao ano machuca, mesmo que exista chamada de vídeo, nunca é a mesma coisa. Abraçar, sentir o cheiro, o calor... Eu sinto muita falta deles, ainda mais no momento que estou. De verdade, eu não sei mais se quero conversar com seu irmão. É ingratidão da minha parte olhar tudo o que tenho por causa dele hoje e dizer que não quero, seria mentira também dizer que virar as costas é fácil, que não amo o meu trabalho, mas... Sinto falta de saber quem eu sou quando não dependo dele.

— Eu te entendo. — Mais do que nunca, aquilo era verdade. Não queria que Lizzie se sentisse como um pássaro de asas cortadas como eu. Ela era linda, brilhante e forte. Elizabeth desafiava qualquer um que precisasse, incluindo um Don da máfia e não se encolhia diante de ninguém. Trabalhava como louca quando queria algo dando certo, carregava no peito a responsabilidade das coisas que davam certo, três vezes mais das que davam errado. Era risonha, engraçada e amável, em uma proporção que ela nunca seria capaz de entender. Gostei de Lizzie só de vê-la por foto, pessoalmente não demorou muito para que eu a amasse. E isso não significava aceitar tudo dela, ou ela enxergar com bons olhos o modo como eu levava minha vida. Havia brigas, discussões, tapas verbais, mas sempre houve cuidado. Nunca uma encheu a outra por outro motivo que não fosse cuidado. — E se você não quiser mais ser namorada do meu irmão, eu vou entender e apoiar. Você merece alguém que te faça feliz, Elizabeth. E se Louis tem falhado tanto, se tem te magoado tanto, não é justo que só você se doe. Eu amo meu irmão. Amo-o, acima da distinção de certo e errado. Amo-o mesmo sabendo de coisas que não deveria, vendo-o ser o diabo que todos dizem que é. Mas também amo você, e não quero te ver triste, ou magoada, ou tão cansada como sei que anda — toquei sua mão — e tenho certeza de que

não é só por causa do trabalho, certo? — Ela suspirou e confirmou com a cabeça. — Então, Lizzie, se dê o direito de pensar longe de Louis. Não preciso dizer como meu irmão é, com certeza, assim que ele tiver uma chance, vai querer se enfiar aqui, mas seja firme. Talvez, a única coisa que possa fazer Louis acordar, seja perder você. — Aquela era a primeira vez que eu colocava para fora o pensamento mais secreto que eu tinha sobre a relação deles.

— Desde quando você ficou tão esperta e compreensiva? — ela brincou, mesmo com o tom de voz meio morto. — Achei que você não me apoiaria nisso, nunca.

— Um dia você mostrou que se importava comigo, é minha hora de retribuir. Chamam isso de amizade, e a nossa não depende do meu irmão. Não mais.

E, abraçando Lizzie, fiquei feliz por chegar naquele nível junto dela. Eu só tinha aquilo com Giordana, e no momento eu não podia dar abertura nenhuma a ela, ou então minha melhor amiga descobriria tudo o que acontecia e eu não teria outra alternativa além de encarar que, em vez de uma viagem de conto de fadas, o meu futuro só me reservava o enredo mais macabro escrito por Stephen King.

— Ei, você vai trabalhar hoje? — perguntei, me afastando dela.

— Nenhum plano de sair daqui. Assim que você for embora, vou voltar para debaixo das cobertas. Está nevando lá fora e já cansei Zola o suficiente. Acho que ele nem mesmo foi ver a mãe, tamanho o cansaço.

— Ah, eu vou lá dar oi para ele, então, e deixar você descansar...

— Certo... — Ela esperou que eu me levantasse para segurar minha mão. Olhei para Lizzie, estranhando, e a vi emocionada. — Obrigada. — A voz meio falhada a entregou e a esperei respirar fundo. — Obrigada por estar do meu lado, mesmo quando do outro lado tem seu irmão.

— Não é favor nenhum. — Depois de beijá-la na testa, me despedi e saí do quarto sozinha.

Aquela era a hora.

Encarei o quarto em frente, sentindo de uma vez o peso do que eu faria cair sobre mim.

Meu estômago doeu, meu coração bateu forte como nunca, mas estava decidida.

Tão decidida que, quando bati na porta, só parei quando a vi aberta. O rosto de Zola surgiu. O cabelo bagunçado, a barba por fazer, o olhar surpreso. Sem

camisa, com a toalha em volta da cintura, ele parecia ter acabado de sair do banho.

— Giovanna? — Ele parecia não entender.

— Oi. — Minha respiração estava fora de controle. — Seu quarto é seguro?

— É... — Ele abriu um pouco mais a porta e eu não consegui evitar a olhar o resto do corpo dele. Meu rosto esquentou, assim como o resto de mim. — Por quê? — Ele colocou a cara para fora do corredor, olhando em volta. — Algum problema?

— Sim — admiti, avançando para dentro do quarto, sem pensar duas vezes. — Não paro de pensar em você. — E antes que ele tivesse opção, fechei a porta com o pé e o agarrei.

A princípio, me senti estranha. Zola parecia tão surpreso com a minha atitude, que não correspondeu meu beijo, mas aquilo durou muito pouco e a segurança que faltava tomou conta de mim. Não dava, eu não podia mais fugir daquilo que tanto queria, que tanto precisava.

Minhas mãos sobre seus ombros nus, sentindo a pele quente e úmida, enquanto as mãos dele me pegavam pela cintura e juntavam ainda mais meu corpo ao seu. Chegava a doer, tamanha a necessidade que eu tinha dele, e só ali,

depois de tanto tempo sem vê-lo, sem sentir seu cheiro, seu gosto, seu toque, é que entendi o que Lizzie sentia.

Era como ser um viciado que acha que superou, mas na primeira recaída, percebe que é ainda mais difícil se manter afastado. Zola era o meu vício, o mais antigo, o que eu sempre reneguei, e agora, quando precisava me afastar, quando precisava abandonar, não conseguia.

Nunca poderia, ainda mais com ele me correspondendo daquela forma.

Ele travou meu corpo contra a porta e, de repente, me apertou com força nos quadris e moveu ambas as mãos para o meu rosto, afastando a boca da minha, me olhando como se aquilo fosse doloroso.

— Não podemos — ele tentou.

— Não, não, não. Por favor, não. Não me rejeite — pedi, colocando as mãos sobre as dele, acariciando sua pele.

— Isso é errado, pequena. Precisamos nos conter. — Zola encostou a testa na minha e eu engoli em seco, enquanto via seu olhar preocupado. — Só podemos ser amigos.

— Não tem como. — Sacudi a cabeça, negando. — Só posso te amar mais, não dá para amar menos, não dá

para voltar atrás. — Coloquei as mãos no rosto dele e avancei, mesmo com ele tentando se manter firme, quando toquei de novo os lábios nos seus, Zola respirou fundo e murmurou algo que eu não entendi contra minha boca, antes de erguer meu corpo, me pegando no colo, enquanto se entregava.

Sua boca tinha um gosto mentolado e, conforme a língua se entrelaçava à minha e ele me levava para a cama, mapeei seus ombros e costas com as mãos, querendo que sua pele gravasse minhas digitais nela, para que seu corpo nunca se esquecesse do meu.

Ter as mãos firmes dele me sustentando pelas coxas com seu corpo forte nos prensando foi como uma ida expressa ao paraíso, era tão certo e tão bom que, na minha mente, tudo parecia se expandir para um novo mundo.

O calor era aterrador, meu corpo incendiava dentro das minhas roupas apenas por tê-lo ali, tomando da minha boca todo o desejo que ele nutria por mim e, a cada segundo em que eu tinha sua língua reivindicando seu lugar de direito, eu me sentia mais derretida, mais entregue, mais pronta para ser totalmente dele. Porque não

havia mais ninguém no mundo feito para mim, feito para me tocar, para me fazer suspirar, além de Zola. Eu nasci para ser dele e não importava se eu teria que seguir para um caminho que iria nos afastar para sempre, eu continuaria irrevogavelmente sendo dele, independentemente de qualquer coisa.

— Pequena... — Ele ofegou em meus lábios, quando interrompeu o beijo em busca de ar, causando arrepios derradeiros em minha pele ao usar meu pescoço para pousar sua boca, provando com uma suavidade tortuosa minha pele sensível e eriçada. — Como eu posso resistir a você?

Sua pergunta parecia ser retórica, porque o jeito delicioso com que ele começou a lambar e sugar meu pescoço fazia ser impossível de dar uma resposta coerente, mas mesmo assim, eu me esforcei a falar porque eu precisava deixar claro, em voz alta, o quanto estar ali com Zola era importante para mim, o quanto cada pequeno pedaço meu necessitava desse encontro.

— Não resista, por favor, não resista — murmurei, num quase choramingo, puxando seus fios molhados, enquanto não conseguia evitar me esfregar contra o corpo dele, em busca de mais contato. — Eu sou sua, Zola, me faça sua, por favor.

Meus olhos haviam se fechado, sem eu nem mesmo perceber, provavelmente a onda de prazer que os beijos dele deixaram em minha pele foi a responsável por isso, mas eu me obriguei a abri-los quando senti seu rosto se afastar do meu, piscando lento e perdendo a minha voz com a força do olhar que recebia dele.

Havia dor, havia desejo, havia pesar e havia amor, tudo numa grande e tempestuosa mistura que refletia também o que eu sentia. Sabíamos que ele não poderia literalmente me fazer sua, mas percebi, quando a determinação gritou mais alto do que qualquer outra coisa nas expressões dele, que Zola faria o seu melhor para garantir que nenhuma parte de mim se esqueceria dele.

Deixei meus dedos enroscados nos cabelos da nuca dele, enquanto ele me carregava até a cama, sentindo como se cada segundo demorasse uma hora inteira, tamanha a minha pressa para ter os toques dele sobre mim.

Minhas costas pousaram no colchão macio e eu me sentei para tirar o casaco que, no atual momento, sufocava meu corpo, perdendo um pouco meu foco quando meus olhos percorreram a parte exposta do corpo musculoso e bonito de Zola. Ele parecia pensativo sobre por onde

começar, mas foi rápido em tirar meus sapatos e só por ter os olhos atentos dele sobre mim, eu tremi com esse simples ato.

— Você é tão linda, tão perfeita, pequena... — Zola declarou, após deixar meus pés descalços, sentando-se na beirada da cama, enquanto subia suas mãos por minha perna coberta pela calça jeans, causando espasmos por meu corpo, quando, de repente, apertou de forma possessiva a parte interna de minha coxa. — Tão delicada.

Ele parecia perdido em suas próprias emoções, assim como eu, como se saboreasse cada segundo do que estávamos vivendo e eu o entendia completamente, afinal, estávamos quebrando todas as regras, mas meu corpo clamava por ele e, apesar de estar tremendo e não ter ideia do que fazer, eu precisava de algo, precisava de mais e tinha que ser rápido ou eu realmente enlouqueceria.

Como se lesse meus pensamentos, Zola levou seus dedos até o botão de minha calça e o abriu com agilidade antes de descer o zíper, fazendo com que um frio de precipitação corresse pelo meu interior e minha respiração perdesse qualquer controle, me deixando um tanto zozza.

Uma espécie de gemido escorregou dos meus lábios quando a borda da minha jeans foi segurada antes de ser

arrastada para baixo, causando um sorriso nos lábios bonitos dele por minha reação tão espontânea.

Com minhas pernas livres do tecido grosso, eu as apertei para tentar conter um pouco do incômodo que irradiava entre elas, sentindo-me completamente úmida e sensível com isso, algo que, mesmo com toda a certeza e vontade do mundo sobre o que eu queria fazer, me fez corar absurdamente, a timidez finalmente dando o ar da graça.

— Está tudo bem, meu amor — Zola murmurou para mim, enquanto separava minhas pernas, seus olhos demorando-se um pouco entre elas, antes de voltar sua atenção para mim. — Eu vou cuidar de você.

Ajoelhando-se na cama, com minhas pernas espaçadas o cercando, Zola levou suas mãos para a barra da camisa que ainda me vestia, a tirando de meu corpo com muita delicadeza. E ali, deitada apenas com o meu conjunto branco de calcinha e sutiã diante dele, foi o momento em que eu mais me senti adorada em toda a minha vida.

Zola me olhava como se eu fosse a criatura mais perfeita desta terra, tão entregue a mim, quanto eu estava a ele. Sua palma quente tocou minha barriga e se arrastou

por minha pele, com devoção, e eu perdi todo o meu ar, quando sua boca pousou em meu ventre, lambendo e beijando cada pedaço dele como se fosse a fruta mais saborosa do mundo.

Voltei a puxar seus cabelos, no intuito de não me perder, tamanha a explosão de sensações que dominavam meu corpo, sentindo sua barba por fazer irritar deliciosamente minha pele quando ele subiu para próximo de meus seios, enlaçando a cintura dele com minhas coxas para sentir seu peso sobre o meu.

A boca de Zola voltou a tomar a minha e eu não pude evitar gemer sofregamente, quando senti seu corpo esfregar-se ao meu, a toalha que o secara ainda impedindo que eu o sentisse completamente incomodava minha pele, porque o calor que nascia do meu interior não queria mais nada atrapalhando meu contato direto com o corpo dele e eu comecei a fazer atrito com minhas coxas e pés para tentar soltá-la de uma vez.

O atrito causou uma fricção gostosa entre as minhas pernas, o tecido áspero da toalha superava a barreira da renda da calcinha que eu usava e eu precisei me desvencilhar da boca de Zola para gemer quando o quadril dele entrou em sintonia com o meu.

Eu me sentia a cada segundo mais úmida e necessitada, o desejo doendo na minha região íntima, como nunca doera antes, fazendo com que eu tentasse me chocar mais forte contra Zola, para tentar aliviar toda essa excitação.

— Zola! — eu chamei por ele, num tom um tanto angustiado, puxando-o pela nuca para voltar a beijar sua boca, tremendo com os espasmos. — Por favor, por favor!

Eu não sabia pelo o que estava implorando, mas sentia que precisava implorar por algo, implorar por ele, querendo absolutamente qualquer coisa que ele estivesse disposto a me dar.

O beijo intenso e exigente que ele deixou em minha boca, após o meu chamado, mostrou que não estávamos em páginas diferentes, mas eu realmente quis chorar quando ele parou de se mover contra mim, para se afastar, encerrando nosso beijo com um sugar forte em meu lábio inferior, antes de ficar de joelhos entre as minhas pernas, segurando a borda da toalha — frouxa, após o tanto que nos esfregamos —, enquanto encarava meus olhos, visivelmente faminto.

Tremi com a força do olhar dele e deixei minha visão novamente dançar por seu corpo bonito, engolindo em seco quando vi claramente a excitação dele forçando o

tecido de algodão, junto de uma mancha úmida que eu não sabia se era dele ou minha.

Acompanhei, como se fosse em câmera lenta, Zola soltar a toalha e meus lábios se entreabriram num misto de prazer e surpresa, quando pude finalmente encarar o membro ereto dele, acabando por me contorcer com a pulsação que senti em minha região baixa, tamanho o impacto daquela visão para mim.

Zola era perfeito em cada mínimo detalhe de seu corpo, tão definido e bonito que me deixava visivelmente abalada. As coxas musculosas cobertas por uma camada suave de pelos castanhos pareciam desenhadas com perfeição, assim como todo o restante dele. Mas seu membro... Per Dio, eu nunca havia, ao menos, pensado em toda a minha vida que apenas por encarar um pênis, eu poderia me sentir tão... Acesa!

Sentia-me inquieta para tocá-lo, ao mesmo tempo que não sabia como ou o que fazer, mas isso não me impediu de me ajoelhar diante de Zola, desviando com dificuldade meus olhos do membro dele para fitar seus orbes azuis e estonteantes.

Ele parecia me analisar, mas estava contente com o que quer que tenha constatado, porque sorriu, confiante, para mim, antes de me segurar pelas pernas para me

colocar sentada sobre suas coxas e meus olhos se arregalaram com a proximidade que o membro dele estava da minha região íntima.

O incômodo que pulsava entre minhas pernas se transformou em dor, pela falta de algum contato direto, e sentir as mãos quentes dele em minha bunda, para ajustar a minha posição, foi apenas um incentivo para que eu me ajeitasse melhor em seu colo, deixando um gemido envolto de choque e alívio escapar, assim que senti o calor do órgão quente dele irradiar diretamente em minhas partes íntimas, precisando abraçá-lo fortemente pelo pescoço para tentar conter os tremeliques que dançavam por meu corpo sensível.

— Eu amo você, Giovanna — Zola sussurrou, num tom rouco, contra meu pescoço, antes de voltar a beijá-lo, me deixando mais corada e excitada quando induziu os movimentos de minha pélvis pelo aperto possessivo que mantinha em minha bunda. — Tão perfeita, seu cheiro é tão bom...

As palavras dele tomavam a minha sanidade, assim como sua boca deliciosa que provava da minha pele e eu precisei jogar minha cabeça para trás quando comecei a impor meu próprio ritmo nos movimentos que fazia sobre

ele, sentindo minha umidade escapar e molhar o membro grosso em que estava sentada.

Eu não conseguia respirar devidamente e minhas coxas tremiam, tamanha a surpresa e excitação que ondas de prazer que aquele ato provocavam em mim. Tudo em mim parecia estar em chamas e ardia mais e mais, a cada toque e beijo que eu recebia do homem que amava, encarando o teto do quarto de hotel com meus olhos cobertos por lágrimas de prazer que eu nunca achei que pudesse ser real.

Zola pulsava contra meu corpo e eu sentia, sentia porque pulsava em sintonia contra ele e esse fato só contribuía para que eu rebolesse ainda mais rápido sobre seu membro, desesperada por mais daquele calor gostoso que irradiava de meu ponto sensível por conta da fricção deliciosa que causávamos, devido aos nossos movimentos contínuos.

A renda da minha calcinha era insignificante para impedir toda a magnitude do que estávamos fazendo e tudo se acentuou ainda mais quando sua mão direita apertou meu seio esquerdo, antes de se juntar com a outra em minhas costas para abrir o meu sutiã, descendo suavemente as alças dele para, enfim, expor meus seios

duros e erigidos por conta de todos os estímulos que meu corpo estava recebendo.

Não estava preparada para quando ele desceu sua boca faminta até eles, espalhando beijos molhados por ambos, antes de circular a língua por meu mamilo direito, tirando mais gemidos de mim, quando o sorveu com uma lentidão quase maldosa, que apenas serviu para que eu acelerasse meus movimentos sobre o membro dele, fazendo questão que toda a minha intimidade se esfregasse por cada parte de sua extensão quente e dura, percebendo quando Zola tremeu abaixo de mim, por conta do meu ato.

Meus dedos voltaram a puxar os fios dele, enquanto meus olhos se fechavam com força por sentir a intensidade com que ele sugava meu mamilo se intensificar, tendo os dois estímulos sendo demais para conseguir lidar.

— Zola, Zola, Zola! — cantarolei o nome dele, numa sequência de gemidos afoitos, quando minhas pernas começaram a falhar por conta do prazer avassalador que começou a se espalhar por toda a minha região baixa, me trazendo dúvidas sobre fugir dele ou me render.

Nunca havia sentido algo tão atordoante antes e realmente não sabia se conseguiria suportar o que aquela

sensação estava causando em mim, tinha perdido o controle das minhas pernas e apenas tremia, em total entrega.

Zola me segurou pela nuca para fazer com que eu olhasse para ele, enquanto sua mão livre segurou com uma firmeza de aço minha cintura para me manter quieta, antes de então começar a se chocar contra mim, como se estivesse me penetrando, e ver de perto seus olhos tomados pela luxúria, enquanto se movia de forma tão intensa e um tanto animalesca contra mim, foi o suficiente para a sensação arrebatadora explodir por meu corpo, fazendo minha visão sumir e tudo apagar, porque cada parte minha respondia apenas para processar o prazer absurdo que se espalhava do meio das minhas pernas para todo o meu corpo, como um tsunami violento de prazer.

— Minha pequena... — Escutei Zola dizer, quando me dei conta de que estava deitada novamente na cama, meus fios sendo alisados pelos dedos calejados dele, em um carinho lento e reconfortante, responsável por me trazer novamente para minha consciência. — Você é perfeita, totalmente perfeita.

Sorri com o carinho e amor que transbordavam nas palavras dele, acariciando seu rosto antes de trazê-lo para

mim, beijando sua boca devagar e relaxada, suspirando, satisfeita, quando ele alisou minha coxa antes de apertá-la.

— Você está bem? Quer que eu pare? — ele perguntou, cuidadoso, fazendo com que meu coração o amasse mais ainda por sentir como ele queria o meu bem acima de tudo, como se tivesse saído diretamente dos meus sonhos.

E apesar de apreciar todo o seu carinho e cuidado, eu estava longe de querer parar, eu precisava dele provando cada parte minha e não perderia essa oportunidade, por nada no mundo.

— Eu nunca estive tão bem... — respondi, com honestidade, deixando meus dedos correrem por sua barba, por adorar a sensação áspera que ela trazia. — E eu não quero parar, eu quero mais, eu quero você.

Minhas palavras foram responsáveis por trazer novamente a luxúria àqueles olhos tão bonitos e eu retive o ar em meus pulmões quando o vi descer seus lábios por meus seios, apenas os roçando por minha pele, antes de continuar descendo por minha barriga e baixo ventre, estremecendo só por imaginar até aonde ele iria.

Suas mãos ajudaram minhas coxas a se flexionarem, enquanto sua boca deixava beijos por ela, meu coração batendo tão rápido, que eu temia que ele parasse a

qualquer momento. Meus olhos acompanhavam suas ações como imã, meu corpo todo entrando em alerta, assim que vi a língua dele se arrastando por minha pele arrepiada, antes de repetir o ato em minha virilha e apesar de imaginar o que ele iria fazer em seguida, eu não estava pronta para sentir a ação, cobrindo minha boca para não deixar o som pecaminoso que queria escapar por ela, quando a língua dele me lambeu por cima da calcinha, fazendo com que eu arqueasse minhas costas num impulso puramente instintivo, sabendo que aquela vez seria ainda melhor que a anterior.

— Não cubra a sua boca, pequena — Zola ditou, em um tom doce, mas imponente, usando suas mãos para começar a tirar minha calcinha de meu corpo, deixando-me totalmente nua e exposta para ele. — Eu quero ouvir cada som que for sair da sua boca.

Eu mal tive tempo para processar as palavras de Zola, quando o vi aproximando novamente sua boca de mim e foi um gemido de incredulidade e desejo que eu soltei quando sua língua tocou, dessa vez, sem barreira alguma, minha intimidade quente e molhada.

Meu mundo pareceu virar uma confusão morna, macia e confusa, tudo e qualquer linha de pensamento que eu poderia ter sucumbiu para a sensação quente e

esmagadora que era provocada em meu corpo com os movimentos da língua dele sobre o meu clitóris.

Eu via a cena, mas não conseguia acreditar, porque o prazer que aquele ato me trazia parecia ser impossível de mensurar. Minhas coxas tremiam, meu abdômen se contraía, enquanto todo o meu sangue parecia irrigar para o local onde a língua dele se esfregava e rodeava, me destruindo da forma mais deliciosa que poderia existir.

— Meu Deus, meu Deus, meu Deus... — choraminguei, quase sem voz, os gemidos eram as únicas coisas que fluíam livremente por minha boca.

Zola parecia decidido no que estava fazendo, obstinado, os olhos fixos nos meus enquanto segurava com firmeza minhas coxas, não me dando meios de fugir de sua boca feroz e faminta por mim.

Eu mal havia me recuperado do prazer arrebatador que há pouco tinha me acometido e já me via próxima de sucumbir novamente, tentando movimentar meu quadril para ter mais e mais da língua dele, mesmo que a cada nova lambida ou sugada que ele intercalava eu me visse no limite do meu prazer.

Tudo pareceu perder o sentido para mim, quando a ponta macia dele se forçou para o meu interior, num misto de me sorver e abrir desconcertante, fazendo com que meu

corpo praticamente convulsionasse com a força prazerosa que me dominou, tirando de uma vez todo o meu pudor.

Apenas tentei abrir mais minhas pernas e pressenti o que estava por vir, quando a língua incrível de Zola deixou minha entrada para voltar a estimular meu clitóris, me derramando por uma segunda vez numa explosão de desejo quente e escorregadio que vazava de mim, sem nenhum controle, sentindo meu coração bater de forma absurdamente acelerada no meio de minhas pernas.

Mesmo de olhos abertos, eu senti como se não pudesse ver nada, era como se nunca estivesse pronta para vivenciar algo tão intenso e avassalador, mas ao mesmo tempo quisesse apenas me render e sucumbir mais e mais e mais a cada uma dessas emoções. Porque era bom ser tocada assim por Zola, era bom ter meu corpo rendido a prazeres inescrupulosos, era bom ser dele.

— Shhh, pequena, não chore, eu machuquei você? — Ouvi o homem que amava sussurrando, preocupado, enquanto se ajoelhava ao lado do meu corpo para secar lágrimas que eu nem mesmo sabia que estavam escorrendo de meus olhos, visivelmente preocupado. — Me desculpe, pequena, me desculpe!

Eu não conseguia entender por que Zola estava pedindo desculpas, ele havia me proporcionado o maior

prazer que eu já sentira, até então, não existia nenhuma razão para ele se desculpar. Mas eu percebi também que não conseguia formular palavras, apenas soluços escapavam de meus lábios, era como se meu corpo tivesse se transformado numa confusão gelatinosa e fraca, à mercê de qualquer coisa.

Tive que usar muita força para erguer minha mão até o rosto dele, sorrindo, quando o vi fechar os olhos com meu toque, respirando profundamente em completa devoção.

Meus olhos percorreram seu corpo exposto e eu senti minha boca encher de água ao voltar a encarar o membro grande e duro dele, a ponta avermelhada parecendo ser sensível a qualquer tipo de toque.

Sem nada dizer, até mesmo porque não conseguiria nem se quisesse, deixei minha mão direita escorregar de seu rosto para deslizar por seu peitoral largo e abdômen definido, contornando toda aquela definição suavemente com a ponta de meus dedos.

Zola era perfeito em toda a sua existência e eu precisaria de muitas vidas para poder enaltecer a grandiosidade que aquele homem era.

Deixei com que minha mão continuasse a descer até o caminho liso em seu baixo ventre, registrando quando ele

reteve a respiração, assim que eu comecei a passar meus dedos lentamente por seu púbis recém-raspado, gostando de sentir a textura da pele macia.

Percebi quando as coxas dele tremeram ao ter meu toque próximo à base de seu membro e não pude evitar apertá-lo suavemente, ficando surpresa quando meu simples toque fez com que escorresse pela fenda dele um pouco de pré-goço, acabando por lambe meus lábios em meio à vontade que senti de provar diretamente dele.

— Giovanna... — Zola me chamou, em um quase gemido, e eu voltei meus olhos aos dele, percebendo que mal existia o azul bonito de sempre, por conta das pupilas dilatadas. — Você não precisa fazer isso se não quiser, tudo bem?

Sim, eu sabia disso, sabia que eu poderia parar a qualquer momento, que Zola nunca me forçaria a fazer algo que eu não quisesse. Mas o ponto era que eu queria! Eu queria prová-lo, eu queria dar prazer a ele, assim como ele havia dado prazer a mim. Eu queria que ele tivesse dos meus lábios, assim como eu tive dos dele, queria ter seu gosto para lembrar para todo o sempre.

E foi por isso que eu apenas me esforcei para ficar sobre meus joelhos, antes de me inclinar em direção ao seu membro, deixando meu rosto se enterrar em sua virilha

para aspirar o cheiro másculo que vinha dela, passando meu nariz por seus pelos e comprimento, para tentar armazenar seu odor em meu cérebro e então seguir apenas a vontade que tanto gritava em mim e, enfim, deixar minha língua percorrer o caminho de uma das veias grossas que eram visíveis na ereção potente, até chegar a glândula avermelhada, a circulando ali para lambar qualquer vestígio do líquido dele.

— Giovanna! — Zola gemeu, surpreso e afetado, empunhando uma boa quantidade de meus fios, enquanto olhava o que eu fazia, sem saber como reagir, liberando mais e mais do seu líquido, sempre que eu o lambia devagar.

Era salgado e levemente amargo, mas bom, e provavelmente eu achava bom por ser dele, algo que não vinha ao caso, porque eu me vi claramente viciada em Zola e em seu gosto perfeito.

Eu não sabia o que fazer, não tinha a menor ideia de como fazê-lo se sentir tão bem quanto eu me senti, mas Zola parecia ler minha mente e por isso acariciou minha cabeça. antes de falar, parecendo buscar seu autocontrole para poder se expressar corretamente:

— Você pode me lambar e... E chupar, colocar o que aguenta na boca, sem tentar usar os dentes, certo?

Eu quis sorrir, porque mesmo tentando me passar instruções de como chupá-lo, Zola continuava doce e atencioso e isso era algo que apenas ele, em todo o mundo, tinha em sua essência, não havia ninguém mais perfeito para mim do que ele.

Assenti com suas dicas e não perdi tempo para colocá-las em prática, deixando uma última lambida por toda sua extensão, antes de tentar colocá-lo em minha boca, ofegando por ter sua glândula enchendo com facilidade.

Vi Zola fechar os olhos fortemente e respirar fundo, antes de voltar a me encarar, tão transtornado pelo prazer, que parecia pronto para desmoronar apenas por conta da minha boca.

Ter a prova viva do quanto meu ato estava abalando o homem que eu amava fez com que eu me sentisse poderosa, forte, importante e esses sentimentos foram responsáveis por eu colocar ritmo na forma com que sugava a ereção dele, tentando encher o quanto conseguia minha boca, sem nunca deixar de sugá-lo, me arrepiando completamente quando um gemido rouco e deleitoso escapou dos lábios dele.

Minha mão direita começou a massagear o que não cabia em minha boca enquanto minha língua lambia tudo o que conseguia que estava alojado entre meus lábios, querendo estimular cada pedacinho dele.

Era perceptível a força que ele fazia para não se mover contra mim, tentando se contentar com o que eu conseguia dar a ele, sem exigir mais nada além disso, algo que eu sabia que nenhum outro homem faria, principalmente o meu futuro esposo.

Pensar no que me aguardava em breve fazia meu peito doer, mas eu estava decidida a construir memórias boas para levar comigo e aguentar qualquer que fosse o tormento que estava por vir em minha vida e, por isso, eu me forcei a engoli-lo mais, precisando tirá-lo da minha boca quando não consegui conter meu engasgo, mas não dando tempo para Zola se preocupar e logo retomando o ato.

Minha boca ia e vinha por ele, sem pudor algum, o líquido salgado banhando meu palato, me incentivando a lamber por todos os lados, enquanto tentava ter mais e mais dele, sentindo a excitação começar a navegar por meu corpo, como um rastro de fogo, pronto para queimar tudo e a todos ao meu redor.

O aperto em meus cabelos se intensificou e eu encarei — com meus olhos um tanto marejados — a

expressão tomada pelo prazer de Zola, o corpo tremendo em pronta-entrega a mim, tão dependente da minha boca quanto eu era do gosto dele.

— Gio, amor! — Ele tentou falar, como numa tentativa de aviso, enquanto se dividia entre tentar me afastar de seu membro, ao mesmo tempo que me queria mais ainda em contato, e eu entendi o alarde assim que jatos quentes tomaram minha boca, fazendo-me erguer um pouco, quando a surpresa me fez quase engasgar novamente ao tentar engolir e, assim, receber os últimos resquícios de seu líquido por minha face, absorvendo a cena perfeita que era ter Zola se desfazendo de prazer bem diante dos meus olhos.

Eu, em nenhum momento da minha vida, iria me esquecer de uma cena tão linda.

Zola usou sua mão livre para espalhar um pouco do gozo que cobria minha bochecha e lábios, me devorando com os olhos, e eu não pude evitar capturar seu polegar com minha boca, o sugando um tanto ávida, enquanto entregava todas as minhas vontades com o meu olhar, gemendo abafado quando ele me ergueu por meus fios e tirou seu dedo do carinho morno que minha língua fazia

para tomar minha boca num beijo exigente e cheio de prazer, instigando ainda mais todo o meu corpo.

Zola continuou com uma de suas mãos em meus cabelos, enquanto a outra começou a tocar todo o meu corpo, causando gemidos entregues meus com cada aperto que deixava por minha carne.

Tudo foi tocado por ele, meus seios, cintura, coxa, bunda, ele parecia querer ter tudo de mim bem na palma de sua mão e isso ficou mais evidente ainda, quando seus dedos seguiram para o meio de minhas pernas, fazendo com que eu arranhasse suas costas de forma exasperada, antes de revirar meus olhos quando os senti separando os lábios molhados de minha intimidade, os molhando com meu líquido abundante, devido ao prazer abrasador que ele despertou em mim.

Gemi e rebolei em resposta ao toque provocante, rompendo o beijo para apoiar minha testa no ombro dele, quando meu clitóris foi deliciosamente massageado, tremendo quando a mão, que até então estava em meu cabelo, desceu para a minha bunda, a apertando num incentivo claro para que eu continuasse me movendo.

— Zola! — choraminguei por ele num tom manhoso, que nem eu mesma reconheci, arregalando meus olhos quando senti a ponta de seu dedo anelar contornar minha

entrada completamente molhada, fazendo com que eu me contraísse em necessidade de ter algo dentro de mim, aplacando a dor que apenas um desejo arrebatador como aquele poderia trazer.

Eu estava tão pronta para Zola, que foi fácil o dedo dele escorregar para dentro de mim, fazendo com que eu tremesse tão forte, que ele precisou me colar contra o seu corpo para tentar me acalmar, beijando minha cabeça, ombro e pescoço.

— Estou aqui, minha pequena, estou aqui... — ele sussurrou, mantendo seu dedo parado em meu interior para conter o meu corpo, o que era uma verdadeira tortura para mim.

Era um tanto ardido ter algo dentro de mim, mas poder me apertar em alguma coisa no estado em que eu estava era delicioso, o que me estimulava a voltar a rebolar em busca de mais alívio. Zola então começou a esfregar a ponta de seu dedo calejado nas paredes úmidas e macias do meu interior, causando uma verdadeira explosão de prazer em mim, assim que repetiu o movimento, quando estava perto de retirar seu dedo, num ponto que me fez perder todo o meu ar.

Eu queria pedir por mais, queria gritar para ele continuar, mas tudo que escapava de minha boca eram

gemidos desesperados por não saber lidar com essa nova onda de prazer, arranhando os braços e costas dele numa tentativa inútil de descontar tantas sensações enlouquecedoras em algum lugar.

Sentia-me febril, entorpecida e coberta por todo o calor do mundo, algo que ficou ainda melhor quando Zola colocou ritmo na forma como ele movia seu dedo dentro de mim, fazendo com que fosse inevitável pensar em como seria delicioso se fosse o membro dele no lugar.

— Você é tão apertada, pequena... — ele murmurou para mim, quando senti outro dedo dele próximo de minha entrada sensível, não sabendo se iria realmente aguentar, apesar de querer. — Eu quero tanto você...

Mas se eu estava delirando apenas com o pensamento do membro dele em meu interior, o que seria um novo dedo perto disso? Esse pensamento fez com que eu abrisse mais as minhas pernas bem no momento que Zola começou a forçar o segundo dedo para dentro de mim e eu quase me desfiz só por me sentir tão cheia por seu toque.

Não foi dolorido como eu pensei que seria, minha excitação era tão grande que cada ato era completamente prazeroso para o meu corpo e eu voltei a rebolar, assim que senti o polegar dele fazer movimentos circulares por

cima de meu clitóris, enterrando assim, de uma vez por todas, toda a minha sanidade.

Nós voltamos a nos beijar de um jeito desleixado, enquanto os gemidos de satisfação e prazer eram despejados na boca um do outro e meu quadril rebolava de forma rítmica com as estocadas que os dedos de Zola deixavam dentro de mim, numa dança que apenas nós dois poderíamos dançar.

Eu sentia como se cada parte minha tivesse sido reivindicada por ele, a satisfação de poder rebolar em seus dedos me levava para outro mundo e o calor — aquele mesmo calor despudorado e tempestuoso que já havia acometido meu corpo por duas vezes — voltou a se fazer presente, anunciando que eu não duraria por mais muito tempo, mesmo sabendo que aquele momento seria eternizado dentro de mim.

Nossos olhares se prenderam quando os movimentos dele ficaram mais rápidos e eu me afoguei no mar de prazer, amor e desejo que apenas Zola poderia me apresentar, tremendo com os espasmos, antes de precisar fechar meus olhos, sentindo o vazio quando os dedos dele saíram de mim, para me deitar na cama, me abraçando, como se eu fosse a joia mais preciosa do mundo.

— Você foi tão boa para mim, pequena, você é tão linda... — ele confessou em meu ouvido, em um tom apaixonado, sentindo o meu cheiro com total devoção.

Queria conseguir dizer algo, expressar o quão bem ele havia feito eu me sentir, o quanto eu amei cada segundo do que fizemos, mas a exposição a tanto prazer me deixou mole, sonolenta e eu não consegui fazer nada, além de me agarrar a ele e respirar um tanto pesado, usando o restante das minhas energias para declarar a única verdade que eu sabia nesta vida.

— Eu te amo, Zola — murmurei em seu peito, antes de me render ao sono, querendo poder nunca mais sair do calor dos braços do homem que eu amava.



Acordei com Zola se levantando da cama, completamente nu, e o vi sentar em frente ao notebook.

— O que está fazendo? — perguntei, me enrolando no lençol.

— Cuidando das câmeras do corredor, do mesmo jeito que cuidei das câmeras da sua casa. Dando uma boa

fodida no sistema, apagando o que não deve ser mostrado...

— Câmeras, na minha casa? — perguntei, aflita, me sentando direito.

— No seu quarto, na sala e no hall. Eu raramente assisto, mas sou eu quem repassa ao seu irmão se há algo de errado, então, tive a chance de mexer em algumas coisas antes, mesmo duvidando que ele assista, já que sempre me pede um resumo. No caso, nos últimos tempos nenhuma delas anda funcionando e parece que seu irmão está preocupado demais com outras coisas, para se lembrar disso.

Por mais louco que aquilo fosse, eu não me surpreendia.

— Zola... Desde quando?

— Desde sempre. Louis faz o mesmo com Lizzie, não tenho culpa. Ordens são ordens...

— Se ela desconfiar...

— Ela o mata, por isso você não vai contar nada.

— Não, não vou. — Era uma promessa.

Acompanhei com os olhos enquanto ele vinha em minha direção. Zola pegou a toalha do chão, enrolou de novo em volta da cintura e se sentou próximo a mim.

— Você sabe que o que fizemos aqui hoje é uma loucura, não? Você não pode, pequena... — E ele desistiu de falar quando peguei sua mão e a coloquei contra o meu rosto.

Fechei os olhos, aproveitando do seu toque, do meu cheiro em sua mão, matando mais um pouco da saudade que tinha do calor dele.

— Não diga isso — pedi, abrindo os olhos para encará-lo, encontrando as safiras de Zola fixas no meu rosto. — Nunca mais diga que eu não posso, que é errado, ou que é loucura. Eu sei de todas essas coisas, mas ainda assim, estou aqui. — Me movi, ficando com o rosto mais próximo do dele. — Estou aqui por uma razão maior do que tudo isso. Estou aqui porque, depois de anos sendo cega e boba, abro os olhos e vejo você. Abro os olhos e vejo você me enxergando como sou, por todo esse tempo, e como dizem no meu filme favorito, talvez esse seja o maior risco que podemos correr, sermos vistos como somos de verdade. E agora, Z, agora nós nos vemos.

— Eu sempre te enxerguei — ele murmurou.

— E eu não sei como pude demorar tanto para te enxergar de volta. — Acariciei seu rosto, sentindo a aspereza de sua barba por fazer sob meus dedos. — Mas nunca mais quero fechar os olhos.

Ele sorriu, sorriu como nunca tinha visto antes e encostou a testa na minha.

— Você é a princesa dessa merda toda, Gio...

— A princesa que ama o único príncipe que conhece.

— Ergui o seu rosto, para que meu melhor amigo pudesse me olhar nos olhos. — Eu tenho medo, Z. Tenho medo de estar cometendo a maior traição, tenho medo de colocar o nome da minha família na lama, tenho medo de ser apontada, abandonada, julgada. Tenho medo de trazer problemas para você, mas nada disso, nenhum desses fantasmas se compara com o medo que tenho de ficar sem você. Eu te amo, Zola. Eu o amo com todo o meu coração. — Eu já chorava, mas não perdi a voz. — E espero que você ainda me ame de volta, mesmo que por pouco tempo. Não quero ir embora sem saber o que é amar e ser amada de verdade.

— Eu nunca permitiria isso. E vou te amar, agora, e depois, mesmo que você duvide ou se esqueça.

— Nunca vou. Eu prometo, mas, por favor, não me deixe de novo. — Seleí a boca na dele, com carinho, abraçando-o, querendo que aquele minuto durasse para sempre.



CAPÍTULO 25

*Garotas maduras choram quando seus corações
estão quebrados*

BIG GIRLS CRY, SIA.

ELIZABETH

Uma semana, desde que eu tinha colocado os pés de volta em Nova Iorque, e nada de Louis aparecer. Por um minuto, acreditei que ele realmente tinha entendido que era melhor seguirmos separados, até porque, todas as iniciativas de ele me pedir desculpas por escrito ou com presentes foram rejeitadas.

Eu não queria palavras em um papel. Queria-o dizendo e, de fato, sentindo, o que parecia ser impossível àquela altura.

Depois de um ano e meio convivendo com ele, com todos os altos e baixos, pensei que eu fosse ser mais firme, mais forte, mas só de lembrar como ele reagiu quando eu quis dizer o que sentia... A cena dele colocando a mão

sobre a minha boca, enquanto travava meu corpo contra a parede, não saía da minha mente, nem o seu olhar, ou as palavras que ele disse, logo em seguida: “Não diga isso, se quer ouvir de volta. Não me faça te magoar sem ter a intenção.”

Para que caralho se namorava alguém, então?

Se eu não podia dizer que o amava, se eu não podia ouvir aquilo de volta, para que perder mais tempo da minha vida, sendo a escrava sexual que ele tanto gostava?

Meu fogo no rabo era culpado, mas nos últimos tempos, nem ele era capaz de fazer com que eu quisesse continuar com aquilo. Não quando Louis parecia se tornar um balde em vez de continuar sendo uma boa piscina para eu mergulhar.

E perdida em todos esses pensamentos e questionamentos, fui pega de surpresa quando ouvi o toque na porta do quarto. Bateram uma, duas, três vezes. Zola não fazia aquilo e, mesmo sem vê-lo, eu soube. Era ele.

Respirei fundo e agradei por ter tido maior cuidado comigo aquela manhã. Quando estava mal, a primeira coisa que eu fazia era deixar de me cuidar, mas daquela vez, tentei ser mais gentil com o corpo em que habitava, ainda mais depois de ter deixado o cabelo nas mãos da

cabeleireira que minha mãe tanto gostava no Brasil. E tomando toda a coragem que podia, abri a porta e encarei Louis do outro lado.

O terno escuro era bonito e, como sempre, o deixava charmoso como o próprio diabo. O rosto liso, sem barba alguma, era uma novidade. O cabelo parecia ter sido cortado há pouco também. Louis tinha na mão um buquê de rosas, enorme, mas não fez menção nenhuma de me dar. Seus olhos estavam fixos no meu rosto e quando achei minha voz para cumprimentá-lo, fui interrompida por sua indignação.

— O que você fez no cabelo? — Fechei os olhos, completamente decepcionada e ponderei um pouco, se deveria mandá-lo à merda.

— Chama descoloração, conhece? Pinte o cabelo que ainda é meu.

— Por quê? — ele perguntou, mas ignorei.

— Olá, Louis. O que você quer? — Apoiei as mãos na cintura e percebi o quão desconfortável ele ficou.

— Conversar. — Eu ri. Agora ele queria conversar? Três meses depois de me rebaixar à “mulher que eu fodo”, ele queria conversar?

Quis bater nele, mas já tinha desistido daquilo. Nem que Louis tomasse um soco que arrancasse todos os seus dentes, nem assim ele aprenderia. Mesmo assim, aquilo não evitava doer vê-lo ali. Não diminuía em nada a saudade que eu tinha de conviver com o homem que eu adorava, que me fazia rir de comentários ácidos e irônicos, que me deixava completamente louca quando queria me irritar, ou me levar para a cama.

— Entre. — Dei passagem e, assim que ele passou por mim, fechei os olhos novamente, aspirando seu perfume de outono. Meu corpo todo reagiu a presença dele, mas fui firme.

Como um jeito de me segurar, enfiei as mãos nos bolsos traseiros do meu jeans e o observei analisar meu quarto. Louis custou um pouco, mas voltou a me encarar e ofereceu as flores.

— São suas.

— Bonitas, deixe em cima da mesa. Se tiver mais um bilhete de desculpas escrito por Kira, tenha certeza de que vou usá-lo para alimentar a lareira do meu novo apartamento.

— Não. — Ele sorriu torto, como se eu o tivesse pegado no pulo. — E já faz algum tempo que não é Kira quem escreve, você deveria conferir a letra.

— Não me atrevo nem mesmo a abrir seus bilhetes, Louis.

— Deveria.

— Por quê? — O vi deixar o buquê sobre a mesinha de centro.

— Porque eu realmente me arrependo de ter dito aquilo... Você não é só a mulher que eu fodo.

Foi minha vez de quase sorrir.

— Eu realmente não acredito que depois desse tempo todo, você acredite no que diz. Eu mesma sei que essa é a verdade, sou a puta de luxo que seu dinheiro não comprou, mas suas promessas vazias, sim. Sou sim a mulher que você fodia, e não tem problema nenhum você admitir isso. — O olhar dele sobre o meu denunciava que Louis não gostava de ouvir o que eu dizia.

— Você está exagerando. — O tom sóbrio me irritou.

— Não estou. — Cruzei os braços, levemente agoniada. — E, na verdade, sejamos francos, você me comprou. A diferença é que o dinheiro não veio direto para mim, foi para a editora, na conta dos meus pais, no estilo de vida que ando levando...

— Nunca te vi como uma compra e, sim, como um investimento. — Rolei os olhos ao ouvir aquilo. — Você

trabalha em algo nosso, se aquilo anda, é porque você se esforça para isso e eu admiro seu lado profissional, acredite ou não.

— Você é inacreditável — murmurei.

— E você é teimosa, mas ainda estamos aqui. Se você não foi embora porque eu falei aquilo, por que é que estamos revivendo uma conversa que já tivemos?

— Porque não quero suas desculpas, Louis! — Bati com as mãos nas coxas. Era tão óbvio! — Eu não quero presentes, flores ou qualquer outra coisa que seu dinheiro possa comprar. — Fui em sua direção, pronta para pegá-lo pelo colarinho, mas desisti no meio do caminho e coloquei as mãos no rosto. — Não quero mais ficar nesse cabo de guerra, sabendo que estou puxando a corda de uma parede de concreto. Sou honesta quando digo, Louis... — Encarei o homem que havia virado minha vida do avesso e admiti: — Eu te amo. Mesmo que você não mereça, mesmo que me faça de idiota, mesmo que eu tenha a sensação de que tem algo errado o tempo todo. Fecho os olhos para tudo isso, só porque te amo. É certo? Não. Eu gosto? Nenhum pouco. Mas, maldito seja você, eu não consigo evitar! — Colocar aquilo para fora antes, teria me feito chorar, mas ali, naquele segundo, eu só sentia raiva e culpa.

Raiva dele, por me forçar a ser daquele jeito e culpa por carregar tudo aquilo sabendo ser errado. E o silêncio entre nós, naquele minuto, me fez ainda mais culpada. Me abracei, mas não desviei o olhar do dele.

Queria uma resposta. Merecia uma.

— Eu já disse que não posso te falar o que quer ouvir. E nisso, sou honesto. É o máximo que posso fazer agora, além de confirmar que tudo o que fiz até aqui, foi porque não consigo deixar você. Não consigo ficar sem você.

— Para que tanto esforço, se você nem gosta de mim, me diz? — E pela primeira vez, Louis ficou mudo.

Ele não sabia responder e eu não conseguia aceitar aquele silêncio.

Caminhei até a porta, com o peito pesado, segurando o choro na garganta e a raiva no maxilar, e girei a maçaneta.

— Se nem isso você pode responder, acho que já sabemos o que acontece. Se me quiser fora dos seus negócios, você tem até o final da semana para me avisar. — Abri a porta e esperei.

Ele suspirou, desviou o olhar para a cama e vi sua boca entreabrir, enquanto ele brincava com a língua pelos caninos.

— Isso ainda não terminou. — Foi tudo o que ele disse e, mesmo querendo muito responder, não consegui.

Minha voz havia sumido, assim como toda a minha coragem, quando ele passou por mim, me encarando do jeito mais sombrio que podia.

Não havia nada mais triste do que olhar nos olhos de quem mais se ama na vida e não ter certeza de nada, e era aquilo que eu sentia, não acreditando que algo pudesse nos salvar, já que o coração daquele homem devia ser feito de sal.

Quem mandou amar o diabo? — a voz na minha mente apontou meu erro de novo, e querendo esquecer, me permiti chorar só um pouquinho, antes de pegar minha bolsa e sair.

Se fosse para gastar energia, que fosse trabalhando e não sofrendo.

Zola me deixou na editora perto das três da tarde, depois de me forçar a falar tudo o que estava engasgado e comer.

— Você é um bom amigo — falei, com a mão na dele, assim que ele estacionou perto da entrada.

— Faço minha parte. — Ele piscou. — Você também não é nada mal.

Sorri, mesmo triste.

— Nossas obrigações estão em dia, *né?* — brinquei com ele.

— Acho que sim. — E apertando de leve meus dedos, completou: — Vou dar uma passada na minha mãe, pegar roupas e essas coisas. Volto para cá depois.

— Certo, mas não se preocupe, se eu precisar, posso chamar um Uber.

— Não. — Ele me segurou. — Se precisar, você vai me ligar, ok?

Rolei os olhos, mesmo sabendo que a superproteção nunca seria demais.

— Ok, Golden boy. Só queria facilitar sua vida.

— Você facilita me obedecendo. Se algo acontecer com você, vão me matar.

— Duvido muito — respondi baixinho, me livrando do cinto. — Até depois.

Saltei para fora do veículo, pronta para enfiar a cabeça em trabalho, até não aguentar mais ler.

E realmente aconteceu. Depois de ler quase todos os meus e-mails, escrever e avaliar alguns originais, me larguei na poltrona e encarei o teto.

Minha cabeça latejava.

Massageei as têmporas com os olhos fechados e tentei relaxar um pouco. Não funcionou.

Olhei para o relógio, estranhando estar tão escuro do lado de fora e, assim que me levantei para beber um copo d'água, tomei um susto.

O barulho de uma porta batendo ecoou por todo o prédio e eu dei um grito, largando o copo, molhando todo o chão.

— Caralho... — falei alto e corri para a porta.

A luz do corredor estava apagada, da escada também. O elevador estava parado no meu andar... Era estranho demais.

Fechei a porta só por desencargo de consciência e liguei a tv, procurando o canal do sistema de segurança com as mãos tremendo, me achando irracional.

— Ninguém encostaria em mim aqui... Louis prometeu — falei baixinho, para tentar me acalmar, mas não fez efeito algum, principalmente quando, pela imagem da câmera de segurança, eu vi o corpo forte e alto, coberto por blusa e capuz, andando em um dos corredores de baixo.

Meu coração disparou e o medo tomou conta. Foi como se meu cérebro desligasse as ações, enquanto em

minha mente, a sensação física do que eu já tinha passado viesse com força.

Eu chorei.

Não sabia se aquilo era desespero ou medo, mas assim que me recuperei, peguei o celular.

O número de Zola foi o primeiro que liguei, mas a ligação nem mesmo completou. Tentei falar com Louis, mas, de novo, não tive sucesso, e encarei a tela para entender o que acontecia e vi a marquinha, indicando estar sem sinal.

Mandei mensagem e comecei a andar como louca pela sala, buscando algum pontinho, alguma chance, mesmo assim, nada.

Como aquilo podia acontecer? Não era normal!

— Calma — falei, depois de jogar o celular em cima da mesa. Foi quando a luz acabou e eu ri de nervoso, já com lágrimas nos olhos. Meu corpo tremia tanto, que a base da minha coluna doía, como se estivesse se quebrando.

Eu não podia deixar que me machucassem. De novo, não.

Tentei me acalmar, respirando fundo algumas vezes, mesmo ouvindo o som de portas batendo de novo. Olhei

em volta, usando a lanterna do celular, procurando algo para me defender, e achei o pé de cabra que Zola precisou usar para arrebentar uma das salas que tinham perdido a chave.

Largando tudo para trás, arranquei as botas, não querendo que o salto fizesse barulho e, só de meias, segurando o ferro pesado contra o corpo, abri uma fresta da porta para tentar enxergar o lado de fora.

As luzes de emergência das escadas se acenderam e ajudavam a enxergar. Eu só precisava descer e ir para a rua. Era rápido, simples, e a única chance.

A porta do meu escritório não era a mais resistente do mundo. Na verdade, as estruturas das construções americanas eram muito frágeis, na minha opinião. E, de longe, eu preferia poder correr para algum comércio aberto ou algo do tipo a esperar o invasor arrombar o escritório.

Meu corpo parecia pesar uma tonelada, mesmo com a carga de adrenalina começando a correr pelo meu corpo.

Aquela era a hora. Ou eu saía dali ou corria o risco de ser pega novamente.

Eu nunca escolheria a segunda opção.

E, firmada em uma coragem que nunca sonhei em ter, abri a porta, fazendo o menor rangido possível e corri em

direção à escada, pronta para descer. Quando, de repente, uma mão se atrelou ao meu cabelo. O desgraçado tinha se escondido no escuro, em um vão entre arquivos esquecidos no corredor. Ele não conseguiu me segurar. O cabelo era pouco em sua mão e junto de um golpe do pé de cabra e um puxão de cabeça, consegui fugir.

Não consegui gritar, mesmo querendo muito. Parecia que qualquer esforço, além do que eu já fazia para correr, custava muito.

E corri, muito. Chegando a pular degraus, mesmo com medo de quebrar o pé em um desses saltos.

Para a minha felicidade, todo o primeiro andar tinha luz de emergência, mas o intruso estava bem no meu calcanhar.

Eu corri como nunca, e só quando estava perto o bastante da porta, foi que me atrevi a olhar sobre o ombro, vendo-o parado, com a máscara de palhaço e a blusa azul clara, com o capuz sobre a cabeça, parecendo desistir de me pegar, já que não conseguiria.

Não sei por que, mas eu parei também.

O coração batendo forte, quase explodindo contra o peito que queimava. A respiração completamente fora de controle e a curiosidade andando lado a lado com o medo.

Eu não aguentava mais ter medo, mas não podia arriscar.

— Que merda você quer? — gritei, mas ele não respondeu. Tudo o que fez foi começar a andar em minha direção.

Ele não ia parar, mas eu também não.

Empurrei a porta com toda minha força e corri para as escadas, sentindo a neve empapar minhas meias e o ar frio machucar meus pulmões. Não importava o quanto doía, eu não ia parar de correr. Nunca ia parar de lutar pela minha vida. Nunca. E foi naquele momento em que virei para correr em direção ao portão que o carro de Zola apareceu. Ele quase me atropelou.

Na verdade, pulei sobre o capô, enquanto ele freava abruptamente. O carro deslizou um pouco antes de parar por completo e Zola saiu do carro, desesperado.

— O que está acontecendo? Por que eu não consigo falar com você?

— Tem alguém lá dentro! — Finalmente, eu senti que podia relaxar um pouco, e foi imediato o efeito sobre o meu corpo.

O tremor, como se eu estivesse nua no frio, tomou conta de mim, assim como a mão invisível apertando

minha garganta.

— Merda... — Zola xingou, tirando a arma do coldre.
— Preciso te tirar daqui primeiro. — Me envolvendo num abraço firme, ele me ergueu e carregou para dentro do carro.

Depois disso, tudo ficou em segundo plano, enquanto minha mente processava que, não importava o lugar no mundo, nenhum deles era seguro.



CAPÍTULO 26

Por favor, lembre-se de mim assim

Linda e falando merda

Porque as coisas ficam feias muito rápido

E agora somos tão perfeitos

Então lembre-se de mim assim

REMEMBER ME, DOVE CAMERON.

ZOLA

— E por que você a deixou sozinha lá? — Louis estava comigo em ligação, assistindo ao vídeo das câmeras de segurança simultaneamente.

— Eu fui ver minha mãe, senhor. Nunca mais vai acontecer, Elizabeth não ficará mais sozinha, eu prometo.

— Agliardi... Se isso acontecer de novo, vou te mandar para sessão de desaparecidos por um mês. — Aquela era a pior tarefa. Cuidar de corpos não era nada legal. — Agora, me conte o que descobriu.

— Achei um bloqueador de sinal, não tem nenhuma digital nele. Também vi um ponto da cerca cortado. A pessoa que entrou conhecia o prédio, sabia o que fazer.

— Merda... Já viu com Kira? Quero um novo pente fino no pessoal que trabalha lá, também quero uma lista de visitas. Não importa quem seja, do lixeiro, ao novo projeto de best-seller, quero a ficha completa. Se a pessoa que perseguiu Lizzie não é alguém que trabalha lá, é alguém que sabe como funciona o prédio.

— Pode ser, mas... Não era para ter ninguém lá hoje.

— Então, esse filho da puta estava esperando.

— É o que eu acredito, mas não tem nada nas filmagens.

— Esse desgraçado chegou até ali de algum jeito e eu vou descobrir como... Como está Elizabeth?

— Bem. Tomou um calmante e capotou.

— Ótimo, odeio vê-la ansiosa. Saí desse hotel direto para um voo, se eu tivesse imaginado...

— Fique tranquilo, senhor. Lizzie só sai daqui acompanhada, e como está abalada, duvido que vá querer colocar o pé na rua, nos próximos dias.

— E Giovanna?

— Ela visitou Lizzie, há alguns dias, mas foi só.

— Bartek veio comigo, então é uma boa hora para você se aproximar e colher informações. Ficaremos aqui por uma semana. — Mal sabia meu chefe do que eu já sabia.

— Sim, senhor. Farei Giovanna dizer, se houver algo de errado.

— Perfeito. Bom trabalho, Agliardi.

— Obrigado, senhor.

Eu não podia simplesmente entregar Bartek, sem uma prova concreta. Seria a palavra dele contra a minha, contra Giovanna, e não valíamos muita coisa. Preocupado em como o perigo estava tão próximo, deixei dois homens de olho em Elizabeth, sabendo que ela só acordaria no dia seguinte, e saí, usando a desculpa de verificar a segurança da princesinha da máfia. Mal sabiam como eu cuidaria dela.



Assim que ela abriu a porta, me puxou para dentro e se jogou nos meus braços.

Não houve tempo para eu pensar em algo, só pude corresponder, segurando-a em meu colo, enquanto

provava de sua boca.

Nenhum beijo que eu tenha dado na vida se comparava ao dela.

Seus lábios eram macios, sua língua tinha gosto de bala de morango e se movia em sintonia perfeita junto da minha, conforme a ponta das unhas compridas acariciavam minha nuca. Travei o corpo dela contra a porta de entrada e apertei-lhe as coxas com força, me pressionando contra ela, querendo que ela sentisse o efeito que tinha sobre mim só de me tocar.

Estava duro como um adolescente e era culpa dela.

— Você precisa se conter — falei, entre o beijo, tentando controlar Giovanna.

— Não quero. — O tom manhoso me fez sorrir, enquanto fugia de mais um beijo dela.

— Precisamos conversar. Seu noivo está fora da cidade, acho que é uma boa chance de eu te levar em alguns lugares que nunca levei antes, mas precisamos aproveitar dos pontos cegos da Dark Hand, além de que, você precisa se disfarçar. Tem algum louco à solta. Acabei de deixar Lizzie dopada no hotel. — A expressão de Giovanna mudou e ela se afastou um pouco. — É, Lizzie foi perseguida dentro da editora.

— Per Dio! — Giovanna foi para o chão. — Ela está bem? Você já sabe quem era?

— Não... A pessoa era esperta. Usou luvas, máscara e se cobriu por inteiro. Tentei olhar a rua dos comércios em volta, mas tudo o que encontrei foi ele a pé, daquele mesmo jeito.

— Lizzie precisa de alguma coisa? Z, é arriscado demais sair.

— É, se for como você, mas... Você ainda tem aquela peruca que usou no Halloween?

— A preta comprida, de Mortícia? Claro que tenho...
— Ela finalmente entendeu minha ideia. — Uou! Vão procurar por uma loira!

— É uma ideia idiota, mas, pode funcionar.

— Mas acha que eu estou em perigo? — Ela andou para a geladeira. — Acha que eu posso ser a próxima vítima?

— Acho que o ataque era ao seu irmão, e se Lizzie não deu frutos, o louco pode tentar com qualquer um que dê brecha.

— Se você diz... De qualquer forma, não tenho planos de sair hoje. — O olhar dela foi sugestivo em minha direção.

— Não? — Não aguentei e sorri, flertando com ela, mal acreditando que aquilo realmente estava acontecendo.

— Não. — Ela balançou a cabeça de um lado para o outro. — O plano da noite é comer comida congelada, enquanto assisto a TV com meu melhor amigo. Pelo menos, é isso o que eu vou dizer por aí...

— E o que realmente vai acontecer? — Me apoiei na bancada, perto dela.

— Terei uma aula prática com meu professor. — Ela piscou e escondeu o rosto dentro do freezer, me fazendo rir da tentativa de flerte dela.

Giovanna era perfeita e se aquela fosse outra vida... No meu sonho mais louco, eu a arrastaria para longe de tudo aquilo e faríamos as coisas do jeito certo, mas já que não dava, o jeito foi engolir a seco todos os planos que não se tornariam reais e aproveitar o momento, já que ele era o melhor que poderia ser.



Lizzie tinha o timing perfeito, já que queria trabalhar do hotel e tudo o que precisei fazer foi organizar uma boa troca de guardas. Não era difícil cuidar dela, ainda mais

quando era certeza de que ela não sairia para canto nenhum.

Agradei pela dor de cabeça a menos, enquanto via Giovanna acertando a peruca no banco do carro ao lado do meu. A ideia me pareceu loucura no começo, mas já era o terceiro dia que saíamos escondidos e não houve problemas.

Na primeira escapada, eu a levei em um bar secreto, deixei que bebesse, que risse, que cantasse no karaokê e aproveitei para beijá-la como nunca, nos lábios e entre as pernas, dentro do banheiro do bar.

No segundo dia, levei Giovanna para fazer o tipo de passeio que ela nunca fez na vida, levando-a para sobrevoar a cidade em um passeio de helicóptero, já que o tempo estava bom, com direito a almoço em um restaurante no estilo dos que ela costumava frequentar, pagando com meu dinheiro. Aquela vitória pessoal tinha um gosto diferente, não era orgulho e, sim, virilidade. Poder cuidar de Giovanna como ela merecia era o que eu mais queria na vida, e mesmo que eu acabasse gastando o que não devia, mesmo que precisasse trabalhar mais depois de ela ir embora, valia a pena. Foi por isso que quando ela me pediu para ir a New Jersey, aquela manhã, eu não neguei, já sabia onde queria levá-la no pôr do sol, e depois de um

dia todo ao lado dela, de mãos dadas, beijos roubados e risadas soltas, quando estacionei o carro onde queria que ela visse o sol se pondo, entendi que a vida nunca mais seria a mesma.

— Como eu nunca vi nada disso? — ela me perguntou, apoiando o cotovelo na janela e colocando os pés em cima do banco. — Como é que eu pude perder tanto? E quanto mais eu perderei? — Giovanna disse, enquanto encarava a paisagem, a skyline de Manhattan do outro lado do rio era muito bonita.

— Você já viveu muita coisa que eu nunca teria condição. — Tirei as mãos do volante e as coloquei no bolso canguru da blusa de frio que eu usava.

— Não. Não estou falando só dessas saídas. — Ela enganchou o braço no meu e apoiou a cabeça no meu ombro, antes de suspirar. — A vida das pessoas lá fora parece mais fácil, mais feliz. E elas também parecem menos bobas. Ter dinheiro é bom, Z. Eu nunca vou saber o que é não ter comida na geladeira, ou então o desespero de não conseguir pagar o cartão de crédito. Mas também não sobreviveria. Me criaram como o projeto de esposa perfeita e, aqui estou eu, aos vinte, entendendo que não sou forte o bastante.

— Claro que é. — Tentei não parecer tão duro. — Na verdade, olhe para a cidade. Olhando daqui, todo mundo vê quão bela é Manhattan, todos sonham viver lá, todos imaginam como deve ser viver na pele de alguém que não precisa se preocupar com o dia de amanhã. Mas é só a vista daqui, de longe. Quando você cruza a ponte, quando chega lá, percebe que a cidade é muito mais do que glamour e festa. Você pode até ser boa de se olhar, podem até achar que é fácil ser você, mas nós sabemos que não. — Ela sorriu e se aninhou ainda mais em mim.

— Acha que se não fôssemos desse universo cheio de regras, se não houvesse a Família, nós nos gostaríamos assim? Eu adoraria chamar você de namorado e sair por aí de mãos dadas com você, sem precisar me disfarçar para isso. — Era uma confissão e ouvir aquilo me fez rir. Me movi, virando o corpo para Giovanna, para poder olhá-la nos olhos.

— Se não houvesse a Família, eu te levaria para Vegas amanhã. — Ela desviou o olhar por um segundo, antes de tentar segurar o sorriso que crescia em seu rosto.

— Está dizendo que se casaria comigo? Mesmo sem eu saber fritar um ovo?

— Estou dizendo que me casaria com você agora, que assinaria meu atestado de óbito. — Giovanna

mordiscou o lábio, enquanto me encarava, vendo que eu estava falando sério.

— Só não faço isso agora, porque não sou só eu que corro o risco. Você pagaria o preço e eu não poderia te defender sendo um cadáver apodrecendo.

— Não gosto de pensar nisso. — Ela suspirou e voltou a posição anterior, encarando a skyline, enquanto descansava a cabeça em mim. — Mas se pudesse escolher, seria você. E não, eu não me casaria em Vegas. Casaria na Califórnia. Lembra-se dos anos que vivi lá? Foram os mais felizes.

— Em Venice? — adivinhei e ela concordou, feliz por me ver tão atento.

— A praia estaria vazia, seria um casamento pequeno, um mini wedding, porque sei que minha mãe gostaria de fazer uma festa gigantesca para mim. Meu vestido dos sonhos teria o nome de Giordana e Elizabeth na barra e eu usaria as joias que foram da minha bisavó. Você estaria de terno branco, o cabelo bagunçado por causa da maresia, os pés na areia assim como os meus, e eu não veria mais ninguém além de você. Meu pai ficaria feliz por dar minha mão a alguém que ele tem certeza de que cuidaria de mim, meus irmãos te amam e ficariam felizes por você ser oficialmente da família. — Tentei

enxergar enquanto ela contava como era seu sonho que me incluía. — E na hora dos votos, eu te agradeceria por me escolher e esperar. Te diria o quanto sou grata por você me amar no meu melhor e no meu pior, e ressaltaria o quão bom é estar perdidamente apaixonada pelo meu melhor amigo.

Eu a afastei, coloquei meu banco mais para trás e, sem que ela esperasse, puxei Giovanna para o meu colo.

— Então, pense que será assim. Pense que seria assim, todas as vezes em que coisas ruins acontecerem. — Ela estava com o rosto próximo demais, as unhas acariciando minha nuca e os olhos verdes injetados, prontos para chorar. — Pense que não há outra possibilidade para mim, que não há qualquer outra pessoa neste mundo que possa ocupar o seu lugar na minha vida. — E tocando a testa na dela, antes de beijá-la como ela merecia, sussurrei com a boca perto da sua: — Eu te amo, Giovanna Luppolo. E não há nada que possa mudar isso.

Eu me lembraria dela daquele jeito, falando tudo o que tinha na mente, fazendo caretas para desconhecidos, meio escandalosa quando empolgada, completamente alheia às maldades que a rondavam.

Giovanna e toda sua pureza. Seu coração gentil. Seu interior bom.

Era impossível passar imune àquilo, ainda mais quando o exterior a refletia tão bem.

O sol já havia se posto quando ela voltou para o banco do passageiro e, com um dos braços em seus ombros, dirigiu de volta para a cidade, enquanto ela cantarolava a música que tocava no rádio. Giovanna cantava bem e viver aquela cena me lembrou da época em que ela fazia aulas de canto e piano e eu assistia a tudo, quieto no sofá, imaginando que um dia eu seria o motivo pelo qual ela cantava.

Por mais louco que parecesse, o dia parecia ter chegado.

Só era uma droga que não fosse durar tanto.

Tentando afastar o pensamento ruim, puxei assunto junto dela.

— O que está achando do visual de fugitiva?

— Acho que eu tenho uma tendência a gostar deste visual, agora que sou uma rebelde. — Ela sorriu. — O que achou? Devo investir?

— Agora que é alguém que burla o sistema? Totalmente.

— Só não sei se pintaria o cabelo de preto logo. Aproveitaria a base clara... Que tal roxo? Rosa? — ela

sugeri. — Lembra quando pinte o cabelo com corante de comida?

— Que você e Giordana começaram a chorar? Você, porque a cabeça ficou verde e Giordana, porque não conseguiu nada no cabelo escuro? — Ri da lembrança. — Claro que sim. Sua mãe parecia capaz de matar um.

— Acho que ela não gosta muito de Giordana, desde então — ela concordou. — Aquele dia, mamãe esfregou tanto minha cabeça no banho, que achei que fosse ficar careca. — Ela gargalhou. — Meu cabeleireiro ficou desesperado quando viu meu estado.

— Depois disso, você sossegou.

— Ou era isso ou Matteo nunca me convidaria para desfiles. Inclusive, foi meu cabelo tão claro que chamou atenção dos estilistas, amigos do meu irmão. *Taí*, se eu não fosse quem sou, se pudesse trabalhar, acho que seria modelo. Ou faria curso de teatro. Adoraria ser aquele tipo de atriz que faz de tudo. Canta, dança, atua, modela... Acho que seria a vida perfeita.

— Combina com você — concordei.

— E você, Z? O que faria, se pudesse escolher?

— Acho que Administração, ou alguma coisa ligada à tecnologia... — Meu tom era incerto. — Não sei. A ideia de

ir embora surgiu quando você e Felippo começaram a sair *pra* valer, e tive mais certeza disso depois do seu noivado com Bartek... — Senti Giovanna ficar tensa ao meu lado.

Depois de alguns minutos em silêncio, ela perguntou:

— Você ainda quer ir embora?

— Quero — admiti, sem olhar para ela. — Não vou aguentar ficar aqui, sabendo que você vai estar longe e indefesa...

— Talvez.... — Ela ia dizer algo, mas a frase morreu. — Deixa. É ser muito egoísta. — Giovanna se encolheu.

— Não. Me diga, talvez o quê?

— Eu ia propor pedir a Louis para você ir comigo... Nem que fosse por pouco tempo, por causa da adaptação, sabe?

Engoli a seco o desgosto de ouvir aquilo.

— Desculpe. Eu sei, é absurdo. — Chateada, Giovanna se afastou do meu braço e foi se encostar na porta, olhando para a cidade completamente viva, mesmo com a noite caindo.

— Não precisa se desculpar.

— Preciso. Se já é ruim você saber que Bartek não é tão bonzinho quanto demonstra, imagina você viver comigo sob um teto onde ele não vai ter medo de me tocar? Ou

longe de Louis, onde talvez ele não tenha medo de tocar em você? Eu poderia morrer só de saber que ele pode fazer algo contra você, Z... — A mão dela veio sobre a minha coxa e ela apertou de leve, enquanto eu manobrava para estacionar na quadra de trás do apartamento dela. — É sério. Eu não sei o que faria em um mundo onde você não existisse.

Respirei fundo e assim que parei o carro na vaga, peguei sua mão e trouxe ao meu rosto, beijando seus dedos, olhando em seus olhos.

— Não há nada neste mundo que possa me ferir mais do que saber que você não me ama. — Ela sorriu, ainda afetada.

— É Impossível deixar de te amar. — Foi baixinho, como uma confissão, mas ouvir aquilo aqueceu todo o meu corpo.

— Então, não há nada para temer. — E puxando Giovanna para um beijo de despedida, suguei seu lábio e guiei sua língua, aproveitando do seu gosto, da sua vontade e daquela coisa nova e estúpida que crescia dentro de mim, toda vez que eu me dava conta de que ela finalmente me correspondia.

Nada na vida havia me preparado para aquilo.

— Ok, precisamos ir — avisei.

— Não — ela reclamou, fazendo bico, sem abrir os olhos. — Só mais um pouquinho.

— Não posso. Preciso deixar você em segurança e ir ver minha mãe, você sabe.

— Você poderia me levar — ela sugeriu, finalmente abrindo os olhos.

— Você? No Queens? Não. — Muitos latinos, muita gente perigosa.

— Então você poderia trazê-la um dia. A última vez que a vi foi no velório do seu pai e isso já tem...

— Quase quatro anos. Mesmo assim, você nunca deixou passar um Natal sem mandar algo.

— Nem vou. — Ela sorriu e deu um beijo rápido no meu nariz. — Será que ela me aprovaria, como sua namorada?

A palavra me pegou em cheio e precisei respirar fundo, antes de responder:

— Vamos descer? — Ela me olhou, desconfiada, com um sorriso no rosto.

Como ela podia perguntar algo como aquilo, quando sabia quão arriscado tudo era?

Mas foi assim que coloquei o pé na rua, que me arrependi de arrastar Giovanna comigo.

Um dos homens de Bartek estava encostado na parede em frente à minha porta.

— Z — Giovanna chamou e me virei para olhá-la.

O cara de cavanhaque bizarro estava perto dela o bastante para tocá-la se esticasse a mão.

Merda, merda, merda.

— Vocês não imaginam o presente que acabaram de me dar. — Bartek surgiu, saindo do carro estacionado atrás de nós. — Foi tão fácil seguir vocês... Achei que era mais inteligente, soldado.

— Não é o que você está pensando — Giovanna tentou me defender, indo em direção ao noivo, mas o soldado polonês a segurou, sem nenhuma gentileza.

— Cala a boca — o noivo disse para ela. — Vou cuidar de você com toda a atenção que merece, logo, logo. Agora, você... — Andando em minha direção, o homem de olhos tão azuis quanto os meus não passou vontade. Até tentei forçar os músculos da barriga para segurar a força do soco, mas não foi o suficiente.

Giovanna gritou, mas não adiantou de nada. O segundo soco do polonês veio e a minha vontade de revidar também, mas bater em Bartek era assinar minha morte e eu não teria chance de salvar Giovanna.

— Isso mesmo, apanhe como a mocinha que você é. Tenho tantas fotos de vocês dois, que poderia montar um álbum... — Ele se aproximou de minha orelha, aproveitando meu corpo curvado. — Vou levar Giovanna embora, hoje ela dormirá no meu apartamento e terá um tratamento especial, e você não poderá fazer nada, ou então seu chefe vai saber disso e de mais, afinal de contas, em quem vão acreditar? Em mim, ou em você? — E rindo, ele se afastou, dando espaço para seu soldado vir para cima de mim, com um soco inglês bem entre minhas costelas. Doeu, muito, mas nada comparado ao ouvir Giovanna gritando meu nome, desesperada, enquanto era arrastada para dentro do carro de vidros escuros.

Eu merecia apanhar. Merecia levar a maior surra da minha vida, por ser tão atrevido e colocá-la em risco.

Agora Bartek tinha ainda mais motivos para machucá-la e eu havia dado a permissão em suas mãos, sem perceber.



CAPÍTULO 27

Quando me tornei tão dormente?

Quando me perdi?

Todas as palavras que saem da minha boca

Sinto como se elas viessem de outra pessoa

Estou paralisado

Onde estão meus sentimentos?

Eu não sinto as coisas

Eu sei que eu deveria

Estou paralisado

Onde está o meu verdadeiro eu?

Estou perdido e isso me mata por dentro

Estou paralisado

Paralyzed, nf.

GIOVANNA

— ZOLA! ZOLA! PELO AMOR DE DEUS! ZOLA! —
gritei, me debatendo, vendo-o dobrado, sem conseguir se defender, enquanto o soldado de Bartek batia nele.

— QUIETA! — meu noivo gritou comigo e, no segundo seguinte, bateu na minha cara com muita força. O choque me fez ficar imóvel.

Bartek segurou no meu rosto, fincando os dedos de forma dolorida contra minha carne e encarou-me de uma forma assustadora.

— Agora você vai ser a *vadiazinha* que eu tanto esperei. *Traidorazinha* de merda. — E cuspiendo no meu rosto, me pegou pelos braços com uma força descabida e arrastou meu corpo para o carro, me jogando porta do passageiro adentro.

Eu estava assustada demais para tentar fazer outra coisa que não fosse me limpar com as costas da mão, enquanto me encolhia, tentando ver o que acontecia com Zola.

Não deu tempo, foi só eu me ajeitar, que Bartek entrou ao meu lado e falou em polonês com o motorista. Maldita hora em que não me importei de aprender aquela língua.

Respirar doía. Minha garganta estava seca, meu corpo dolorido pela tensão, meu coração disparado e minhas mãos suando graças ao medo. Se Bartek já tinha me machucado antes, sem motivos, agora seria pior. Muito pior. E eu tinha colocado Zola no meio daquela confusão.

Mesmo apavorada pela possibilidade de Bartek fazer algo contra mim, não conseguia deixar de me preocupar com ele. Meu melhor amigo, meu amor, o que daria a vida por mim, sem pensar duas vezes, sofrendo por conta das minhas escolhas. Por eu querer aquilo que não deveria.

Amar e ser amado não deveria ser pecado. Não deveria ser proibido.

Mas ficar com Zola era completamente improvável, mesmo dentro de todas as possibilidades. Que tola eu fui...

Enquanto tentava não fazer nenhum barulho, encolhida no canto, encarando minhas mãos, tomei coragem para olhar para Bartek. Vendo-o com o cotovelo apoiado contra a janela fechada e a mão sobre a boca, o olhar sério e misterioso focado em um ponto invisível para mim no banco do motorista me fez estremecer.

O que será que se passava na mente dele?

O que será que aconteceria?

Eu só conseguia rezar, implorando a Deus que o medo da minha Família o fizesse ponderar o meu castigo.

Assim que entramos no estacionamento do prédio dele, me assustei quando ele me pegou pelo braço e me puxou, como se eu fosse uma boneca de pano. Precisei me equilibrar rápido ou cairia no chão e, pelo estado dele,

com certeza seria arrastada pelo concreto, me ralando inteira.

Bartek me empurrou para dentro do elevador, entrou em seguida e, apertando o botão, parou de frente para a porta, me ignorando por completo.

Meu pulso recém-curado doía graças ao aperto que Bartek tinha dado para me levar junto dele. E enquanto eu encarava suas costas e massageava a região, tomei coragem.

— Bartek... Por favor, o que é que você está fazendo? — As palavras saíram baixinho, mas eu quase não conseguia falar devido ao nó na minha garganta.

Ele me ignorou, mas eu tentei mais uma vez, endireitando a postura, reunindo o restante da coragem que tinha.

— Por favor, Zola não tem culpa. Não o machuque, não o mate... — Meus olhos cheios d'água me impediram de ver, mas assim que pisquei e a visão se ajustou, Bartek estava me encarando sobre o ombro. Os olhos azuis congelantes, o ódio em toda sua expressão.

— Cala a boca. — O sotaque forte me arrepiou.

— Por favor, eu preciso saber... — Tentei apelar para o lado humano dele, mesmo desconfiando de que não

existisse nada ali.

— Você é surda? Cala a porra da boca! — ele disse, de forma grosseira, e assim que a porta do elevador se abriu, me puxou para fora. — Está achando que eu sou idiota? Que vou deixar barato essa traição? Mal sabe você o favor que me fez — ele dizia, enquanto me levava para dentro de seu apartamento. — Agora, eu vou fazer com você o que sempre quis e ninguém poderá falar nada. Sua traição foi um presente, lá no fundo, eu estou feliz. — E me jogando contra os degraus que dividiam sua sala, caí, machucando as pernas e os joelhos, conseguindo proteger o rosto com as mãos.

O chão de mármore preto era gelado, mas não atrevi me mover. Não queria desafiá-lo. Não queria que ele tivesse a chance de ter ainda mais ódio de mim. Fiquei encolhidinha, esperando que ele quebrasse tudo em volta, rezando baixo para que ele não encostasse em mim, mas parecia que Deus não podia habitar ali dentro.

— E essa merda de disfarce? — Ele se aproximou, fazendo a vontade de gritar crescer dentro do meu peito. — Quem foi que teve essa ideia? — Puxando a peruca da minha cabeça, me machucando conforme os grampos eram forçados, ele riu de mim.

Riu como se fosse divertido me ver tão amedrontada, tão desprotegida, tão vulnerável.

— RESPONDA! — Ele pegou meus cabelos e puxou com tudo, erguendo meu corpo, me obrigando a levantar. Eu gritei.

— Fui eu! Fui eu! Me desculpe! — gritei, entre o choro. — Eu errei, me perdoe, me perdoe — pedi, tocando nas pernas de Bartek. O olhar de desprezo dele fez com que me sentisse suja.

— *Vadiazinha* — me xingou, em um tom raivoso, entredentes. Bartek me jogou contra o chão e eu não consegui me proteger, batendo minha cabeça contra o mármore, com medo de acontecer algo pior com o som que ouvi vindo do impacto do meu crânio contra a superfície dura.

Não deu tempo de chorar por aquela dor, não deu tempo de me acostumar a ela, já que, no segundo seguinte, ele me ergueu de novo pelos cabelos, dessa vez, me obrigando a ficar em pé e seguir junto dele como dava.

— Que oportunidade de ouro! — Chegando ao quarto, ele me soltou e trancou a porta. — Agora somos só nós dois, noivinha.

Era estranho ver a mudança que havia em sua voz, na sua expressão.

Bartek parecia bravo, mas também parecia se divertir com tudo aquilo. Como podia? Como conseguia? Eu não fazia ideia, e com medo do que mais ele podia tentar, me abracei, dando passos para trás, até estar contra a parede.

— Por que está fugindo de mim? — Ele veio em minha direção e eu quis poder me fundir à tinta que cobria o quarto, principalmente quando o corpo dele ficou tão próximo ao meu, que fazia ser difícil respirar. Virei o rosto para o lado, mas com uma das mãos ele me segurou os braços que tentaram impedi-lo de se aproximar tanto e com a outra, Bartek me segurou pelo pescoço, como se eu fosse um animal, e bateu minha cabeça contra a parede, me obrigando a encará-lo.

Senti-me impotente.

— Chega de fugir de mim, passarinho. Eu vou cortar suas asas por completo. — E na ameaça que parecia ser tão cômica para ele, Bartek lambeu minha bochecha, lentamente, me fazendo querer vomitar ao sentir sua língua quente e molhada contra minha pele.

— Não... — Tentei afastá-lo com a cabeça, mas o aperto contra o meu pescoço só ficou mais forte, fazendo com que eu não conseguisse respirar.

— Quieta, passarinho. Você só canta se eu pedir, só pia se eu deixar, só se move se eu quiser. — Seu tom de

voz baixo e intimidador me fez morder o lábio com força. — Entendeu? — Movi a cabeça para cima e para baixo, tentando segurar as lágrimas.

Era impossível. Dos meus olhos elas rolavam grossas, de forma ininterrupta.

— Perfeito, passarinho. — Se afastando de mim, ele tirou as mãos do meu corpo e eu achei que tivesse acabado. — Agora — ele disse, com os olhos nos meus —, você vai tirar toda a sua roupa. — Eu abri a boca para protestar, mas ele sorriu, erguendo o dedo para me fazer calar. — Ou você prefere que eu tire? Talvez prefira que eu mande uma mensagem para o seu irmão, com todas as fotos que tenho do seu soldadinho sendo abusado. Posso acusá-lo de traição, pedir a cabeça dele... Aposto que seu irmão não me negaria o pedido, ainda mais, depois que eu contar que ele tirou sua virgindade.

— Zola não fez isso — eu o defendi.

— Não, mas eu vou fazer, e se contar a alguém... — Ele voltou a prender meu corpo na parede com o seu, com o rosto tão próximo ao meu, que seu hálito me fez querer vomitar. — Se qualquer um sonhar o que acontece no nosso relacionamento, se você não me deixar feliz e satisfeito, meu bem, vou matar seu amiguinho de forma

lenta e dolorosa. — Ele acariciou meu rosto. — E ninguém fará nada contra mim, porque os livrarei de um traidor.

Eu chorei, tentando me curvar, me proteger. Mas as mãos de Bartek vieram com uma força desnecessária nos meus ombros, me mantendo em pé, não me deixando fugir.

— Agora, seja a princesinha obediente que me prometeram e tire suas roupas. Seu cabaço é só o começo. — Sorrindo, ele se afastou, me deixando sem opção.

Era eu, por Zola.

Era a minha primeira vez, o meu corpo, para ele viver.

Fechando os olhos, como se pudesse anular da minha mente aquele ato, aquele momento horrível, eu me liberei de cada uma das minhas peças de roupa, até estar como vim ao mundo. Completamente nua, exposta e indefesa.

— Que bonita, passarinho. — Mantive os olhos fechados, respirando pela boca, já que meu nariz estava entupido. — Você poderia ter mais carne — ele reclamou, pela milésima vez, do meu corpo. — Seus peitos são muito pequenos. — E sem eu estar esperando por aquilo, sua mão pesada e grosseira veio sobre meu seio esquerdo e ele o apertou com a ponta dos dedos. Eu abri os olhos, indignada com o que acontecia. Não era como quando Zola fazia. Era doloroso e ruim.

Tentei me afastar e gritar, mas ganhei um tapa ardido sobre o seio e outro sobre o rosto.

— Cala a boca! — E me pegando pelo pescoço, Bartek cuspiu de novo no meu rosto, bem sobre minha boca e me girou, como se eu não pesasse nada. Em um segundo, eu estava em pé, no outro, jogada na cama de casal, com as mãos dele me revistando.

Eu queria correr, queria fugir, queria nunca mais vê-lo, nem o sentir.

Queria esquecer que ele existia, mas não pude, não quando ele me bateu vez após vez. Quando me apertou, beliscou e desceu a boca sobre mim, me sugando o bico dos seios de forma grosseira, enquanto se ajeitava entre as minhas pernas.

Eu tentei aguentar.

Tentei fingir que estava tendo um pesadelo.

Tentei me acordar.

Mas nada funcionava.

— Por favor, não — eu pedi. — Te imploro, por favor, não faça isso. — Tentei segurá-lo, mas foi em vão. Suas mãos me sacudiram, como se eu fosse nada e ele gritou:

— EU FAÇO O QUE QUISER COM VOCÊ, SUA PUTA! — Me batendo mais uma vez no rosto, Bartek se

afastou apenas o bastante para que me virasse de costas para ele.

Parte das minhas coxas ficaram para fora do colchão, e com o peso excessivo dele descontado na mão que segurava minha cabeça contra o lençol, fui sentindo todo o meu corpo arder.

Não dava para lutar.

Não dava para fazê-lo parar.

Senti quando suas pernas se encaixaram entre as minhas.

Fechei os olhos ao ouvir seu zíper descendo.

Aquilo era real. Estava acontecendo.

— É assim que você fica com o seu amiguinho? — Ele me deu um tapa no traseiro.

Ardeu.

— Você fica molhada quando ele te toca? — Bartek perguntou, enquanto sua mão descia para o meio das minhas pernas, entre minhas coxas e, sem cuidado algum, seus dedos entraram em mim. — Está seca — ele reclamou, mas logo em seguida, ouvi o barulho dele cuspiendo.

Minhas lágrimas se tornaram silenciosas e eu prometi não gritar. Prometi que ele não conseguiria ver o quão

longe tinha ido. O quanto me machucava. E assim que ele se encaixou em mim e investiu fundo, de uma só vez, com o quadril contra minha bunda, eu abri a boca para que um grito mudo saísse.

Senti seu membro me dilatando, quase que rasgando a pele.

Era invasivo, doloroso, humilhante.

Doía, doía muito.

Mas no segundo movimento dele, ouvindo a aprovação pelos sons que ele fazia, me senti deixando o corpo.

Não conseguia me mover, não conseguia gritar, nem lutar.

A única culpada por tudo aquilo estar acontecendo era eu.

— Está gostando? Está vendo como o seu macho te fode de verdade?

Erro meu acreditar que teria um tempo para me recuperar daquilo.

— Eu vou foder você todo dia, vou alargar essa sua bocetinha apertada. Vou fazer você virar o meu brinquedinho favorito, minha putinha de luxo. — Ele parecia feliz.

Erro meu acreditar que minha vida seria um conto de fadas, como todos me fizeram acreditar.

— Aposto que o soldadinho queria te provar desse jeito. — Ele riu. — Só eu vou foder você.

Eu não era nem seria a princesa salva por um príncipe.

Nenhum dos meus irmãos ou o homem que eu amava arrebentaria a porta para me livrar das peças mal encaixadas que o destino tinha armado.

Bartek faria o que quisesse comigo ali dentro e eu não poderia contar a ninguém.

E foi humilhante sentir o colchão afundando junto de cada investida dele contra o meu corpo. Foi horrível ouvir os gemidos de prazer dele, ainda mais quando chegou ao limite e jorrou nas minhas costas.

Me senti imunda, errada, pequena e desprezível.

Me senti insignificante. Um nada.

Mas meu noivo estava satisfeito.

Meu noivo estava feliz.

E aquele era o primeiro ensinamento que aprendi: “Faça seu futuro marido feliz!”

Deitada na cama, mesmo depois de ele se afastar, a única coisa que conseguia repetir na minha mente era o

mantra que havia se tornado meu lema pessoal.

A Família sempre tem razão.

Ele era homem, o segundo no comando em sua Família, e trazia prestígio e lucro para a Dark Hand, enquanto eu só era a princesinha da casa, criada para servir.



CAPÍTULO 28

*Como alguém tão lindo pode ser tão feio?
Acho que sou ingênua porque toda vez começo a tropeçar,
escorregar
Então me apaixono demais
Presa em um pesadelo
Eu, eu, eu, você e eu
Nos damos bem como incêndio em um avião
Você, você, você, me faz sentir
Como se estivesse ficando louca*

CRY BABY, DEMI LOVATO.

ELIZABETH

Chorei feito criança na primeira vez que vi neve na vida, mas depois de ver como a massa branca ficava suja e nojenta, após pisarem o dia todo, comecei a entender que eu adorava ver a neve, mas não estar nela. Foi por isso que, àquela manhã, eu agradei pelo inverno estar acabando e eu não precisar arriscar tomar um tombo na lama suja que se formava na calçada. Era metade de

fevereiro, e desde que o ano tinha virado, desde a conversa esquisita com Louis, eu tinha aprendido a evitá-lo. Nunca o recebia quando ele tocava no meu quarto de hotel, nem ficava sozinha com ele quando o bendito aparecia de surpresa na editora.

Inclusive, voltar à editora tinha sido uma luta interna.

Eu não colocava mais os pés lá, se não fosse por extrema necessidade, além de nunca ficar sozinha. Kira ou Zola sempre estavam comigo. A sensação de segurança por ver um daqueles dois era gigantesca.

— Bom dia! — Kira disse, abrindo a porta do carro para que eu pudesse entrar.

— Bom dia! Como vai?

— Não dormi direito. — Ela me entregou um copo com bebida quentinha e dei um pequeno gole, sentindo o gosto do chocolate quente abraçar minha língua. — Mas está tudo bem. Precisei ajeitar toda a nossa logística de hoje graças à sua teimosia.

— Não reclame tanto, eu já pedi desculpas, não? — Kira falava igual a Louis quando ficava irritada comigo.

— E adiantou algo?

— Não. Mas você sabe que eu gosto de cuidar de tudo o que vai o nome da editora, nos mínimos detalhes.

Não quero que o lançamento seja um fracasso, quero que as pessoas se sintam acolhidas, que vejam nosso diferencial. Que quando comprarem um livro do nosso selo, saibam que estão comprando o trabalho de pessoas comprometidas e apaixonadas pelo que fazem. Fora que preciso conferir se a divulgação está certa, se a livraria vai comportar todo mundo... Neste frio do cacete, não quero fila do lado de fora e gente ficando doente. O lançamento é na hora que o sol não esquenta quase nada, então, não fique brava comigo.

— Sabe que Louis gritou comigo por sua causa, de novo, certo? — Ela suspirou, antes de bebericar seu café. — E eu não quero levar mais uma bronca desnecessária.

— Não vai precisar. — Sorri para ela e pisquei, conseguindo uma rolada de olhos e um pequeno sorriso cúmplice.

E eu realmente acreditava que aquele dia seria bom.

Desde que a editora tinha sido invadida, repassei na mente todos os detalhes e tentei encontrar um motivo para o que tinha acontecido. Será que era um caso aleatório? Será que tinham vindo atrás de mim por causa de Louis?

Eu não sabia, mas não queria que fosse tarde demais para descobrir.

Já era meio-dia. Meu estômago estava grudando nas costas de fome e eu já tinha colocado fogo em meio mundo. Odiava quando me tiravam de idiota por ser estrangeira, ainda mais por ser latina. Odiava quando alguém era grosseiro comigo, só por perceber que eu não era dali, e depois de uma discussão acalorada com a gerente da loja, depois de subir nos tamancos e lembrar o quanto eu estava pagando por alugar o espaço deles, precisei respirar.

— Ou vocês fazem do jeito que combinamos, ou vou ligar para o seu chefe e seu rabo vai estar na rua no segundo seguinte. — Kira se enfiou na discussão quando viu que eu estava ficando nervosa e as palavras me fugiram. — Xenofóbica de merda — ela disse, entredentes, quando a mulher loira de olhos claríssimos passou por nós.

— Que inferno — lamentei, com as mãos no rosto. — Se eles não moverem os móveis daquela parte, fodeu. Não vai caber mais que vinte pessoas aqui e só vinte pessoas são o que tenho de contato da imprensa.

— Ela vai mover. Me dê cinco minutos e vá tomar um ar. Eu já encontro com você lá fora. — Obedecendo Kira, atravessei as portas de vidro e respirei fundo o ar gelado da cidade, na rua movimentada, achando irônico como a

Quinta Avenida conseguia ser tão cheia, mesmo quando a melhor opção era estar dentro de casa.

Andei um pouco pela calçada, me apoiei na parede e me curvei, apoiando as mãos no joelho, enquanto encarava meus sapatos e tinha vontade de vomitar. Minha cabeça pesava, e mesmo eu lutando todo santo dia para me convencer de que estava tudo bem, não estava.

Apesar de sempre lidar com comentários e olhares sobre meu corpo, eu nunca tinha sentido o preconceito tão duro como daquela vez. A mulher falava rápido e forçando o sotaque só para tentar me fazer pedir para ela repetir. Me tirando de idiota, de burra! O duro era ver que ela ria, enquanto eu tentava escolher as palavras... Saco! Aquilo juntou com tudo o que eu vinha enfiando no meio do caminho e minha vontade foi de chorar.

Eu estava me sentindo sozinha. Estava me sentindo mal com tudo e todos ao meu redor, como um peso, levada de um lado a outro. O presente quebrado que a criança deixou no conserto.

Engoli o choro, esfreguei o rosto, tentando não parecer afetada, e me ergui, pronta para voltar ao trabalho, mas assim que abri a porta da livraria, um arrepio esquisito subiu pela minha coluna e a sensação de ser observada começou.

Olhei sobre o ombro, procurando algo, mas não encontrei. Mesmo assim, fui rápida ao fechar a porta e segui por entre as prateleiras de livros, procurando Kira. Foi esquisito, ela não estava onde deveria e eu não queria perguntar para ninguém, então andei dentro da loja amontoada, procurando pela ruiva, conforme a sensação de ser observada aumentava.

Era estranho, as pessoas nos corredores não estavam nem aí para mim, mas eu sabia que tinha algo errado. Toda vez que me virava, a sensação de ter alguém me perseguindo surgia.

O peito pesou, o tremor que antes era por nervoso passou a ser de medo, e eu me rendi, indo em direção ao balcão e perguntando para uma das caixas.

— Olá, a ruiva que estava comigo agora há pouco, sabe aonde foi?

— Ela me perguntou se o café daqui da esquina era bom e saiu, falando ao telefone — a garota me respondeu, e eu agradei.

Kira não ia sair para me encontrar? Que caralho ela ia fazer no café?

Sem pensar duas vezes, dei até uma corridinha, e abrindo a porta da livraria, caí na rua, sendo engolida no

mar de gente, sabendo que alguém estava bem no meu calcanhar.

Depois de quase dois anos do pior dia da minha vida, eu pensava que nunca sentiria aquela sensação sufocante de não ter o controle, mas estava completamente enganada.

Enquanto eu fosse interessante para o chefe de Nova Iorque, enquanto Louis me exibisse, eu andaria com um alvo nas costas. E tudo aquilo para quê?

Completamente alerta, olhando sobre o ombro o tempo todo, com medo de encontrar uma versão fodida de Juan, disposto a fazer mal a alguém que não oferecia qualquer ameaça, acompanhei a multidão em volta de mim, pronta para atravessar a rua, quando, de repente, mãos vieram sobre os meus ombros.

— Me solta, porra! — falei, brava, me virando para quem me agarrava, pronta para fazer um escândalo.

— Você deveria estar andando sozinha? — Meus olhos se focaram no rosto conhecido, assim que ouvi a voz de Matteo.

— Porra! Que susto! — Bati em seu peito. — Era você?

— Eu o quê?

— Tem alguém me seguindo. Estou indo atrás de Kira, naquele café. — Apontei com a cabeça para o outro lado da rua, enquanto meu quase cunhado encarava em volta, procurando algum suspeito.

— Venha logo. Maldita hora que meu irmão larga seu rabo grande para andar pela cidade. — Colocando o braço apoiado nos meus ombros, Matteo me manteve perto, enquanto o semáforo não abria.

— Seu irmão não manda no meu rabo grande — comentei.

— Vocês ainda não se acertaram? — ele disse, sem olhar para mim, ainda vigiando.

— Não. E não sei se vamos.

— Então quer dizer que você está solteira? — O tom de flerte me fez rir de nervoso.

— Eu não acredito que você vai querer dar em cima de mim, enquanto eu estou tremendo desse jeito. — Eu ri.

— Estou te distraindo. Está funcionando, não? — Ele me incentivou a dar o primeiro passo. — E, sim, se você tinha alguma dúvida, estamos sendo seguidos. Há dois homens nossos aqui atrás, mas o cara de boné e óculos escuros está completamente voltado para nós... — Assim

que cruzamos a faixa de pedestres, Matteo me fez desviar do café.

— Aonde vamos? — perguntei, olhando sobre o ombro, não entendendo.

— Só confirmar minhas suspeitas e deixar os homens trabalharem.

E nós fomos dar uma volta no quarteirão.

— Relaxe — Matteo disse, depois de alguns passos.
— Você está tensa demais.

— Minha coluna dói, não consigo evitar tremer. Você não sabe a merda que passei.

— Sei, sim. Meu irmão contou, Zola também deu mais detalhes. Você é forte, Elizabeth. E não precisa temer, eu estou aqui.

— Melhor do que seu irmão — alfinetei. Lá no fundo, estava magoada com Louis por nunca estar lá quando eu precisava.

— Não o culpe. O homem trabalha como um louco, ainda mais agora. Os tempos são difíceis, mas eu acho que ele gosta de você.

— Acha?

— Acho. Ou o mais próximo do que ele conseguir disso.

— Seu irmão perdeu toda a humanidade que tinha?

— Não sei dizer... Mas se ele mantém você, é porque sente falta dessa parte de si.

— Não sou um lembrete.

— Não. — Ele sorriu. — Não é, mas é interessante. Ainda mais, considerando que meu irmão é o tipo de cara que desconta tudo no sexo, e isso deve ser a merda de um traço de família, e você deve foder bem.

— Vou foder com a sua cara, se não parar de voltar com o assunto do sexo. — Matteo era o ser mais pervertido que eu conhecia.

Ele riu, olhando pela primeira vez sobre o ombro.

— E eu estava certo. — O cara que ele disse estar nos seguindo estava lá, fingindo ver uma vitrine atrás de nós, depois de dar uma volta inteira no quarteirão.

— O que faremos? — perguntei baixinho, me encolhendo contra ele.

— Você vai entrar no café e procurar por Kira. Eu já vou lá para dentro. —E, beijando minha testa de forma protetora antes de me soltar, Matteo me empurrou de leve em direção à porta e ficou na calçada, mexendo no celular, enquanto olhava para o homem que nos seguia.

— Elizabeth? — A voz de Kira me trouxe de volta à realidade.

A cafeteria era quente e estava cheia de gente para a hora do almoço.

— Por que você sumiu?

— Vim buscar comida, peguei seus favoritos. Ou fazia isso, ou ia dar um tiro na cara daquela mulher, e eu estou sendo bem literal. — Ela mostrou o saco com rosquinhas e o chá que eu tanto gostava.

— Podemos comer aqui? — Peguei Kira pela mão e a arrastei para o fundo da loja. — Tem um cara me seguindo. Matteo encontrou comigo na rua, do nada, e está lá fora, resolvendo.

— Matteo?

— Uhum... Olha ele lá. — Indiquei com a cabeça, vendo-o entrar no estabelecimento.

Kira ergueu a mão para que ele nos visse e, assim que ele se sentou conosco, ela perguntou:

— O que faz aqui?

— Vim bater perna, você sabe que eu gosto — ele admitiu, e deu de ombros. — Foi muita coincidência cruzar com Lizzie, eu juro. Mas ainda bem que aconteceu. Além do mais, você não devia estar com ela?

— Deixei Lizzie sozinha por cinco minutos. E nem foi sozinha de verdade — minha assistente se defendeu. — Quem é o cara?

— Não sabemos, mas já está sendo levado para ser interrogado... — ele falou baixo, enquanto coçava o nariz para disfarçar. — O que acontece agora é que, Elizabeth não pode e não deve ficar sozinha. Louis mandou levá-la para o apartamento dele, e nesse ponto, eu acho que não é hora de ficar brincando de gato e rato.

— Não quero — choraminguei para Kira, que respirava fundo.

— E adianta alguma coisa? Ele está certo. Não há lugar mais seguro na cidade — ela disse, largando o copo em cima da mesa, parecendo infeliz. — Até a gente entender quem está por trás disso e o que quer, você precisa ficar no apartamento de Louis.

E de repente, meus olhos estavam cheios d'água.

Quando é que aquele pesadelo ia acabar?

Apoiei os cotovelos na mesa e escondi o rosto entre as mãos, respirando fundo, enquanto tentava me acalmar e engolir o choro. Estava completamente exausta de tanto chorar. Chorar não resolvia nada. Por isso, agora era tão fácil engolir as lágrimas e me conter.

— Ok — falei, depois de me recompor. — Não existe outra opção, certo?

— Não — os dois disseram, juntos.

— Então, que seja... — Me dei por vencida, sem saber até onde eu aguentaria me curvar sem quebrar.

— Elizabeth. — Matteo, sério, colocou a mão sobre a minha. — Não quero que se sinta assim, mas é a melhor opção que temos pela sua segurança. Se você precisar, pode ficar no meu apartamento, caso não suporte Louis. — Sabendo que eu nunca aceitaria aquela proposta, porque não queria foder a relação deles, fiz que sim com a cabeça, mentindo, e agradeci de coração por ele ser tão atencioso.

Que bom que alguém naquela merda toda pensava em mim.



Eu não sabia dizer o quão mal eu estava por precisar pegar minhas coisas no hotel. Fechar minha mala naquele minuto foi uma das coisas mais dolorosas dos últimos tempos, mas me conformei com o que Kira havia falado e acreditando que era para minha segurança, fechei a porta do quarto que me abrigou quando achei que tudo havia

desmoronado e segui com ela para o carro, direto para o palácio de Louis e todo o ar sufocante que havia lá dentro.

Foi um alívio chegar e só encontrar com Edgar. Ele parecia feliz ao me ver e mais feliz ainda quando eu disse que podia levar minhas malas sozinhas para o quarto de hóspedes. Talvez, até o mordomo percebesse quão problemática era minha relação com Louis e tivesse algum orgulho por eu tentar manter a distância.

Não seria nada fácil, ainda mais ficando presa ali, até sabe lá Deus quando.

Ajeitando minhas coisas no quarto que eu já conhecia bem, feliz por terem consertado a tranca da porta, me distraí completamente, enquanto ajeitava minhas roupas nas gavetas.

— Por que é que eu tive esperança de você colocar as coisas no meu quarto? Facilitaria as coisas. — A voz de Louis bem atrás de mim me abalou, mas anulei qualquer possibilidade de me mover na direção dele e continuei a dobrar as peças.

— Como você acabou de dizer, o quarto é seu. Sou sua hóspede. Estou no quarto que é para hóspedes — falei, em um tom provocativo, como se ele fosse burro por não entender aquilo.

— Justo. — O tom duro me doeu, mas não o deixei perceber. — Já comeu alguma coisa?

— Não, mas não estou com fome.

— Vou tomar banho e descer, se quiser jantar, venha.

— Ele saiu, me deixando sozinha de novo.

Respirei fundo e me joguei na cama, cobrindo o rosto com o braço, moralmente arrependida de ter escolhido Louis de todas as maneiras, direta ou indiretamente, consciente ou não.

Estava à beira do descontrole e não queria me quebrar, mas antes que eu pudesse fazer algo, o som de minhas rachaduras ecoou pelas paredes.

Tentei me acalmar no banho e coloquei a roupa mais confortável que tinha para dormir. Não era nem sete da noite quando me vi entre as cobertas, ignorando o estômago que roncava.

Queria evitar encontrar com Louis, por saber que eu não era tão forte quanto precisava ser quando o assunto era ele. Queria me preservar, mas com fome, também queria tocar o foda-se, descer e fazer meu prato, nem que tivesse que voltar para comer no quarto, afinal de contas, se minha vida era como era, a culpa era toda dele. E foi me tolhendo mentalmente, inventando um roteiro em minha

mente, que desci as escadas, descalça, e fui em direção à luz acesa.

Parei na porta da cozinha e observei enquanto Louis, de costas, mexia em seu celular e dava uma garfada e outra. As costas musculosas, desenhadas, nuas. A pele que eu conhecia como a palma da minha mão, o corpo que eu sentia falta. Respirei fundo e fechei os olhos, sabendo que estar ali era uma péssima ideia.

— Bonita camisola — ele disse, sem nem mesmo olhar na minha direção, e eu o ignorei, avançando até o armário, para pegar um prato.

Coloquei de tudo um pouco e já estava pronta para sair da cozinha, quando ele me chamou de novo.

— Elizabeth. — Olhei sobre o ombro e o vi virado em minha direção. — Venha. Vamos conversar, por favor. — Ele ofereceu o lugar à sua frente e eu, completamente consciente de que deveria agradecer e seguir para o meu quarto, virei o corpo e fui até ele, colocando o prato na mesa e me sentando logo em seguida.

— O que você quer? — perguntei, encarando a comida na mesa.

— Quero saber o que foi que aconteceu hoje, pela sua boca. Matteo me deu a versão dele, mas o homem que

pegamos não diz uma palavra que não seja de que é inocente.

— Eu só senti que tinha alguém me observando, me seguindo, e Matteo me encontrou na rua, enquanto eu ia encontrar com Kira. — Cocei a cabeça, e encarei Louis pela primeira vez. O semblante sério, realmente prestando atenção no que eu dizia, junto dos olhos fixos no meu rosto, que faziam algo dentro de mim tremer de um jeito bom. — Nós comprovamos que ele nos seguia, porque deu a volta no quarteirão também. Eu não sei... Desde o que aconteceu na editora, acho que se não tiver como isso ser resolvido, vou largar tudo e ir embora. — Dei de ombros. — É demais para suportar. Não dá.

— Não vai precisar. Eu vou resolver.

— Você não resolveu antes, por que vai agora? — Antes que eu me desse conta, o afronte saiu da minha boca e ele ficou quieto, por isso, continuei: — Você nunca está lá, Louis. Não estive quando Juan colocou as mãos em mim, não estive quando aquele homem nojento tentou contra mim, não estive quando sua mãe me humilhou... Por que é que você estaria agora? O que é que mudaria? Só estou na sua vida para causar problemas desnecessários. É uma completa perda de tempo ter alguém como eu por perto. Vão pensar que sou o elo fraco

disso, toda santa vez, e por quê? Pelo quê? Não sou nada sua. Você não se importa comigo, é tudo uma grande briga de egos entre machos alfa que querem mais dinheiro e poder. — Ele sorriu de canto e eu me calei.

— Senti falta de você falando, mesmo que seja esse monte de merda. Eu não estava ao seu lado porque não podia, mas resolvi cada um desses pontos, não?

— E vingança realmente funciona para você, *né*? Acontece que, da próxima vez, eu posso não sobreviver, e depois da vingança, vai sobrar o quê? — Peguei Louis na curva, vendo o sorriso sumir.

— Não vai acontecer.

— Você não pode me prometer — murmurei de volta, e comecei a mexer no meu prato, cortando o primeiro pedaço da carne para poder comer.

— Senti sua falta, Elizabeth.

— Mas não me ama — o interrompi. — E eu não passo da mulher que você fode.

— Você sabe que está exagerando.

— Estou? Mesmo? Então me conte, qual o próximo passo? Nós vamos noivar? Nos casar? Vamos montar uma família?

Louis ficou sem fala e, cansada daquela discussão, me sentindo ferver por dentro, me ergui, antes que pudesse dar espaço para uma das brigas homéricas que tínhamos e saí da cozinha, levando meu prato para o quarto, evitando qualquer chance de ele dizer qualquer coisa que pudesse me quebrar ainda mais.

E comendo, enquanto chorava, em cima da cama, percebi o quão idiota eu era, porque, mesmo no meio da briga toda, mesmo com as cartas em cima da mesa sendo completamente claras, eu ainda o queria, ainda o amava e ainda esperava que nossa situação pudesse se tornar diferente. No auge da frieza, do ódio, era como se todas as luzes fossem apagadas e meu mundo virasse um filme preto e branco, completamente sem graça. Mas a merda do meu coração era involuntária, e só de olhar nos olhos castanhos de Louis, batia desesperadamente por aquele imbecil, fazendo-me enxergar cor onde não deveria.

Vinte e quatro anos e enterrada até o pescoço nas merdas de Louis. Vinte e quatro anos e ainda impulsiva e louca, descontrolada, com o tesão no teto, achando que o calor do momento era justificativa para todas as merdas que eu fazia. Ainda mais, naquela madrugada, que sem conseguir dormir, subi pé ante pé até o quarto de Louis e descobri a porta entreaberta.

Eu só queria vê-lo. Jurei que era só isso que queria. Depois voltaria para o quarto e rezaria, ou faria um voo solo, até conseguir calar a sede que tinha daquela desgraça.

Mas assim que entrei em seu quarto, na ponta dos pés, estranhando a cama vazia, tomei um susto quando ouvi a porta fechar.

— Tão previsível... — O tom de zombaria de Louis me atingiu em cheio.

— O que você está fazendo? — perguntei, sem acreditar no que via.

— Trancando a porta para não sermos incomodados, não é óbvio? — ele disse, como se não fosse nada de mais.

— Não, senhor, abre isso, agora. — Avancei para cima dele, mas se virando para mim, se aproveitando da nossa diferença de altura, Louis ergueu o braço com a chave para o alto, entrando em seu closet comigo nos calcanhares, e colocou a chave no compartimento mais alto.

— Que merda, me dá a chave! — gritei, mas tudo o que consegui foi com que ele risse, achando divertido me ver pulando, tentando alcançar aquela merda.

Encarei Louis, tão puta da vida, que, quando ele menos esperava, acertei um soco em seu peito, tamanha minha raiva.

— Pega essa merda, agora! — eu gritei de novo, mas dessa vez, ele não viu graça.

Na verdade, por um segundo, tive medo da expressão dele.

Bater em Louis nunca havia sido um problema entre nós antes, ou até tinha, mas eu ignorava aquele fato. Quando fora de mim, eu reagia com as mãos e aquilo não era bom, nem maduro, e naquele momento, nada inteligente.

Usando apenas a cueca, a qual costumava tirar antes de dormir, ele avançou na minha direção. Me encolhi contra o armário, mas de nada adiantou. A mão dele veio certa sobre o meu pescoço e me movendo com força como nunca havia feito, ele me puxou para fora do closet, pressionando meu corpo contra a parede ao lado da porta.

Seu rosto estava fixo no meu, e enquanto olhava para cima, tentando me livrar de sua mão, pude sentir quando aquela aura maligna se apossou dele. Odiava quando acontecia.

— Você está me machucando — falei, quando o aperto dele aliviou pouca coisa.

— E você está me irritando — ele respondeu, de imediato, os olhos castanhos avermelhados, daquele tom quente que não parecia ter nada igual no mundo, era um dos meus pontos fracos.

— Louis... — Parei de lutar, com medo de ter passado dos limites. — Por favor, me solte, me dê a chave e me deixe sair.

Ele ergueu o corpo e deu um meio sorriso, depois de respirar fundo.

— Não. — A resposta foi tão seca que me deixou dilacerada.

— Como não? — Bati em seu braço, tentando tirá-lo de mim, mas não fiz nem cócegas naquele tamanho de homem.

— Eu disse que não. — Ele se aproximou ainda mais, se curvando sobre mim, apertando meu corpo com o seu. Respirando contra o meu rosto e invadindo meu cérebro com o cheiro de sua pele que era meu pior vício. — O que é que não entendeu disso? — E lá estava toda a provocação da qual eu sabia que era impossível fugir.

Mesmo assim, eu tentei.

— Eu vou socar a sua cara — respondi, depois de fechar os olhos e respirar fundo, tentando me controlar,

encarando-o com a expressão mais séria que podia. —
Abre a porra da porta.

— Talvez eu abra, mas só depois de você me contar o
que veio fazer aqui.

Minha pele ardia, tamanho o ódio que eu sentia por
ele, mas, ao mesmo tempo, me sentia meio mole, com a
pressão esquisita que sempre me dominava o baixo ventre
quando aquele maldito me tinha nas mãos.

— Eu vim te ver. Já vi — admiti, entredentes,
querendo ser um avestruz para enfiar a cabeça na terra. —
Boa noite, abra a porta.

Mas tudo o que consegui dele foi um sorriso de
aprovação.

— Eu já não te disse que você me pertence?

— E eu já não te disse que você pode ir se foder? —
Lutei mais uma vez para afastá-lo, mas sem sucesso,
bufei, frustrada. — Me solta, porra!

— Você não quer isso de verdade — Louis disse
baixo, quase ronronando contra minha orelha.

Aquela presença felina maldita que ele tinha me
dominando, fazendo meu coração bater mais rápido, me
causando arrepios na pele, era uma maldição.

— Eu quero. — Tentei dizer com o mínimo de dignidade, mas não consegui, já que o tom saiu trêmulo e precisei fechar os olhos e lambe os lábios, antes de continuar: — Não me faça implorar. — O tom chateado não ganhou terreno daquela vez.

Sem me perguntar se podia, ele afastou minhas pernas com seu pé e colocou a mão por baixo da camisola que eu vestia, tocando o fundo da renda da calcinha, sentindo como estava quente e úmido.

— Seu corpo não quer sair — ele constatou, com maior precisão, afastando minha calcinha para o lado, tocando diretamente na minha pele, causando dentro de mim uma mistura de desejo e raiva que eu nunca havia sentido. Aquilo só piorou tudo, já que ele parecia ainda mais instigado a me fazer ceder.

— Louis... — Eu tremi, não sabendo qual das coisas, o tesão ou a raiva, tinha maior poder sobre mim.

— O que, bambina? — ele disse, colando a testa na minha, enquanto me segurava com maior firmeza e me tocava sem nenhum pudor, me acariciando antes de deslizar um dedo para dentro de mim e rir baixo. — Senti tanta falta disso, você não?

Como eu podia responder?

Balancei a cabeça, fugindo da sua boca e o afastei o melhor que pude com meus braços, mesmo assim, só serviu para diverti-lo, já que ele levou o dedo até a boca, não tirando os olhos dos meus, e o sugou.

— Senti falta do seu gosto.

Porra.

Caralho.

Era certeza de que, em outra vida, tinha sido eu a começar a apedrejar Maria Madalena, não era possível.

Admitindo minha derrota parcial, quando ele forçou o corpo para voltar para perto, não tive forças para mantê-lo longe, ou não queria mais lutar, não sei se faria diferença escolher uma das alternativas no momento.

Tudo o que fiz foi me segurar ao braço dele, que ainda se mantinha esticado, me prendendo contra a parede, e me esforçar muito para não gemer quando ele beijou minha testa e encaixou a mão de forma certa entre minhas pernas, massageando meu clitóris em um ritmo lento e mortal, causando pequenas ondas de choque por todo meu corpo, graças ao tesão reprimido.

Estava sem transar desde que havia ido embora, e não imaginava que conseguiria encontrar outra pessoa que

tivesse metade da química que tinha com aquele ser dos infernos.

— Por que não desiste de lutar?

— Você não merece — disse, com dificuldade. — Mas eu quero. — E não respondendo mais por mim, cedi com o quadril, me ajeitando melhor para receber o tratamento especial daqueles dedos mágicos.

O sorriso de Louis era vitorioso, mas foi de uma delícia sem fim, quando ele abaixou a cabeça, vindo com o rosto na direção do meu, na intenção de me beijar.

O tapa ardido que dei em seu rosto estalou alto e ele me castigou, aumentando o ritmo dos dedos entre minhas pernas.

Minhas pernas ficaram moles, mas eu não cedi.

Ele tentou um segundo beijo e ganhou outro tapa.

Foi minha vez de rir e ele não gostou.

Na brutalidade que eu tanto senti falta, que eu tanto gostava, Louis me arrastou até a cama e me jogou lá, e enquanto ele se livrava da cueca, eu me ajoelhava, decidia a não ceder nem um décimo do que ele queria.

Se aquela era a vantagem que eu tinha, iria usá-la.

— O que foi? Não estava com saudade, vovô? — provoquei, e logo em seguida quase me arrependi disso.

O diabo veio para a cama, direto para mim e, sem qualquer cuidado, arrancou minha camisola pela cabeça e puxou meu corpo contra o seu. O calor da pele dele contra a minha foi minha ruína. Era a mesma coisa que jogar fogo em gasolina, a diferença é que nunca pararia de queimar. Ora era fagulha, ora era brasa, outras vezes um incêndio incontrolável, mas naquele minuto, era uma explosão sem precedentes.

Seu cheiro de outono me dominou, minhas mãos sobre seus braços fortes foram mais rápidas e enquanto ele tentava de todo jeito chegar ao meu rosto, forcei o peso do corpo contra Louis, o derrubando na cama e segurando em seu pau, antes de ele ter tempo de lutar.

Fui firme no meu primeiro movimento de sobe e desce. Ele pulsou contra minha mão e mal pude acreditar que, finalmente, o tinha ali. Minha mão mal fechava contra a latinha de redbull extra grande que era aquele pau, mas eu não precisava de mais do que estava dando conta, ainda mais quando, com a língua rígida, lambi o freio do pau dele freneticamente e antes que ele se recuperasse para me obrigar a fazer qualquer outra coisa, coloquei toda a cabeça na boca, sugando e chupando, como se fosse uma criança faminta.

Louis xingou em italiano, antes de pegar meu cabelo e forçar minha cabeça contra si.

Eu deixei, levando-o até o limite de onde aguentava algumas vezes para, depois, tirá-lo da boca, cuspir em seu pau e voltar a chupá-lo e provocá-lo na área mais sensível.

Queria deixá-lo louco, queria que ele fodesse minha boca como um ensaio do que faria comigo depois, e não ficou por menos. Ele se ergueu, ficando em pé sobre o colchão e me deixou brincar de ser feliz. Enfiei-o todo na boca algumas vezes, depois o masturbei e descii a boca para cuidar de suas bolas e períneo, arrancando dele gemidos despudorados e altos, dos quais eu tinha mais saudade do que poderia explicar, ficando ainda mais excitada por ver que, mesmo depois de tanto tempo longe, eu ainda sabia o que fazer com ele.

Louis gemendo era minha perdição.

E me fazendo um favor, ele pegou minha cabeça, me segurando no lugar e brincou com o pau entre os meus lábios, espalhando todo seu gosto, antes de meter na minha boca e me foder ali, a ponto de me fazer bater em sua bunda em protesto, por ir tão fundo.

— Minha vez — ele anunciou, quando caiu de joelhos à minha frente, jurando que poderia me beijar. Mais uma

vez, quando Louis me pegou pela nuca e tentou me beijar, eu o acertei um tapa.

— Sem beijos para você hoje. — E enquanto ele ponderava o que faria comigo, fiquei de quatro, com a bunda bem empinada para ele e me dei um tapa, exibindo o que estava perdendo.

Como se o tecido que ainda me cobria fosse nada, Louis arrebentou minha calcinha com uma única puxada brusca e eu esperei, mas em vez de me chupar ou me comer logo, o desgraçado ergueu meu corpo.

De repente, estava com as costas contra o peito dele, seu braço me prendendo o pescoço em um mata-leão e seus dedos, de novo, entre minhas pernas.

Eu não me fiz de rogada, rebolei contra sua mão e gemi baixinho, enquanto os toques tomavam ritmo, sentindo seu pau roçando na minha bunda.

— Eu quero te beijar — ele disse, arrancando de mim uma risada, e eu mantinha os olhos fechados e a cabeça descansada contra seu ombro, conforme me remexia.

— Não — falei, firme, sentindo os beijos que ele começava a dar onde conseguia tocar com a boca em meu rosto.

Louis mordiscou e chupou o lóbulo da minha orelha, causando um arrepio alucinante em todo meu corpo, mesmo assim, eu não cedi.

— Bambina... — ele pediu, como se fosse a pessoa mais dócil do mundo todo.

— Porra. — Me irritei e o afastei, me virando para ele e empurrando seu corpo contra a cabeceira da cama, me ajeitei em seu colo, de costas para ele, enquanto perguntava: — Quer saber por que não vou te beijar?

Ele fez que sim com a cabeça e eu o encaixei na minha entrada.

— Porque puta não beija.

Sentei-me em Louis de uma vez só, gemendo alto, enquanto o sentia me rasgando e invadindo, daquele jeito gostoso que eu tanto sentia falta.

Forcei-me contra ele, querendo que entrasse até o fundo, sabendo que as consequências daquilo poderiam me render dores, mesmo assim, não desisti, ainda mais quando ele, puto pelo o que eu tinha acabado de dizer, me pegou pelo quadril e deu uma estocada firme, me fazendo dar um grito ao tê-lo, por fim, completamente dentro.

Eu não me segurei, e pouco me importava se ele fosse aguentar ou não. Apoiei uma das mãos no colchão e

com a outra comecei a me tocar, rebolando em cima dele, gemendo alto, sem vergonha nenhuma, me aproveitando o máximo que podia dele, antes da crise de consciência aparecer.

Naquele momento, eu era dominada pelo meu fogo no rabo e me sentar em Louis até gozar, a ponto de não conseguir andar, era minha missão de vida. Ele parecia bem feliz com isso, já que apertava minha bunda, dava alguns tapas e beijava minhas costas, no lembrete da ruína que ele trouxe para a minha vida.

Eu queria que ele lembrasse.

Queria que ele visse e entendesse: eu não era um produto, mas se ele queria me tratar assim, eu poderia jogar aquele jogo também.

— Elizabeth — ele chamou meu nome, ao me ver acelerar o ritmo dos quadris. — Elizabeth, caralho! — Louis tentou de novo, mas continuei a ignorá-lo, o que o deixou ainda mais puto.

E antes que eu entendesse o que acontecia, me vi com a cara contra os lençóis, sendo colocada de quatro por ele. Não foi um problema, ajeitei a bunda para cima, deitando bem o tronco e o assisti sobre o ombro, sem tirar os olhos de seu rosto, vendo a fúria com que Louis me encarava de volta, enquanto investia contra mim.

O barulho de nossos corpos junto aos gemidos era a única coisa a se ouvir, e eu não duvidava nada de que ligariam no dia seguinte reclamando de nós. Já havia acontecido antes, por transarmos de janela aberta. E eu não sabia o que era melhor, a visão dele puto por não conseguir as coisas como queria, ou ver aquele homem lindo *pra* caralho me pegando de jeito.

Os dois me excitavam, os dois estavam de bom tamanho, foi por isso que, quando meu corpo deu indícios de que chegaria ao limite só com ele metendo em mim, descí uma das mãos para o meio das pernas, esfregando meu clitóris com vontade, apertando aquele pau enorme e grosso, não precisando de muito para sentir todo o meu corpo ser tomado pela sensação amortecida de antes do orgasmo intenso.

E foi maravilhoso quando, antes que eu pudesse me dar conta, estava gemendo alto, pedindo para que ele não parasse e gozei no segundo antes de ele sair de mim e gozar na minha bunda.

Comecei a rir, meio por desespero, meio por achar tudo maravilhoso, e assim que senti firmeza nas pernas, me joguei para fora da cama, pegando a camisola do chão, colocando-a, mesmo com o corpo sujo.

— Aonde vai? — ele perguntou, com a respiração completamente fora de controle.

— Embora — falei, como se fosse óbvio. — Já atendi ao cliente de hoje, preciso ver se não tem mais ninguém por aí, precisando de uma garota louca e falida, para dar uma chave de boceta por pagamento em livros.

O ódio no rosto dele me fez pensar que poderia render um segundo round, mas não, ele parecia cansado demais para brigar. Se levantou, nu, foi até o closet e abriu a porta.

— Odiei essa brincadeira — ele disse, no último segundo, e eu parei antes de sair.

Puxei seu rosto, fingindo que o beijaria, mas assim que Louis estava tão próximo, que meus lábios roçaram nos dele, o fiz parar e disse baixinho, encarando seus olhos:

— Eu também não gosto das suas, mas não dá para ganhar sempre.

E saí, sabendo que tinha enterrado a dignidade no lixo e que voltaria àquele quarto, sempre que precisasse mais dele, daquilo, de nós.



CAPÍTULO 29

*Olá, eu sou a mentira vivendo por você
Assim você pode se esconder, não chore.*

HELLO, EVANESCENCE.

GIOVANNA

Sentada na sala de jantar, com uma porção de comida à minha frente, eu não entendi o que meu noivo queria. Desde que ele havia abusado de mim, eu não conseguia olhá-lo nos olhos. Não conseguia falar nada espontaneamente. Tudo o que eu fazia era respondê-lo, fingindo, tentando agradá-lo para que ele não tivesse mais motivos para me machucar.

Mesmo assim, a cada nova oportunidade, Bartek me beliscava em qualquer lugar que alcançasse, dava tapas ardidos nas minhas coxas ou no meu rosto. Cuspia em mim e me xingava, como se eu fosse o pior ser do mundo.

Eu não sabia mais o que fazer para que aquilo parasse e imaginei que não houvesse o que pudesse ser

feito. Meu noivo se divertia me vendo sofrer. Era isso o que o agradava.

— Esqueci completamente os seus presentes. O primeiro deles, é esse. — Ele apareceu, colocando dois pacotes no meu colo. — Abra — ele mandou, e eu obedeci, com as mãos tremendo e os dedos sem firmeza.

O trinco da primeira caixa se soltou e eu, com o coração batendo na garganta, abri a caixa com cuidado, não acreditando no que via.

Era uma coroa dourada, bonita demais, cheia de ornamentos, com pequenos pontos brilhantes em cada uma das partes pontudas. Passei os dedos, sentindo como aquilo era afiado, como era bem feito.

— Gostou? Mandeí fazê-la só para você. Os diamantes — ele pegou meu rosto, obrigando que eu erguesse o queixo e o encarasse —, são como você. Quanto mais lapidados, mais valiosos. E você, noivinha, quando eu acabar meu trabalho, será a mais valiosa de todas. — Ele acariciou minha bochecha e pegou o objeto pesado das minhas mãos, colocando sobre minha cabeça do jeito que queria.

A coroa pesava. Era desconfortável, mas eu não reclamei. Podendo ver meu reflexo pelos espelhos nas paredes em volta, a ajeitei na cabeça e forcei um sorriso.

— É muito bonita. Eu adorei. Obrigada.

— Abra o outro — ele ordenou, ignorando o que eu havia acabado de falar, e sem opção, obedeci.

A segunda caixa não tinha trinco, mas sim um zíper, e quando eu a abri, estranhei o que tinha dentro. Ergui as correntes de ouro para ver melhor, estranhando ser tão curta e os pedaços de couro nas laterais, como um feixe. Tinha algo escrito em uma das correntes, mas estava em polonês e eu não me atrevi a ler.

— Gostou?

— É bonito, mas não entendi o que é... — Ele riu.

— Bobinha. É óbvio. — Ele tomou a corrente das minhas mãos e a colocou sobre o meu pescoço. — É sua nova coleira. Está escrito: *Esta cadela pertence a Bartek*. Você vai usá-la sempre que eu mandar — Bartek falou, como se fosse óbvio, conforme me sufocava para colocar a corrente no meu pescoço. — É meu pequeno lembrete, para que você nunca se esqueça que me pertence.

Engoli com dificuldade e coloquei a mão sobre a joia que ficava rente ao meu pescoço.

Era asfixiante.

Nojento.

Desumano.

Mas eu não tinha o que fazer.

— E então? — Ele se sentou ao meu lado. — Gostou?

— Claro. — Fiz que sim com a cabeça, sem olhá-lo. — É muito bonito. Obrigada.

Vi seu sorriso surgir, parecendo orgulhoso.

— É isto. Vamos comer. — Servindo uma quantidade assustadora de comida no meu prato, Bartek colocou o garfo em minha mão e deu o último recado: — Coma tudo.

Eu já suava, antes mesmo de começar, por medo de não ser capaz de cumprir aquela ordem.

Com cuidado, comi fatia a fatia do pedaço enorme de carne que ele havia colocado em meu prato. Tentei empurrar para dentro um pouco mais da torta de legumes, mastiguei muito cada batatinha. Bebi do vinho que ele me ofereceu para tentar assentar a comida.

Sentindo minha barriga doer e o suor na minha testa se multiplicar, consegui relaxar um pouco quando limpei o prato e descansei o garfo na mesa.

— Ótimo, mais um pouco — meu noivo disse, já se levantando para servir ainda mais comida.

Eu quis chorar, mas me segurei. Não aguentaria, não mesmo. Mas não tinha alternativa.

— Coma tudo — ele ordenou, cruzando os braços só para me observar.

Parecia que Bartek tinha um prazer inenarrável me vendo daquele jeito, parecendo um animal, comendo feito desesperada. E eu tentei, muito, dar conta da montanha de comida que ele havia colocado à minha frente, mas era humanamente impossível, e eu conhecia os sinais do meu corpo.

— Eu não aguento — avisei, largando o talher e colocando as mãos sobre a barriga estufada.

— Não quero saber. Coma.

— Não cabe... — murmurei, mas Bartek não gostou, pegando minha cabeça, aproximando do prato, quase que enfiando minha cara nele e disse em um tom ameaçador:

— Não estou em um bom dia. Largue de ser ingrata e coma essa porra toda. — Ele me soltou em um solavanco, sujando meu queixo, fazendo lágrimas surgirem no canto dos meus olhos.

Respirei fundo, limpando o molho do meu rosto e peguei o garfo de novo.

Faltava mais que a metade do prato, mas eu precisava fazer aquilo. Precisava ou apanharia, ou sabe lá Deus o que mais ele faria comigo.

Dei mais uma garfada. A comida parecia virar areia na boca, mas sem opção, engoli.

Aguentei mais uma segunda e terceira leva de comida, mas na quarta, meu corpo se comprimiu e o espasmo veio forte.

Antes que eu pudesse me levantar, antes que eu tivesse tempo de correr para o banheiro, o vômito veio em um jato único e toda a comida que eu tinha empurrado para dentro voltou de forma suja e nojenta para cima da mesa, no meu prato, nas minhas roupas, no chão.

Bartek se afastou com cara de nojo e eu, sem saber o que fazer, chorei quando vi o estado em que me encontrava.

— Porca! — ele gritou, furioso. — Porca, mal agradecida!

E, antes que eu pudesse me recuperar, a mão dele estava no meu cabelo, puxando com força, enquanto erguia a minha cabeça e pegava o prato cheio da pasta asquerosa que tinha saído do meu estômago.

— Você vai comer — ele avisou, e eu tentei tapar a boca, olhando para ele, implorando, em um gemido baixo.

— Não, por favor, não. — Mas fui ignorada.

Ele aproximou o prato do meu rosto e eu fechei a boca. Bartek bateu com a porcelana contra os meus lábios, dando para eu sentir o impacto nos dentes, junto do cheiro repugnante daquilo. Pensei que vomitaria de novo e tentei virar o rosto, mas ele puxou meus cabelos, com tanta força, que pensei que fosse arrancá-los do couro cabeludo.

— Abra a boca! — Fiz que não. — Abre a porra da boca! — ele gritou, virando minha cadeira de frente para ele e soltando meu cabelo, vindo com a mão direto para o meu maxilar, forçando os dedos na minha mandíbula. — Ou você abre e engole isso, ou vai se arrepender de ter nascido. — A ameaça era tão palpável, tão real, que somada à força que ele fazia contra o meu rosto, não consegui me segurar.

Minha boca se abriu, o prato foi inclinado, e o gosto azedo da comida triturada e encharcada por suco gástrico inundou meu palato.

Senti o líquido inundando minha boca e escorrendo pelo meu rosto.

Eu tossi, quis vomitar, achei que ia de novo, mas tive medo do que Bartek poderia fazer.

Tentei afastá-lo, mas não consegui e acabei engolindo, quando não tive opção.

Segurei a respiração, tentando evitar sentir o gosto,

querendo que aquilo descesse logo, mas parecia que meu corpo sabia que tinha algo errado. Meu estômago parecia cheio de ar, dolorido por todo o esforço de colocar aquela quantidade de comida para fora.

— Engole, tudo — meu noivo mandou, empurrando parte da comida que havia sido mergulhada na sujeira do meu vômito. — Mastigue, saboreie, como um passarinho novo que come de sua mãe. — O sorriso perverso no rosto de Bartek junto de seu olhar de olhos arregalados e insanos, me fez paralisar, e, sem opção, eu obedeci.

Obedeci por medo dele me matar se não o fizesse.

Obedeci porque parecia que o mundo ao qual eu pertencia não tinha vez para mulheres fracas.

Obedeci porque tinha sido criada para isso.

Bartek pareceu satisfeito quando viu o prato ficar vazio, mesmo assim, manteve a mão suja em meu rosto e esperou alguns minutos para ver se eu não vomitaria de novo.

Eu achei que fosse, mas o medo de ele me forçar a engolir aquilo uma segunda vez, me obrigou a travar a garganta e lutar com todas as forças contra as contrações no meu estômago.

— Aguentou direitinho, hein? — Parecendo decepcionado por não poder me forçar mais, ele se ergueu, pegou o guardanapo e limpou as mãos. — Vá para o meu quarto, tire as roupas e entre no banho. Sem gracinhas. Vou dizer aos seus irmãos que você não passou bem e que vai dormir aqui, no quarto de hóspedes.

— Eu quero ir para casa... — Minha voz saiu rouca, minha garganta machucada não ajudava.

— Não, não quer. Você vai ficar e me entreter. Isso só está começando. — E me puxando da cadeira em um solavanco, deixei Bartek na sala e corri em direção à última porta do corredor, não acreditando no que havia acabado de acontecer, não conseguindo manter a comida no estômago, vomitando uma segunda vez, assim que me vi sozinha no banheiro.

Que bom que ele estava distraído. Que bom que não estava vendo, ou então, com certeza, me faria beber da água suja da privada.

Terminei de limpar o estômago, dei descarga, me livrando das provas e me arrastei até a pia para lavar a boca. Quando arranquei a roupa, caí no chão do banheiro, me encolhendo em uma bola, chorando, enquanto rezava para aquele pesadelo acabar.

— Passarinho, já está na banheira? Quero você limpa, como nunca estive antes na vida. — Ouvi a voz de Bartek, o tom doce, completamente diferente de cinco minutos atrás, me deu medo.

Era horrível quando ele se fazia de bom e me surpreendia com alguma maldade.

Não querendo dar mais motivos para que ele fizesse algo de ruim comigo, me levantei num pulo e coloquei a banheira para encher, ficando dentro dela, mesmo tremendo de frio.

E logo que me abracei, no segundo seguinte, ele entrou, escancarando a porta, parecendo satisfeito por me ver encolhida, com medo exalando de cada poro.

— Vamos lá, relaxe. — Ele veio até a borda da banheira e pegou meus ombros, me movendo para me encostar na borda.

Nunca, na vida, eu conseguiria relaxar perto dele.

Apreensiva, segui Bartek com os olhos, enquanto suas mãos seguiam pelo meu corpo, jogando água quente sobre minha pele, parecendo querer ganhar minha confiança de novo.

Nunca teria.

Em completo silêncio, ele pegou o sabonete, esfregou entre as mãos e veio lavar meu corpo. Primeiro os braços, pescoço, colo, seios e barriga. Sua mão que, pela primeira vez, era gentil, ficou imersa na água, enquanto ele me tocava entre as pernas.

Como antes, paralisei.

A tensão de tê-lo me tocando ali, de saber o que ele podia fazer... Fechei os olhos e travei o maxilar, tentando ser forte, enquanto sentia a ponta de seus dedos me explorando.

Era a pior sensação de toda a vida.

— Você está muito tensa. Não gosto disso.

— Me desculpe — falei, num sopro, rezando para que ele não se ofendesse mais.

— Eu odeio seus pedidos de desculpas... — Senti quando ele tirou a mão da água e continuei de olhos fechados, não querendo ver mais. — Odeio quando você finge que não me quer também, mas isso vai mudar.

Abri os olhos, assustada, e o vi segurando uma seringa. Bartek conferia o líquido transparente dentro dela.

— O que você vai fazer comigo? — perguntei, me encolhendo.

Lentamente, como se estivesse entediado, Bartek olhou para mim e pediu:

— Me dê seu braço.

— Não — neguei.

— Ou você me dá seu braço ou teremos um problema. Você quer me ver nervoso, Giovanna? Quer que eu te machuque? — Fiz que não com a cabeça, querendo que a água estivesse mais alta para que eu pudesse me esconder dentro dela. — Então, me dê a porra do braço.

— O que é isso? — perguntei, cheia de receio.

— Isso? Diversão. — Enfiando a mão na água, ele puxou meu braço com força. — Agora, fique parada ou vai estragar tudo. Se eu injetar isso no seu músculo, vai doer muito, então... paradinha.

E sem garrote, sem cuidado, Bartek apertou meu braço e espetou a agulha em mim, sem que eu pudesse fazer nada. Quis gritar, mas sabia que não adiantaria. Quis ir embora, mas não tinha mais esse controle, esse direito, por isso, chorei. Lágrimas quentes, grossas e silenciosas, enquanto o líquido corria por minhas veias e fazia minha cabeça ficar leve.

Apoiei a nuca na borda da banheira e senti o corpo todo relaxar.

Tentei erguer o braço, não consegui. Tentei falar, mas parecia que minha língua estava inchada, pesada. Como aquilo tinha efeito tão rápido?

— Agora — ele se ergueu e consegui mover os olhos com dificuldade para poder encará-lo —, você e eu teremos um momento de casal.

E, em seguida, Bartek começou a tirar a própria roupa.

Eu quis muito fugir, mandá-lo parar, chamar por ajuda, mas o único poder que ainda tinha sobre mim era o de chorar. Minha visão ficou embaçada, meus pulmões pareciam feitos de pedra e minha mente começava a ficar confusa, mas não foi o bastante para evitar que eu o sentisse.

O peso do seu corpo contra o meu, as mãos na minha bunda, suas pernas entre as minhas e a penetração dolorosa e nada gentil.

Bartek me preencheu numa estocada só e eu não consegui gritar.

Na verdade, quando ele colocou as mãos em volta do meu pescoço, por cima da coleira, e rosnou meu nome, forçando meu rosto para baixo d'água, pensei que fosse morrer, e agradei por isso.

Qualquer morte era melhor que aquela vida.
Pena que aquele era só o começo da minha.



A luz do dia amanhecendo foi o que me acordou.

Nua, com o corpo dolorido por ter dormido no chão duro, tremendo de frio, abri os olhos com dificuldade para encarar a janela. Minha garganta doía, mesmo que para engolir saliva, e o efeito do que Bartek tinha injetado no meu corpo cobrava seu preço. Minha cabeça girava, meus olhos estavam secos, parecia que tinha areia em minha língua.

Flashes da noite passada brilharam em minha mente e em cada um deles, Bartek enfiando agulhas pelo meu corpo trouxe o pior dos reflexos.

Tentei me mover, mas algo impedia meus braços de se juntarem ao corpo. Me esforcei para olhar para baixo e quis gritar ao ver aquilo. Quis chorar como nunca.

Agulhas grossas transpassavam minha pele em todos os cantos.

Nos braços, na pele acima dos seios, em meus mamilos, barriga, púbis, coxas pernas e pés. Em todo

canto em que a pele permitia, havia uma agulha.

Finalmente consegui, finalmente tive coragem, finalmente o grito preso na garganta por uma noite cheia de abusos ao meu corpo foi liberto.

— Acordou, passarinho? — O tom bem-humorado dele me fez querer morrer, ainda mais quando ele sacou o celular, levantando da poltrona na qual havia passado a noite, e tirou mais uma foto.

O peso da humilhação prendeu o ar nos meus pulmões. Eu só queria ir embora, queria sumir, trancada em meu apartamento, fingindo que o mundo do lado de fora não existia. Que monstros não eram reais, e que não precisaria me casar com um. Mas ali, com ele, eu soube que não tinha alternativa.

Lambi os lábios, sentindo a aspereza da língua contra a pele machucada graças a uma mordida dele.

— Estava esperando você acordar, princesinha. — Ele se abaixou ao meu lado, colocando a coroa na minha cabeça. — Queria você bem consciente para me assistir fazendo isso.

E de forma cruel e nada cuidadosa, Bartek puxou a agulha que estava atravessando meu mamilo esquerdo.

Eu abri a boca, pronta para gritar, mas aquilo só pareceu diverti-lo.

— Isso é só uma pequena amostra de como meus joguinhos são divertidos, passarinho. Isso é só para você saber que, se me desagradar, as coisas vão ficar piores. — Ele tirou a agulha de cima do seio. — Você vai me obedecer?

— Vou, vou, vou! Por favor, não — implorei, vendo o sorriso dele surgir, enquanto puxava uma outra agulha do meu braço.

— Então, prometa que vai sempre me defender e proteger.

— Eu prometo. — Mas mesmo eu dizendo, mesmo jurando de todo o meu coração, ele puxou outra agulha, sem cuidado nenhum.

— Prometa que vai ser sempre minha. — A mão dele parou sobre a agulha que atravessava a pele do meu púbis, batendo o dedo nela, fazendo o local latejar.

— Eu prometo, prometo — repeti, fechando os olhos, cansada.

Mal tinha acordado e já caía em outro pesadelo.

— Ótimo. Agora diga que me ama. Diga que não vive sem mim.

— Eu o amo, o amo muito. Não posso viver sem você, mas, por favor, pare de me machucar — soprei, sentindo a saliva grossa se acumular na minha boca.

— Ah, passarinho. — Ele parou de bater o dedo na agulha. — Você é tão perfeita... Minha melhor e maior obra, até agora. — Sorrindo, como se estivesse orgulhoso, me fez queimar, como se houvesse fogo entre minhas pernas, quando puxou o instrumento de tortura.

Eu gritei, mas pude ouvir quando ele disse:

— Seremos tão, mas tão felizes juntos.

E ali eu entendi que era daquilo que ele gostava.

Quanto mais eu sofresse, quanto mais eu gritasse e chorasse, mais feliz ele ficava.

Foi por isso que, quando ele tirou a última agulha do meu corpo, eu mal conseguia abrir os olhos de tão inchados por causa do choro, também não podia falar direito, já que minha garganta estava ferida por conta dos gritos. E sem me desamarrar, Bartek se deitou com a cabeça contra o meu peito e abraçou meu corpo, como se fosse uma criança carente, parecendo satisfeito com o que tinha feito.



Por um mês inteiro eu vivi no inferno.

Minhas roupas se resumiam a camisetas de mangas compridas e golas altas, calças de moletom e cabelos soltos. No começo, eu até tentei cobrir um hematoma ou outro com maquiagem, mas depois, eram tantos que não valia a pena.

Evitei cada um dos programas para os quais me convidaram.

Consegui fugir de todo mundo e, toda vez que entrava em casa e me via completamente sozinha, me permitia cair no chão, abraçada ao meu cachorro, e chorar até perder a consciência.

Nos dias em que tinha paz, aproveitava para descansar, já que Bartek exigia de mim mais do que meu físico podia aguentar. Além da minha mente estar uma bagunça, já que ele parecia gostar de me ver daquele jeito mole, sem poder lutar.

Ele quase não me amarrava mais, confiante de que eu não faria nada contra ele.

Como poderia? A todo segundo, enquanto me usava e machucava, ele lembrava que meu corpo e minhas vontades não me pertenciam mais.

Eu era nada.

Um nada gigantesco, e ele seria o mestre do meu destino.

Quando Elizabeth tentou me tirar de casa, eu a convenci que a dor por perder Felippo ainda era grande. A história convenceu Louis, Matteo, Frederico e meus pais. A desculpa de usar Felippo como a razão da minha insanidade momentânea foi o bastante para que Giordana me deixasse quieta, mas só eu sabia o que acontecia. Só eu sabia que, resistia como podia, por mim, por Zola, por um amor que eu nunca poderia viver plenamente. Que nunca veria dar frutos.

E funcionou bem, até aquela manhã, até a maldita manhã, depois de uma noite insana com Bartek me içando ao teto e achando divertido me ver quase perder a consciência, conforme me privava de ar.

— Olá, sorella. — A voz de Louis do outro lado da linha me fez tremer.

— Irmão, bom dia — falei, sonolenta. — Está tudo bem?

— Estou com a agenda livre para a hora do almoço. Resolvi ver você.

— Ah, eu não dormi nada...

— Não é um problema, será rápido. Tenho uma hora livre, será o bastante.

— Mas, eu...

— Até daqui a pouco. — Ele desligou.

— Droga! — xinguei, largando o celular na cama e cobrindo o rosto com as mãos.

Como eu mentiria para Louis? Como seria encarar meu irmão e manter a máscara no lugar?

Sem saber o que fazer, lavei o rosto, escovei os dentes, me maquiei o melhor que podia, incluindo os roxos do pescoço e dos braços, caso acabasse deixando algo à vista, e treinei sorrir.

Treinei como nunca, sabendo que convencer Louis seria o maior e pior desafio de todos.



Achando estar forte, estranhei quando Henry abriu a porta do carro vazio para que eu entrasse.

— Onde está meu irmão?

— No restaurante, senhorita.

— Ah, claro...

Entrei no carro, um pouco contrariada, e descasquei todo o esmalte das unhas até chegar ao destino. Realmente acreditei que seria fácil fingir estar tudo bem por uma hora, mas foi só Louis se levantar para me abraçar, que ao sentir seus braços em volta de mim, o choro veio.

Eu não conseguia me controlar.

Meu nariz formigou quando tentei travar a tempestade que havia no meu peito em minha garganta, e não adiantou de nada tamanho esforço, já que no segundo seguinte, um soluço forte tomou conta de mim e me derrubou.

— Giovanna, o que aconteceu? — Meu irmão parecia preocupado e não soltou meu corpo, me permitindo chorar mais um pouco dentro do seu abraço.

— Eu só... Deixa. — E me afastando dele, me sentei ao seu lado, não conseguindo fazer as lágrimas pararem de cair.

Louis me observou por alguns minutos, apoiado no cotovelo, os dedos médio e indicador batendo nos lábios.

— Você está bem? — ele perguntou, depois de um bom tempo em silêncio, me estendendo um papel ao ver meu esforço para engolir o choro.

— Não. E não sei se algum dia vou ficar. — E chorei ainda mais, me sentindo culpada por ser tão fraca. —

Ainda não consigo engolir a morte de Felippo. Dói demais, o tempo todo — menti, do jeito mais firme que pude, mas meu irmão não se moveu, nem mesmo quando os pratos foram servidos.

Sob o olhar minucioso do meu irmão mais velho, tentei me calar e comer, concordando ou negando com a cabeça, quando Louis me perguntava algo, cheia de medo de que ele visse a verdade nos meus olhos, principalmente depois da pergunta chave, a qual eu era treinada todos os dias para responder:

— E Bartek? Você o ama?

— Com todo o meu coração, com licença — pedi, já me levantando, correndo para o banheiro, pronta para vomitar todo o veneno que aquela mentira injetava no meu ser.



CAPÍTULO 30

*A paciência está ficando curta, ficando curta
Promessas quebradas novamente, que pecado
Mas isso apenas alimenta minha energia
Então não espere nenhuma simpatia*

WITHE FLAG, BISHOP BRIGGS.

LOUIS

A imagem de Elizabeth dormindo era fixa em minha mente.

Nos últimos tempos, era raro encontrá-la da forma como a vi naquela manhã. Cansada, entregue, dormindo nua entre os lençóis da minha cama.

Também era divertido, já que toda noite ela prometia que não repetiria a dose, e era só eu a provocar, que via suas palavras e determinação irem pelo ralo. Era quando eu bobeava em achar que estava ficando fácil, até ela acordar, me tratando como se eu fosse um completo

desconhecido e fugindo para seu quarto no andar de baixo, roubando meu lençol, me culpando por não resistir.

O que eu podia fazer?

Estava plenamente satisfeito com o que vinha acontecendo.

Tê-la embaixo do meu teto novamente tinha sido uma grande vitória, porque, por mais irritante que fosse, eu não conseguia deixar de pensar nela, mesmo quando sabia que voltaria para casa e a encontraria lá.

E apesar de odiar admitir, àquela altura do campeonato, Lizzie tinha, sim, algum poder sobre mim, e era além do sexo, além de sua presença. Eu só não queria descobrir até aonde aquilo ia, porque se dissecasse meu peito, provavelmente só encontraria pó, e decepcioná-la no momento não era uma opção.

Estava tudo muito instável para arriscar perder Elizabeth no meio do caos.

E, entretido com pensamentos aleatórios, olhava a manhã cinzenta que acolhia Nova Iorque da janela do meu escritório no quartel. Tinha tanta merda para resolver que, nos últimos meses, eu passava mais tempo ali do que em qualquer outro lugar. Distraído, tomei um leve susto com o celular vibrando forte sobre a mesa de madeira. Olhei o nome no visor e esperei mais treze segundos para atender.

Aquela história já tinha me dado nos nervos, desde o ano novo.

— Bom dia, Francesco. Esta é sua ligação de número setenta e três, desde o ano novo. — O tédio em minha voz ditou o ritmo da conversa. — Você está me irritando com essa falta de respeito.

— Don Luppolo, eu sinto muito, mas preciso voltar a falar sobre isso, quando sinto que estou entregando minha filha na mão de alguém que não vai respeitá-la. Nós sabemos o tipo de homem que Marchiori é.

— E sabemos que ele nunca pisou fora da linha com as obrigações com a Família. Sua filha está segura pela nossa lei, Francesco.

— Como pode me garantir? — A pose de pai preocupado me irritava.

— Quanto quer pela garota? — perguntei, já sem paciência, me encostando contra a cadeira. — Porque, se for uma garantia em quantia, nós podemos resolver. Marchiori pagaria por sua filha, um bom dote, mas então eu cobraria o que me deve. Arianna nunca demonstrou a porra do respeito e da obediência que deveria. Se ela não respeita suas regras, é um problema seu. Sempre ignorei o fato de todos dizerem que ela é atrevida demais para uma mulher da Família, porque acreditava que ela soubesse o

peso que carregava nas costas. Você me fez crer nisso, Francesco. Mas quando sua filha desobedece a uma ordem direta, vinda de mim, eu não me importo com a porra do sobrenome dela. Arianna não tem honra.

— Você não é pai ainda, um dia vai entender.

— Não. Não vou. — A ideia da paternidade não me animava.

Filhos eram pequenos soldados, prontos para assumir o posto dos pais, quando estes estivessem velhos demais para comandar, e eu tomaria o devido cuidado para que vivesse por muito tempo, sendo útil, para que ninguém tomasse o que era meu.

— Don, por favor — ele insistiu e me levou ao limite.

— Francesco, este é meu último recado. Ou sua filha se casa de boa vontade, ou se casará arrastada e sem a língua, porque vou cobrar minha dívida. O que vai ser?

O silêncio do outro lado da linha entregou que um dos meus capos mais importantes guardaria mágoa de mim.

— Arianna estará pronta.

— Ótimo. Só me procure se o assunto for outro que não sua filha. — Sem esperar uma despedida, encerrei a ligação e larguei o celular em cima da mesa de novo,

pensando que Arianna facilitaria muito, se fosse obediente como Giovanna. O trabalho seria muito menor.

E pensando na minha irmã caçula, sem engolir o choro todo dela no almoço do dia anterior, pedi para Kira chamar Zola.

O soldado apareceu cinco minutos depois, batendo na porta, parecendo ansioso.

— Entre — mandei e ele seguiu.

— Queria me ver, senhor? — Encarei o rapaz por alguns minutos, analisando-o.

Eu sabia de sua paixão por Giovanna, também sabia da sua fidelidade, e se ela estivesse em perigo, com toda a certeza, ele saberia.

— Se mentir, coloco uma bala na sua cabeça. — Meu discurso começou bem, fazendo com que ele endireitasse a postura e forçasse o maxilar. — O que está acontecendo com Giovanna? Não acredito que minha irmã esteja em depressão por causa de Felippo. Não mesmo.

— Eu também não. — Ouvir que minhas suspeitas estavam certas me deram raiva. — Tenho seguido Bartek e Giovanna sempre que posso, mas quase o tempo todo eles ficam dentro de locais fechados. Publicamente, em restaurantes, Giovanna parece um zumbi, parece ter medo

dele, e eu não duvido que ele possa estar sendo abusivo com ela.

— Cazzo — xinguei, tapando os olhos e suspirando profundamente. — Alec avisou que o garoto era problema e eu achei que vendo como eu trabalhava, o desgraçado fosse respeitar as regras da minha casa.

— Com todo respeito, senhor. Bartek é manipulador e narcisista. Egóico. Analisando-o friamente, é o perfeito dissimulado.

— E minha irmã está passando tempo demais com ele nos últimos tempos... Por que não me avisou antes, porra? — Bati na mesa.

— Eu tentei. — Zola se encolheu.

— Cala a boca — mandei, não querendo ouvir que tinha sido relapso com Giovanna por pura distração com o trabalho.

Era a porra da minha irmã!

Contei até trinta e oito, tentando ser racional.

— Descubra aonde eles vão estar hoje, não importa se público ou privado, vou colocar Bartek em seu lugar.

— Sim, senhor. — E levantando-se da cadeira, parecendo aliviado, Zola saiu do escritório com agilidade.

Que o susto que eu fosse dar naquele maldito bastasse, porque se, depois de casados e longe de casa, ele machucasse Giovanna, provavelmente eu arranjaria a guerra do século, sem me importar que fosse do outro lado do continente.

Ninguém fazia a Dark Hand de idiota, mesmo que fosse sangue aliado.



Esperiei dentro do carro até ver Giovanna descendo com Bartek. A maneira como ele foi até ela, não deixando o vallet fazer seu trabalho, me disse muito.

Bartek tinha minha irmã como sua propriedade. Eu não gostava disso.

— Vai descer agora, senhor? — Henry me perguntou, sentado ao meu lado.

— Espere um pouco. — Contei mentalmente todas as coisas brancas da rua, esperando dar o tempo certo de entrar e fazer minha festa acontecer. Se Bartek achava que podia brincar com a minha cara, na minha casa, eu o ensinaria como minha cidade funcionava.

— Os homens do carro de trás estão prontos? — perguntei, depois de ter certeza de que minha irmã e seu noivo estariam sentados, despreocupados.

— Sim, senhor.. — Ele olhou pelo vidro traseiro.

— Então, vamos lá.

Logo que abri a porta do carro, na avenida movimentada, Henry ficou ao meu lado, assim como Zola, em seguida, com outros três homens.

— Cuidem de câmeras e celulares, não quero nenhum registro disso — avisei, ajeitando o paletó.

Não foi preciso uma confirmação vinda deles, não era a primeira vez que eu agiria daquela forma à luz do dia e com testemunhas em volta.

Por sorte, eu conhecia o dono do restaurante e logo que soube ser ali que os pombinhos almoçariam, movi minhas peças. Eles estariam na parte mais reservada do salão, e eu não perdi tempo esperando alguém me receber na porta.

Minha cabeça não parava de contar meus passos, desde que havia atravessado a rua.

Um, dois, três, quatro.

Vinte e um, vinte e dois, vinte e três.

Giovanna parou de comer, parecia que via um fantasma ao olhar no meu rosto.

— Se não comer, vai pagar o preço — Bartek disse, de costas para mim, baixo o bastante para que só ela escutasse e, de repente, vi sua mão indo para a perna de Giovanna, pronto para beliscá-la.

A entrada dele era uma sopa.

Péssimo dia, péssima escolha.

O ódio, a raiva, os velhos e bons sentimentos que eu conhecia, se apossaram do meu corpo junto à adrenalina, e antes que o polonês conseguisse machucar minha irmã, peguei sua cabeça e a afundei em direção à mesa, mergulhando seu rosto na sopa, com tanta força que, se aquilo não fosse tão importante, seria um prazer vê-lo afogar com a comida.

— Estraguei o almoço de vocês? Sinto muito — falei para Bartek, entredentes, enquanto ele lutava para erguer a cabeça e respirar pela boca, engolindo a lufada de ar, fazendo um som horrível.

Eu adorei.

— Louis, o que está fazendo? Pare, por favor! — Giovanna se levantou, colocando as mãos sobre a minha. Ela mal me tocou e Zola a puxou para trás.

— Não se meta, Giovanna — ele disse, e o olhar dela para o rosto dele foi de súplica.

— Não, não façam isso, por favor! — Minha irmã começou a chorar.

— Calada — ordenei, mas ela parecia agoniada como eu nunca havia visto. — Zola, erga a camiseta de Giovanna, quero ver seus braços. — E, pela primeira vez, minha irmã lutou. Olhei, impressionado, um pouco chocado e decepcionado por vê-la daquela forma.

— Não! Não me toque! — Ela se afastou do soldado e puxou as mangas das blusas para a palma das mãos, prendendo-as ali, como se a vida dependesse disso.

Eu não precisava ver mais.

Soltei Bartek, empurrei a cadeira que ele sentava com o pé e, ouvindo o caos em volta, as poucas pessoas completamente em choque, larguei o caçula de Alec e o vi cair de joelhos no chão, erguendo o rosto sujo, parecendo decidir se revidava ou se agia como o bom moço que vinha encantando todo mundo.

— Erga esse filho da puta — pedi para Henry e ele me obedeceu, colocando o polonês em uma altura decente para que eu o encarasse nos olhos.

— Eu não fiz nada — ele disse em polonês. — Sua irmã não está comendo direito. — Ignorei o que ele disse.

— Se não cuidar de Giovanna, vai pagar o preço. E o meu é muito mais do que um beliscão — respondi em sua língua e, querendo que um ou dois dentes viessem como recompensa, encaixei o soco inglês que estava em meu bolso na mão direita e acertei a bochecha de Bartek primeiro, seguindo com um soco tão forte quanto, bem no meio de seu peito.

Ele tentou se curvar, tossiu e cuspiu vermelho no chão claro.

Sangue.

Era o meu preço, sempre seria.

O quão filho da puta ele fosse era o que definiria a quantidade.

Estralei o pescoço e alonguei os ombros, respirando fundo, sentindo a besta dentro de mim querer tomar conta só por sentir o cheiro metálico do sangue.

— Estou de olho em você, Bartek. Esta é a minha cidade, aquela é a porra da minha irmã, e você não brinca com o meu sangue, entendido? — Ele não olhou nos meus olhos, não teve coragem, como o covarde que era. Por isso, me aproximei dele, segurando seu rosto com as

pontas dos dedos fincadas em sua pele e o obriguei a me encarar. — Minha irmã não é sua mercadoria. — E cuspi no rosto dele, ordenei: — Zola, leve Giovanna daqui.

— Você está errado! Ele está me ajudando! Tire a mão de mim! — ela gritou com Zola. — Não percebe o que está fazendo? Isso é um erro! — Ela chorava como nunca.

— Sorella — chamei sua atenção com a voz mais baixa e calma possível. — Estou decepcionado com você.

E então ela se calou, como se alguém tivesse apertado o botão de desligar que havia em seu corpo.

— Sua irmã e eu, nós nos amamos — Bartek teve coragem de dizer, mas falou com o vento, pois eu já não estava prestando atenção nele.

— Henry, mande alguém cuidar desse filho da puta e o coloque de castigo. Alguns dias sem água e comida, em uma das nossas celas mais escuras, vão ensinar um pouco de respeito a Bartek. Vou ligar para Alec do carro e contar o que aconteceu, aqui antes que esse merdinha tente dar uma de vítima. Depois, vá para o carro, temos compromisso e eu não quero voltar tarde.

Tendo a resposta positiva do meu soldado, voltei para o carro, já com o leão da montanha do outro lado da linha, dizendo em tom de lamentação: *“Bartek é uma vergonha.”*

Agora eu sabia, mas talvez fosse tarde demais.

As transações já estavam quase concluídas, o casamento estava em cima. Eu precisava contar com que o medo de mim e a convivência com Alec colocassem o noivo de Giovanna na linha.



Depois de ficar por uma hora dentro do carro, com os fones de ouvido no volume máximo, tamborilando os dedos na minha maleta no ritmo de cada uma das músicas, vi quando o portão da fazenda surgiu na estrada.

O soldado no banco do carona desceu para abri-lo e liberar a passagem pela pequena estrada e, animado por poder liberar um pouco da tensão daquele dia e descontar no meu convidado de honra as frustrações todas, tirei os fones de ouvido e comecei a contar.

Mil e duzentos segundos até o carro estacionar em frente ao celeiro.

Eu nem acreditava que, finalmente, veria Bóris.

Quase cinco meses depois, e eu finalmente poderia me divertir, mesmo que pouco, com a carcaça dele. Era uma pena.

Abri o celeiro, deixando a luz da tarde entrar e, pegando a mangueira do compressor de água, assoviei a música que tocava na minha mente e andei em passos lentos, batendo o metal da ponta da mangueira nas barras de ferro, até chegar à cela de Bóris.

O cheiro de mijó e merda arderam nas minhas narinas.

— Você está um lixo — comentei em um tom bem-humorado, vendo a camisa que um dia foi branca, completamente encardida. As calças rasgadas, os pés sujos e descalços.

Bóris, muito mais magro do que antes, estava sentado, encolhido no canto do banco de madeira em que dormia, escondido entre palha e excremento.

— Foi assim que deixou sua mulher ficar, antes de morrer?

Pela carta que acharam de Olga, com certeza era bem parecido. Ele parecia em outro mundo, o olhar vidrado no chão levou alguns segundos até se erguer na minha direção, e quando eu o encarei, pensei na possibilidade de o homem ter enlouquecido.

Bóris riu, babando em si mesmo, limpando com as costas da mão.

— Não aguentou de saudade, não é mesmo, italianinho imundo? Aposto que veio aqui para me contar que a puta da sua irmã foi abraçada pela Famiglia. — O tom irônico e desesperado me deu asco. — Como vai o casamento dos seus pais? A corna da sua mãe engoliu a traição? Todos já sabem que você quase se casou com sua irmã? Ela é gostosa, não? Me conte, você aproveitou um pouco antes?

A provocação não tinha efeito em mim, mesmo que se aquela história vazasse e eu fosse julgado por terceiros. Eu não sabia na época e só a minha opinião importava.

— Que lástima ver você nesse estado... Um homem tão poderoso, há meses tirando férias... Será que seus homens já te substituíram?

— A Bratva não funciona como vocês — ele disse, seguro de si. — Eles vão achar um líder entre eles, e virão com tudo para cima dessa merdinha de país. — Bóris gargalhou. — Acha que está acabando comigo, Luppolo? Espere até que eu saia daqui.

— Até lá, você precisa de um banho. Ou vários. Mas não se preocupe, vou preparar você para seu algoz. — Cansado da falação desesperada de Bóris por qualquer atenção, abri a mangueira, direcionando o jato de água

fortíssimo para o peito dele, ouvindo o grito de agonia, enquanto a força da água machucava sua pele.

Quando terminei, a cela estava limpa, Bóris estava se recuperando, encolhido no chão, sem roupas, já que a pressão da água havia lhe rasgado os trapos.

— Prendam-no sobre a roda d'água nos dias quentes. Quero sua mente quebrada, mas não o quero doente. Bóris precisa durar muito tempo, não deem a chance de ele morrer — pedi para Logan, o capataz principal da fazenda.

E assim que entrei no carro, conferindo a hora, peguei o telefone, discando o número que fiquei meses sem digitar.

— Já pousou? — perguntei, esperando ansioso pela resposta.

— Acabamos de chegar.

— Bem-vindo de volta — cumprimentei Felippo, antes de atualizá-lo da atual situação.

A traição corroía a Dark Hand, mas em breve, eu cortaria a cabeça da serpente.



CAPÍTULO 31

*Eu vou escolher minhas batalhas
porque eu sei que vou ganhar a guerra*

WARRIOR, AVRIL LAVIGNE.

GIORDANA

Eu sabia que havia algo de errado.

Eu a conhecia como a palma da minha mão e, depois de tantos meses sem conseguir confrontá-la, ainda mais depois de um Natal e Ano Novo em que seu noivo não a largava por mais de cinco minutos, o jeito foi aproveitar a pequena folga que teria e correr para a porta do seu apartamento.

E se aquilo tivesse sido combinado, não teria dado tão certo.

Paolo estacionou o carro na vaga disponível, quase em frente ao prédio de Giovanna, e assim que abriu a porta para que eu colocasse o pé para fora, a discussão e as buzinas altas no meio da rua me chamaram atenção. Me

ergui, analisando o que acontecia, sentindo o vento frio entre os cabelos, conforme os ombros pesavam.

Havia algo muito errado.

— Eu já disse, você está atrapalhando tudo! Estou fazendo isso para o seu bem! — Giovanna gritava para Zola.

— Não quero que se sacrifique por mim. Eu sei me cuidar.

— Você não sabe o que diz. Eu vou entrar, me deixa!
— O som das buzinas cortou a última frase dela e eu olhei para o carro, parado no meio da rua com as portas do motorista e do passageiro abertas.

— O que está acontecendo aqui? — perguntei, me aproximando, vendo o desespero na cara da minha melhor amiga e na de seu segurança.

— Nada — ela mentiu, rápido, encolhendo os ombros, cruzando os braços e desviando o olhar para o chão.

— Não é nada — Zola disse, por cima dela. — Bartek está fazendo mal à Giovanna e ela se recusa em fazer uma acusação. Inventou as mentiras mais absurdas para os machucados todos que tem no corpo, no caminho para cá.

— Não diga isso para ela! — Giovanna quase chorou no ataque de raiva que teve para o cara que ela dizia ser

seu melhor amigo.

— E não vai me dizer por quê? — Coloquei as mãos na cintura, indignada com o que via, ignorando a confusão em volta. — Paolo, coloque o carro de Zola na garagem, por favor — pedi, sobre o ombro, e voltei a encarar Giovanna. — O que é que você está escondendo?

— Você me julgaria — ela disse, tentando engolir o choro, com o olhar magoado.

— Quando é que fiz isso, nesses anos todos? Giovanna, lembra. Se Bartek é um risco, você não pode se casar com ele. Podemos falar com o meu irmão, com o seu, dá para fazer alguma coisa.

— NÃO! — Ela tomou fôlego e gritou. — Não se metam na minha vida! Saiam daqui, não quero ver vocês tão cedo. Se não podem confiar em mim, se não podem respeitar o que estou pedindo, quero vocês fora! — E sem maiores explicações, ela entrou pelo portão, deixando a mim e a Zola na calçada, expostos, com cara de tacho.

— Ok, que merda está acontecendo? — perguntei para o homem loiro. — Eu nunca a vi tão fora de controle, e olha que quando eu implicava com Felippo, ela ficava doida.

— Eu... — Ele suspirou. — Eu não sei. Giovanna parece ter virado refém, mas você sabe das regras.

— Sei. Se o tapa em sua mulher for discreto, se a violência física não causar danos e ela não denunciar no conselho...

— Não adianta de nada. — Zola pareceu tão inconformado quanto eu com aquilo.

— Onde está Bartek? — perguntei, a contragosto.

— De castigo. Louis passou por cima da lei, Giovanna está desse jeito porque acabamos de pegá-lo no ato, no meio de um almoço dos dois. Pelo que ouvi, enquanto saía, ele vai ficar alguns dias de molho, trancado.

— Se ele realmente está fazendo isso com ela, merecia muito mais. Como Louis vai permitir que a irmã se case com alguém que não a respeita? Que, claramente, não a ama?

Ele era mesmo a merda do diabo.

— Não faço ideia... — E eu tive a impressão de que ele continuaria aquela frase, mas não confiava em mim o bastante para colocar mais pensamentos para fora.

Fiquei em silêncio por algum tempo, olhando para o portão à minha frente, completamente frustrada pelo

encontro com minha melhor amiga ser tão desastroso, que, só depois de alguns minutos, consegui ser mais racional.

— Você sabe onde Bartek mora?

— Sei...

— Pode me fazer um favor? — perguntei, olhando nos olhos de Zola, esperando que ele não negasse.

— O que precisa?

— Quero saber o momento exato que ele vai sair da jaula, além do endereço. Vou fazer uma visita...

— Giordana, se ele machuca Giovanna, você acha mesmo que não vai te machucar?

— Ele não é louco. E eu não vou sozinha. Meu irmão me deve um favor.

— Isso é loucura...

— Não estou pedindo sua opinião, estou pedindo uma chance de confrontar esse idiota, já que ninguém parece fazer direito.

Ele suspirou, olhando em volta, como se estivesse com medo de alguém mais ouvir.

— Você tem certeza de que seu irmão vai estar com você?

— Tenho. — Fui firme na mentira.

— Ok... Qualquer ajuda é bem-vinda.

E assim que meu segurança voltou, entrei no carro e fui ver meu pai, pronta para agradecê-lo mil vezes mais do que já tinha feito, só por não precisar viver a angústia que minha melhor amiga vivia naquele momento.



— Pai? — chamei por ele, assim que entrei no apartamento e tirei os sapatos. — Pai? — chamei mais alto.

— Ele não está. — A voz do meu irmão me fez erguer o rosto, vendo-o colocando a cabeça para fora do escritório no corredor. — Quer deixar recado? — Salvatore brincou e sorriu, me vendo ir em sua direção.

— Não, mas preciso muito falar com você. — Assim que meu irmão juntou as sobrancelhas e colocou o corpo para fora, no corredor, uma vontade esmagadora de chorar foi crescendo no meu peito a cada passo que eu dava e quando, finalmente, eu o abracei, desabei em seus braços.

— O que está acontecendo? Você está bem? — ele perguntou, preocupado.

Eu quase nunca chorava, achava que era fraqueza da minha parte demonstrar tanto, mas não conseguia aguentar. Por todo o caminho para casa, a imagem de Giovanna sendo machucada, ameaçada, com medo, com os sonhos em pedaços, me deixou no chão.

Ela era o mais próximo de família que eu tinha, além dos que compartilhavam o sangue comigo.

Ela era a única irmã que eu teria na vida e eu daria a vida por ela, fácil, simples, rápido. Sem pensar no depois. Era minha obrigação, nós duas sempre funcionávamos assim, em complemento. No que não éramos parecidas, éramos encaixe. Enquanto ela mal levantava a voz, eu não tinha medo de falar alto. Enquanto ela achava normais as regras do nosso mundo, eu nunca me conformei. Enquanto ela se encolhia e fugia de conflito, eu dava a cara a tapa e ia para cima, não me importando com quem estivesse do outro lado. E, Deus, como eu poderia cuidar dela, saber que estava bem, quando via tudo começar a desmoronar?

Faltava menos de um mês para o seu casamento.

Em menos de um mês, ela seria arrastada para longe, com um marido desgraçado, em uma vida que seria o inverso do seu conto de fadas.

Desolada, me lembrei de quando ela me mostrou o desenho do vestido que queria usar, quando tínhamos

doze anos. O recorte mal feito da página da revista ainda existia em alguma das pastas de colagens dela. O vestido de brincadeira, secretamente, estava pronto, há anos, feito com uma boa costureira onde Giovanna me levou, por várias e várias vezes, para poder usar o vestido, enquanto planejava seu futuro ao lado do marido perfeito.

Eu nunca quis nada daquilo.

Nunca quis um marido, porque sabia que nunca conseguiria amar e confiar em um homem que trabalha para a máfia. Nunca quis filhos, porque sabia que o destino deles seria o mesmo dos meus amigos, ou se transformariam em monstros, ou então em mulheres sem voz.

Eu nunca quis fazer parte daquele mundo, e era abençoada demais por minha família estar disposta a pagar o preço para me deixar livre. Mas ver minha melhor amiga virar vítima do sistema em que vivíamos me doeu na alma, como uma ferida incurável, que apodreceria pouco a pouco, dominando o resto do meu ser.

Giovanna era parte de mim, e se algo acontecesse com ela, não queria nem imaginar o que poderia acontecer comigo.

— Por favor, me empresta sua arma — pedi, depois de me recuperar.

— Como? Giordana...— Salvatore me pegou pelos ombros e olhou bem para o meu rosto, como se eu fosse louca.

— Por favor — pedi. — Você sabe que eu sei usar direito e que não farei nenhuma besteira.

— Não. Minha arma? Não. — Ele suspirou e me guiou para dentro do escritório.

— O que acontece?

— Giovanna. Eu tenho certeza de que Bartek está aprontando com ela — falei, me sentando e apoiando os cotovelos nas coxas. — E eu preciso fazer algo.

— Gio, não é problema nosso... Sei que Louis está cuidando disso.

— Louis é um idiota, narcisista maldito, que não entende nada! Giovanna nunca vai denunciar, não entende? Ela nunca vai dizer um A e mesmo com Louis e a porra toda sabendo o que acontece, ninguém vai interferir! — esbravejei. — Ela é tão minha irmã quanto você.

— Calma. — Meu irmão deu um longo suspiro e ficou um tempo em silêncio. — Vamos fazer o seguinte, eu vou cuidar da sua proteção, vou com você.

— Sério mesmo? — Comecei a chorar de novo, agradecida, escorregando para o chão, abraçando as

pernas de Salvatore. — Obrigada. Obrigada!

— Mas escute, não posso encostar nele. Então, se controle com as palavras. Se ele acabar indo para cima de você, eu o matarei e isso vai acabar com os negócios. Já lido com muita merda, e mais essa não vou conseguir administrar.

— Ele não vai, Bartek deve ser o tipo de pessoa que não faz nada com um homem presente. Maldito abusador... Não consigo ficar em paz com a ideia de ele estar a machucando...

— Vamos dar um jeito. — Ele acariciou meu cabelo.
— E você nunca vai precisar passar por isso, lembra?

Mas, a ideia de que minha melhor amiga passaria, não me confortava.



Eu mal consegui conter a ansiedade. Precisei meditar, tentei ler, ver algum filme, mas nada me prendia, nada, até que meu irmão me ligou.

— Sem falar nada, porque sei que papai está aí, se vista e desça. Estou esperando na garagem.

— Ok.

Calçando as botas com a maior rapidez que conseguia, obedeci ao meu irmão e, menos de cinco minutos depois, estava entrando no banco traseiro de seu carro, ficando junto dele.

— Como será? — perguntei, apreensiva.

— Ele está saindo agora do QG, vamos pegá-lo no meio do caminho. Você terá pouco tempo, mas se quer ser a *bad ass* uma vez na vida, eu vou adorar assistir. — Ele sorriu, parecendo tranquilo.

— Não está preocupado que ele reclame com Louis?

— Sobre o quê? Que uma mulher o ameaçou? — Salvatore riu e revirei os olhos, me ajeitando no banco, sentindo meu celular virar.

A mensagem de Zola na tela veio de um número desconhecido, tudo o que dizia eram os números das ruas e eu sabia que aquilo era um sinal. Era infinitamente melhor não precisar seguir com o plano de encurralar Bartek em sua casa, por isso, deixei a mensagem lá para responder depois.

Depois de vinte minutos no trânsito, o motorista do meu irmão disse sobre o ombro:

— Senhor, o carro é aquele branco. — O homem careca apontou e eu mordi a ponta da língua, sentindo o

ódio por Bartek ser maior que o meu medo, estranhando meu corpo parar de tremer pela ansiedade e uma súbita calma tomar conta.

— Ultrapasse e o obrigue a parar — meu irmão mandou, e me encarou. — Está pronta?

— Estou — respondi, sem tirar os olhos do carro branco.

Segurei-me com firmeza, enquanto o motorista fazia a manobra e quando o carro cantou pneu na pista, causando uma verdadeira confusão no trânsito, meu irmão abriu a porta do carro e sussurrou para mim:

— Você sabe o que fazer.

— O que é? — Ouvi a voz com sotaque forte perguntar e, em um segundo, fechei os olhos e respirei fundo, tomando coragem de sair do carro.

Assim que me ergui e olhei para trás, vi Bartek apoiado na porta do passageiro. Ele parecia abatido, mas a expressão fechada era de quem tinha raiva, não medo.

— Minha irmã quer trocar uma palavra rápida com você, e que lugar melhor do que bem aqui? — meu irmão provocou e eu, ajeitando o cabelo para trás, senti meu corpo seguir sozinho, passo a passo, na direção do noivo da minha melhor amiga.

Ele não sorriu, só me encarou com seus olhos azuis sérios demais e ficou quieto, até eu estar próxima o bastante para ouvir a música baixa de dentro do carro.

— Vim até aqui dizer que, se você continuar a machucar Giovanna, vou matá-lo. Eu juro. E posso morrer depois disso, não me importo, mas você terá seu lugar reservado no inferno, entendido? — Meu tom era calmo, seguro. Parecia que eu dava instruções a uma criança.

Uma das sobrancelhas dele se ergueu. O polonês me mediu de cima a baixo.

— E você acha que é quem para me ameaçar? — Ele sorriu, parecendo achar divertido.

— Alguém que sabe como fazer seu corpo parar, só de encostar em seu pescoço. E acredite, se precisar, eu vou. — Dei um passo para trás e falei mais alto: — Espero que tenha entendido o recado.

Dei as costas ao homem que parecia feito de gelo e voltei para o braço do meu irmão, que estava erguido, pronto para me guiar para dentro do carro.

— É assim que a Dark Hand trabalha? Manda suas vadias para dar o recado?

— Essa vadia vai cortar o seu pau, se você não se comportar, Bartek. Eu não tenho amizade com seu irmão

como Louis, e não tenho problema nenhum em acabar com a sua festa no meu território. Tenha um bom dia. — E, entrando ao meu lado, ele me abraçou pelo ombro e apertou meu nariz. — Onde é que você aprendeu a ser tão mafiosa?

Salvatore parecia ter orgulho, mas eu sabia que não seria tudo tão simples.

Pegando meu celular, respondi um “obrigada” ao número de Zola, rezando para que Bartek tivesse noção de que minhas palavras não eram promessas vazias



CAPÍTULO 32

*Porque quando estou em seus braços, nos seus
braços*

Eu não quero estar em nenhum outro lugar

Leve-me da escuridão, do escuro

Eu não vou fazer isso sozinho

*Coloque seus braços em volta, ponha seus braços em
volta de mim*

Deixe seu amor me cercar

Eu estou perdido

CAN YOU HOLD ME, NF.

GIOVANNA

Por dois dias, eu defini.

Meu corpo todo doía, muito, mas nada podia ser comparado ao medo que eu sentia.

Por que é que Zola não entendia? Se eu estava quieta, se eu estava aguentando, era por ele.

Eu não me importava que Bartek espalhasse as fotos que tinha tirado de mim em momentos tão comprometedores, mas queria morrer, só de pensar na possibilidade de ele mostrar para Louis as provas de que Zola e eu éramos mais do que amigos, de ele contar sua versão sobre a perda da minha virgindade.

Não conseguia parar de chorar, não conseguia parar de tremer, pensando em como seria quando Bartek fosse libertado, quando tivesse a chance de colocar as mãos em mim de novo.

Faltava muito pouco para que eu fosse sua esposa, mas mesmo sem aquele título, eu já era sua propriedade. Sem vontade própria, sem direito, sem escolha.

Eu era uma marionete em suas mãos, um diamante que, segundo ele, estava sendo lapidado e valia muito.

O que é que valia muito, no final das contas? Eu, meu sobrenome, ou o poder de fazer tudo aquilo comigo, sem ter nenhuma retaliação?

Antes de Bartek aparecer, cheguei a acreditar que ninguém é puramente mau. Ninguém podia ser ruim só por diversão, mas ele havia mudado todo o meu conceito, toda a minha crença.

Se diziam que meu irmão era o demônio, Bartek devia ser o próprio leviatã.

No limite da fome e da fraqueza, me levantei, com Coelho implorando por atenção, coloquei comida para ele e esquentei no micro-ondas um dos potinhos de comida que o novo nutricionista que mamãe havia me obrigado a visitar mandou comprar.

Sentei-me na bancada, desanimada, e, depois de mexer muito com o talher na comida, me sentindo culpada, levei o garfo cheio até a boca.

O calor da comida abraçou minha língua, o sabor fez meu corpo estremecer e eu quis recomeçar o choro. Agradei por estar sozinha, já que podia chorar livremente, em vez de segurar o choro na garganta e ficar dolorida.

Mastiguei lentamente e várias vezes, tantas, que nem sabia quantas. Engoli e repeti o ato algumas vezes, me vendo cheia, antes de terminar a porção. Larguei o pote e o talher ao meu lado e limpei o rosto, olhando em volta, para o apartamento que eu tanto amava.

Aquele não seria mais meu lar.

Lugar nenhum na terra seria.

Será que havia sensação pior do que aquela de não pertencer?

Passei a vida pertencendo. Era a menina Luppolo. Era a princesa da máfia. A apaixonada por Nova Iorque. A

futura noiva e esposa de Felippo. A melhor amiga de Giordana e de Zola.

Aquelas certezas eram tudo para mim e, uma a uma, elas iam caindo por terra.

Ter meu sobrenome não significava muita coisa quando se era mulher.

Ser princesa da máfia só me tornava uma peça mais valiosa para troca. Nova Iorque parecia cinzenta como nunca, não havia mais nada que me interessasse lá. Felippo havia sido tirado de mim, por duas vezes, uma por minha própria irmã, outra pela vida. Minha melhor amiga deveria me odiar no momento. E Zola... A vida dele estava em minhas mãos.

E foi ali, me dando conta da minha insignificância, que meu telefone vibrou em cima do balcão.

— Alô — atendi, no automático, limpando as lágrimas do rosto.

— Sentiu minha falta, noiva? — A voz de Bartek do outro lado estava baixa, sóbria. Me arrepiou os pelos do braço.

— É claro! Estava preocupada! — Tentei meu melhor.

— Por que está mentindo, Giovanna?

— Não estou...

— Não? Então como seu irmão soube? Como sua amiguinha soube? — A raiva começava a surgir em sua voz.

— Bartek, eu juro, não sei como meu irmão descobriu e, como assim, que amiguinha?

— A morena, irmã do consigliere.

— Giordana? — Per Dio! O que aquela louca havia feito? — Não converso com ela, há meses, ela não sabe de nada, eu juro. Posso provar, por favor, não fique bravo.

— Bravo? Não estou bravo, pelo contrário, estou animado demais. Parece que a cidade toda está animada demais para proteger você, mas adivinha? Seja da próxima vez que eu te ver, seja depois do nosso casamento, nós vamos ficar sozinhos, passarinho. Vamos ficar sozinhos e eu vou quebrar cada uma das suas partes. Começarei pelas asas, pelas patas e pelo bico. Depois, vou arrancar pena por pena, e então, vai ser tarde demais. — Ouvir aquilo me deixou paralisada, tremendo, enquanto sua ameaça era feita. — Eu vou foder você, em todos os buracos, vou te fazer gritar e dessa vez, não vou querer você quietinha. Não terá como fugir, Giovanna, você vai me olhar nos olhos, bem acordada, enquanto eu mostro a quem você pertence.

— Bartek, por favor... — Saiu apenas um sussurro.

— Descanse, porque, assim que eu estiver bem, você não terá um segundo de paz.

E ele desligou.

Mesmo assim, mantive o telefone na orelha, ouvindo o nada do outro lado, com medo demais para abaixar o braço, sabendo estar perdida.

Se ele não tinha nem mesmo medo do meu irmão, como eu estaria a salvo? E, de fato, meu noivo tinha razão, depois do casamento, não tinha como eu fugir, não tinha como me livrar dele.

Meu estômago doeu, a vontade de vomitar cresceu, mas me segurei, fechando os olhos e fazendo a única coisa que parecia ser certa.

Meus dedos foram certos para o número do celular dele e quando ele atendeu, eu falei:

— Onde você está?

— Você está chorando? — Ignorei a pergunta.

— Me encontre naquela lanchonete que tanto gostamos. Vou tomar um banho e te encontro lá, daqui a meia hora.

— Certo... — Ele ia dizer mais alguma coisa, mas não deixei, desligando e indo direto para o banho.



Meu moletom era quentinho e confortável. Meu cabelo estava molhado, mas com o capuz sobre a cabeça, ninguém podia ver. Assim como meus olhos superinjetados e sem nenhuma maquiagem eram escondidos por grandes óculos escuros.

Quando saltei do táxi, na lanchonete, com a mochila nas costas, vi Zola parado logo na porta do lugar e suspirei, parando, sentindo meu corpo amolecer.

Eu tinha tanta saudade dele, eu o amava tanto!

Minha vontade era de pular em seu pescoço, de abraçá-lo para nunca mais soltar, mas tinha medo de que alguém estivesse vigiando. Tinha medo de que alguém me reconhecesse, mesmo completamente coberta, e fizesse mal a ele.

— Não acredito que veio sozinha — ele disse, vindo até mim, já que não me movi, e com as mãos nas minhas costas, olhando em volta, me guiou para dentro do restaurante.

— Não tinha outra opção. Não queria ninguém aqui, além de você — respondi, conforme ele ia me direcionando para a mesa mais isolada.

Fazendo o contrário do que eu imaginava, em vez de se sentar à minha frente, Zola se sentou ao meu lado, me escondendo com seu corpo quando virou para me encarar de frente.

— É perigoso, sabia? — Os olhos azuis completamente preocupados.

Tirei os óculos e brinquei com eles nas mãos, enquanto tomava coragem de falar.

— Eu sei, mas nada é mais perigoso do que conviver com Bartek. — E me esforçando do melhor jeito que dava, tomei coragem e contei: — Ele me bateu, me drogou, me torturou e... — Meu tom de voz foi baixando cada vez mais e eu não consegui terminar a frase.

— Não... Não pode ser. — Ele me puxou para si, e com minha cabeça apoiada contra seu peito, ele fez a pergunta que eu tanto temia responder: — Está me dizendo que ele te estuprou? — O tom de Zola era baixo, mas furioso, como se não acreditasse que o outro havia chegado a tanto.

Fechei os olhos, colocando as mãos por dentro do paletó dele, me apertando contra ele, enquanto sentia as primeiras lágrimas grossas rolando por minhas bochechas.

— Várias vezes. — Parei um segundo, tomando fôlego. — Ele disse que se eu contasse, ele mostraria para

Louis as fotos que têm de nós dois e te acusaria de ter tirado minha virgindade.

— Giovanna, Louis te escutaria. Matteo te escutaria.
— Movi a cabeça, negando.

— Não... Ele tem outras fotos. — Abri os olhos e movi a cabeça para cima, para ver o rosto do homem que eu amava. — Fotos minhas em momentos tão nojentos e depravados que... — Eu não aguentei terminar, nem precisei, porque ele voltou a esconder minha cabeça contra seu peito, me segurou firme contra seu corpo, e pela primeira vez, em todos aqueles dias sombrios, me senti segura, mesmo que não fosse durar muito, me senti pertencer a um lugar.

Zola era meu lar.

Aspirei seu cheiro, me envolvi no calor do seu corpo, no carinho do seu abraço, no cuidado de suas mãos acariciando minhas costas e me permiti chorar as lágrimas restantes.

Por Deus, eu não sabia como elas ainda podiam cair.

— Giovanna, não posso deixar isso acontecer novamente. — Zola parecia sério demais, como eu nunca havia visto.

— É por isso que te procurei. — Me afastei um pouco dele, mas ainda assim, próxima o bastante para ver as nuances de sua íris azul. — Quero fugir. Porque eu sei que Bartek vai me matar, não fisicamente, mas aqui dentro. — Coloquei o dedo indicador na têmpora. — Aqui dentro, ele está quase conseguindo.

— Não. Eu não vou permitir. — Antes que eu pudesse me esquivar, mesmo com medo pelo que aconteceu da última vez que ele fez aquilo, não pude evitar ser beijada por Zola.

O gosto de sua boca na minha era incrível. Sua língua domando a minha, me beijando, como se viver dependesse daquilo, mais do que respirar, comer ou dormir.

Senti-me integrada, viva, serena e completamente calma.

Zola era meu remédio, minha paz, meu melhor amigo, meu amor.

Zola me via no melhor e no pior, e me amava nos extremos.

Zola estava ali por mim, mesmo que sua vida estivesse em risco, porque me amava.

Aos poucos, ele pareceu se acalmar também, terminando por selar a boca na minha, várias e várias

vezes, antes de segurar meu rosto perto do seu e respirar fundo.

— Senti uma falta tão absurda de você, pequena...

— Não tanto quanto eu... — Ouvir aquilo era música para os meus ouvidos. — Mas e agora? — Abri os olhos para poder encará-lo. — Seria demais pedir para você fugir comigo?

— Nunca... Mas não posso fazer isso de qualquer jeito. Preciso deixar minha mãe bem, acertar algumas coisas, precisaremos de dinheiro.

— Eu tenho dinheiro.

— Não, é arriscado, por um bilhão de motivos...

— E o que posso fazer? Tenho medo de ficar sozinha. Tenho medo de te colocar em risco.

— Eu tive uma ideia, mas você não pode contar do nosso plano para ninguém, entendido? Qualquer um que souber, será um risco.

— É claro! — confirmei, sabendo que eu manteria aquilo só para nós.

— Então é isso... — Ele suspirou e sorriu. — Eu vou fugir com o amor da minha vida.

E, por mais louco que fosse tudo aquilo, não pude evitar sorrir também.



— Não acredito, ela vai me matar — reclamei com Zola, me encolhendo no sofá.

— Ela te ama.

— Ela vai me matar — confessei, com medo. E quando a campainha tocou, quis esconder o rosto, mas seria muito infantil.

Zola viu que não me movi e se levantou, indo abrir a porta para que Giordana entrasse feito um furacão.

Ela veio direto para mim e, ao contrário do que eu imaginei, ela não brigou comigo por ter falhado com ela. Na verdade, minha melhor amiga caiu de joelhos na minha frente e me desarmou, puxando minhas pernas para baixo e, se encaixando entre elas, me abraçou tão forte, que não pude fazer outra coisa que não fosse chorar. Daquela vez, ela chorou junto, e para Giordana chorar, era porque a coisa era feia.

— Nunca mais me afaste desse jeito! — ela gritou comigo, com o rosto afundado no meu peito.

— Não vou, prometo. Me perdoe — pedi, mas não precisou de uma resposta, nunca precisaria, Giordana era

minha pessoa no mundo.

Minha melhor amiga ficou comigo por longos minutos ali, até que o choro de ambas cessou e o silêncio ficou pesado demais.

— Ok, agora você vai me contar o que está acontecendo? Vai me dizer o que precisa que eu faça?

— Eu — Zola interrompeu e nós olhamos para ele —, preciso que você fique com Giovanna por esta semana. Finjam estar vendo as coisas do casamento, os pais dela devem chegar em breve para o evento. Fiama com certeza vai querer se meter e nós não podemos deixar Giovanna sozinha com Bartek, de jeito nenhum.

— Ok, mas alguém vai me contar o porquê não há uma denúncia em cima desse desgraçado? O conselho nunca vai permitir o casamento, se houver uma queixa. — Mal sabia minha melhor amiga...

— Não posso... Ele tem poder para isso. Me perdoe, não vou contar o que é...

— Sendo assim, fuja — minha melhor amiga sugeriu e eu quis rir do jeito prático que ela disse aquilo.

Não dava para contar para Giordana do plano de fuga com Zola. A última coisa que eu precisava era arranjar

problema para ela, mas bem que queria poder dizer o que faria.

— Não posso, me caçariam em todo canto...

— Odeio nosso mundo — ela reclamou, revirando os olhos.

— Nunca pensei que fosse dizer isso, mas eu também odeio — falei, olhando para o nada, porque, apesar de estar feliz por ter Zola e ela ali, eu sabia que se nada desse certo, e a chance disso era enorme, meu destino não seria nada gentil comigo, e não haveria nenhum tipo de justiça.



CAPÍTULO 33

De filha para pai, de filha para pai

Eu estou machucada, mas estou esperando

De filha para pai, de filha para pai

Eu estou chorando, uma parte de mim está morrendo

Estas são, estas são

As confissões de um coração partido

CONFESSIONS OF A BROKEN HEART, LINDSAY LOHAN.

NATASHA

Se eu pudesse escolher, jamais colocaria meus pés ali de novo, mas lá estava eu e minha família, em Nova Iorque. Há alguns dias, estávamos de volta, proibidos de sair do apartamento, vivendo como clandestinos, até que Louis e Felippo tivessem sua vingança.

Eu não sabia se deveria me importar em julgar aquele ato como certo ou errado, já que significava a proteção à minha vida, à minha filha.

— Está tudo tão diferente, Lev. Tenho medo. — Tive coragem de assumir em um sussurro, tarde da noite, deitada ao lado de Felippo, depois de finalmente conseguir fazer Rowena dormir..

— É só impressão sua, Foxy. — Ele me aninhou em seus braços e pousou a boca na curva do meu pescoço. — Não será fácil, mas amanhã tudo estará resolvido. Eu prometo. — O beijo dele não me acalmou.

— Confio em você, mas ainda não sei se trazer Rowena para o meio dessa confusão foi uma boa ideia. Queria ter tido mais tempo longe daqui. Sinceramente, dez anos seriam pouco. — Ele riu do meu comentário, e me virou para encará-lo. — Como é que você consegue estar tão bem?

— Como não estaria? Estou de volta, com minha família completa, com você sendo minha, tanto quanto antes... — Ele acariciou minha bochecha e desenhou meu lábio inferior com o polegar. — E eu vou cuidar da ameaça que ronda nossa família. — Felippo se curvou, beijando minha boca com cuidado. — Não confia em mim, Foxy? — Em um movimento rápido, ele moveu o corpo para cima do meu e envolvi sua cintura, roçando as unhas por sua pele quente, macia e desenhada que eu tanto amava.

— Tenho outra opção? — disse, entre os pequenos beijos dele, e não pude resistir, sorrindo.

— Acho que você está muito tensa...

— Só estou cansada. Viagem, criança, mudança... — Tentei fugir, mas ele não deixou, se encaixando entre minhas pernas com gentileza. — Marido... — eu o chamei, quase ronronando e o ouvi rir.

— Já disse que adoro quando você me chama assim? — Ele desceu, beijando meu queixo e a curva da minha garganta.

— Já, um bilhão de vezes, marido — chamei-o outra vez e o empurrei para o lado, não conseguindo evitar sorrir, me deitando com a cabeça sobre seu peito. — Mas no momento, acabei de organizar um apartamento inteiro, além de que, sou uma mãe que amamenta uma criança esfomeada e, além de fome, tudo o que tenho é sono.

— Porra, Foxy. — Ele suspirou. — Meu pau vai cair — ele tentou, mas tudo o que ganhou foram tapinhas sobre o abdômen definido.

— Não seja mimado, nós já transamos hoje. Duas vezes. Uma delas você precisou tapar minha boca ou acordaria nossa filha, me respeite. — Tentei parecer brava, mas só consegui que ele sorrisse, debochando de mim.

— Eu adoro quando você diz isso também — ele comentou.

— O quê?

— Nossa filha. — E eu não resisti, abrindo um sorriso enorme, antes beijá-lo, sabendo que não haveria como fugir do meu marido tarado, não quando, mesmo no meio da confusão, Felippo era minha rocha.



Rowena chorava muito e eu não pensei duas vezes em tirá-la do colo de Felippo, quando o vi balançando o corpinho dela em seus braços, completamente aflito por não conseguir fazê-la parar.

— Não queria que você acordasse tão cedo. — Não eram nem seis da manhã ainda.

— Não se preocupe. — Bocejei, já me adiantando para ajeitá-la no colo. — Ela deve estar com fome.

E me observando, quieto e solícito, Felippo ficou ali, com o paninho da nossa filha no ombro, o cabelo todo penteado para trás, vestindo apenas sua boxer preta, enquanto eu sentava na poltrona de amamentação e tirava o seio do sutiã para que minha filha pudesse se alimentar.

— Invejo essa criança — ele comentou, e eu ri, balançando a cabeça em negativa. — Mas se você liberasse mamadeiras, eu poderia ajudar mais.

— Você é um pai melhor do que eu poderia desejar para a nossa filha, então sossegue. Não vou dar nada além do meu leite para ela, até os seis meses, já conversamos sobre isso.

— Mas a mamadeira... — Ele ia tentar me convencer e eu o cortei, erguendo o dedo indicador.

— Não quero, a mãe sou eu, respeite.

— Quando teremos outros? — A pergunta me paralisou e eu, que estava com os olhos fixos na minha bebê de cabelos ralinhos e ruivos, ergui o rosto para olhar para ele.

— Não entendi.

— Entendeu muito bem, quando é que teremos outros?

Eu quis rir daquilo.

— Felippo, não são nem seis horas da manhã, nós não temos nenhuma babá, você quase ficou doido no meu resguardo, eu ainda estou aprendendo a ser mãe...— Tentei apresentar meus argumentos, de novo, para aquela conversa.

— É, a minha ideia das babás não mudou. Rowena terá muitas, um pequeno time.

— Quero ser mãe presente dos meus filhos.

— E vai, mas primeiro você precisa cuidar de mim.

— Ah, pelo amor de Deus. — Por puro costume, soltei um palavrão russo e, logo em seguida, me segurei.

Desde a morte de minha madrinha, eu não falava mais uma palavra da língua e Felippo notou a tensão que surgiu, de repente.

— Está tudo bem?

— Está... É que, você sabe... — Suspirei, encarando os olhos da minha bebê faminta e acariciei seu rosto. — A carta que minha tia deixou. A traição dela com meu pai, a traição dela com minha mãe, a forma como minha mãe foi tratada... Imagina o quão doloroso não foi para minha mãe não poder me ver? Eu morreria se não pudesse tocar nossa filha, se não pudesse amamentá-la, se não pudesse olhar em seus olhos e ver meu reflexo neles, vê-la me procurando enquanto está comigo...

— Eu sei, Foxy... Mas nós não somos eles, inclusive, nenhum deles pode te fazer mal agora. Juro, pela minha vida.

— Não queria que precisasse jurar... — confessei, ainda perdida no rosto do meu pedacinho de paz em meus braços.

A maternidade tinha sido a descoberta da minha vida e o jeito como minha família funcionava era melhor do que em qualquer sonho que eu pudesse ter.

A relação com Felippo custou, mas se ajustou.

Quase perdê-lo me fez entender que a dor de não o ter era muito maior do que a dor que ele havia me causado, e perante todo o nosso histórico, não havia outra alternativa que não fosse amá-lo, por mais errado que pudesse parecer.

Eu era, e pelo que parecia, sempre seria, completamente apaixonada por meu marido.

Depois que Rowena mamou, esperei um tempo para trocar sua fralda e, vendo a bebê desperta, não tive alternativa a não ser carregá-la comigo. Escovei os dentes com ela no colo, enquanto Felippo tomava banho e, quando ele apareceu, pronto, a segurei com mais força contra mim, com medo do que vinha pela frente.

— Tem certeza de que precisa ir?

— Tenho. É por nós, Natasha. É por ela. — Ele se aproximou, abraçando a nós duas, antes de beijar o topo

da cabeça da nossa bebê.

Respirei fundo, aspirando o perfume com cheiro de melancia do meu marido e concordei, mesmo não querendo

— Ok. Só me prometa que vai voltar inteiro.

— Eu prometo. E prometo que depois disso, não haverá perigo para nós aqui. — Os olhos verdes de Felippo encaravam o meu com tamanha seriedade, e eu não ousei duvidar.

— Eu amo você — falei, ainda fitando seu rosto, querendo que aquele fosse um bom motivo para ele voltar logo.

Felippo se curvou para me beijar, mas antes que o fizesse, falou contra minha boca.

— Você me salvou, agora é a minha vez. — E o gosto daquele beijo foi a resposta de qualquer dúvida que eu pudesse ter.

As coisas ficariam bem, pelo menos, eu tinha fé que sim.



Já era quase meio-dia, meu celular ainda não tinha nenhuma mensagem de Felippo e, depois de Jullie chegar, consegui tomar um bom banho e colocar um vestido bonito. Meu corpo voltou ao que era antes da gestação com facilidade. A única coisa era que meu quadril parecia um pouco maior e eu havia ganhado algumas estrias na cintura, mas eu não me importava e Felippo dizia que era uma textura diferente no meu corpo. Era pedir demais que eu saísse da gestação sem nenhuma marca, e eu não ligava que o preço fosse aquele por carregar minha bebê por nove meses, não mesmo.

Isso não significava que tinha me esquecido, ainda mais com Felippo ainda precisando de companhia para malhar. Era um combinado nosso, pelo menos três vezes por semana, malharmos juntos, e sexo não era um exercício, mesmo ele, no começo, querendo insistir que era e que precisava todo dia.

Foi depois de colocar Rowena no carrinho, que me sentei no sofá, por alguns minutos, tentando entender que aquele lugar seria meu lar de novo, sem saber se eu ainda gostava dali, que a campainha tocou.

— Quem é? — perguntei para Jullie, que pareceu tão surpresa quanto eu.

— Os meninos da garagem — era como ela se referia aos soldados —, avisaram que estavam subindo.

— Estavam? Quem? — Me levantei de sobressalto, com medo, já pegando minha filha no colo. — Não abra antes de conferir quem é.

E me obedecendo, a governanta olhou pelo olho mágico e veio até mim.

— Eu me lembro dele, senhora. É Leonel Luppolo.

E, naquele minuto, meu corpo todo congelou. O que ele fazia ali?

— Posso abrir? — A pergunta de Jullie pareceu ser feita depois de um século, conforme eu tentava processar o que estava acontecendo.

— Acho que... — Engoli em seco por um segundo, devolvendo Rowena ao carrinho. — Acho que sim.

E sem saber se aquela era uma boa ideia, acompanhei, aflita e ansiosa, enquanto a porta era aberta para que o meu pai biológico entrasse.

Por um segundo, quando Leonel finalmente olhou para mim, depois de entregar seu casaco para Jullie, me senti em frente ao espelho de Ojesed, mas em vez de ver o que eu tanto queria, ele era quebrado e a realidade me

cortava em pequenos pedaços, aos quais eu tinha muito medo de não conseguir me recuperar.

Ele veio a passos lentos em minha direção e eu não soube o que fazer, abraçando meu próprio corpo, completamente desconfortável.

— Me desculpe pela intromissão, mas tive a sensação de que se seu marido estivesse aqui, nós não poderíamos ter um momento a sós. Também subi direto porque, confesso — ele falou, descendo os pequenos degraus do corredor para a sala e chegou bem perto de mim —, tinha medo de você não querer me receber.

Precisei respirar fundo.

— Eu realmente não sei se estou pronta para essa conversa. — Aquele era um dos motivos de eu não querer voltar para Nova Iorque.

— Eu sei, e respeito seu espaço, mas já se passaram meses... Achei que merecia a chance de conhecer direito minha filha. Inclusive, eu nunca disse antes, mas você é muito parecida com sua mãe.

Lambi os lábios e desviei o olhar para Rowena, que se moveu no carrinho.

Se minha filha não tivesse a chance de conhecer Felippo, será que, depois, ela o faria?

Será que se eu estivesse no lugar da minha mãe, eu ia querer que Leonel me conhecesse?

— Antes... — Ainda com os olhos na minha bebê, tomei coragem para perguntar: — Você amou minha mãe? — Ergui os olhos para encarar Leonel, esperando ver sinceridade no homem que, até ali, era ninguém na minha vida.

— Eu a amei a ponto de pensar colocar tudo de lado por ela.

— Então você realmente não sabia o que tinha acontecido?

— Não. — Ele colocou as mãos nos bolsos e olhou para minha filha. — Se eu tivesse consciência de que havia uma garotinha por aí, com o meu sangue, teria ido atrás de você, mesmo que o mundo viesse contra mim. Eu tinha vigor e poder na época, e teria gastado tudo para trazer você. — Aquilo me pegou em cheio.

O que eu não daria para ter um pai que me quisesse?

— Sabe... — Ele se aproximou do carrinho, e me ignorando, tocou na mãozinha da minha filha. — Filhos são uma benção e uma maldição. Os meninos, particularmente, são mais maldição do que benção. Sei muito bem que Louis é obra de erros meus e de Fiama. Com Matteo foi mais fácil, eu já sabia o que esperar e tentei conter os

problemas, mas nada me preparou para Giovanna. Minha garotinha era perfeita, e enquanto precisei ser duro com meus filhos, pude dar a ela todo o amor que pensei ser incapaz de sentir.

— Ela teve sorte — murmurei, enquanto observava a cena, tentando entender o que eu sentia.

— Senhora, perdoe interromper, mas o almoço está pronto para ser servido — a senhora Morris anunciou, e Leonel se ergueu.

— Me acompanha? — Decidida a dar uma chance a ele, pedi para que Jullie colocasse mais um prato à mesa e nos deixasse a sós.

Eu não sabia se conseguiria comer, mas a massa fresca pareceu fazer Leonel feliz.

— A comida está muito boa — ele elogiou.

— Aprendi a fazer a massa, Jullie me ensinou. Sempre gostei de cozinhar, e Felippo ama culinária italiana, nem imagino por quê... — O comentário irônico fez Leonel sorrir e pude entender o que minha mãe viu de interessante nele.

Ele ainda tinha o ar de James Dean, era muito charmoso e sabia ser agradável.

— Como a conheceu? — Acabei sendo direta na minha pergunta.

— Em uma temporada de verão. Bóris a liberou para viajar com uma amiga francesa, elas foram recebidas pela Família, e logo que coloquei os olhos nela, em um jantar de gala, não consegui ignorá-la. Dançamos aquela noite, e foi questão de tempo, até... — Ele olhou pela janela, largando o talher por um minuto. — Você já é adulta, sabe como as coisas funcionam.

— Ela era bonita? Foi amor correspondido? — Sorri, me sentindo idiota por querer saber daquilo. — Tudo o que eu tinha dela eram poucas fotos velhas, em preto e branco, que roubei de um álbum que meu pai... — parei por um segundo e me corrigi: — ... que Bóris guardava no escritório. Na casa dos meus tios vi poucas fotografias com cor, mas não pude pegar nenhuma.

— Sua mãe era tão bonita quanto você é. Seus olhos eram pouca coisa mais claros que os seus, e você puxou minha boca. Os lábios dela eram mais finos. E não sei se ela me amou de primeira. — Ele sorriu, parecendo saudoso. — Madelaine era geniosa, atrevida, não se dobrou fácil. Precisei conquistá-la. — Ele deu um gole na sua taça de vinho e continuou: — Eu fui o culpado de tudo ter acontecido, mas não a forcei. Ela me procurou. Que

fique claro, sua mãe também não queria voltar para a Rússia quando o tempo dela aqui acabou. E, de novo, reforço que se eu soubesse da gravidez, eu não a teria deixado voltar.

— Então, você realmente nunca soube...

— Não.

— E nem desconfiou quando me viu?

— Como você já sabe, mentiram sua idade. As contas não batiam, mas... Não vou mentir, quando te vi pela primeira vez, pensei na possibilidade. O plano era avisar Louis para fazer exames pré-nupciais, antes do casamento, e conseguir que fizessem um teste de DNA. Se você fosse mesmo minha filha, bom, eu realmente não contava que isso fosse verdade.

— E tudo bem, saber que agora é? Porque, de fato, não tem motivo algum para começarmos uma relação agora, não acha?

— Natasha. — Leonel estendeu a mão em minha direção e, com muito cuidado, tocou meus dedos. Eu permiti, erguendo o olhar para o dele, ansiosa. — Não sei o que Felippo te contou, mas a primeira coisa que fiz, quando descobri sobre você, foi contar para a minha família. É um segredo que não pode vazar nunca, afinal, vivemos em um mundo onde a linhagem vale muito e enquanto você for

filha de Bóris, há muito poder nas suas mãos e nas mãos das crianças que você gerar. Você é uma mulher esperta, sabe disso. Mas eu contei, não só para me redimir dos meus erros, mas porque, quando você voltasse, eu queria que pudéssemos começar. Deu para ver o quão perturbado Bóris se tornou, o quão baixo ele jogou com você, e como a relação de pai e filha nunca existiu entre vocês. Aquele não é o jeito que eu criaria minha filha, e sinto muito que você tenha passado a vida toda buscando aprovação de alguém como ele.

Silenciosamente, lágrimas grossas começaram a rolar pelo meu rosto.

A sensação do buraco no meu peito não era menor, a cada dia que passava, eu só conseguia pedir para que minha filha nunca sentisse nem dez por cento da dor que senti a vida toda. Ninguém merecia a sensação de rejeição, ainda mais, vinda de alguém que deveria te amar, acima de tudo.

Por tanto tempo, eu me senti errada, me senti fora do lugar, ou então com algo faltando... Era estranho, mas muito bom ter as respostas para todas as perguntas que me fiz durante a vida.

— Amei meu pai, a vida toda, e quando comecei a me amar, quando finalmente comecei a entender que merecia mais do que ser só a garotinha obediente em busca de

aprovação constante, descobri que não havia nada dele para mim, a não ser rancor e ódio, só por eu me parecer com minha mãe.

— E por ser minha filha.

— Isso também — admiti. — Mas, tarde da noite, quando todos estão dormindo, ou quando eu preciso ficar com Rowena no colo, me pergunto se... se hoje Felippo entrasse com um bebê bastardo pela porta, será que eu seria capaz de criá-lo como meu? De amá-lo incondicionalmente, mesmo sabendo que ele é fruto proibido? Que veio de uma traição? Será que sou melhor que meu pai? — Meu olhar era perdido.

— Não posso te responder essas coisas. As regras são diferentes para mim e para você. Mas, se seu marido fosse um bom homem, ele colocaria seu filho perto e o criaria, como cria os outros. Se você seria capaz de amar a criança? Só você poderia responder. Mas, Natasha — ele puxou minha mão para si e se aproximou, ganhando minha atenção, encarar os olhos castanhos de Leonel me trazia um sentimento inexplicável —, é certo uma criança inocente pagar pelos erros dos pais?

— Não. — Eu não tinha dúvidas sobre aquela resposta.

— Então você seria capaz de amá-la, cedo ou tarde.

Recolhi minha mão para limpar o rosto e, por aquela resposta dele, eu tinha a minha, sobre nós.

— Acho que quero conhecer você melhor.

— Seria ótimo. — Ele sorriu e se levantou.

Sem entender, eu o imitei e, logo em seguida, fui engolida por um abraço quente e confortante, que eu nunca pensei precisar na vida, mas descobri que era muito bom de ganhar.

Por um segundo, se eu tivesse um vira-tempo, teria usado para encontrar a garotinha de oito anos com coração quebrado, que eu era, para deixar um recado, de que, no futuro, as coisas melhorariam, mesmo que de um jeito muito esquisito.



CAPÍTULO 34

*É melhor você sair do caminho
Amanhã estaremos no topo então lutaremos hoje
Sabe que não dou a mínima para o que pensa e diz
Porque vamos balançar este lugar de qualquer
maneira*

HOLLYWOOD UNDEAD, UNDEAD.

LOUIS

Algumas brigas de poder me divertiam, como com Elizabeth, mas outras só me faziam querer que certos homens tivessem a visão do demônio que habitava minha mente.

Foram meses de trabalho árduo, meses dissecando os ratos, perseguindo o rabo que aquelas ratazanas tinham deixado, e, finalmente, agora tudo estava claro.

Foi por isso que não havia outro lugar para marcar aquela reunião, que não fosse na toca onde o bastardo se achava protegido. Não havia melhor incentivo à fidelidade

do que mostrar o que acontecia com alguém que não cumpria com seu propósito com a Família.

— Bebendo a essa hora? — Matteo perguntou, entrando na sala escura que pedi para reservarem na The Hell. Aquele seria um dia atípico.

Larguei o copo de uísque em cima da mesa de centro e me virei, ignorando a lareira e encarando meu irmão.

— Onde está Leonel?

— Ele tinha avisado que não vinha, não? O casamento de Giovanna está perto demais, deixe ele ser o pai dedicado que acha que é.

— Hm... Que seja. — Meu pai não era um motivo de problema.

— Mas Lazzarin está lá fora, junto de Luca e Salvatore.

— Não vai demorar para o resto deles estarem aqui.

— Não, não vai. — Matteo suspirou. — Tem certeza do que vai fazer?

— Tenho — confirmei, inflando as narinas, antes de pegar novamente o copo e acabar com o líquido dourado dentro dele. — E seria bom contar com sua diplomacia com Luca. Inclusive, espero que você fique ao lado dele hoje.

— Não posso dizer que gosto, mas não há outra opção, não é mesmo?

— Quer que eu desenhe? — Meu irmão comia pelas beiradas quando não se sentia confortável com alguma obrigação. — Ele não vai querer conversar comigo, muito menos, com o defunto que estou trazendo à vida.

— É mesmo, e onde ele está? — Matteo perguntou, e eu indiquei com o dedo para a porta em suas costas. — No banheiro?

— E ficará lá até que seja a hora de sair.

— Sua mente deveria ser estudada — ele comentou, em tom de piada, e coçou o nariz. — Vá benne, vou ver quem mais está lá fora e, bom... — ele olhou para o relógio em seu pulso — considerando que todos sabem como você é com atrasos, entrarei aqui com eles, daqui a pouco. — E, piscando para mim, meu irmão saiu.

Mandei organizar aquela sala como meu teatro particular. Havia música tocando nos alto-falantes, a lareira era a única fonte de luz, e a poltrona ao meu lado e a mesinha de apoio ao lado dela eram os únicos móveis.

Aquilo era proposital.

Seria um belo espetáculo e eu queria que todos tivessem uma amostra do inferno que os esperava, caso

vacilassem com a Família. De uma vez por todas, eles entenderiam que eu não precisava do amor ou da amizade de cada um e, sim, da fidelidade nos negócios.

Gostar ou não de mim, pouco me importava.

Sentei-me na poltrona, me servi de mais bebida e esperei, encarando a porta fechada, contando em minha mente quantos segundos faltavam para o show começar.

Não demorou.

De repente, interrompendo minha contagem, a porta se abriu, e dando uma rápida olhada no meu relógio de pulso, fiquei contente ao ver que exatamente às treze e treze, todos estavam ali dentro.

— Salvatore, seja um bom anfitrião e feche a porta — mandei, querendo que ele fosse o último a se juntar à roda.

Observei os rostos ali.

Francesco, que mantinha seu orgulho e se recusava a ficar perto de Marchiori ou de Bartolo, ao lado de Agostino, que não fazia ideia de que o filho estava de volta, e Lorenzo, que me cumprimentou com a cabeça e era o único que sabia o que eu planejava. Estes ficaram em uma reta ao meu lado esquerdo. Do direito, os irmãos Gabbiatti, que encaravam a todos com desconfiança; Aronne, que eu queria que visse atentamente a cena, já que se não

andasse na linha, seria o próximo; Luca em seguida, parecendo tranquilo; e meu irmão ao seu lado, no oposto dos outros homens.

De frente para mim, na outra ponta da sala, estava Salvatore, parecendo ansioso, já que, há duas semanas, eu não conversava diretamente com ele.

— Boa tarde, irmãos — eu os cumprimentei, e ouvi o murmúrio do cumprimento geral. — Quanto tempo, não? Imagino que todos estejam na cidade para o evento do ano, o casamento de Giovanna. — Sorri, acariciando o fundo do copo que mantinha em minha mão. — E o que sabemos de casamentos? Nossa relação é um deles, não? É uma pena que, quando há uma traição grande como essa, o único divórcio que conheço é aquele que a santa igreja católica nos ensinou: a morte.

A tensão na sala foi palpável. Esperei alguns minutos para que eles fossem consumidos pelo medo, analisei os rostos, procurando mais alguma centelha de desconfiança e me levantei, dando as costas a eles, indo para perto do fogo.

— Há dois anos, Felippo encontrou erros nos nossos números. O problema é, não consegui rastrear a merda do dinheiro. Nenhum de vocês, ou suas esposas e filhos, tinham o dinheiro que faltava. Além disso, não havia

nenhum coioite sobrevivendo, os mexicanos ou os matavam e roubavam nossa mercadoria, ou então eles eram pegos, mesmo com mudanças de rota, de perfil, de formas de envio. — Apoiei a mão na parede ao lado da lareira e observei as labaredas dançando. — Por muito tempo, achei que eu fosse cego para não conseguir ver que, bem embaixo do meu nariz e comendo na porra da minha mesa, havia um traidor. E, aqui e agora, preciso te parabenizar. Precisei dar poder na sua mão e esperar até que bastante tempo até que o primeiro deslize acontecesse. — Me virei para encarar os homens, e tratei de olhar rosto por rosto, antes de chegar em Salvatore.

Sua boca estava pressionada, seu maxilar travado. O suor lhe molhava a testa e havia pavor em seus olhos.

Brinquei com a língua entre os caninos, enquanto sorria e me lamentava por ter cedido a morte daquele desgraçado.

Parando bem à sua frente, coloquei as mãos para trás, segurando a vontade de esganá-lo eu mesmo, e falei, em voz baixa:

— Que merda foi achar que eu não olharia nome por nome dos funcionários da boate? E que imbecilidade a sua de confiar que uma prostituta viciada não te entregaria. Seu pai não ensinou que não se usa mercadoria como laranja?

Os milhões na conta de uma garota menor de idade e sem teto deveria ser lavado mais vezes. Ligar as contas, uma a uma, até cair na sua... — Balancei a cabeça, como se estivesse decepcionado. — Fora as reuniões, não, Salvatore? Foi inteligente manter seu pai fora disso, ou ele pagaria com você. — Me afastei, voltando para me sentar na poltrona e, acendendo um cigarro, traguei profundamente, antes de me dobrar, soltar a fumaça e voltar a falar:

— Você poderia ter me destronado, rapaz. Foi astuto, inteligente, tinha poder para isso, mas das poucas coisas neste mundo que você poderia me ensinar, foi a de que não há nada pior do que esperar que meu adversário seja burro.

— Senhores, meu filho não fez nada — Luca tentou defendê-lo, mas meu irmão colocou a mão em seu peito, impedindo que ele avançasse. — Salvatore, fale! Diga que Louis está enganado.

— Estou mesmo? — Quis rir, erguendo uma das sobrancelhas por ver que meu conselheiro mal conseguia pensar em como se defender.

E enquanto ele balbuciava coisas como:

— Eu não fiz nada, tudo não passa de um mal entendido, pai.

A porta do banheiro se abriu.

Ninguém pareceu prestar atenção, já que não houve barulho que chamasse atenção, mas assim que a mão de Felippo veio sobre a cabeça de Salvatore, e sua faca lhe tocou o pescoço, me ergui novamente.

— Salvatore Matteuci é acusado de conspirar contra seu Don, de roubar sua Família, de desonrar seu pai. Qual a punição para esses crimes, senhores?

— A morte — os Gabbiatti foram os primeiros a dizerem em voz alta e Luca gritou, esbravejando, enquanto meu irmão o segurava.

— A morte — Francesco disse, seguido de cada um dos homens em sua fileira.

— A morte — Aronne disse baixo, covarde que era, sem coragem de olhar para Salvatore.

— A morte — meu irmão decretou e, logo em seguida, o pandemônio começou.

Salvatore tentou se livrar de Felippo, Luca tentou lutar, mas não teve chance contra o abraço de urso que Matteo o deu.

— Meu filho, vocês não podem! — o pai gritou, desesperado ao ver o que acontecia.

— Sorria e acene, filho da puta. — Ouvi Felippo dizer, enquanto sua faca rasgava lentamente a garganta de Salvatore.

Aquilo era muito mais do que ele merecia.

Uma morte limpa, em respeito ao seu pai, já que, se fosse meu, sobreviveria por longos anos, só para ser meu brinquedo.

Felippo o soltou, Salvatore deu dois passos, levando as mãos ao pescoço, tentando estancar o sangramento, e se virou para ver seu assassino, antes ir em direção ao seu pai, que chorava, enquanto tentava se livrar de Matteo.

Salvatore abriu a boca, sangue lhe escorreu pelo queixo.

O corpo caiu no chão e eu comecei a contar.

Um, dois, três.

Seu braço se esticou, tentando alcançar seu pai, mas só conseguiu atingir as calças do meu irmão. Ele tentou falar, mas nada saiu de sua boca, até que havia sangue demais no chão e, pouco a pouco, o corpo foi descendo, até estar imóvel na poça de sangue que avançava em direção aos pés dos capos.

Vinte e três segundos.

Realmente, Felippo era bondoso demais.

— O QUE VOCÊS FIZERAM? MEU FILHO! — Luca gritou.

— Solte-o — mandei, e Matteo o fez.

No segundo seguinte, o homem estava agarrado ao corpo do morto.

— Está encerrada nossa reunião, por enquanto. Podem se retirar — avisei, e não demorou para que todos saíssem.

Observei a dor do pai, embalando o corpo sem vida no chão e me aproximei deles.

— Sinto muito por você assistir a isso, Luca, mas agradeça a Felippo, porque graças a ele, pelo menos, tem um corpo decente para enterrar.

E saí da sala, junto do meu consigliere sóbrio e vingado.

— É bom tê-lo de volta. — Bati em seu ombro e o vi esconder as mãos cheias de sangue nos bolsos.



CAPÍTULO 35

A paciência te leva a um certo ponto

O sangue vai te levar ainda mais

A dor só vai endurecer seu coração

BURN OUT, IMAGINE DRAGONS.

FELIPPO

Olhei sobre o ombro, depois que Louis seguiu e encarei Luca agarrado ao corpo do filho.

Agora eu era pai. Agora eu sabia que, não importava os erros de Rowena ou das crianças que viessem, nada doeria mais do que perdê-la, ainda mais se fosse daquela forma. Mas não tinha o que fazer, vivíamos no mundo em que vivíamos.

Nossas regras eram diferentes, nosso preço também.

— Como eu senti sua falta, moleque. — Fui surpreendido por um abraço de meu pai e, ironicamente, quis rir da situação.

Enquanto Luca se preparava para enterrar o filho, eu era o que voltava à vida.

— Eu também. — Era verdade. E aquele também era um dos efeitos da paternidade.

— Natasha está bem? Minha neta? — Meu pai se afastou, ignorando minhas mãos nos bolsos, segurando firme em meus braços. — Sua mãe ficará louca quando souber que já pode visitar vocês.

— Estamos bem, todos bem, mas espere um pouco. Natasha está se adaptando...

— Ah, certo. Quando pudermos. — A felicidade nos olhos dele era palpável, assim como seu esforço para se conter. — Vamos beber alguma coisa? — Nem parecia que havíamos acabado de matar alguém.

— Eu preciso lavar minhas mãos e ir com Louis. Há muita coisa que preciso entender.

— Claro, agora você volta a ser consigliere, não?

— É — confirmei, tentando fazer que aquela aproximação não fosse tão esquisita.

— Ótimo. — Ele deu mais alguns tapinhas nos meus ombros e me soltou. — Estou orgulhoso de você, filho.

— Obrigado, pai. — E, saindo de perto dele, me lembrei de uma das últimas brigas que tivemos.

Eu sabia o homem que ele era, mas agora, tinha plena certeza de que ele não me conhecia mais, já que o pouco que tinha conhecimento havia morrido junto do turbilhão de coisas que aconteceram desde que Natasha e eu fomos obrigados a subir ao altar.

Deus devia achar graça de usar o diabo em algo tão cheio de santidade. Pelo menos, era assim que eu via meu casamento, minha família. Era a única parte pura, em toda minha vida.

Por isso, enquanto lavava as mãos na pia e encarava meu reflexo no espelho, ignorando o sangue que ia ralo abaixo, entendi que não importava que eu tivesse que matar mais trezentos homens só com minhas mãos. Para deixar minha família segura, eu poderia limpar a cidade, se fosse necessário.

Foi por isso que eu voltei. Por isso que, mesmo me doendo, tirei Natasha da proximidade com sua família e saí da Itália. Mesmo que lá fosse um bom lugar, eu só era convidado naquela terra, mas na América, eu era a porra do leão que engoliria qualquer um que tentasse algo contra nós. E era por ela, por tudo o que tínhamos passado, por todas as merdas que enfrentamos, que ter poder e me manter sóbrio era tão importante. Era para orgulhar minha

mulher e, um dia, minha filha, que todo dia, apesar da luta interna, eu não sucumbia a nenhuma tentação.

— Vamos? — Andy apareceu na porta do banheiro.

Ver seu reflexo no espelho me fez sorrir.

— Estava com saudade, não é mesmo? — Sua feição de durão durou pouco.

— Achei que suas férias fossem permanentes.

— Coçar o saco o dia todo é muito cansativo — brinquei, secando as mãos e conferindo se não havia mais nenhum resquício de sangue.

— Louis? — perguntei.

— Disse que te encontra no quartel.

— Os outros?

— Partiram. Só sobramos nós aqui e o clima não está bom. Matteucci ainda está chorando a morte do filho.

— Mesmo não tendo sido Louis quem o matou, e eu ainda respeitando muito Luca — falei, parando na frente do meu soldado de confiança, batendo em seu ombro —, que o diabo carregue Salvatore, cretino do caralho.

— É bom tê-lo de volta, chefe.

— É bom voltar.



— Felippo ficou escondido todo esse tempo? — Ouvi a pergunta indignada feita na voz de Francesco.

— Fiquei — falei, abrindo a porta do escritório de Louis, indo me sentar na cadeira livre do lado direito do Don. — E sinto muito que isso possa ter abalado o ego frágil de vocês, mas como alguns nesta mesa sabem, Salvatore armou e conspirou, tentou me coagir a trair a Dark Hand, e outros nesta sala só não estão na mesma situação que ele, porque não se sujaram tanto, não é mesmo, Callegari? — Pisquei para o homem que parecia constrangido. — Não cometa o mesmo erro do seu irmão, nem o do mais recente defunto deste conselho, ou teremos mais uma baixa.

— Mas, por que nós não soubemos disso antes? — Francesco, me irritando, perguntou.

Encarei Louis e apenas com um olhar, ele entendeu o que eu queria saber. Quem responderia? Ele ou eu? Louis soltou a respiração, bufando, e coçou a testa, antes de tomar à palavra.

— Odeio gente burra. — Quis rir do seu comentário. — Qual o propósito de fazer algo escondido e contar? O

que mudaria nos seus números, nos seus cassinos? Na sua nova produção?

— Não sei o que poderia mudar — o outro respondeu.

— Justamente. Não mudaria nada, então, não fazia diferença esconder esse pequeno fato. Além do que, não me lembro de nenhum dos senhores chorando a morte do consigliere, nem desse, nem do que, agora, está realmente morto. O ponto é, Salvatore queria entrar na briga pelas bebidas, usou do dinheiro errado, na hora errada, e se fodeu.

— Luca não perdoará a morte do filho — Lorenzo, sempre coeso, comentou, chamando atenção para o fundo da sala.

— Eu cuidarei de Luca — Matteo falou.

— Ele é um homem sábio, e, aos que são pais nesta mesa e sabem como a dor de perder um filho pode ser bruta, entenderão quando digo que devemos dar um tempo ao homem. — Leonel Luppolo, que não havia aparecido, até então, estava lá, em uma das cadeiras da sala de reuniões.

Era estranho olhá-lo agora, sabendo que, de qualquer jeito, ele acabaria sendo meu sogro.

E, involuntariamente, minha mente foi para Giovanna, mas guardei minhas questões para depois.

— Ótimo. Resolvido os problemas sobre o luto, o que mais precisamos conversar? — perguntei.

— O dinheiro que Salvatore roubou voltará para o caixa da Família. A The Hell da Carolina está quase funcionando. Temos tudo, garotas, bebidas, dinheiro, influências e todos parecem contar os dias para começar a fazer a casa andar — Louis explicou, me entregando uma pasta.

— Mas, agora com Salvatore morto, como faremos? Quem ficará responsável por comandar o lugar?

— Meu filho está disponível — Francesco ofereceu.

— Eu poderia... — Aronne, finalmente, abriu a boca, mas por um segundo, achei que Louis fosse rir dele.

— Veremos isso no casamento de Giovanna, que tal? — Matteo ofereceu. — Se alguém mais tiver algum nome para elencar ao cargo, tem até dia trinta para dizê-lo. No dia trinta e um, nós resolvemos quem assume essa parte e, dia primeiro, haverá o anúncio.

— Por mim, está bom assim — Louis disse, e todos os outros concordaram.

— Então é isso. Temos mais uma baixa, um estado de luto e, agora, os preparativos para um casamento. Que ano, não? — Matteo riu, relaxando contra sua cadeira e eu não pude deixar de concordar.

— Que ano...

Esperei até que todos saíssem, ficando apenas os irmãos Luppolo e eu na sala e, inevitavelmente, perguntei:

— E o casamento de Giovanna?

— Vai tudo bem — Louis tentou cortar, mas o irmão pareceu não concordar.

— Bartek precisou ficar alguns dias de castigo, não é mesmo? Parece que nosso adorado parceiro tem maltratado minha irmã. — A cara de desaprovação de Matteo me pegou de surpresa.

— Como é? Ele está descumprindo regras, antes mesmo de se casar?

— Giovanna não o acusou, então, nós não sabemos se realmente aconteceu algo... — Louis pareceu relaxado. — Minha irmã mudou muito depois da notícia de sua morte, se não for um problema, seria bom você explicar as coisas direito a ela, já que não quero que ela passe mal ao entrar na igreja e ver você, vivo.

— Farei isso assim que der. — Era uma promessa. Devia isso à garota.

— Olha, ainda dá tempo — Matteo disse, me ignorando ali, direto para o irmão mais velho.

— Tempo do que, exatamente? De devolver todas as garotas que Alec mandou? Todo o dinheiro? Nossas armas, nossa droga? Dá tempo de se devolver tudo isso? — Louis perguntou para o irmão, parecendo impaciente. — Que porra! — Com um tapa na mesa, ele se ergueu. — Não vou discutir mais sobre isso. Faltam dias para essa merda acontecer, e eu me preocupo com Giovanna tanto quanto você.

— Vejo isso. Claramente — Matteo provocou, cruzando os braços. — Estou te avisando agora, Louis — ele disse para o Don, que ia em direção à saída. — Se Bartek encostar nela mais uma vez, porque você sabe que ele o fez, vou eu mesmo meter uma bala na cabeça dele.

— Faça como bem entender — o Don disse sobre o ombro e saiu da sala.

— Ótimo momento para voltar, não? — falei, depois de alguns minutos, recolhendo todos os documentos que eram minha responsabilidade de novo.

— Você nem imagina... — Matteo se levantou, me esperando para partirmos juntos.



CAPÍTULO 36

Então, me ame

Como se não existisse amanhã

Como se não existisse mais tempo, amor

Me ame como se o amanhã

Nunca fosse chegar

TONIGHT, ZAYN.

FELIPPO

Passar no quartel, organizar minha mesa e deixar tudo pronto para começar a trabalhar no dia seguinte foi cansativo, mas assim que parti para casa, com um peso a menos sobre os ombros, a necessidade do meu novo vício correu solta em minhas veias.

Eu precisava de Natasha, de sua pele, do seu cheiro, de sua boceta e tudo mais que a envolvia. Parecia que a minha compulsão pelas drogas e pela bebida tinham se voltado toda para ela e, às vezes, nem era o sexo que me ajudava. Era só a presença dela, ficar olhando minha

mulher, enquanto estava distraída, nos dias mais calmos, bastava. Mas aquele tinha sido um dia do caralho, e o peso dos meus atos pesavam sobre os meus ombros.

Eu não me arrependia.

Eu já havia feito coisas muito piores.

Mas agora, era diferente, eu não tinha nenhum entorpecente no corpo para me ajudar a desligar as emoções. Tudo o que eu tinha era a certeza de que, no final do dia, não importava o quão fodido eu fosse da porta para fora, dentro da minha casa, minha mulher me amaria e me recompensaria por fazer o meu trabalho, por cuidar da minha família.

Abri a porta de casa, decidido a arrastar Natasha junto comigo para o banheiro, sem me importar se Jullie precisaria dormir em casa para cuidar de Rowena e fazer sua mágica ao alimentar minha filha com leite materno em uma colher de dosagem, pronto para não dar um minuto de sossego à minha esposa, quando a vi vindo em minha direção.

Natasha usava um vestido de alças finas, colado ao corpo, com os cabelos soltos e lisos, a expressão mais séria que eu já tinha visto nos últimos tempos.

— Olá, baby — a cumprimentei, passando a mão por sua cintura quando ela chegou perto o bastante, juntando

seu corpo ao meu.

Suas mãos vieram para os cabelos da minha nuca, roçando a unha entre eles.

— Olá, Lev. Como foi seu dia? — A voz dela era um sussurro sexy demais para eu me conter.

— Melhor agora. Na verdade — escondi o rosto em seu pescoço, sentindo o cheiro da sua pele, ficando duro só com pouco contato —, muito melhor. — Mordisquei a base do pescoço de Natasha e a ouvi rir.

— Fale baixo, nossa filha está dormindo e Jullie acabou adormecendo junto.

— Então, teremos que ser discretos? — Ela riu com a minha proposta, entendendo muito bem o que eu queria quando descii a alça do vestido de um de seus ombros. — Queria te foder no sofá.

— Não! Vai fazer muito barulho — ela sussurrou, desesperada, mas cobri sua boca com a minha, no segundo seguinte.

Natasha se rendeu, colocou as mãos sobre as fitas do suspensório que eu usava e me guiou para a cozinha.

Ali não era uma garantia de que faríamos menos barulho, mas a distância até os quartos era o suficiente para que, pelo menos, alguns gemidos pudessem ecoar

sem muitos problemas e isso era mais do que eu poderia pedir.

Minha boca não demorou para dominar a de Natasha, porque eu precisava tanto da minha mulher, que chegava a doer fisicamente, o gosto dela na minha boca, sua língua submetendo-se à minha era o combustível que faltava para eu tomar de vez as rédeas da situação e matar devidamente a minha vontade dela, disposto a fazê-la gozar sem pudor algum em meus braços.

— Marido... — Ela suspirou quando precisou buscar por ar, puxando meu suspensório, como se esse ato fosse trazer equilíbrio para seus pensamentos.

A boca avermelhada e olhos pedintes me encarando numa clara expressão de desejo, levou meu bom senso para o inferno e meu pau duro pulsava só por saber que eu foderia a minha mulher até o talo.

— Eu sei bem o que você quer, Foxy — murmurei minha provocação, enquanto terminava de abaixar a outra alça do vestido dela, expondo enfim os seios cheios, que me davam tanto tesão, não resistindo em esfregar suavemente o mamilo claro para ter o prazer de vê-la se contorcendo por conta da sensibilidade que se intensificou ali, graças a amamentação. — Você quer meu pau, quer minha boca, quer gozar *pra* mim de qualquer jeito.

Natasha soltou um gemido baixo em concordância às minhas palavras, ao mesmo tempo que buscou se esfregar no meu corpo, e eu podia sentir o quão quente ela estava, mesmo com as roupas impedindo o contato direto das nossas peles.

Subi o vestido dela na altura da barriga e abri rapidamente a minha calça, após descer meus suspensórios, colocando meu pau para fora e não me demorando para me encaixar entre suas pernas, esfregando-o na boceta coberta pela calcinha, apenas para aumentar a provocação e apertando com firmeza o quadril largo da minha menina, quando a vi tremer pelo prazer que tomou o corpo dela.

— Porra, tô sentindo sua calcinha molhar! — Ofeguei, enquanto levava minha mão direita para uma das coxas dela, a erguendo para me esfregar melhor nela. — Sim, eu sei que você gosta disso, baby.

Era delicioso ver como minha mulher se arrepiava, só por estarmos nos esfregando, a boceta molhada dela arruinando, de vez, a calcinha bonita, demonstrava como ela se afetava com facilidade por mim e o desejo dela alimentava o meu, tacava gasolina no incêndio que se formava dentro de mim.

Não tinha como eu não ser louco por essa mulher!

Os choramingsos pedintes dela por mais começaram a ser mais frequentes e dava para entender pela forma necessitada com que ela rebolava contra mim, buscando alívio no tesão que já começava a se acumular em seu corpo.

Fui categórico em soltar a coxa dela para tirar, por fim, o vestido do corpo perfeito da minha mulher, devorando cada pedaço exposto de pele com o olhar, enquanto a impedia de continuar se esfregando em mim, tendo novamente a consciência de que nunca, nem em um milhão de anos, a vontade que eu sentia dela sumiria.

Nenhuma droga no mundo era mais viciante do que Natasha.

— Tão gostosa... — acabei dizendo, quando coleí meus lábios no pescoço dela, empunhando uma boa quantidade do cabelo ruivo para deixar a região totalmente exposta para mim.

Minha menina murmurava e arfava com os meus beijos, em total entrega, apertando meus braços para descontar um pouco do desejo, sem mal conseguir manter os olhos abertos. Ela estava tão pronta, para eu simplesmente fazer o que quisesse com ela, que não resisti em virá-la de costas para mim, sem nem mesmo avisar, deixando seu corpo sutilmente inclinado na bancada.

Meus olhos foram automaticamente para a bunda branquinha, o quadril agora mais largo só serviu para deixá-la mais gostosa ainda e eu nem mesmo pensei antes de deixar um tapa estalado naquela pele macia, sorrindo, satisfeito com o grito surpreso que Natasha soltou por conta do meu ato.

E a surpresa logo se tornou em prazer, quando eu dei o segundo tapa, tirando um gemido carregado de desejo dela, tendo a visão maravilhosa da minha garota se empinando em busca de mais, tão excitada quanto eu. Eram nesses momentos que eu tinha mais certeza de que tínhamos sido feitos um para o outro.

— Você gosta tanto disso, porra! — rosnei, com tesão, não me aguentando mais e caindo de joelhos atrás dela, para apertar a carne macia com minhas duas mãos, comendo-a com os olhos. — Seu rabo me deixa louco, sabia?

A resposta de Natasha para as minhas palavras foi rebolar para mim, gemendo baixo quando eu intensifiquei o aperto em sua carne, por conta da provocação explícita.

Era demais ter aquela imagem, bem diante de meus olhos, para não fazer nada, e eu não esperei por mais nada que ela pudesse dizer antes de enterrar meu rosto em sua bunda, mordendo e chupando a pele — agora rosada por

conta dos tapas — com o claro intuito de devorá-la, não conseguindo cogitar outra coisa, além de tê-la em minha boca.

Abaixei sua calcinha, com certa pressa, só não a arranquei de uma vez, porque minha esposa foi rápida em chutá-la para fora de seu corpo com os pés, parecendo saber exatamente o que eu queria, quando separou o máximo que conseguiu suas pernas, se mantendo bem empinadinha para mim. Vi com clareza a boceta rosinha toda melada e minha boca salivou de vontade de ter o gosto dela em minha língua, algo que eu não demorei para fazer.

Minha língua foi direto para entrada de sua boceta, porque antes de fazê-la gozar, eu precisava matar a minha sede e o jeito delicioso que a minha menina se contorceu e gemeu por mim, apenas me incentivou a ir mais fundo, querendo cada gota dela na minha boca.

Não demorei para alcançar seu grelo, fazendo uma massagem intensa com as minhas lambidas, enquanto deixava minhas mãos continuarem sua missão de apertar e bater no rabo gostoso da minha mulher, tendo cada gemido exasperado como incentivo para eu continuar.

Eu sabia que poderia fazer Natasha gozar assim e também sabia que poderia rapidamente ficar de pé e meter

nela, como se não houvesse amanhã, mas a minha necessidade estava excedendo os limites do meu controle e foi por isso que eu nem tentei refletir quando, simplesmente, subi minha língua para o cuzinho, tentando não sorrir quando ela quase cedeu com a surpresa do meu ato.

Sempre seria meu prazer pessoal constatar o quanto Natasha gostava de ser tocada nessa região, ela era absurdamente receptiva e, até mesmo, um tanto desesperada quando eu brincava com o cu dela, toda sensível e querendo qualquer coisa que eu quisesse fazer.

Os gemidinhos gostosos que ela estava soltando como uma melodia, apenas confirmava mais ainda esse fato e foi por isso que eu caprichei no beijo grego que estava dando para a minha garota, a deixando rebolar do jeito que quisesse na minha língua.

Levei meu polegar para a sua boceta e intercalei entre brincar com a bordinha da entrada e o grelo, apenas para deixar a minha Foxy mais doida ainda, parando quando percebi molhado o suficiente para que eu afastasse minha boca do seu cu, para substituir por meu dedo ali, forçando devagar a entrada banhada pela minha saliva, porque não queria machucá-la.

— Lev! — ela chamou por mim, num gemido estrangulado, e eu conseguia sentir o quanto ela estava se contraindo com o meu ato. Meu dedo nem estava dentro dela ainda e já estava toda louca por mais.

— Você precisa relaxar, Foxy — falei, num tom carregado de desejo, deixando beijos pela carne macia de sua bunda. — Espera para se apertar com o meu dedo dentro de você.

E, como sempre, minha menina me agradou completamente ao seguir minha recomendação, respirando profundamente, enquanto se obrigava a relaxar o próprio corpo.

Não tive mais problemas para forçar meu polegar para dentro dela, percebendo seu corpo tremer fortemente em resposta à invasão lenta, porém, deliciosa, do jeito que eu sabia que ela gostava.

— Muito bem, baby, seu rabo *tá* tão apertado...

Meu elogio foi dado, enquanto eu distribuía beijos pela lateral de sua bunda, deixando meu dedo ir e vir, sem muita pressa, pelo canal quente e estreito, sentindo meu pau pulsar quando vi que a boceta dela estava tão molhada, que tinha começado a escorrer pela coxa, me deixando insano.

Usei meu dedo indicador e médio para esfregar a região sensível e pulsante, enquanto, pouco a pouco, comecei a aumentar o ritmo com que a dedava, tendo minha atenção total nos movimentos que fazia e na forma entregue com que ela rebolava, totalmente perdida nas sensações que eu estava provocando em seu corpo.

Era incrível como isso ajudava com que minha devoção por essa mulher alcançasse um nível impossível de mensurar. Eu era tão, tão louco por ela, que nada neste mundo poderia superar todas as coisas boas que ela causava em mim.

— Por favor, por favor, Lev! — minha mulher começou a implorar em meio a gemidos sôfregos, apenas expressando em forma de palavras o que o corpo bonito dela já estava me dizendo, ela não aguentaria mais por muito tempo.

— O que você quer, Foxy? — eu a provoquei um tanto maldoso, enterrando todo o meu polegar nela, enquanto usava meu dedo médio e indicador para fazer a mesma coisa em sua boceta, pulsando de novo só por imaginar meu pau dentro daquele espaço apertado e molhado.

— Eu preciso que você me foda! Por favor! Eu quero gozar com o seu pau dentro de mim!

Natasha aprendeu a usar palavras sujas com facilidade, ela sabia o quanto eu perdia o juízo ao ouvi-la falar daquele jeito. O desespero era palpável em sua voz, deixando visível que seu desejo era genuíno e que ela precisava dos devidos cuidados. Numa situação normal, eu até poderia provocá-la um pouco mais, causar mais gemidos desesperados e talvez até algumas lágrimas de súplica, mas eu estava em um estado tão necessitado quanto o dela, a adrenalina que ainda corria solta por minhas veias, por conta do trabalho, parecia ter se potencializado graças a excitação e eu precisava disparar essa arma dentro da minha menina, o mais rápido possível.

Foi por isso que eu retirei meus dedos, com cuidado, antes de me pôr de pé atrás dela, bombeando meu pau algumas vezes para espalhar tanto o meu pré-goço quanto a lubrificação dela, que estava em meus dedos por ele todo, não demorando para forçar a cabeça dele na entrada de sua boceta.

A resposta imediata de Natasha foi rebolar para mim, enquanto tentava se lançar contra o meu corpo, querendo logo que eu me enterrasse dentro dela. Gemi arrastado quando senti as paredes quentes me envolvendo aos poucos e não tive delicadeza ao segurá-la firme pelos quadris, para me afundar de uma vez por todas dentro dela, precisando levar alguns segundos para me recuperar

do golpe de prazer alucinante que foi tê-la novamente junto de mim somado ao gemido fodido que a minha garota soltou, totalmente destruída.

Alisei suas costas, enquanto sorri ao vê-la toda debruçada na bancada e esperei as primeiras reboladas para iniciar minhas estocadas, adorando ver meu pau lambuzado por sua lubrificação ir e vir naquela boceta gostosa.

Natasha parecia desnorteada pelo prazer, gemendo e tremendo, enquanto tentava, a todo custo, me manter dentro dela, me fazendo rir quando tapou a própria boca, assim que soltou um gemido mais alto que os outros.

Voltei a segurar os fios ruivos com a minha mão esquerda, os puxando para que, assim, ela se empinasse mais ainda no meu pau e usei novamente o polegar da minha mão livre para voltar a dedar o cu dela, a malícia brilhando em meus olhos por conta da forma responsiva e deliciosa do seu corpo quando os movimentos entraram em sincronia.

— Isso, baby, rebola gostoso *pra* mim — sussurrei, rouco, deixando meus olhos viajarem por aquele corpo perfeito, enquanto sentia que a cada estocada que deixava dentro dela, adiantava para mais perto o meu orgasmo iminente.

Bem, o nosso orgasmo iminente, porque Natasha parecia muito perto de gozar, desesperada e aflita, rebolava num ritmo errático no meu pau, deixando suas mãos apertarem a borda da bancada com toda a sua força, enquanto tentava olhar para mim sobre o ombro direito, tentando me avisar que estava vindo para mim.

Eu apenas precisei puxar mais forte o cabelo dela, antes de dar mais três metidas certas, tanto com o meu pau quanto com o meu dedo, para ver o corpo inteirinho dela tremer e sua boca abrir em deleite para ecoar o gemido abrasador que anunciou seu orgasmo, xingando baixo pela forma deliciosa que ela me apertava em resposta aos espasmos do próprio corpo.

Retirei meu dedo do seu cuzinho, assim que senti que estava prestes a gozar, e deixei meu pau escorregar para fora, após sentir o primeiro disparo sendo deixado em seu interior, mantendo seus cabelos na minha mão esquerda e usando a direita para bater uma, enquanto terminava de gozar por toda a sua bunda, gemendo silencioso e registrando cada detalhe com meus olhos semicerrados.

Aproveitei para me esfregar um pouco nela, antes de abraçá-la por trás, deixando beijos por seus ombros, à espera de nossos corpos se recomporem de toda aquela descarga de prazer.

— Se acalme, Foxy — pedi, com a respiração completamente irregular, enquanto beijava sua têmpora.

— Estou tentando — ela respondeu, com um sorriso nos lábios, mantendo os olhos fechados, conforme seu peito subia e descia, de forma intensa. — Jullie deve ter acordado.

— Jullie sabe que há dois adultos na casa. — Minha governanta já tinha me pegado nu e visto tantas mulheres antes, que devia rezar, agradecendo todo dia, por eu finalmente sossegar o rabo.

— Concordo. — Ela tentou não dar risada antes de se virar para mim.

Natasha me soltou, só para se sentar na bancada da nossa cozinha e eu aproveitei para ajeitar o pau dentro das calças.

— O que está fazendo? — Os olhos azuis de minha mulher me censuravam, conforme ela me puxava para perto, me encaixando entre suas pernas. — Nós não acabamos, marido. — Ela ergueu uma das sobrancelhas, enquanto colocava as mãos sobre o meu rosto e me puxava para si.

— Não? — Agora quem achava graça era eu. — Então, me diga, bruxa ruiva, o que quer de mim? — falei,

em um tom de voz rouco e baixo, envolvendo a cintura da minha mulher, apertando seu corpo contra o meu.

— Nós vamos subir. — Ela tocou os lábios macios nos meus e continuou falando: — Vou preparar um bom banho para você... — Não aguentei esperar, beijando Natasha e ganhando sua risada sonora em troca do meu atrevimento. Ela afastou o rosto e olhou em meus olhos, falando, séria: — E vou deixar você terminar o que começou aqui...

— Sua proposta é interessante — me ergui, ainda mantendo as mãos nos quadris dela —, mas vou mudar algumas coisas neste plano. — E sem esperar por seu consentimento, coloquei Natacha sobre os ombros, nua, com a bunda melada com meu gozo e dei-lhe um tapa no traseiro quando ouvi seu protesto.

— Calada — falei, em um tom autoritário, mas divertido. — Você não pode me negar nada. — E ouvindo o riso dela e os protestos a cada tapa que eu dava em sua bunda, enquanto carregava Natasha escada acima, só me deram mais certeza de que, certo ou errado, eu enfrentaria todo o mundo só para poder cair nos braços daquela mulher.



Abri a porta da suíte do nosso quarto e só então a coloquei no chão.

Natasha mantinha um sorriso enorme no rosto e, na ponta dos pés, me deu um beijo no queixo, antes de virar as costas e colocar a banheira para encher.

Observando-a, me aproximei da pia e arranquei os sapatos.

— Não — ela disse, quando me viu abrindo a camisa e veio até mim. — Eu faço isso.

Minha mulher afastou minhas mãos e, primeiro, arrancou os suspensórios, depois, abriu botão a botão da minha camisa, de forma lenta, olhando nos meus olhos, enquanto fazia aquilo, no maior ato de intimidade possível.

A peça de roupa escorregou por meus ombros, enquanto as mãos de Natasha acariciavam minha pele, parecendo mapear cada centímetro meu.

Por um segundo, seu olhar foi para a tatuagem de raposa entre minhas costelas e seu sorriso voltou a se abrir. Acariciei seu rosto e toquei sua boca com o polegar. Ela entreabriu os lábios e eu senti o toque de sua língua na ponta do meu dedo, provocando enquanto suas mãos estavam abrindo minha calça, empurrando-a junto da cueca para baixo, liberando meu pau que estava quase

completamente duro só pela ansiedade de tê-la novamente.

Natasha era o melhor *viagra* que já haviam inventado e, ali, no nosso banheiro, enquanto a banheira enchia, minha mulher ficou de joelhos entre meus pés e eu me curvei sobre ela, levando meu dedo até o limite em sua boca, sentindo quando suas mãos pegaram meu pau.

Ajeitei a postura, liberando a boca dela e assisti enquanto ela me masturbava, sem tirar os olhos dos meus. Não demorou até que minha menina umedecesse os lábios com a língua e avançasse, colocando toda a cabeça do meu pau na boca, sorvendo e lambendo junto do trabalho das mãos em volta do comprimento. Minhas pernas formigaram e eu puxei o ar entre os dentes. Aquilo era bom *pra caralho*. Natasha forçou a língua dura sobre minha uretra, depois, lambeu freneticamente o freio e, rapidamente, ajeitei seus cabelos em uma mão, antes de me apoiar na pia e aproveitar enquanto minha mulher se mostrava a deusa da chupada.

Fechei os olhos por um momento, aproveitando da sensação do ato e senti quando uma de suas mãos tocou minhas bolas. A carícia começou leve, mas logo se intensificou, assim como a chupada, e não demorou até que ela avançasse com a boca sobre o meu pau,

começando os movimentos de vai e vem intensos junto daquela massagem.

Ouvi Natasha se engasgar e quando olhei para baixo, seus olhos me fitavam fixamente, cheios d'água, enquanto sua boca mal aguentava minha grossura. Mesmo assim, ela fazia o seu melhor, me levando até o limite, forçando contra a garganta, me molhando de saliva, até quase a base.

Forcei sua cabeça contra o meu pau e quase não aguentei quando vi a primeira lágrima escorrer pelo canto do seu olho. Ela afastou a cabeça e cuspiu em mim, me masturbando com a mão livre, enquanto, não resistindo, a puxei para ficar em pé e a agarrei com firmeza.

Dei-lhe um tapa ardido na bunda, ainda segurando seus cabelos com firmeza e vendo o rosto perfeito tão perto, o queixo completamente molhado de saliva, mordi seu lábio com selvageria e sussurrei:

— Você gosta de se engasgar com o meu pau, é, safada? Vou meter em você com tanta força, que essa porra de prédio inteiro vai ouvir.

Tomei a boca de Natasha em um beijo intenso e a arrastei em direção à banheira, mas, para minha surpresa, minha mulher me afastou.

— Entre — ela mandou, e eu não ousei desobedecer, colocando os pés na água quente, já me abaixando para que a água cobrisse boa parte do meu corpo.

— Algo mais, madame? — Ela abriu um sorriso e limpou o queixo no braço, antes de prender o cabelo.

Observei, atento, cada movimento dela, o jeito como seus seios, ainda maiores, ficava quando seus braços se erguiam, a barriga lisa, os pelos ruivos bem aparados sobre seu púbis... Aquilo me dava um tesão do caralho.

Natasha terminou de prender o cabelo e entrou na água. Não havia espuma, só nossos corpos à mostra, e assim que ela se aproximou, pegando o sabão, eu a abracei pelas pernas e a puxei para cima de mim.

Ela perdeu o equilíbrio, caindo sobre o meu colo, com meu pau tocando sua boceta.

— Você é um selvagem. — Os olhos semicerrados me julgavam.

— Isso é um problema, Foxy? — perguntei, apertando seu quadril, sentindo sua boceta quente se roçando em todo meu pau.

— É como os leões devem ser, não? — Natasha fingia calma e não olhou para o meu rosto, mas sim para o

meu peito, conforme tirava minhas mãos de si e me obrigava a segurar na borda da banheira.

Não falei nada, apenas assisti à minha mulher brincar com meu juízo.

Seu quadril passou a se movimentar no meu colo, e Natasha começou a se esfregar lentamente no meu pau, conforme ensaboava meu corpo.

Primeiro, o pescoço, seguindo para o peito, onde ela acelerou o ritmo dos quadris, e quando chegou em meus braços, o sabonete escorregou para dentro d'água e ela, que já não queria saber de me lavar, apertou meus ombros com firmeza, enquanto fechava os olhos e começava a gemer baixinho, conforme esfregava o grelo no meu pau.

Safada.

Tentei me conter, mas meu juízo não durou dois segundos. Ergui o quadril, colocando-a para fora d'água e virei Natasha de costas para mim, abraçando seu corpo com firmeza, trazendo-a para se sentar encaixada no meu pau, de uma vez. Melada como estava, a resistência foi mínima e, assim que meu pau entrou até o talo, ela gritou, enquanto suas mãos me apertavam como dava.

A sensação de Natasha me apertando de uma só vez me deixou louco e descontei em sua pele, mordendo seu ombro, antes de xingá-la.

— Cazzo di inferno! — Segurei seu pescoço com a mão esquerda, enquanto, com a direita, com ela parada no meu colo, comigo enterrado dentro dela, descii tocando seus pelos, acariciando sua pele com vigor e indo além, sentindo seus lábios esticados para me manter dentro.

— Lev, por favor... — ela implorou, tombando a cabeça contra o meu ombro, fazendo o primeiro movimento com o quadril. Meu corpo todo recebeu o choque daquilo e eu a segurei com força.

— Shhh, shhh, shhh — fiz para ela. — Não se mova ainda, Foxy.

— Mas quero você por trás — ela pediu, e eu ri.

— Safada. — Mordisquei a orelha de Natasha, enquanto meus dedos foram para o seu grelo inchado e, começando a massageá-la devagar, falei: — Vou comer seu rabo, mas quero gozar na sua boceta. Se me fizer gozar antes, vai ficar a noite toda comigo dentro de você, entendido?

— Uhum. — Foi o que ela conseguiu dizer, enquanto se esforçava para não se mover tanto, já que os pequenos espasmos, graças aos meus dedos, faziam seu corpo se movimentar.

Era engraçado como depois de toda a tormenta pela qual passamos, aquela mulher parecia capaz de me amar

tanto quanto eu a amava. De necessitar de mim, de forma tão cru, quanto eu precisava dela, mas lá estávamos, nos beijando na banheira, onde ela adorava transar, enquanto eu a acariciava entre as pernas e começava a me movimentar lentamente, intensificando o movimento de entra e sai da bocetinha apertada, que parecia disposta a me massacrar, ao apertar todo meu pau quando dentro dela.

Natasha tentou manter o beijo, mas não conseguiu, afastando os lábios, enquanto os olhos se fechavam, gemendo baixinho e continuamente a cada estocada lenta que eu dava.

Aproveitei minha mulher tão exposta e explorei seu corpo, com cuidado, acariciando os seios, brincando com os mamilos sensíveis, apertando seu quadril, arranhando suas coxas, mordiscando seu queixo, até conseguir uma brecha em seu ponto fraco, finalmente beijando seu pescoço, enquanto os gemidos dela iam crescendo e seu quadril começava a trabalhar junto do meu, querendo aumentar o ritmo, precisando de mais daquilo.

— Gostosa — sussurrei, quando saí completamente de dentro dela. — Quero te ver melhor. — E Natasha não protestou de forma alguma, virando-se e se encaixando de

frente, me fazendo arfar junto de sua boca, quando meu pau se enterrou nela até o talo.

Seus braços me envolveram, sua testa tocou a minha, assim como seus seios ficaram contra o meu peito e ela foi direta ao pegar minhas mãos e colocá-las na sua bunda.

Eu sabia o que Natasha queria e eu daria.

Deitei um pouco mais o corpo e a forcei a se deitar mais em mim. Natasha riu, quase perdendo o equilíbrio, mas o riso se transformou em gemido quando dei a primeira estocada junto à carícia em seu rabo apertadinho.

Naquela posição, a pressão era menor e eu poderia fodê-la forte, sem precisar me conter.

— Felippo... — ela ronronou meu nome, com impaciência, forçou o corpo contra meus dedos e arregalou os olhos quando eu a penetrei com dois dedos de uma vez.

Assistir às reações de Natasha, enquanto eu a possuía daquela forma, era uma das melhores coisas sobre estar vivo. Sua boca se entreabriu, sugando o ar de um jeito sensual e ela ergueu o corpo, segurando nas laterais da banheira, enquanto começava a fazer seu movimento favorito.

Ela me mantinha dentro de si e fazia o quadril ir para frente e para trás, causando um maremoto na banheira, me

obrigando a segurar toda aquela pressão no maxilar, já que minha mulher parecia decidida a me deixar completamente insano. Dava para sentir o corpo dela pulsando, tanto contra o meu pau, quanto com meus dedos em seu canal.

O corpo dela era tão firme e perfeito para o meu que, se Natasha não se comprimisse contra mim, era capaz de acabar me expulsando de dentro de si, e eu, depois de enfiar um terceiro dedo dentro dela e abri-la o bastante para saber que não a machucaria, vendo minha mulher completamente entregue, retirei os dedos e a ergui pelos quadris.

Ela entendeu o que eu queria, só não esperava meu ataque.

Natasha achou que ficaria por cima, mas a trouxe para baixo, colocando-a de joelhos na banheira, com o rabo empinado, ergui seu quadril, e vendo o gel que a safada tinha deixado perto da banheira, já com segundas intenções, lubrifiquei seu cu e meu pau com uma boa quantidade do líquido que parecia esquentar com a fricção. Não deu outra, assim que encaixei a cabeça do meu pau no rabo dela, Natasha ficou com os nós dos dedos brancos, segurando na borda da banheira.

Esperei um pouco, até estar pelo menos com a ponta dentro dela e fiquei parado, acariciando seu corpo,

esperando minha mulher se forçar contra mim.

Não demorou para que uma das mãos descessem para o meio de suas pernas e ela brincasse com sua boceta, relaxando o próprio corpo, começando a se forçar contra mim, já rebolando.

A visão da bunda rosada engolindo meu pau me fez ver estrela, mas me segurei, gemendo junto dela, conforme avançava dentro do cuzinho apertado, segurando em seu quadril para que ela não me expulsasse, bati em sua bunda e, espalmando as mãos sobre o traseiro, eu a abri, vendo a cena perfeita do corpo dela aceitando o meu, até que minhas bolas bateram contra sua boceta.

Ela puxou o ar de forma quase desesperada, xingando em outra língua, o que começava a ser raro, mas que a bruxa sabia que eu adorava. E sem pensar duas vezes, me curvei sobre ela, massageando seus seios com brutalidade, beijando suas costas e, depois de alguns minutos só sentindo seu corpo me comprimindo, enquanto eu pulsava dentro dela, ergui seu tronco.

Natasha estava entregue, os cabelos caindo pelo corpo, meio molhados, meio secos, uma completa bagunça, os braços presos pelos meus em suas costas, e a visão perfeita das covinhas no final da sua coluna, com a

tatuagem entre elas, enquanto eu estava completamente enterrado em seu cu.

— Puta que pariu, como você é gostosa. — Não resistindo, dei mais um tapa na bunda da minha mulher e levei a mão livre até o meio de suas pernas pela frente, sentindo sua boceta melada, sabendo que aquilo não era água, de forma alguma, e enquanto ela gemia sem ligar para o volume, resolvi começar a brincadeira.

Meu quadril se afastou pouco no começo, mas não demorou para que a coisa ficasse mais intensa. Eu quase saía por completo e voltava para ser massacrado pelo rabinho contraído, jogando água para fora da banheira, sem me importar com mais nada, além do reflexo de Natasha no vidro do box.

Aquilo deveria ter sido filmado ou fotografado, no mínimo.

Ela mesmo segurava sua bunda, se abrindo para mim, com a tatuagem de leão em sua mão me encarando, me deixando ainda mais louco, enquanto eu investia contra ela.

Não levou muito mais que dez minutos, para que a ruiva começasse a dar indícios de que gozaria e eu precisei de cada um dos meus músculos e concentração

para aguentar quando Natasha foi arrebatada pelos espasmos do orgasmo.

Seu corpo todo se contraiu, seu cu quase me expulsou, ela gritou, xingou, chorou e então começou a rir.

Eu parei de me mover aos poucos dentro dela e quando a deixei e soltei seu corpo, ela não tinha forças nos braços para se segurar.

— Meu Deus, espere um minuto, marido — ela pediu e eu ri, saindo da água, não esperando nada. Peguei Natasha no colo, fazendo-a gritar e rir ainda mais.

— Espero porra nenhuma, quero gozar na sua boceta. Eu avisei — falei, colocando o corpo molhado sobre a pia de mármore claro.

— Ah, você quer, é? — O olhar de provocação estava lá. — Então, está bem. — E me dominando, achando ser divertido, Natasha inclinou um pouco o corpo para trás, até encostar as costas contra o espelho e subiu as pernas, abrindo-as para mim, enquanto se tocava, como se fosse uma vitrine expondo minha coisa favorita do mundo.

Seus dedos de unhas curtas e esmalte branco brincaram entre os pelos laranjas, depois separaram os próprios lábios, e tocaram finalmente o clitóris inchado.

Minha boca estava cheia d'água.

— Está esperando o quê? — A voz rouca e sensual de Natasha me despertou e eu avancei com o pau tão duro e latejando para dentro dela, que não houve nenhum cuidado.

Minhas mãos se afundaram na carne de sua bunda, ela gemeu quando escorreguei para dentro dela e não pude deixar de gemer junto.

— Pede — falei, entredentes.

— Meu amor, meu leão, goza em mim, por favor. — O tom de súplica de Natasha era real demais para ser só obediência, e enquanto ela se masturbava com uma das mãos e com a outra acariciava meu rosto, investi com o quadril contra o dela, em uma fúria descabida, ouvindo o som dos corpos úmidos um contra o outro, sentindo sua boceta me apertar de propósito, fundindo nossos corpos como um só, até chegar ao meu limite.

O primeiro jato de porra quase me colocou para trás, mas me agarrei nela com mais força e gemi gostoso, enquanto sentia a onda de prazer se espalhar pelo meu corpo todo, conforme eu enchia minha mulher bem no fundo com meu gozo.

— Puta que pariu — falei, com a respiração completamente irregular. — Eu amo você, Foxy.

— Eu sei — ela disse, me abraçando, ainda me mantendo dentro de si. — E eu amo você, Lev. Com toda a minha vida.

Ela não tinha ideia de que aquilo era um desabafo, mais do que uma declaração. O amor por Natasha era o que me dominava, e se eu havia rasgado a garganta de alguém mais cedo, aquele dia, o maior motivo deles era o amor que tinha por ela.

Depois de estar plenamente satisfeito, levei Natasha de volta ao banho, cuidei da minha mulher como deveria e quando nos deitamos na cama, completamente nus, eu a abracei, para confessar meu pecado do dia.

— Eu matei Salvatore.

Saiu rápido e fácil, mas a ansiedade por ver a reação dela me matou.

Natasha ficou em silêncio por longos minutos, então soltou a respiração de forma prolongada e me encarou com seus olhos azuis penetrantes.

— E como está com isso?

— Foi a coisa certa. Ele era um traidor, uma ameaça à nossa família. — Peguei sua mão mais próxima e entrelacei os dedos aos dela, antes de trazer perto dos lábios. — Sabe que isso precisava acontecer.

— Sei — ela respondeu, quando beijei sua mão. — E não consigo me ver lamentando essa morte. — Então, para minha surpresa, ela se apoiou no cotovelo, puxando a mão de volta para si e, parecendo com vergonha, desviou o olhar para a cama. — Eu também tive minha dose de coisas estranhas hoje. Meu pai... Ou melhor — ela olhou para a varanda fechada —, Leonel Luppolo veio até aqui hoje.

— Como? Ninguém me avisou. — O ódio cresceu no meu peito.

— Não. — Me ver alterado fez com que Natasha me encarasse. Sua mão sobre o meu rosto foi a única coisa que me impediu de ligar para Leonel. — Foi algo bom. Eu precisava, mesmo que não soubesse.

— E como foi?

— Ele almoçou comigo. Falou sobre minha mãe, me confirmou coisas que eu já suspeitava e, em uma hora, conseguiu ser um pai melhor do que Bóris, em todos esses anos.

— Eu... — respirei fundo, filtrando as palavras — ... sinto muito, Foxy. — Acaricieei seu rosto. — Louis ainda não quer me deixar cuidar de Bóris...

— Nem eu sei se quero. — Ela se deitou perto de mim, se aninhando. — Parece que esse homem só existe

para fazer eu me sentir mal.

— Posso resolver isso — propus.

— Não. Não quero ser escrava do ressentimento por ser conivente com a morte de alguém que eu amava.

— Esse seu discurso é muito bonito e funcionaria lá fora — puxei seu rosto para me encarar —, mas você é a mulher do consigliere, e em nosso mundo, o que Bóris fez, se paga com sangue.

— Eu sei — ela lamentou. — Só não queria que fossem as suas mãos a se sujarem com o sangue dele — ela disse, pegando minha mão para levar ao seu rosto.

— Eu posso usar luvas. — O comentário não a fez rir, mas nem tudo seriam flores. — Natasha, eu a amo. Amo com tudo o que sou, mas não posso te proteger dos seus sentimentos.

— Eu sei. Você faz o seu melhor e eu agradeço por isso. — Ela suspirou. — Mas talvez, essa seja o tipo de dor que precisa ser sentida. Talvez, enterrando Bóris, eu consiga enterrar todas as coisas ruins que ele me fez sentir e, assim, só talvez, eu me liberte. Não dá para viver com um dementador nas costas, não é mesmo?

E me abraçando, minha mulher se aconchegou contra o meu peito, e eu a fiz adormecer, sabendo que o mundo lá

fora podia acabar, mas enquanto fôssemos nós, não havia nada que pudesse nos derrubar.



CAPÍTULO 37

Diga que estava tentando me fazer rir

E nada precisa mudar hoje

Você não queria dizer: Eu te amo

I LOVE YOU, BILLIE EILISH

ZOLA

Era a primeira vez, em toda a minha vida de serviço, que eu era irresponsável.

Pelo menos, era essa a sensação que me dava, mesmo tendo escolhido a dedo cada um dos homens que assumiriam minha posição. Elizabeth ficaria segura, assim como os pais de Giovanna e seu irmão mais novo. E eles estariam distraídos demais com a noite pré-casamento para notarem que, tarde da noite, a noiva fugiria.

Foi um sacrifício convencer minha mãe a viajar para o interior e ficar com uma parente distante, mas ela não me questionou quando entendeu que aquilo era necessário. Agora, todo o dinheiro que eu tinha estava em maletas no

porta-malas do carro alugado e os documentos novos, meus e de Giovanna, estavam no porta-luvas. Precisávamos ser rápidos e espertos, precisávamos aproveitar todas as brechas, ou então, eu morreria em vão e ela seria arrastada de novo para a vida da qual tentava desesperadamente fugir.

Como era eu quem tinha escolhido quem ficaria de guarda aquela noite, optei por dois novatos não tão espertos e, assim que estacionei o carro na vaga de sempre da garagem e desci, os dois me cumprimentaram, animados.

— Agliardi, como vai? — um deles falou.

— Bem, e vocês? — Usei o meu melhor tom.

— Tudo bem. Algum problema para o senhor estar aqui?

— Na verdade, sim. Giovanna está em prantos lá em cima, sabe como é, mesmo não querendo admitir, sou a babá. — Fiz piada do comentário que me perseguia e eles riram.

— Ah, será que tem algo a ver com a visita do consigliere?

E, por um segundo, quase vacilei com o sorriso que mantinha no rosto.

— Felippo Lazzarin está aqui?

— Está, subiu com o senhor Luppolo tem algum tempo.

Aquilo me desestabilizou por completo.

— Bom, vou descobrir. Obrigado por avisarem.

E mesmo sabendo que podia ser uma má ideia seguir, eu entrei no elevador e apertei o botão do andar do apartamento dela.

Giordana precisou deixar Giovanna quando a morte de seu irmão foi anunciada. Eu, em toda a vida, nunca vi alguém tão mal. O comentário sobre a morte de Salvatore e a desonra para os Matteucci se espalharam como fogo, tanto quanto a volta dos mortos de Felippo.

E, mesmo não querendo, a insegurança de tê-lo de volta, perto, me fez ansioso.

Por segundos, dentro daquele elevador, eu pedi para que se havia um Deus em algum canto do universo, que Felippo e Giovanna não se encontrassem, mas assim que a porta se abriu e eu saí para o hall, não consegui acreditar no que via.

Matteo estava na porta do apartamento, encostado com o ombro no batente, observando a irmã abraçada ao consigliere que tinha um buquê enorme na mão.

Pela primeira vez, em anos, eu tive vontade de chorar.

Senti até o olho arder, mas me segurei, fazendo mais barulho do que gostaria ao limpar a garganta, chamando a atenção de Matteo.

— Hey — ele me cumprimentou sobre o ombro. — Estou sobrando por aqui. — ele comentou baixo, indicando os outros dois que ainda estavam abraçados. E sem ela me ver, o irmão mais velho fechou a porta do apartamento. — Relaxe, eu confio que ela não fará nada de errado, ele também. — E, piscando para mim, Matteo deu um tapinha no meu ombro e entrou no elevador. — Quer subir? Você não parece bem e eu queria conversar sobre Giovanna.

Sem saber por que, eu concordei, indo no automático, vendo tudo o que planejei ir pelo ralo.

Como um zumbi, tentando não deixar minhas emoções tomarem conta, mesmo meu peito doendo, como se tivesse sido baleado, acompanhei Matteo para dentro do seu apartamento e segui a indicação dele para me sentar no sofá.

— Achei que o dia hoje não ia acabar. Minha mãe não parava de falar como está feliz pelo casamento, mas meu pai, Frederico e eu sabemos que há algo de errado e minha irmã não fala. — O subchefe da Dark Hand se

sentou ao meu lado e puxou a mesa de centro, servindo dois copos de uísque forte, me entregando um deles em seguida. — Então, eu preciso perguntar, já que você é o melhor amigo dela, que merda Bartek tem feito com Giovanna?

Engoli o primeiro gole da bebida, rasgando o paladar com o gosto amargo, tentando segurar a impulsividade que nunca me foi costumeira, enquanto os olhos esverdeados de Matteo me analisavam.

— Vamos lá, não minta para mim. Sabe que, se amanhã Giovanna se casar, estamos perdidos. Não há nada para se fazer quando ela sair do nosso território, já que, lá fora, o que vale são as regras deles — Matteo insistiu, e, sem nada a perder, eu abri a boca.

— Se eu te contar, você vai me matar. — Ele parou o copo no meio do caminho, respirou fundo e ajeitou a postura.

— Então comece. E eu dou minha palavra de que o que me contar aqui que possa te incriminar, não será exposto. — E como forma de me dizer que era seguro, Matteo largou o copo em cima da mesa, tirou sua beretta favorita do coldre e me entregou. — Está carregada, então, se você se arrepender, pode me matar antes de sair.

— Você é louco. — Quis rir, largando a arma em cima da mesa.

— Até posso ser, mas sei que você tem a informação que preciso, e farei de tudo para proteger minha irmã, assim como eu sei que você também faria.

E ele não estava errado. Mesmo sem conseguir lidar com a mágoa que crescia no meu peito, mesmo sem conseguir pensar em outra coisa que não fosse em Giovanna e Felippo, três andares abaixo, nada havia mudado, e tomando fôlego, sabendo que confessaria meu maior crime, eu falei.

— Eu sou apaixonado por sua irmã, desde que me conheço por gente, e no último ano... Bom, eu beijei Giovanna — admiti e não tive coragem de olhar nos olhos de Matteo. — Ela não se lembrou, estava bêbada depois da última festa que foi com Giordana e acabou acontecendo. Juro, não a desrespeitei, parei na hora que vi a merda que estava fazendo e tentei, ao máximo, me afastar, mas comecei a notar que tinha coisa errada com a relação dela e do polonês. Ele fez a cabeça da sua irmã, fodeu com ela, de verdade, Giovanna estava sem comer ou, quando comia, parecia que o mundo acabaria em comida, só para ela se arrepender logo em seguida e correr para o banheiro, para meter o dedo na garganta e

vomitou tudo. Assisti à sua irmã mudar, sofrer, definhando, e se desesperar ao ver que o sonho dela não se tornaria real. Bartek a traiu na viagem, tantas vezes, que mal posso contar, mas em um dia desses, quando ela não conseguia parar de chorar por causa do noivo ser terrível e ter roubado o primeiro beijo dela de uma forma grotesca, acabei contando sobre tê-la beijado e, de lá *pra cá*...

— Vocês dois têm um caso? — Matteo perguntou, abertamente e eu lambi os lábios por um segundo, tentando entender se aquele era o nome certo para o que tínhamos.

— Não gosto desse nome, mas acho que é o que se encaixa. Porém Bartek foi mais esperto. Foi ele quem quebrou a mão de Giovanna, no ano passado. E, depois, nos flagrou passeando juntos e tem fotos disso. Ele tem se aproveitado dia e noite dela, ameaçando me entregar, enquanto abusa de Giovanna, de todos os jeitos, e eu sou um idiota que não conseguiu protegê-la de nada. — Devolvi a arma para Matteo e finalmente o encarei, olho no olho. — Você pode me matar agora, mas tem que saber que Bartek a estuprou, que mexeu com a cabeça dela num nível tão fodido, que nem alertando Louis e colocando todo mundo contra ele, ela quer assumir o que ele faz. É por isso que eu estou aqui hoje. Eu levaria Giovanna embora para nunca mais precisar passar por nada disso.

E, ficando em silêncio absoluto, Matteo me ignorou por alguns minutos, parecendo pensar.

Ele terminou com a sua bebida, encheu o copo de novo, bebeu tudo de uma vez e limpou a boca com o braço, largando o copo sobre a mesa de forma mais agressiva.

— Quanto de dinheiro você tem?

— Quase dois milhões — admiti, e o vi me encarar, admirado.

— E você ama minha irmã, certo?

— Amo.

— Então, meu amigo — ele bateu no meu ombro e sorriu de canto —, vamos fazer isso direito. Vocês vão fugir, e eu vou ajudar.

— Louis vai te matar. — Quis rir.

— Não antes de matar você, mas se é isso que vai manter minha irmã segura e feliz, foda-se. Eu cuido de Louis depois. A primeira coisa é, você vai pegar todo o seu dinheiro e documentos falsos, você tem documentos novos, certo?

— Para mim e para ela. — Confirmei com a cabeça.

— Esperto — Matteo me elogiou. — E agora, vai pegar suas coisas e entrar no primeiro voo para a

Califórnia, porque se der alguma merda, é lá que posso te proteger.

Eu mal conseguia acreditar.

— Tenho uma casa afastada de tudo, é boa para levar mulher, impressiona, sabe? Tem um casal de idosos como caseiros, eles não fazem ideia do nosso mundo, então não fale nada. Vou ligar para eles e dizer que um amigo meu está indo para lá, você não precisará sair, não precisará se expor, e só vai falar com o mundo externo se for comigo, entendido? — Ele se levantou, indo até uma gaveta da estante e arrancou de lá um celular pré-pago, jogando em minha direção.

— Mas e Giovanna?

— Deixe que eu cuido disso.

Confiando que o irmão dela poderia fazer muito mais do que eu, obedeci às ordens, ignorando o ciúme mortal que sentia por saber que o coração de Giovanna poderia estar dividido. Me amando ou não, longe de tudo, eu poderia protegê-la.



CAPÍTULO 38

*E nada pode permanecer o mesmo
As dores estão aumentando
Esteja orgulhosa de todas as cicatrizes
Que fazem você quem você é
Eu sei que você tem que ficar
Mas nunca vou te abandonar
Nada tem que mudar
Mesmo que nós mudemos
E você pode me encontrar
Onde os dois mundos se encontram
Nunca estarei fora do alcance*

SPACE BETWEEN, DESCENDENTES.

GIOVANNA

Ainda estava processando que não poderia ficar com minha melhor amiga em uma das piores horas de sua vida, não entendendo direito o que estava acontecendo, quando a campainha tocou. Eu sabia que era Matteo, ele já tinha avisado que viria aquela noite e eu queria ser rápida, já que

minha mochila com o essencial estava pronta, só esperando por Zola.

Aquela era nossa última chance.

Coelho correu para a porta e eu precisei empurrá-lo com o pé, antes de abrir, mas assim que o fiz, meu sangue congelou e eu não consegui evitar chorar.

— O que é isso? — perguntei, em um tom mais agudo do que gostaria, e tapei a boca em seguida, me afastando da porta, dando passos para trás, não acreditando no que via.

— Eu voltei. — A voz de Felippo ecoou pela sala e eu escondi o rosto entre as mãos.

Não podia ser, não podia.

Eu havia chorado sua morte, havia partido meu coração em milhões de pedaços por sua perda, e agora, ali estava ele. Com um buquê de flores na mão, em carne e osso, vivo.

Meu coração doeu, e, sinceramente, pensei ter enlouquecido, mas ele me abraçou. Me abraçou firme e pousou um beijo no topo da minha cabeça, enquanto eu chorava e tentava entender o que acontecia.

Não sei quanto tempo fiquei ali, repetindo a mim mesma que não estava louca, que ele estava vivo, mas só

consegui encará-lo, só consegui realmente olhar para seu rosto, depois de a porta fechar.

— Dio santo... — Estiquei a mão, para tocar seu rosto. — Você está vivo — concluí, sem saber se chorava mais ou se ria, cheia de felicidade.

— Estou. E você se casa amanhã, não é, princesa?

E eu acabei chorando ainda mais, me encolhendo sobre os joelhos, não querendo pensar naquilo. Se Zola não aparecesse, se não tivesse tido a ideia de me levar embora, eu viveria com um monstro. E viveria com ele por não poder viver tudo o que tinha planejado com Felippo.

Como era confuso ter à minha frente o homem ao qual eu sempre desejei como marido e, de repente, me dar conta de que a vida não seguia plano nenhum. Que ela só acontecia e eu precisava aprender a lidar com isso.

— Não, não. Não chore. Levante-se daí. — Ele me ajudou a ficar em pé de novo e eu tentei me recompor.

— Me desculpe. — Limpei o rosto com a manga da blusa, como dava, e tentei respirar fundo para finalmente olhá-lo com atenção.

Os olhos verdes estavam fixos em meu rosto, o cabelo loiro no mesmo corte de sempre, a barba bem feita, as tatuagens... Tudo no seu devido lugar.

— Não peça desculpas. Eu é que sinto muito que você tenha sofrido com a história que precisamos contar. — Ele acariciou minha bochecha e respirou fundo. — Isto é seu. — E me ofereceu o buquê de rosas coloridas.

— Obrigada. — Sem jeito, peguei as flores e as levei para o balcão. — São muito bonitas.

— É... — Ele colocou as mãos nos bolsos da calça e olhou em volta. — Seu irmão, Louis, pediu que eu viesse te contar pessoalmente sobre estar vivo. Ninguém queria que a noiva mais bonita da história tivesse um ataque do coração no meio da igreja, não? Eu não me perdoaria. — Balancei a cabeça, evitando olhar para ele, enquanto um sorriso de nervoso surgia no meu rosto.

— Eu não quero me casar — admiti para Felippo. — A vida toda, todos os dias, desde os meus doze anos, eu venho sonhando com meu casamento. — Minha voz era fraca. — Desde o dia em que me apaixonei por você, não havia outro rosto me esperando no altar e aquele meu conto de fadas perfeito estava pronto para ser vivido. Até que tudo desmoronou e me trouxe até aqui. — Engoli o gosto amargo na língua e encarei Felippo. — Eu pensei que fosse morrer quando você se casou, pensei que minha vida estivesse arruinada quando você começou a viver seu pequeno felizes para sempre com Natasha, mas... — Ri,

me achando idiota. — Se você não tivesse ido, eu não teria aberto os olhos.

— Então, não ama seu noivo. — Felippo pareceu desconfortável, principalmente quando confirmei com a cabeça. — E ainda me ama?

— Amo a ilusão que criei na minha cabeça — confessei. — Mas, depois de um ano inteiro, você sabe que eu não seria a mulher certa para você. Acho que, com tudo o que ouvi por aí, você e Natasha são um bom time. — E eu e Zola um outro, tão bom quanto, pensei.

— Você está certa. Mas, mesmo que tudo tenha dado errado, ainda gosto muito de você.

— E eu também gosto de você, tanto quanto poderia explicar.

— Se gosta mesmo, poderia me contar o motivo de não denunciar seu noivo? Em poucos dias, eu já sei mais do que deveria, e o que sei, não me deixa nenhum pouco confortável.

— Bartek é... — respirei fundo, controlando minhas emoções do melhor jeito que podia — ... complicado. Mas darei um jeito, não se preocupe.

— Sempre me preocuparei, princesa. — Seu tom era sério.

— Alguns castelos são feitos de areia, o meu é um deles, mas não se preocupe, eu mesma vou despejar o balde d'água sobre tudo. — Tentei confortá-lo, mas isso não pareceu surtir efeito.

Felippo me contou sobre o porquê de ter forjado sua morte, de todo o plano de Louis, sobre Salvatore, sobre Natasha e sua filha. Me mostrou fotos, me disse seus motivos, de forma mais aberta e sincera do que qualquer outra vez, para justificar que não seria um bom marido, mas que poderia ser um bom amigo, caso eu quisesse, e eu agradeci, sendo sincera ao oferecer minha amizade de volta.

No futuro, eu precisaria, e tinha certeza de que o apoio dele seria algo decisivo já que minha escolha havia sido feita.

Quando eu o dispensei, já era perto das onze da noite, chovia lá fora e meu coração ficou apertado ali dentro. Liguei para Zola algumas vezes, mas em nenhuma delas consegui falar. Seu telefone estava desligado, e eu, apreensiva, peguei a mochila e me sentei no sofá, junto das coisas de Coelho, que levaria junto, esperando a madrugada até ele aparecer.

Mas, quando o dia amanheceu e nada havia mudado, me dei conta de que, mais do que nunca, eu estava

sozinha.

Meu coração estava em frangalhos, minhas lágrimas tinham acabado.

Eu não sabia se Zola estava bem, não sabia se tinha desistido, mas quando mamãe abriu a porta de casa, aquela manhã, eu soube que não havia outra opção.

Sem cavalos brancos, sem príncipes encantados.

Meu destino era feito de dor, sangue e lágrimas, e meu vestido de noiva era a última armadura que gostaria de usar naquela batalha.



Não era como eu tinha imaginado, mesmo que eu tenha experimentado aquele modelo por toda a vida. Olhando no espelho, o caimento não parecia certo, o tecido que eu sempre adorei, agora era pesado demais, e todo canto do meu corpo pinicava, enquanto minha mãe, atrás de mim, dizia como eu estava linda.

Será que ela continuaria a dizer isso se soubesse de tudo? Será que ela continuaria a me elogiar e a dizer como eu era sortuda por ter um marido lindo como Bartek, se os roxos continuassem na minha pele? Ou visse as fotos que

ele tirava de mim, quando me dominava? Por que é que ela não podia abrir os olhos para enxergar que eu, o tempo todo, estava gritando por socorro?

— Mãe, cala a boca! — eu gritei, sem acreditar que dizia aquilo em voz alta.

Ela, Frederico e papai pararam para me encarar na pequena sala da igreja e eu me virei, com o peito em chamas, para encará-la.

— Como é, mocinha? — Sua voz estava trêmula, eu nunca havia levantado a voz para ela.

— É isso mesmo, cala a boca! E, por favor, me deem um tempo! Saiam daqui, agora. — E antes que eles pudessem dizer qualquer coisa, agradei ao choque que causei e abri a porta, quase empurrando-os para que saíssem logo.

O olhar de mágoa no rosto dela não me machucou como eu pensei que fosse, mas a certeza de que algo não ia bem no rosto de papai e Frederico me fizeram desmoronar, assim que fechei a porta.

— Deus, por favor, por favor — pedi, trancando a porta e me sentando na poltrona, pouco ligando de amassar o vestido. — Não posso continuar com isso, mas não sei o que fazer — falei baixo, completamente perdida.

Tentei ligar para Zola mais uma vez e não consegui. Ninguém sabia do paradeiro dele e, cada vez mais, minha vontade era de me sentar e chorar ou, então, acabar com tudo aquilo, me dando um tiro na cabeça.

Eu preferia morrer a me casar com Bartek, era esse o nível do meu desespero.

Foi por isso que eu quase desisti de abrir a porta quando bateram.

— Não quero falar com ninguém! — gritei.

— Entrega especial para a noiva. — A voz de Matteo do lado de fora me convenceu a levantar.

Abri a porta, pronta para mandá-lo embora, quando me surpreendi.

— O que é isso? — perguntei, vendo-o empurrar uma caixa branca, maior que eu, para dentro da sala.

— Seu presente de casamento. — Ele riu, virou-se para mim, e me pegou pelos braços com carinho. — Nosso segredo. — E depois de dar uma piscadinha, beijou minha testa e saiu, fechando a porta atrás de si.

Encarei a caixa branca, sem entender nada e, antes que pudesse abri-la, a tampa voou e Giordana apareceu, me fazendo passar mal ao ver que vestia um vestido quase igual ao meu.

— O que você está fazendo? — sussurrei o mais alto que conseguia, com medo de alguém ouvir.

— O que parece? — Ela veio em minha direção, me abraçando forte e ficamos ali, paradas, por alguns minutos. Eu querendo segurar a dor dela por perder um irmão, e ela por saber que tudo ia pelo ralo.

— Eu sinto muito por Salvatore — falei, me afastando apenas o bastante para ver o rosto de Giordana.

— Eu também, mas não há tempo. Você precisa entrar na caixa. Naquela mochila tem tudo o que você vai precisar.

— Como assim? Giordana, por que você está vestida como eu? — E, de repente, eu entendi. — Não. — Balancei a cabeça, negando. — Não, não, não. Não vou deixar você se casar com ele no meu lugar.

— Não deve se casar para obter vantagem, deve se casar por amor. Lembra-se disso? — ela citou meu filme favorito. — Gio, vai ficar tudo bem. — Giordana acariciou meu rosto, mas eu não acreditei.

— Você não sabe o monstro que ele é. Giordana, ele me... — Minha voz foi sumindo.

— Eu sei — ela disse, segurando o choro. Minha melhor amiga limpou a garganta e respirou fundo. — Mas

eu vou saber me defender melhor do que você. Bartek não colocará as mãos em mim, eu prometo.

— Você não sabe do que está falando.

— Posso não saber, mas sei que você não o ama, nunca vai, e não pode continuar a viver assim. Zola está esperando por você, vá até ele.

— Zola? Ele está bem? Ah, Giordana, como chegamos até aqui? Eu precisava te contar tanta coisa! — lamentei.

— Ele está bem, e, minha amiga, ele te ama. Quantas vezes na vida, alguém do nosso mundo, pode se dar ao luxo de viver um amor de verdade? Um conto de fadas?

— Contos de fadas não existem.

— Não, tem razão. Não existem, mas desta vez, você não vai ser a princesa que chora na torre, até esperar o príncipe. Desta vez, é você quem se salva e vai atrás do homem que quer, mesmo que ele seja só um plebeu. — Ela limpou meu rosto e me abraçou mais uma vez. — Queria ter mais tempo.

— Eu também — choraminguei. — Eu te amo.

— Eu te amo. Você é parte de mim, sempre será.

— Por favor, não o deixe te machucar — implorei.

— E você, de uma vez por todas, vá ser feliz. — Me soltando, Giordana me colocou na caixa, ajeitou tudo e a tampou.

Minha última visão foi dos olhos castanhos molhados, certos do que faziam.

E, ali dentro, com o estômago tremendo, não pude acreditar que minha melhor amiga havia renunciado a todos os seus planos, ao seu maior sonho, para enfrentar um casamento em meu lugar.



CAPÍTULO 39

*Eu fui em todas as festas e não estava lá
Segui o meu coração, não estava lá
Gritei com toda a minha força e ninguém se importou
Procurei no topo da montanha, não estava lá
Dirigi um Maserati, não havia satisfação lá
Dei voltas no mundo todo, só para voltar até aqui
Agora, deixe-me ficar alterada quando estiver sóbria
Deixe-me sentir jovem quando estiver mais velha
Deixe-me sentir orgulho quando estiver acabado
Eu finalmente percebi
Durante todo esse tempo
Estava em mim
Sempre esteve em mim*

IT WAS IN ME, AVRIL LAVIGNE.

GIORDANA

O véu cobria toda minha cabeça e, graças ao tecido grosso, ninguém poderia me ver com clareza, até a fatídica hora no altar.

Respirei fundo, sabendo que todos ali ficariam chocados, que alguns achariam loucura, mas nada me faria mudar de ideia. Eu sabia muito bem qual batalha estava escolhendo enfrentar.

Sabia também que não podia permitir que Giovanna fosse embora com Bartek, e tinha certeza, acima de todas as coisas, de que Matteo cumpriria com o prometido.

Foi por ela que aceitei me casar com aquele monstro, mas foi pela dor da perda do meu irmão e pela honra do meu pai, que estava ali, não pensando em desistir por nenhum segundo sequer.

Num momento de nervoso, quis rir, apertando o buquê com mais força do que precisava, pensando em tudo o que eu estava deixando para trás.

Minha faculdade, meu sonho.

Minha escolha de não ser parte das mulheres subjugadas e esquecidas que eu conhecia.

A vida era engraçada, porque, naquele segundo, eu não me via fazendo nada de diferente do que revogar tudo aquilo por amor aos meus.

Ao contrário de Giovanna, não havia ninguém lá fora por mim, a não ser meu pai.

Meu pai, que perdera honra e prestígio, tudo o que mais prezava na vida, pela a ambição de Salvatore. Meu irmão merecia um pouco mais de dignidade, mas se tudo o que Matteo havia me contado era verdade, uma morte rápida foi o melhor que ele poderia conseguir.

Talvez esse fosse o único motivo de não haver uma guerra dentro da Família.

Talvez, esse tenha sido o único motivo para eu não tratar de matar Felippo Lazzarin eu mesma, independente das consequências.

Meu irmão tinha cometido seus erros, e o meu ato, louco e absurdo, poderia salvar tudo o que meu pai lutou tanto para construir.

O preço daquilo era certo, alto e difícil de engolir, mas eu estava aprisionando minha liberdade de bom grado, para que Giovanna vivesse, para que papai se recuperasse e para que, no futuro, eu pudesse encarar meu reflexo no espelho e sentir que fiz da minha vida algo do qual pudesse me orgulhar.

Aquilo era o amor. O ato de se doar, às vezes até com o que não se tem para dar, e, ainda sim, ir até o fim por alguém.

E eu iria até o fim por Giovanna, assim como iria por meu pai.

Deve ter sido por essa certeza cega que, quando a marcha nupcial começou, eu não movi um músculo sequer.

As portas se abriram. Eu ergui a cabeça, encarando a todos dentro da igreja, antes de fixar os olhos no altar, seguindo para lá sobre o tapete vermelho, pé ante pé.

Foi a caminhada mais difícil que já fiz em toda minha vida.

E esperei, com o coração martelando nos ouvidos, até que Bartek, suspeitando de algo, se aproximou.

Em um terno claro, com os olhos azul oceano desconfiados, ele me pegou pelo braço e me puxou para perto. Prendi a respiração quando vi seus dedos se aproximando do tecido que me cobria, e finalmente, o encarei, face a face, quando ele ergueu meu véu, ignorando todo o choque da plateia.

— Mas o que é isso? — ele me perguntou.

— Olá, futuro marido. — Meu tom divertido escondia todo o meu medo.

O medo de que eu nunca deixaria aquele desgraçado sonhar que eu tinha.

Bartek era como um tubarão, se movendo ao sentir o mínimo cheiro de medo, de fraqueza, para se aproveitar. Eu não daria isso, nunca.

— Giordana! — Ouvi a chamada de meu pai e olhei sobre o ombro.

Aquela seria a cena mais dolorosa de todos os tempos.

— O que está fazendo?

— Eu vou me casar, pai — falei, como se não fosse óbvio, e ignorando meus sentimentos do melhor jeito que podia, me voltei ao polonês. — Algum problema? — Ergui a sobrancelha, mantendo o olhar inconformado dele e, por alguns segundos, todos ficaram em silêncio, até Louis Luppolo aparecer bem ao meu lado, como uma assombração.

— Onde está minha irmã? — Os dedos do Don se afundaram na carne do meu braço. Doeu, mas não fugi.

— Não faço ideia — respondi, de forma rude.

— Não brinque comigo, Giordana. — Mais uma vez, enquanto o Don me encarava, meu pai chamou. Eu não respondi a nenhum deles, e foi o que bastou para Louis suspirar, contendo seu ódio, e anunciar: — A família da noiva e do noivo, para a sacristia, agora. — E me arrastando junto dele para a sala que ficava bem atrás do altar, duvidei que as portas de madeira fossem capazes de segurar a fúria do Don que havia sido traído pela própria família.

MATTEO

Meu pai e minha mãe fizeram menção de seguir para a sacristia. Minha mãe, obviamente, parecendo desesperada, já meu pai, de algum modo engraçado, parecia relaxado.

Nós já havíamos conversado sobre aquele casamento antes, e mais do que nunca, sabia que ele estava satisfeito por ver que sua princesinha conseguira fugir no último segundo.

Eu só não queria uma plateia maior quando anunciasse o que sabia, foi por isso que os impedi de prosseguir, guiando apenas Luca e Alexander para seguir atrás de Louis.

Assim que fechei a porta, ouvindo Luca desesperado, pedindo uma explicação da filha, respirei fundo, tentando ser o mais paciente possível, já que Giordana merecia, e me virei para eles.

— Vocês têm cinco minutos para conversar — avisei para a garota vestida de noiva. — Ignore seu noivo furioso e, Alexander, por favor, contenha seu irmão.

Eu evitei olhar para a cara de Bartek, ou era isso ou eu mesmo o mataria.

— Que merda está acontecendo aqui... — Louis me encarou com a expressão de quem, finalmente, começava a entender que havia muito mais por trás da noiva em fuga.

— Se você me acompanhar, preciso de cinco minutos seus. — E sem esperar meu irmão dizer se iria comigo ou não, segui para uma sala reservada ao lado.

Esperei Louis passar pela porta e a fechei, vendo meu irmão conturbado como nunca.

— Você é o culpado disso tudo estar acontecendo? Porque, se for, eu juro que te mato.

— Tem certeza? — Sem esperá-lo continuar, mostrei o material que tinha no meu celular. — Olhe bem para isso e me diga se sou eu quem deve virar um cadáver.

Ele pegou meu telefone e começou a passar as imagens lentamente, enquanto sua cara se fechava de um jeito que eu nunca havia visto antes.

— Depois de descobrir o que acontecia, fui até a casa de Bartek, assim que o desgraçado saiu hoje cedo com o irmão. Limpei tudo o que podia, mas não sei se há algo em outro canto, irrastrável até o momento.

— Por que não me contou? — ele questionou, abaixando o celular com tanta força sobre a mesa que estava ao seu lado, que pensei ter quebrado a tela.

— Adiantaria? Você viu tudo isso bem embaixo do seu teto, precisei vir da porra da Califórnia para agir em cima da hora, enquanto você esteve aqui, o tempo todo, e não fez nada. Ela é nossa irmã, caralho!

— EU SEI, PORRA! — Louis gritou, e arremessou o celular contra a parede. — E eu vou matar Bartek. — Louis estava pronto para atravessar a porta de novo, mas segurei meu irmão.

— Espera. — Ele forçou o corpo contra o meu e precisei segurá-lo com mais força. — Espera, porra! — Empurrei Louis e o afastei. — Não adianta você querer resolver tudo agora, do seu jeito. No tempo em que você estava distraído, eu cuidei de tudo.

— Não me culpe por isso — ele disse, entredentes. — Eu não sabia.

— Ah, não? Giovanna mal comendo, mal dormindo, chorando o tempo todo e cheia de machucados. Como não viu?

— Porra, quando eu desconfiei de algo, quando ela teve a chance de abrir a porra da boca, ela não o fez!

— Ela não fez porque o desgraçado podia foder a honra dela e da nossa família, só por expor essas fotos. E você acha que ele ficou só nisso? Bartek fodeu Giovanna e eu duvido que esse filho da puta tenha sido decente.

E num ataque de ódio que eu nunca havia visto, Louis pegou a imagem de uma santa, que era a coisa mais próxima de sua mão, e a espatifou na parede, enquanto xingava alto.

— Desgraçado — ele disse por último, parecendo mais calmo, retomando seu controle. — Ela te disse isso?

— Não. Mas não precisava, certo?

— Merda... — Louis passou a mão nos cabelos e se ajoelhou, ficando um tempo naquela posição, em completo silêncio. — Estava tão determinado a pegar Salvatore e a cuidar do território novo, que não me atentei.

— E errou — aponte, já que não deixava de ser divertido poder mostrar quando Louis falhava.

Inclusive, aquela era a minha missão de vida, como irmão e subchefe.

— Eu sei, porra. — Ele se levantou e bufou, antes de me encarar. — Onde está Giovanna?

— Não faço ideia. Eu só embrulhei o pacote — menti. — Mas, a essa hora, ela e Zola devem estar longe.

— Agliardi... — Louis coçou a testa e, de repente, riu.
— Os santos são os piores, não?

— Giovanna o ama, e ele é apaixonado por ela, desde sempre. Todos sabiam.

— E era seguro, porque ele nunca tentaria nada contra mim, mas eu estou errado o tempo todo em acreditar que só o medo de me aborrecer, tenha algum efeito nesses patifes, não? contei com o medo de Bartek e fodi Giovanna. contei com o medo e o respeito de Zola, e o que ganho em troca?

— Ela fugiria, de qualquer jeito, Louis. — Tentei defender minha irmã e seu parceiro.

— Ela deveria ter confiado em mim. Eu sou a porra do irmão mais velho dela, eu sou o Don, caralho.

— E o Don a obrigaria a se casar, de qualquer jeito.
— E, por um segundo, o brilho nos olhos do meu irmão me fez ver que eu não estava totalmente errado.

— Nós falaremos disso depois, agora, abra a porra da porta para que Alexander decida pelo irmão.

Sem discutir, obedeci a Louis e o libertei, ajeitando o terno, enquanto o via ir para perto de Luca.

— Giordana não pode se casar — o capo começou, mas meu irmão colocou a mão em seu ombro, impedindo-o

de continuar.

— Luca, você sempre foi amigo, mesmo que seu nome esteja manchado pela traição do seu filho. Ninguém forçou Giordana a estar aqui, certo? — ele perguntou para a menina e ela confirmou com a cabeça. — Então, casando sua filha agora, sua família terá a honra restaurada.

— Está tudo bem, papai — a melhor amiga de minha irmã confortou o pai.

— Não está bem! Minha noiva fugiu com o soldado, isso é traição! Quero a cabeça... — Ouvi, perto demais, o pequeno chilique de Bartek e não me aguentei, interrompendo sua fala, o pegando pelo colarinho, grudando seu corpo na parede e colocando o cotovelo contra sua traqueia com tanta força que o vi arregalar os olhos, tentando puxar o ar.

— Cansei de você, seu bostinha. — Cuspi na cara dele e pude vê-lo se encolher. — Você veio até aqui, foi tratado com muita hospitalidade, mesmo assim, não respeitou nenhuma regra da minha casa, então, só estou te devolvendo o favor. Giordana é a única noiva que terá, se não quiser o casamento, tudo o que foi oferecido para nós, não voltará, mas seu irmão e você vão trabalhar pelos próximos dez anos naquele cu de mundo para pagar o que nos devem. Então, o que vai ser?

— O que está acontecendo? — Alexander, o irmão mais velho de Bartek, colocou a mão pesada no meu ombro e eu aliviei a pressão contra Bartek.

— Por que você não conta? — Louis falou com o polonês que eu colocava contra a parede. — Por que não fala ao seu irmão que desonrou toda sua família, seus acordos e a amizade da Dark Hand?

— Irmão, não... — O homem, de olhos azuis desesperados, à minha frente tentou, mas bati com sua cabeça contra a parede.

— Que merda você fez? — Alec tomou o meu lugar, pegando o próprio irmão pelo pescoço e o enfrentando, como se não fosse nada.

— Não fiz nada de mais. — Bartek tentou se defender, mas o leão da montanha não engoliu.

— Não se paga amizade com traição, porra! — O soco que Alexander desferiu no rosto do irmão doeu em mim. — Que merda você fez? — ele gritou para Bartek, que se encolhia, mesmo assim, o irmão mais novo continuou mudo.

— Seu irmão tratou minha irmã como mercadoria, e eu o avisei que o meu preço é alto. Quero sangue — Louis disse, em um tom sereno. — Melhor dizendo, quero todo o sangue da linhagem dele.

— Como assim? — O loiro de cabelos compridos se virou para encarar meu irmão.

— Quero castrar Bartek.

— Não! Não! — o polonês, encolhido no chão, implorou, mas o chutei no rosto.

— Louis, irmão... Sei que pedir perdão não adiantará, mas se o castrar...

— Livrarei o mundo de um bando de idiotas, mesmo que a futura mãe tivesse muito potencial. — Meu irmão suspirou e veio até Alec. — Como prova da minha amizade, vou te dar a escolha. Ou eu faço e seu irmão vai aprender a mijar sentado, ou você mesmo pode fazê-lo. O que eu quero, até o final da noite, são as bolas de Bartek para colocar de enfeite na porta do meu escritório. É isto ou ele não sai daqui vivo.

O olhar que os amigos de longa data trocaram foi tenso, mas quando o loiro assentiu com a cabeça, Bartek começou a chorar, me fazendo ter vontade de rir.

Louis viu aquilo com o mesmo pensamento que eu, e se ajoelhando na frente de Bartek, o segurou pelos cabelos, obrigando-o a encará-lo e disse, em um tom que arrepiou os cabelos da minha nuca:

— Você não queria um Luppolo para brincar? Ou você só gosta de mexer com menininhas inocentes? — Ele sorriu de forma diabólica. — Prepare-se para ter uma amostra de como é o inferno para o qual você vai. — E se erguendo, Louis disse para mim: — Depois do casamento, enfie esse desgraçado em um carro e o leve para o quartel.

— Vou poder participar? — perguntei, ansioso.

— Não. Você já se divertiu. Essa é a minha vez. — E, se virando para Alec, meu irmão perguntou: — E Giordana? Se não pude confiar em seu irmão com o meu próprio sangue, como saberei que ele não causará nenhum mal a ela?

Olhando para a garota vestida de noiva que se mantinha firme, com o olhar desafiando a todos nós, Alexander Schevisbiski disse em alto e bom som:

— Ela é minha responsabilidade. — E falando para a menina, continuou: — E eu pagarei com sangue, se algo te acontecer.

— É justo — Louis concluiu. — Então, agora, se recomponham. Há um casamento para terminar.

GIORDANA

— Que loucura é essa, minha filha? — ele me perguntou em italiano, com os braços em volta de mim.

— Não é loucura, papai. Estou salvando pessoas que amo. Giovanna e você. — A vontade de chorar veio com tudo, mas segurei, formando um nó enorme na garganta. — Não se preocupe comigo, eu te amo, vai dar tudo certo.

— Eu não seria tão inocente assim — Louis disse, se aproximando com Matteo. — Mas, boa sorte. Eu nunca duvidaria da palavra de Alexander.

E aquilo foi tudo o que tive do Don, antes de ele sair, levando meu pai com ele, depois do último abraço.

— Você ficará bem? — Matteo, parecendo se importar comigo de verdade, acariciou minha bochecha.

— Ficarei. Cuide dela — sussurrei.

— Eu vou. — Ele piscou para mim do jeito sacana que o vi fazer um bilhão de outras vezes, antes de me deixar com Bartek e o irmão que eu não conhecia.

— Você tem ideia do que está fazendo? — O loiro de cabelos compridos se aproximou, enquanto o irmão se

erguia e limpava o rosto.

— Tenho — menti, mantendo o queixo erguido e o olhar desafiador no dele.

— Então, eu espero que goste do frio. — E, pegando o irmão pelo braço, Alexander o arrastou para fora da sacristia, me dando privacidade para chorar pela primeira vez, desde que havia decidido me sacrificar por minha melhor amiga.

Do fundo do meu coração, enquanto eu estava prestes a entrar na gaiola, esperava que Giovanna já estivesse voando àquela hora. Batendo as asas, como um pássaro livre, pronto para ganhar o mundo.



EPÍLOGO

*Compartilhe da minha vida
Me aceite pelo que eu sou
Porque nunca mudarei
Minha personalidade por você
Pegue o meu amor
Nunca pedirei demais
Apenas tudo aquilo que você é
E tudo o que você faz
Não preciso realmente olhar muito além
Não quero ter que ir aonde você não me siga
Não vou reprimir novamente, esta paixão aqui dentro
Não posso fugir de mim mesma, não há onde me esconder
Não me faça fechar mais uma porta
Não quero machucar mais
Fique em meus braços se você se atrever
Ou devo imaginar você ali?
Não vá para longe de mim
Não tenho nada, nada, nada
Se eu não tiver você*

I HAVE NOTHING, WHITNEY HOUSTON.

GIOVANNA

Eu nunca havia tido aquela sensação em toda a minha vida.

A de desobedecer, de ser rebelde, que quebrar as regras *pra valer*.

Mas lá estava eu, junto do homem que me esperou com uma placa no aeroporto, me chamando de Camila, que era o nome que estava no passaporte novo, indo de encontro a Zola. Era incrível como, de uma hora para outra, mentir parecia delicioso, ainda mais por saber que no final do caminho, ele estaria de braços abertos para me receber.

Eu chegaria, finalmente, ao meu lar.

Foi por isso que minha mente virou pura confusão no caminho. Há sete horas, eu era a pequena e assustada refém de Bartek, mas naquele momento, olhando pela janela e vendo Venice beach, eu era a pessoa mais grata e feliz do mundo, mesmo que soubesse que minha felicidade tinha um preço superfaturado.

Eu esperava que Matteo desse um jeito de proteger minha melhor amiga, orei para que Louis não ficasse louco por nossas escolhas, e agradei, um bilhão de vezes, por

ter a oportunidade de fugir, de viver, de acordar, mesmo que tenha sido preciso um sacrifício imenso.

Provavelmente, àquela altura, estariam me caçando em todo canto, mas se era ficar escondida para sempre o que tornaria a minha vida e a de Zola seguras, eu faria.

Se dissessem que eu nunca mais poderia ver o sol, ou então a lua e as estrelas, ainda assim, eu estaria grata por poder ser quem eu realmente queria ser, sem moldes ou regras absurdas. Estava pronta para abdicar de tudo, só para ter a experiência de ser eu mesma, como nunca havia sido antes.

Foi por isso que abaixei o vidro e, com Coelho no colo, recebi o vento salgado de bom grado soprando no rosto, fechando os olhos, não conseguindo conter a felicidade de estar longe, tendo-a escorrendo como lágrimas pelas bochechas.

Eu mal me lembrava da última vez que havia chorado de felicidade, e esperava, do fundo do coração, que aquela fosse a primeira de muitas vezes, nos próximos meses.

O carro seguiu para uma avenida distante, para uma parte da praia quase sem movimento, e enquanto o pôr do sol caía sobre nós, viramos em ruas largas com casas grandes.

— Estamos chegando? — perguntei, limpando o rosto com as costas da mão livre, tentando conter Coelho e todo o seu tamanho destrambelhado.

— Estamos. É no final desta rua.

— Ah... obrigada — agradei, encarando minhas roupas, não sabendo se estava bem vestida para todas as loucuras que minha cabeça pensava em cometer.

A mochila que haviam me dado continha: a calça jeans, a camiseta, o boné e a jaqueta que eu vestia, além de um celular novo, um cartão pré-pago que eu não queria ser forçada a usar e os documentos novos, meus e do cachorro.

E segurando a mochila de um lado e Coelho do outro, que desci do carro quando o motorista abriu a porta, cheio de sorrisos, e segui para a porta da casa, onde uma senhora me esperava.

A mulher tinha metade do meu tamanho e seu sorriso enorme me confortou de um jeito indescritível.

— Camila?

— Isso. — Confirmei com a cabeça, ainda estranhando o novo nome.

— Muito bem-vinda. Posso ajudar?

— Não se preocupe, onde está...

— Zack foi tomar banho na praia. Se quiser — ela disse, me colocando para dentro —, solte o cachorro e vá. Sou funcionária aqui, então se precisar de qualquer coisa, é só interfonar para a minha casa, ali. — Ela indicou os fundos do quintal.

— Banho de praia? — Mas não estávamos proibidos de sair?

— A casa, descendo, tem uma praia privada. — A mulher sorriu, exibindo a casa que não era sua e eu quis rir.

— Certo, muito obrigada — agradei, colocando Coelho no chão e indo em direção à porta de entrada, com o cachorro me seguindo todo alegre e, ao abrir a porta, me surpreendi com o interior.

Como Matteo escondia aquela casa?

As paredes eram parte de madeira, parte de um cinza escuro bonito. Todo o piso era opaco, de um material que eu não conhecia, e enquanto meu cachorro se aninhava em um tapete, parecendo exausto por causa da viagem, meu corpo recebeu uma carga de adrenalina que fez tudo em mim, vibrar.

Olhei pelas janelas do fundo daquele andar da casa e vi, lá embaixo, depois de uma escada de madeira toda ornamentada, Zola no mar.

Eu não pensei.

Arranquei os sapatos, sabendo que assim que se recuperasse, Coelho destruiria o salto, e abri a porta de correr, descendo os degraus na maior velocidade que podia, até ter areia entre os dedos, até sentir o choque da água gelada na pele, até estar completamente ensopada, de frente para ele.

A expressão no seu rosto me fez parar.

Havia algo errado.

O cabelo todo para trás, o corpo molhado, o olhar preocupado e o silêncio de Zola fizeram meu coração bater de forma dolorosa dentro do peito, e a vontade de dizer um bilhão de coisas bobas e românticas foi engolida por um trêmulo e inseguro:

— Oi... — Mal reconheci minha voz.

— Você conseguiu. — Ele deu um meio sorriso e encarou a água sem ondas, devido ao quebra-mar.

— Por sua causa. Por Matteo e Giordana também.

— Giordana? — Zola me olhou, não entendendo.

— Ela trocou de lugar comigo e, se tudo deu certo, se casou no meu lugar.

— Matteo é louco. — Ele riu baixo, balançando a cabeça, e se virou para encarar o horizonte que começava

a ficar escuro.

Não era época de ficar na água gelada até tão tarde, mesmo assim, eu não queria sair. Não até estar tudo certo, porque eu sabia que não estava.

— Mas nos ajudou. Eu sei que você contou a ele, mesmo se arriscando... — Tomando coragem, estiquei os dedos e toquei o ombro de Zola, tendo sua atenção de volta. — Mesmo correndo risco ser morto, você tentou, por mim.

— Eu precisava fazer isso...

— E eu nunca vou poder ser grata o bastante. — Ele se virou para mim, juntando as sobrancelhas sobre os olhos azuis indagadores e suspirou. — O que é?

— Você veio, sem alternativa. — O tom de Zola se tornou pesado, quase tristonho. — Estava entre a cruz e a espada, mas... Agora você sabe que seu príncipe encantado está vivo. — Fiquei em silêncio, esperando, não tirando os olhos dos dele, enquanto entendia de onde vinha aquilo. — Eu vi você e Felippo, no seu apartamento.

— Felippo e eu fomos uma ilusão, você deveria saber. — Me coloquei na frente de Zola e aproximei o corpo do dele o quanto podia, ainda fitando seu rosto. — Também deveria saber que não havia lugar no mundo para o qual eu pudesse fugir sem você lá. Eu sei que fui cega por muito

tempo, mas eu juro. Eu juro, meu amor — peguei a mão de Zola e a trouxe para o meu rosto —, não há nenhum lar, se você não estiver lá.

— Então, o que você anda sentindo por mim...

— Não mudou. Nunca irá. — Era mais do que uma promessa, era a verdade sobre o meu coração. — E, a não ser que você tenha mudado de ideia, estou aqui para pedir que isso nunca acabe, pedindo para que você com o nome novo ou o antigo, com ou sem dinheiro, querendo ficar aqui ou ir para qualquer outro canto do mundo, que me aceite assim, como sou. Chorona, mimada e um pouco louca, mas que te ama, acima de qualquer regra, de qualquer medo, de qualquer receio ou convenção. Preciso que me aceite, porque, vindo para cá, descobri que não vou mudar por ninguém. Nem pela minha família, nem pela Dark Hand, nem por um marido projeto de príncipe encantado. Então, se não for pedir muito, e você ainda puder continuar a me amar assim, com meus defeitos e qualidades, eu prometo que vou te amar para toda a vida, ainda mais se você aceitar se casar comigo.

Meus olhos estavam cheios d'água, os de Zola também.

De repente, me surpreendendo, suas mãos vieram para minha nuca, entrelaçando os dedos no meu cabelo,

puxando meu rosto para o seu.

Nossas testas se tocaram, ele aspirou o ar profundamente e eu sorri, o tipo de sorriso que dói as bochechas, que não se pode controlar, e Zola respondeu uma única frase, a frase que mudaria toda a minha vida.

— Eu te amo, antes, agora e depois. Eu te amo, porque te enxergo, Giovanna.

E quando a boca dele com gosto salgado se juntou à minha, não houve medo, nem receio, nem peso dentro do meu coração.

Tudo o que eu tinha era dele, tudo o que vivia dentro de mim gritava por ele, o tempo todo, e finalmente, a música que meu coração tocava sozinho, por anos, fez total sentido, quando descobri que Zola era o maestro.

— Espera — falei, quando saímos da água, tremendo de frio.

— O que foi? — Ele parou, preocupado.

— Aquilo foi um sim? — E entendendo o que eu queria dizer, ele riu. Riu alto, como se a melhor piada do universo tivesse sido contada.

Se aproximando de mim, colocando as mãos na minha cintura, com o rosto próximo, Zola disse em seu tom mais baixo e sensual:

— Se não formos morrer congelados aqui fora, e se eu servir como seu príncipe nada encantado, me caso com você, amanhã.

Depois de selar os lábios nos meus, meu noivo, futuro marido e melhor amigo, me colocou sobre o ombro e, com meus falsos protestos entre os risos, me levou para dentro de casa, para o que seria o início de algo pelo qual eu esperei a vida toda.

ZOLA

É uma coisa dourada que ela tem

GOLDEN THING, CODY SIMPSON

Eu sabia que as coisas não seriam fáceis, foi por isso que, por pouco mais de dois meses, resisti ao máximo, enquanto Giovanna tentava me seduzir de todo jeito. Se aquela era uma amostra do que seria nossa vida de casado, eu estava no céu, mas pela primeira vez, por toda a minha vida, eu queria fazer tudo direito.

Ela tinha sofrido muito na mão de Bartek e eu sabia que quando sua testa se enrugava ou quando se debatia durante o sono, era ele quem invadia sua mente. Também entendia que, mesmo ela me querendo, precisava haver um processo de cura interna.

Não era só enfiar meu pau lá e ter todos os traumas e problemas apagados. E era assim que eu provava ser digno, que mostrava o quanto a amava. Cuidando de Giovanna, somando para que ela começasse a descobrir a mulher incrível que era por si só.

E esse também era o motivo para que eu a enrolasse sobre o casamento. Não havia dúvidas, eu já tinha pensado em pedi-la antes, mas não queria fazer nada errado, então, já que não podia falar com seu pai, do jeito que seria correto, esperei até Matteo entrar em contato.

O píer de Santa Mônica era movimentado no começo do verão, e foi ali, em meio à multidão, que me encontrei com o subchefe. De jeans, camiseta e óculos escuros, ele quase parecia um civil qualquer.

— Como vai, garoto, que a cabeça vale cinco milhões — ele me perguntou, sorrindo, enquanto apoiava os cotovelos no parapeito ao meu lado.

— Muito bem, futuro irmão por lei. — Ele sorriu.

— Então, vão mesmo se casar? Achei que já teria feito.

— Não achei justo fazer sem a sua permissão. Tecnicamente, você é o representante da família da noiva.

— Tem razão — Matteo ponderou. — Sendo assim, vocês têm minha bênção para se casarem, fornicarem e tudo mais que o casamento envolve. — Ele se virou para encarar a água. — É óbvio que não preciso te lembrar o que acontece, se fizer minha irmã sofrer.

— Eu nunca faria, você sabe.

— Sei. É por isso que apoiei essa ideia maluca, não?

— Ele riu. — E como tem sido?

Ri, sem jeito de dizer aquele tipo de coisa ao segundo no comando da máfia.

— Perfeito.

— E que seja assim, sempre, e quando digo sempre, me refiro até Louis encontrar vocês.

Ele já não sorria.

— É... Como ficou Nova Iorque?

— Bartek teve o que merecia, o próprio irmão o castrou, o que deixou Louis puto por não poder se divertir. Mesmo assim, o louco do meu irmão está com as bolas de Bartek de enfeite em um vidro no seu escritório, no Centro.

— Mas e Giordana?

— Se casou, mas não vai precisar transar com o desgraçado. O nome dos Matteucci saiu da lama por causa dela. Alexander vai fazer ainda mais acordos com Luca, a partir de agora, tudo andando bem, além do que, ele se responsabilizou por ela. — Matteo olhou para o horizonte e concluiu: — É uma garota forte, vai sobreviver. — E, me encarando, tirando os óculos escuros por um segundo, ele me questionou: — Falei sério sobre Louis encontrar vocês. Ele está irredutível sobre você ter agido pelas costas dele,

puto comigo por ter ajudado e, no fundo, magoado por Giovanna não o ter procurado. Ele virá, cedo ou tarde. Minha irmã e esse amor adolescente louco que vocês sentem, vale a chance de ser morto do pior jeito?

E eu disse que sim, com certeza, mas foi só mais tarde, depois de confirmar que nos casaríamos *pra valer*, que pensei em uma resposta melhor para o que Matteo havia me perguntado.

O amor é bom, mas ele não é tudo. Foi olhando nos olhos dela que percebi isso. Eu a amava com tudo o que havia em mim e, por ela, poderia aguentar perder parte da sanidade, passaria sede, fome e frio. Brigaria duas ou três vezes por ela deixar os sapatos jogados, riria todas as vezes em que ela queimasse o jantar e a colocaria no colo quando seu mundo viesse abaixo por qualquer besteira que fosse, sabendo que ela faria o mesmo por mim, porque aquilo era casamento. Não viveríamos de sonho, viveríamos de parceria, e aquilo, sim, faria nosso amor durar. Aquilo, sim, faria valer a pena, mesmo que a morte fosse a única recompensa, no final das contas.

Eu arriscaria tudo por ela, sabendo que seria recíproco, e era isso que me importava.

GIOVANNA

Se você me ama, não deixe ir

UNSTEAD, X AMBASSADORS

Nem no meu sonho mais improvável aquilo teria acontecido, mas era real, lá estávamos nós, ele e eu, em Venice beach, com os pés na areia, um vestido de noiva comprado em um brechó e um buquê colhido no quintal de casa. E, surpreendentemente, mesmo sendo uma realidade completamente distante daquilo que passei a vida acreditando que queria, era muito melhor do que em qualquer plano que eu já tivesse feito.

Zola disse que me amava, olhando nos meus olhos, como vinha fazendo desde sempre, e naquele momento, me perguntei como eu não tinha visto aquilo antes?

Como é que pude ser tão manipulada?

Eu não entendia, mesmo que tentasse ser compreensiva comigo mesma, mas agora era grata. Grata por poder viver o que tanta gente julgava ser fantasia. A diferença era que, na minha história, a princesa se salvava, sem depender de um homem.

Era o sacrifício de uma mulher que me permitia viver o meu sonho.

Era a minha sede de viver, de ser, de crescer, que me fez ser desobediente e fugir, e só Deus sabia quão grata eu era por ter ao meu lado outras pessoas que apoiavam isso.

Se eu podia olhar para a aliança no meu dedo e sorrir, devia à Giordana. Devia a Matteo, Zola, também à Elizabeth. O resto... Eu lidaria com o resto depois, ainda mais ali, abrindo a porta da casa emprestada, mas que já era tão minha, no colo do meu, para sempre, marido.

ZOLA

Fiz questão de pisar com o pé direito para dentro da casa e, ainda sorrindo, enquanto via Giovanna rir no meu colo, caminhei com ela até o quarto e a soltei, com cuidado, colocando-a de pé bem na minha frente.

O silêncio naquele momento foi oportuno demais.

O sol da tarde banhava o quarto pelas janelas gigantescas de vidro, iluminando minha mulher.

Minha mulher.

Eu ainda estava processando que Giovanna tinha dito sim. Que agora éramos um só, perante Deus e os homens, e com uma mão em sua cintura, mantendo seu corpo próximo ao meu, acariciei sua bochecha, fitando os olhos verdes cor de uva que eu nunca encontrei igual, pensei que era sorte demais ter minha melhor amiga e a mulher dos meus sonhos finalmente ocupando o espaço que eu tanto queria na minha vida.

— O que foi? — ela perguntou, quebrando o silêncio quando me ouviu rir baixo.

— Sente aqui — pedi, guiando o corpo dela para se sentar na cama, me ajoelhando para ficar com o rosto na

mesma altura que o dela. — Eu sei que já conversamos sobre isso antes, e que irmos para a cama agora é algo pelo qual os dois estão esperando. Pelo menos, com muita ansiedade da minha parte. — Nós rimos, mas tentei me manter sério. — Não — chamei sua atenção, depois de ela me puxar para um beijo entre o sorriso. — Por favor, me escute. — Peguei as mãos de Giovanna, juntando ambas em seu colo e encarei seu rosto perfeito me fitando, com curiosidade. — Antes de tirar sua roupa, antes de fazer você ter mais um motivo para ficar — ela voltou a sorrir —, preciso que saiba que eu nunca vou te machucar. Que você sempre foi tudo o que sempre quis, desde que coloquei os olhos em você, mesmo antes de entender o que eu sentia. E não me importo em parecer ridículo. Não me importo em ser caçado, porque não há nada nesta vida que faça mais sentido para mim do que ter você aqui, usando uma aliança, comigo, e agora, carregando o meu sobrenome.

— Z, eu te amo — ela disse, voltando a mão ao meu rosto.

— Eu sei, mas preciso que você saiba, antes de continuar com isso, que não há limites sobre o que eu faria para te manter segura. — Ela suspirou e juntou sua testa na minha, ainda me encarando.

— Eu sei, e não duvide nunca sobre eu fazer o mesmo. — Ela suspirou e sussurrou: — Você é tudo para mim.

Ouvir aquilo fez algo dentro de mim rugir. Era muito mais do que só desejo desenfreado, ou a necessidade de descontar toda a tensão do que era minha vida. Não. Giovanna fazia tudo ser diferente.

— Eu prometo nunca te machucar.

E ela só balançou a cabeça, confiando no que eu dizia, antes de ser colocada de pé novamente. Girei seu corpo, colocando Giovanna de costas para mim e, cuidadosamente, abri um a um dos botões do vestido de noiva que caía tão bem em seu corpo.

Antes de tirá-lo, virei minha mulher para mim de novo e, ansioso, como se aquela fosse a primeira vez que fosse vê-la nua, desci lentamente o tecido rendado por seu ombro direito, observando atentamente cada expressão dela, procurando por qualquer resquício de dúvida, de incerteza. Mas sem nenhum protesto dela, continuei com o lado esquerdo, apreciando o momento que o tecido pesado escorregou pelo corpo pequeno e delicado de Giovanna, indo parar aos seus pés, revelando a única peça de lingerie que ela usava.

Desviei o olhar do seu rosto e revistei seu corpo, sem pressa alguma, sorrindo em aprovação, enquanto começava a desabotoar o colete que usava e ela assistia, mordiscando o próprio lábio, como se não soubesse o que fazer.

Quando colete e camisa foram para o chão, me ajoelhei em frente à Giovanna e abracei seu corpo, afagando suas pernas e coxas, beijando seu baixo ventre, sentindo o cheiro da pele macia, conforme ela se arrepiava sob meus dedos, tendo sua aprovação ao entrelaçar os dedos no meu cabelo e acariciar minha nuca.

— Você é perfeita — falei, para que ela me ouvisse, com a voz propositalmente mais rouca, antes de afastar um pouco suas pernas e beijar sua virilha.

Giovanna puxou o ar entre os dentes, conforme eu trilhava meu caminho, descendo com a língua por todo aquele trecho, indo beijar suas coxas, apoiando as mãos em sua bunda, enquanto seu corpo bambeava.

Seria tão bonito e fácil fazê-la perder o controle.

Conforme passava a beijar sua outra coxa, fazendo o caminho inverso, brinquei com a lateral da calcinha que ela vestia e a puxei para baixo, quando terminei a trilha de beijos sobre o osso do quadril de Giovanna do lado contrário que havia começado.

Dessa vez, ela não esperou que eu a guiasse, se sentou por conta própria na cama, livrando os pés dos sapatos e do vestido, puxando-me para si, beijando minha boca de forma intensa, juntando a língua na minha, tão apaixonada, que não aguentei. Mudando um pouco meus planos, me liberei do cinto e da calça que vestia, tirando os sapatos e as meias como dava e, com firmeza, peguei Giovanna pelo quadril e a coloquei mais para o meio da cama, avançando sobre seu corpo com o meu, enquanto me ajeitava sobre o colchão.

Afastei o corpo do dela e desci a boca por seu queixo, assistindo-a fechar os olhos, deitando a cabeça e entreabrindo os lábios para gemer baixinho, ao sentir minha mão descendo por seu púbis, dedilhando sua boceta pequena e rosada.

Aquilo era o mais próximo do céu que eu poderia ir.

Com o corpo inclinado, se apoiando com as mãos sobre o colchão, Giovanna me deu total controle para seguir beijando seu colo e, conforme eu a abria, devagar, com os dedos, sentindo seus lábios escorregando, de tão molhados, brinquei com seu mamilo esquerdo, com a língua rígida sobre ele, para só depois envolvê-lo com os lábios e sugar.

Ela arfou, me segurando pelos braços de repente, enquanto deixava o corpo descer para se deitar na cama e abria mais suas pernas, para que eu a tocasse com mais liberdade.

Segui o pedido mudo que vinha de Giovanna, encontrando o ponto inchado que era seu clitóris, circulando-o com os dedos médio e anelar em um ritmo lento, sem deixar de dar atenção ao mamilo excitado em minha boca, mordiscando e beijando aquele ponto, completamente louco por vê-la tão rendida, tão submissa ao que eu quisesse fazer com ela.

E conforme o ritmo dos meus dedos mudou, sendo mais veloz, minha boca desceu por sua barriga, indo ao baixo ventre, trilhando uma estrada de beijos molhados e mordidas de provocação, até que me ajeitei para ficar com o rosto entre as pernas de Giovanna.

Acaricieei seu púbis, parando completamente com o movimento dos meus dedos em seu clitóris e a encontrei me encarando, ansiosa para o que viria em seguida. Seria perfeito fazê-la pedir, implorar, mas muito mais do que aquilo, a conexão dos nossos olhares no silêncio era superior a tudo.

Entre quatro paredes, eu sempre mandei mulheres pedirem para que eu fizesse aquilo que tinha vontade. Era

como poder manipular meus pequenos bonecos. Mas ali era tudo diferente.

Giovanna não era uma caça, não era uma noite de diversão. Era refúgio, era para o resto da vida, e foi muito melhor do que qualquer outra coisa, vê-la fechar os olhos, sem conseguir mantê-los abertos, quando a lambi de cima a baixo, me inundando com seu cheiro e gosto, pedindo por mais.

— Ah, por favor... — saiu fraco, baixo, mas eu ouvi e fiquei feliz em obedecer.

Sem tirar os olhos de seu rosto, completamente hipnotizado, abri os lábios de Giovanna com os dedos, e depois de uma revista minuciosa usando a língua, mergulhando nela para sentir seu gosto da fonte, ficando tão duro que chegava a ser dolorido, tratei de cuidar com atenção especial do ponto que causava arrepios na minha melhor amiga, e assim que comecei, só parei quando os gemidos de Giovanna eram tão altos que, com certeza, nos ouviriam em toda a vizinhança.

— Per Dio! — ela gritou, quando eu parei, segundos antes de seu orgasmo chegar.

Não. Eu queria levá-la ao limite, e queria estar dentro dela para sentir tudo.

Mas me surpreendendo, quando ergui o corpo para me livrar da última peça de roupa sobre o meu corpo, Giovanna se sentou e me abraçou, puxando meu rosto para o seu, desesperada para que eu a beijasse.

Sem pensar muito, coloquei a mão em seu pescoço e apertei, vendo o olhar de espanto em seu rosto, conforme eu a afastava e a colocava deitada na cama, juntando meu corpo ao seu, encaixando meu pau com a mão livre para roçar em seu clitóris.

— Z... — ela disse baixinho, com a respiração dificultada pelo meu aperto.

— Eu te amo, Giovanna — rosnei contra sua boca, antes de beijá-la de forma selvagem, movimentando o quadril, me esfregando nela intensamente, arrancando gemidos manhosos entre o beijo.

Ela não protestou, apenas abraçou meu corpo com os braços e me apertou contra si, roçando as unhas compridas contra minha pele, me excitando ainda mais, fazendo ser impossível resistir ao movimento, e foi assim que me encaixei nela, de uma única vez, me enterrando até o fundo, olhando em seus olhos espantados, enquanto as paredes da boceta de Giovanna massacravam meu pau com seu aperto e ela gemia junto de mim, contra minha

boca, em um tom mais alto do que antes. Ela estava quase gritando, mas eu não ficava atrás.

Ela era quente, muito apertada, macia e incrivelmente boa.

Melhor do que qualquer outra que eu já tenha provado.

Precisei ficar parado por algum tempo, me segurando para que o corpo dela não me expulsasse, tamanha a pressão, lutando com todas as forças, enquanto a beijava e liberava seu pescoço do meu aperto, para não gozar de uma vez.

— Caralho — não aguentei, xingando, enquanto descansava a testa sobre a dela e ria.

— Por favor, não para, não para — ela pediu, distribuindo pequenos beijos pelo meu rosto, voltando suas mãos para tocar minha mandíbula, segurando-me perto, e a única alternativa que tive foi obedecer.

Movi o quadril, saindo dela completamente, não aguentando ver Giovanna abrindo a boca para gemer sem pudor nenhum quando voltei para dentro dela. Fiz isso lentamente por quatro vezes, me aproveitando de como ela me apertava gostoso, sabendo que precisaria me esforçar muito para não acabar a brincadeira antes do tempo certo. Na quinta vez, com ela implorando embaixo de mim, não

aguentei, aumentando o ritmo, não saindo mais de dentro dela, enquanto metia de forma quase selvagem na princesinha puritana que havia se transformado na mulher dos meus sonhos.

Sem esperar por sua aprovação, me retirei e virei seu corpo, colocando Giovanna de barriga para baixo na cama, invadindo a boceta por trás, enquanto segurava em seus braços, fazendo dela minha refém, beijando seu ombro e nuca, completamente perdido naquele frenesi, em seu cheiro, seu gosto e seu corpo.

Não havia nada na terra que pudesse se comparar àquilo, e quando percebi que ela estava de novo, quase a ponto de gozar, me deitei ao seu lado e a puxei para cima de mim.

Aquele momento foi o que fez o tempo parar.

Ela soltou os cabelos, antes de me segurar pela base e descer pouco a pouco sobre mim.

Quando me acolheu por completo, respirou fundo e abriu os olhos, me encarando com um sorriso no rosto, parecendo plenamente satisfeita, só por estarmos daquele jeito, e eu não pude aguentar, puxando Giovanna para mim, abraçando seu corpo, enquanto lentamente a invadia com movimentos de vai e vem, tendo seu rosto próximo ao meu, seus olhos completamente atentos ao meu rosto,

conforme ela desenhava minha boca com o polegar e sussurrava que me amava repetidamente.

Nunca na vida alguém amaria outra pessoa como eu amava Giovanna, e tudo o que pude fazer naquele segundo foi afirmar para ela.

— Eu te amo — falei, com a mão segurando sua nuca com firmeza, aumentando o ritmo dos quadris sobre ela e então, acabando comigo, ela lutou e se ergueu, rebolando em mim, com as mãos apoiadas nas minhas coxas, completamente exposta, com os seios marcados pela minha boca, ela disse, com firmeza:

— Eu te amo mais.

E aquela cena foi a minha ruína.

Massacrando os quadris da minha menina de olhos cor de uva, me juntei a ela no ritmo insano que ditava sobre o meu corpo e não tive escolha. Quando ela deitou a cabeça, gemendo alto, sofrendo dos espasmos do orgasmo intenso, me levou junto e todo o meu corpo pegou fogo, conforme eu gozava dentro de Giovanna, pela primeira vez na vida.

— Ah, meu Deus — ela disse, quando seu corpo tombou contra mim e eu a abracei, mantendo-a ali, até que nos acalmássemos completamente. — Será sempre assim? — ela perguntou, com um sorriso no rosto.

— Precisamos testar. — Tentei falar sério, mas acabei rindo, o que não durou muito, porque a pequena insaciável que eu começava a criar juntou a boca na minha e disse:

— Então, vamos descobrir.

E não havia nada mais certo nesta terra de que Giovanna valia tudo.

Cada um dos meus esforços. Cada minuto da minha vida.

Tudo era dela, sempre seria.

GIOVANNA

Era possível morrer de felicidade? Eu achava que sim, ainda mais, por ter aquela visão.

O sol da manhã entrando pela janela, iluminando a pele bronzeada de Zola, enquanto ele estava adormecido com a mão ao redor da minha cintura, completamente nu.

Aos poucos, consegui me desvencilhar do seu abraço e me levantei.

Enrolei-me no roupão fofinho, fui até a cozinha e me servi de chá, antes de abrir a porta dos fundos e me sentar no chão, vendo a imensidão do mar naquele lugar lindo, me sentindo grata até o último fio de cabelo, enquanto olhava para a minha aliança, completamente realizada.

Aquele era o poder do amor.

O amor tinha me feito abrir os olhos, tinha me feito crescer, mesmo que doesse, mesmo que eu ainda tentasse perdoar e esquecer as coisas ruins no meio do caminho. Mesmo que eu me questionasse como o dia anterior, na cama com Zola, podia ter sido tão maravilhoso, quando antes usaram do sexo como punição, como humilhação.

Aquilo ficaria marcado para sempre na minha vida, na minha história, mas não podia e nem iria, definir quem eu era. O mal nunca poderia vencer dentro do meu coração.

Era por isso que eu tentava, todo santo dia, desde que havia chegado àquele lugar, perdoar Louis. Perdoar minha família, perdoar a mim. Era por isso que, mesmo no meio da confusão toda que minha vida tinha se tornado, eu tentava achar motivos para continuar, para não parar e deixar o que havia acontecido me destruir.

Minha essência era boa, independente do meio em que eu havia crescido ou do que tinham feito comigo, e eu não podia nem queria me contaminar.

Foi por isso que decidi colocar Bartek em uma caixa do esquecimento no fundo da minha alma, junto de todas as atrocidades que vivi ao seu lado e todas as dúvidas que tinha sobre mim. Eu era boa demais para viver a vida presa a um relacionamento forçado, que me mataria dia após dia. Ainda bem que tive coragem de erguer a mão e pedir ajuda. Ainda bem que pude me livrar, me reencontrar e começar a controlar minha vida.

— Bom dia, esposa — Zola disse, com a voz ainda grossa pelo sono, e se juntou a mim no chão, me abraçando e encaixando o rosto no meu pescoço, me dando um beijo ali.

— Bom dia, esposo. — Sorri, sem acreditar que aquilo era verdade.

— Está preparada para chegar ao felizes para sempre ao meu lado? — ele perguntou, sonolento, sem parecer perceber o peso que aquelas palavras tinham.

Respirando fundo, sentindo a força dentro de mim, virei para encará-lo, mais séria do que jamais estive.

— Todos os dias do para sempre. — E beijando meu marido, tive certeza de que lutaria por ele, por mim, por nós, não importava qual o tamanho da batalha.

Juntos, da maneira mais improvável, venceríamos qualquer guerra.



BÔNUS

Minha mãe disse que eu era santa

Meu pai disse que eu queimaria

Minha mãe disse que eu era um anjo

Meu pai disse que eu me transformaria

Então eu acreditei nessas palavras e me transformei

Porque talvez ele esteja certo

Talvez eu seja inútil

Ou talvez ele esteja errado e minha mãe estivesse

certa

Eu tenho uma assassina em mim

THE IN-BETWEEN, IN THIS MOMENT.

KIRA

— Você vai achá-los — Louis disse, quando o carro parou.

Eu entendia sua raiva. Entendia que a falta de controle, a dúvida sobre suas ações, os questionamentos e a visão de fora era algo que o incomodava.

Como é que a irmã dócil do Don havia fugido, bem embaixo do seu nariz?

Aquele era motivo para se tornar piada pelas costas e Louis não deixaria barato.

— Vou — confirmei. — Seus soldados estão em alerta. Todos contatos que tenho estão caçando os dois. Qualquer movimento em falso, nós os pegaremos, mas lembre-se, Zola é inteligente, e mesmo Matteo jurando que não sabe de nada, nós sabemos que ele mente.

— Meu irmão acha que está protegendo Giovanna.

— E não está? — Meu questionamento fez Louis me encarar, como se eu fosse o demônio.

— Não vou discutir com você. Não agora.

Dei de ombros. Louis odiava ser contrariado e aquele sentimento de traição só o fazia ainda mais taciturno, mal-humorado e desconfiado.

— Então, vamos mudar de assunto. — Respirei fundo, antes de saborear cada uma das letras na boca. — Obrigada — falei aquela palavra, pela primeira vez, em anos, no sentido em que precisava, e pareceu que usá-la fez com que Louis esquecesse momentaneamente seus infortúnios.

— Você merecia. — Ele me encarou, sério, parecendo orgulhoso.

— Felippo e seu pai não vão gostar de saber que você me deu Bóris — reforcei.

— Para o azar deles, você estava na fila, anos antes. — O meio sorriso que meu chefe, e a figura mais próxima de família que eu tinha, deu, me fez sorrir de volta.

Era muito raro, mas eu estava ansiosa demais para descer daquele carro.

— Você sabe bem os meus motivos.

— Sei. E sabia que essa hora chegaria, desde que você, magricela e suja, me encontrou em Paris. Todos devem a você por aquele dia, Kira. Não só eu, mas os Le Roux e a Cosa Nostra.

— Não teria feito nada diferente, desde aquele dia, você sabe.

— Sei. É por isso que você é a única pessoa que pode se dar ao luxo de dizer que tem minha total confiança.

E aquilo, vindo dele, significava o mundo.

— Agora vá — ele disse. — E espero que valha a pena toda a espera.

— Vai valer. — E sem poder expressar quão grata eu era por ter na mão a vida do maldito que havia arruinado

tudo para mim, desci do carro e bati a porta, com o coração acelerado, indo em direção ao celeiro onde ele estava aguardando.

Arrastei a porta de ferro e acendi a luz. Tarde da noite, eu seria uma visita da qual ele jamais esqueceria.

— Quem está aí? — Ouvi o sotaque russo na voz de Bóris e todo o meu corpo tremeu.

Você esperou por isso por toda a sua vida, não vacile, pensei, enquanto retomava o controle do meu corpo, andando em direção a ele, até ficar de frente para o homem que estava sentado, completamente amarrado, como eu havia pedido.

Ele não entendeu quando me viu, seu olhar perdido entregava a surpresa.

— Esperei muito tempo por isso. — Ao me ouvir falando em sua língua, suas sobrancelhas se ergueram e os olhos arregalaram.

— Louis agora manda uma mulher para fazer seu serviço? — Bóris tentou zombar, mas não me abalou em nada.

Avancei para perto dele, sentindo a adrenalina começar a correr pelas minhas veias, e me abaixei para ficar com o rosto na altura do dele.

— Não sou qualquer mulher, titio. — E, acariciando o rosto magro e maltratado, refresquei sua memória. — Pelo menos, foi assim que você mandou que te chamasse, quando meu pai me levou até a sua casa, você se lembra? Isso foi três meses antes de você massacrar toda a minha família.

— Você é... — ele começou a dizer, mas o interrompi.

— Sou.

E vendo o medo nos olhos dele, vendo o reconhecimento chegar, sorri abertamente, erguendo a perna, apoiando a sola da bota bem entre o meio das pernas de Bóris, pressionando o pé ali, esmagando suas bolas.

— E agora, titio, nós vamos nos divertir.

AGRADECIMENTOS

Não há como começar este texto sem citar as peças mais importantes da história:

Thaís Pietrobon e Juliana Bispo, vocês são as melhores betas de toda a vida! Sou abençoada demais por ter vocês como, além de olhos críticos sobre o meu trabalho, amigas! Sem vocês, com toda a certeza, este livro não seria metade do que é.

À Angela Lopes, por ter se apaixonado por Zola logo que o bonito surgiu e sempre apoiar meu trabalho e a mim, não importa o que aconteça no meio do caminho.

À Talita, Bia e Tati, por serem meus anjos em todo lugar.

Aos amigos Nana Simons (de novo), Yule Travalon e GR Oliveira por serem meu porto seguro nesse meio. Amo vocês demais — O Gabriel eu tô amando menos, porque nunca me traz queijo de minas. No próximo livro, se ele trazer, atualizo aqui para vocês.

E agora, a você, que se não existisse, todo o meu trabalho não teria sentido algum.

Obrigada leitora, seja você próxima ou não, tenha você gostado do que escrevi ou não. Obrigada, um bilhão

de vezes, por dar oportunidade ao meu trabalho. Hoje, se sou completa como sou, é graças a vocês.

Um beijo carinhoso em tempos tão difíceis.

Com amor,

Zoe X

Até o próximo.

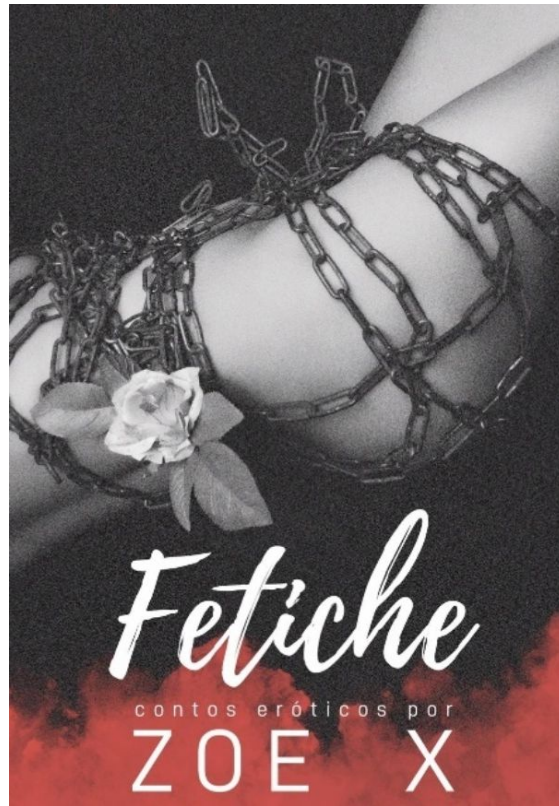
OUTRAS OBRAS DA AUTORA



SINGULAR

“A morte nunca ensinou tanto sobre a vida.”

Essa é a história de como Ayleen Pumpkin morreu e, com isso, me ensinou a viver.



FETICHE

Leitura indicada para maiores de 18 anos.



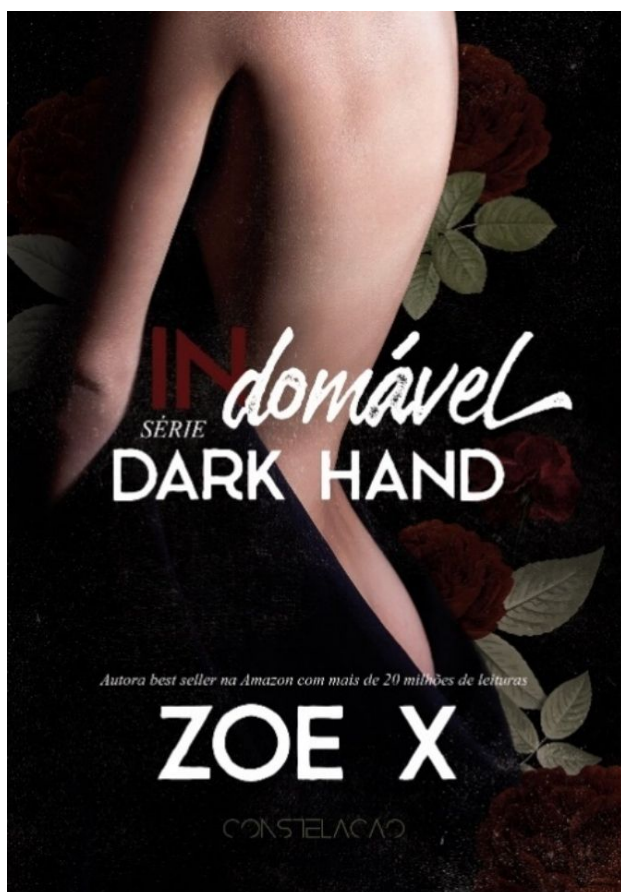
NÃO SEJA UMA BOA MENINA

AVISO: Esta é uma obra de ficção destinada a maiores de 18 anos. Ela contém assuntos polêmicos, incluindo temas de consentimento questionável, agressão física, linguagem imprópria e conteúdo sexual gráfico. Não leia se não se sente confortável com isso.

Em meio ao caos e a desigualdade, toda a inocência dela cheirava como o mais doce perfume para ele. Dentro de todo seu desespero e solidão, a justiça distorcida que ele trazia consigo era a única coisa que a mantinha de pé. E

nessa dança proibida, ela descobriu que ser uma boa menina nem sempre era a garantia de se salvar e achou, na escuridão dele, o seu lugar.

"Eu me apaixonei pelo demônio, meu salvador, e se ser uma menina má era a condição para tê-lo novamente, eu aceitaria".



SÉRIE DARK HAND

AVISO: Este é um romance Dark contemporâneo, nada tradicional.

Ele contém assuntos polêmicos, incluindo temas de consentimento questionável, agressão física e verbal, linguagem imprópria e conteúdo sexual gráfico. Esta é uma obra de ficção destinada a maiores de 18 anos. A autora não apoia e nem tolera esse tipo de comportamento. Não leia se não se sente confortável com isso. Se você quer um príncipe encantado, essa leitura não é para você.

Elizabeth Fabbri não esperava que sua vida fosse virar de cabeça para baixo na primeira vez em que botou os pés em uma balada após terminar um relacionamento sem perspectivas de futuro. Em meio a tantas pessoas, ela conseguiu atrair a atenção de Louis, um homem que jamais recebeu um não, ainda mais de uma garota bêbada. Louis não é apenas um homem atraente curtindo uma noitada, ele é um Don da máfia que não mede esforços para ter o que quer. De passagem pelo Brasil a fim de resolver alguns assuntos, ele se sente desafiado pela garota que lhe disse não, tanto que não resiste à tentação de colocá-la para jogar o seu jogo.

Contudo, as coisas começam a tomar um rumo diferente e o perigo espreita por todos os lados. Será que Elizabeth está preparada para dançar com o próprio demônio?



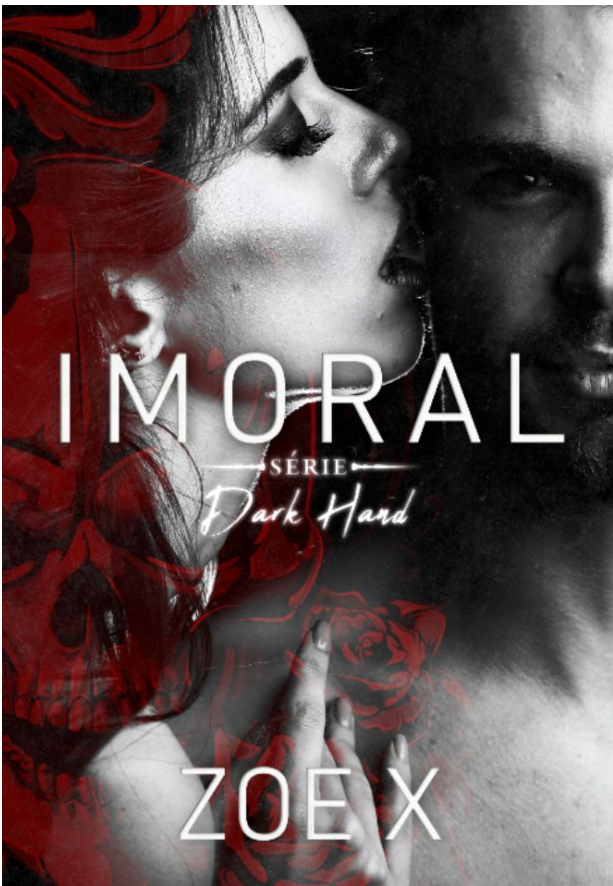
AVISO: Este é um romance Dark contemporâneo, nada tradicional. Ele contém assuntos polêmicos, incluindo temas de consentimento questionável, agressão física e verbal, linguagem imprópria e conteúdo sexual gráfico. Esta é uma obra de ficção destinada a maiores de 18 anos. A autora não apoia e nem tolera esse tipo de comportamento. Não leia se não se sente confortável com isso. Se você quer um príncipe encantado, essa leitura não é para você.

Este livro é uma sequência. Procure pelo primeiro antes de iniciar a leitura.

"Elizabeth encarou o diabo de perto, beijou os lábios da morte e por incrível que pareça, saiu viva para contar a história. Depois de passar pela montanha russa de sentimentos ao lado de Louis e ser enganada, a única certeza que ela tem é a de que nunca mais quer vê-lo, enquanto tudo o que ele quer é fazer a garota com alma de caminhoneiro ficar ao seu lado.

Precisando voltar ao seu país e resolver os problemas da Família, Louis não desiste da ideia de ter Elizabeth por perto, mas como trazê-la quando ele foi o responsável por toda sua desgraça? Como reconquistá-la quando tudo o que ele tinha a oferecer era uma teia de mentiras? Até que ponto a garota havia feito dele um viciado em sua presença?

Nenhuma outra mulher era tão indomável, mas nenhum outro homem foi tão inconsequente."



AVISO: Este é um romance Dark contemporâneo, nada tradicional. Ele contém assuntos polêmicos, incluindo temas de consentimento questionável, agressão física e verbal, linguagem imprópria e conteúdo sexual gráfico. Esta é uma obra de ficção destinada a maiores de 18 anos. A autora não apoia e nem tolera esse tipo de comportamento. Não leia se não se sente confortável com isso. Se você quer um príncipe encantado, essa leitura não é para você.

Felippo Lazzarin é o famoso bon vivant da máfia americana. Isso não significa que ele seja burro, ou

desleixado — apesar de perder o controle facilmente quando o assunto são drogas. Consigliere da Dark Hand, advogado nas horas vagas, filhinho de papai e dono de uma beleza estonteante, o homem cresceu certo de que seus planos, de um jeito ou de outro, seriam concretizados.

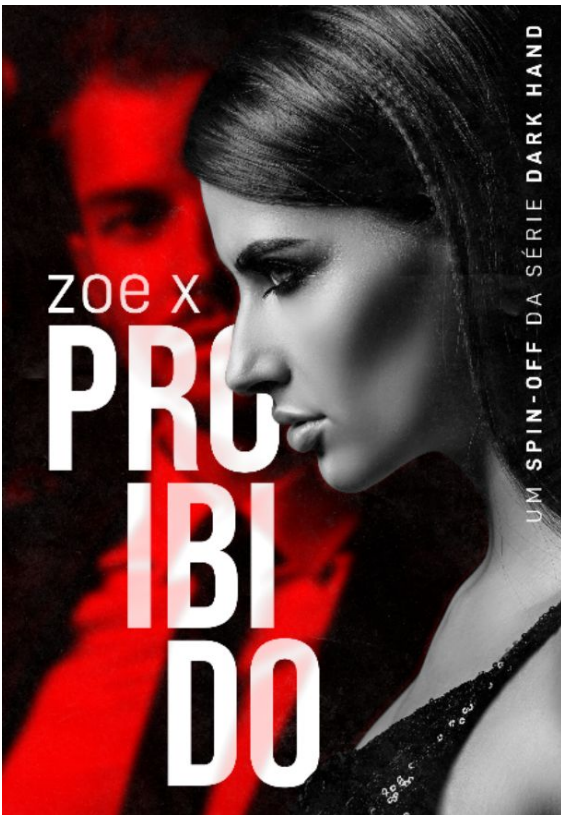
Ele só não esperava que o mundo girasse e ele fosse colocado de frente com um dos seus piores erros.

Natasha Le Roux Petrowky carrega no sangue o peso de duas máfias importantes, e parece que para o mundo inteiro, ela é apenas isso. Sua mente perturbada não descansa e se apegua a cada chance de vida perfeita que foi prometida por sua madrinha, mas seu pior pesadelo se torna realidade quando o homem que quase destruiu seu futuro volta para sua vida em uma posição a qual ela nunca imaginou: futuro marido.

Dizem que nosso caráter é resultado da criação que ganhamos dos nossos pais, mas, se essa é uma verdade absoluta, como julgar uma criança criada no submundo? Como odiar o escorpião se ele foi ensinado desde cedo a ser desconfiado e eliminar qualquer ameaça? Como recriminar o leão que foi criado para ser o rei da selva?

Segure suas emoções, assista a revolta te consumir e a tão falada empatia surgir. Quando as luzes se apagarem

e tudo o que for imoral e indecente aparecer, não adianta se esconder.



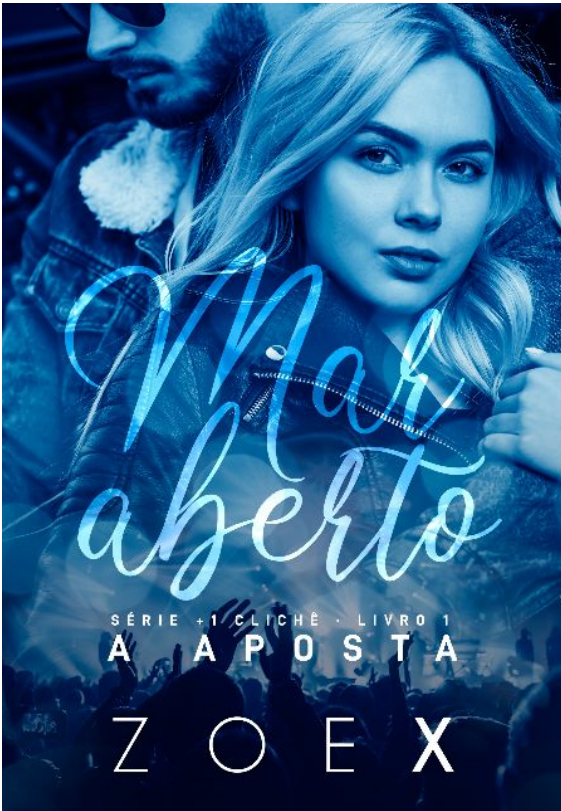
Esta novela contém spoilers da Série Dark Hand. Para leitura dela é necessária a leitura dos livros anteriores.

AVISO: Este é um romance Dark contemporâneo, nada tradicional. Ele contém assuntos polêmicos, incluindo temas de consentimento questionável, agressão física e verbal, linguagem imprópria e conteúdo sexual gráfico. Esta é uma obra de ficção destinada a maiores de 18 anos. A autora não apoia e nem tolera esse tipo de comportamento. Não leia se não se sente confortável com isso. Se você quer um príncipe encantado, essa leitura não é para você.

Madelaine Marie Le Roux, agora Petrowký, está sufocada. No auge de seus vinte anos, presa em um casamento tão frio quanto o país para o qual se mudou, Madelaine só tem uma certeza: ela precisa de mais.

O marido a ama, e o império que eles comandam é enorme e rico, ela sempre soube. Porém não há nada que possa aplacar sua vontade de viver uma vida cheia de emoções.

Leonel Luppolo conquistou tudo com muito esforço, contudo não pode negar que seu casamento é o responsável pelo título que ele agora carrega. O Don da Dark Hand tenta de todo jeito ser um bom marido, um bom pai e um homem de honra dentro da Família, mas tudo isso desmorona quando Madelaine cruza seu caminho.



Casey é um problema, e eu não afirmo isso por conta do estilo rebelde, sua música barulhenta, botas de combate ou tatuagens que fecham os braços e pescoço. Eu afirmo isso porque vi com meus próprios olhos todas as rachaduras que haviam dentro de seu coração.

London é muito mais que a garota esquisita, mesmo que sempre haja tinta em seus cabelos quando ela sai atrasada da sala de artes, mesmo que seu guarda-roupa seja um pouco peculiar e sua falta de fé no amor seja compensada em uma fé — tão singular quanto ela — em Deus.

Quando o caminho de duas pessoas tão diferentes, mas tão parecidas, acaba se cruzando, é inevitável fugir, por mais que elas tentem.

Uma aposta, um mergulho mais profundo, e nada nunca mais será igual.

Você está pronto pra mergulhar nesse mar aberto?

^[1] Meu passarinho favorito.